
A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brasileira

Directora — Presciliana Duarte de Almeida

Publica-se no dia 15 de cada mez

Pagamento
adiantado

Preço da assignatura, 12\$000 por anno
Endereço: Rua de Sta. Iphigenia, N. 57.

Numero avulso
Rs. 1\$000



AUREA PIRES



IMPRESA OFICIAL DO ESTADO S.A. IMESP

Edição fac-similar

VOLUME II

le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

Gayeté

Le Livre
de la Vieillesse

A MENSAGEIRA

VOLUME II

A MENSAGGERIA

VOLUME II

Ao Instituto Historico
 e Geographico de S. Paulo
 off^e

Presciliana D.^{ta} de Almeida

S Paulo, 20 de Maio de 1902.

Esta obra faz parte do programa editorial
da Imprensa Oficial do Estado
objetivando colocar a disposição do público obras
já esgotadas de relevante importância histórica e cultural.
Os originais reproduzidos neste volume foram fornecidos
pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo
ao Arquivo do Estado da Secretaria da Cultura.

Dados de Catalogação na Publicação Internacional (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

M518
V.1-2 A Mensageira: revista literária dedicada à mulher brasileira, directora
Presciliana Duarte de Almeida. — Edição fac-similar / com comentários
de Zuleika Alambert. — São Paulo : Imprensa Oficial do Estado : Secretaria
de Estado da Cultura, 1987.

Reprodução em livro, dois volumes, da Revista Literária publicada de
1897 a 1900, na cidade de São Paulo.

1. Feminismo e literatura — Brasil 2. Literatura — Periódicos 3. Mulheres
jornalistas — Brasil I. Almeida, Presciliana Duarte de, 1867 — 1944. II.
Alambert, Zuleika.

CDD — 070.483470981
— 305.420981
— 869.905

87-1308

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Feminismo : Sociologia 305.420981
2. Brasil : Imprensa feminina : Jornalismo 070.483470981
3. Brasil : Jornalismo para mulheres 070.483470981
4. Brasil : Revistas literárias 869.905
5. Revistas : Literatura brasileira 869.905

A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brasileira

Directora — Presciliana Duarte de Almeida

Publica-se no dia 15 de cada mez

Pagamento
adiantado

Preço da assignatura, 12\$000 por anno
Endereço: Rua de Sta. Iphigenia, N. 57.

Numero avulso
Rs. 1\$000



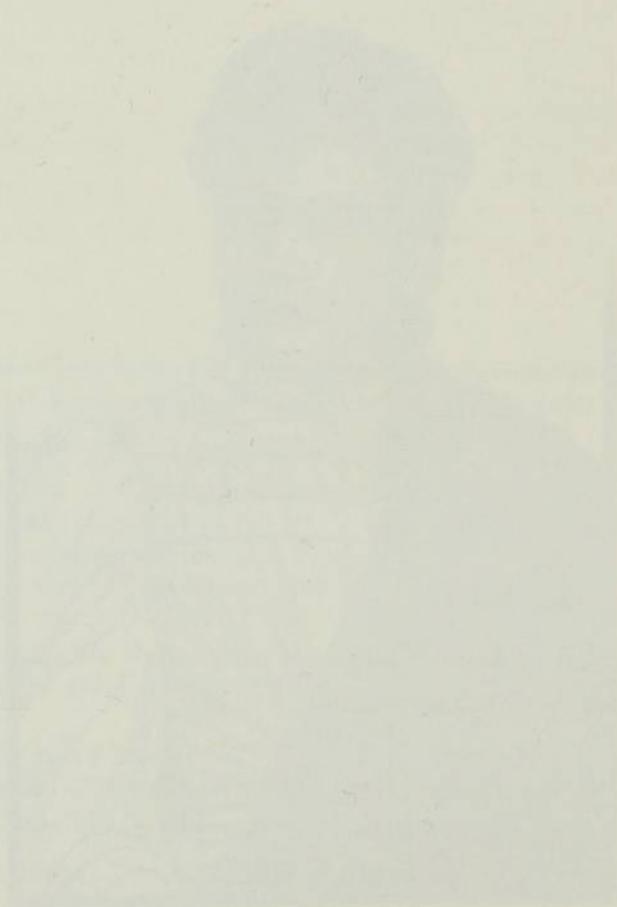
Edição fac-similar da Revista Literária
dedicada à mulher brasileira,
publicada de 1897 a 1900, co-editada
pela Secretaria de Estado da Cultura
e Imprensa Oficial do Estado,
com comentários de Zuleika Alambert,
Presidenta do Conselho Estadual
da Condição Feminina.

Convênio IMESP/DAESP
São Paulo
1987

A MENSAJEIRA

Revista mensal de literatura e arte
Fundada em 1911 por...

Publicada em São Paulo, SP
Ano 1, Número 1, 1911



Conselho Editorial
São Paulo
1911

15 de Fevereiro de 1899

Anno II, N. 25

A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brazileira

Directora: Presciliana Duarte de Almeida

Publica-se no dia 15 de cada mez

Pagamento
adiantado

Preço da assignatura, 12\$000 por anno
Endereço: Rua de Sta. Iphigenia, N. 57.

Numero avulso
Rs. 1\$000

Summario: — Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos; — A Lancha Negra, soneto, Adelina Lopes Vieira; — Sapho, notas, Silvio de Almeida; — De manhã, fragmento de um poema, Aurea Pires; — Seleccção; — A Mensageira, soneto, Candida Fortes; — Notas brazileiras, Nelson de Senna; — Valsando, poesia, Presciliana Duarte de Almeida; — De luto, Maria Clara da Cunha Santos; — Beatriz, poesia, Guiomar Torrezão; — Ensaio de critica, B. da Cunha; — A bordo, soneto, Georgina Teixeira; — Episodio da roça, Ridelina Ferreira; — Carta aberta, soneto, Heraclito Viotti; — Notas pequenas.

fortemente, como é facil de imaginar. Por esse motivo, aliás muito justo, esta revista suspendeu por 4 mezes, sua publicação. E se hoje reaparece, vem provar a força de vontade, a digna energia de sua directora, que continúa a trabalhar e a lutar, tendo embora o coração dilacerado de dôr, pela magua sem consolo, pela saudade inextinguivel, da separação eterna de um filhinho idolatrado....

Carta do Rio

Com o presente numero entra a Mensageira em seu 2.º anno de existencia.

Esse facto — que attesta a estima e merecimento desta folha — por si só deveria encher de jubilo o coração de sua illustre directora, se elle não estivesse, como está, sangrando ainda de dor!

A perda, quasi que repentina, de seu ultimo filhinho, o adoravel Bolivar — formoso lyrio que enchia de alegria o seu lar e de esperanças o seu coração — abalou-a

Quantas cigarras, neste momento, cantam alegres por sobre os galhos verdes das trepadeiras em flor! Graças a Deus, o inverno se recolheu aos bastidores. Ha quem adore o frio e no emtanto é commum compararem-no sempre á velhice. Que é isso? que incoherencia! Ninguem se lembrou ainda de chamar a mocidade, o amor, o entusiasmo e a alegria de sentimentos frios. Fria é a indiferença; fria é a ingratidão; frias são as almas sem fé e sem ideal; fria é a morte. Hosanna pois, ao verão

que vem enriquecer do rosas e de azaleas os nossos jardins, tornando-os exuberantes de viço e de esplendor!

Os concertos symphonicos, no salão do Instituto Nacional de Musica, organisados pelo Centro Artistico estiveram magnificos.

Não se póde imaginar goso de espirito mais fino e mais elevado do que ouvir esses concertos, em bôa hora confiados ao eximio professor que com tanto brilho e auctoridade exerce o importante cargo de Director de Nosso Instituto. A musica eleva a alma e ennobrece o coração. Não posso crer que alguém depois de assistir a um concerto classico, como os sabe organizar o professor Miguez, saia lá do Instituto com a alma pesada por algum desgosto intimo. Todas as maguas se dissipam, como por encanto ao som da sublime musica de Wagner e a gente, involuntariamente, se transporta a um mundo melhor, a um mundo ideal, aonde não chegam as tristezas e onde tudo é puro e transparente como a alma de uma criança.

Sabbado, duas horas da tarde! Deve estar correndo a grande loteria dos 500 contos. Quantos corações batem, neste momento, repletos de fagueiras esperanças. Quanto sonho que vae se dissipar d'aqui a pouco; quanto castello que vae cair no duro chão da realidade. Quem compra um bilhete, faz logo os seus calculos, não ha duvida. Ir á Europa, posso affirmar, que é o mais geral dos sonhos dos brasileiros. Ver Paris... que delicia!

Paris é um céu que a phantasia engrandece talvez — quem sabe? — mais do que merece. Vale a pena pensar alguns dias na sorte grande. E' um dinheiro bem empregado o do bilhete... mesmo que saia *branco*. Tal qual um dispeptico que precisa de apperitivos para excitar o estomago caçado e doentio, ha muita gente que precisa de vez emquando de um bilhete de loteria para reanimar a imaginação abatida e proporcionar ao espirito o suavissimo goso de sonhar acordado.

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS



À Lancha Negra

Para velar da lua a face refulgente
 Nuvens pesadas vão correndo acumuladas,
 E na treva do oceano as vagas compassadas
 Passam uma por uma interminavelmente.

Mais do que a sombra, escura, avulta de repente
 A lancha negra, vem... dos remos as pancadas
 Ferem o mar, que chora, em gottas prateadas,
 As lágrimas sem fim da sua dor pungente.

Eil-a a meus pés a lancha, e nella, silenciosa
 Embarca a doce e branca imagem de outra idade.
 E vejo-a ir... sumir-se... a lancha misteriosa....

Então, dentro de mim, n'um soluço, a saudade
 Murmura, a prescrutar a sombra tenebrosa:

Nunca mais voltarás, nunca mais, mocidade!

Adelina A. Lopes Vieira



Sapho

(Notas)

Pela segunda metade do VII seculo antes de Christo, floresceu em Lesbos, hoje Mytilene, ilha do Archipelago, antigo Mar Egeu. Ella pertencia á tribu Eolia, rechassada da Moréa ou Peloponeso pela invasão dos Dorios. Assignava-se Psappa. Tornou-se o centro de uma sociedade de moças, amigas e discipulas, com quem formou uma escola de poesia e de arte. Passa por ter sido morena, de olhos brilhantes; e este typo

physico condiz com a vulgarizada ardencia dos seus impulsos. Chamaram-lhe a *Musa Decima*, e o facto é que não houve até hoje poetisa mais notavel; a posição de Homero entre os homens, ella occupa entre as mulheres.

Só nos restam da sua lavra dois curtos poemas e cerca de 150 linhas esparsas. Louvam-se muito o seu *Hymno a Venus* e uma ode *A' Amada*, que Catulo trasladou para o latim, Boileau e Delille para o francez.

Sapho inventou o verso saphico, que começa e acaba por um pé

choreu ou trocheu, seguido de um espondeu, com um dactylo de per-meio; são, por isso, pentametros e hendecasyllabos todos os versos da mesma especie. Horacio serviu-se delles nos tres primeiros de sua segunda ode, em que cada estrophe acaba sempre por um verso adonico, formado de um pé dactylo e outro espondeu. O trocheu consta de uma syllaba longa e uma breve; o espondeu, de duas longas e o dactylo de uma longa e duas breves.

E' o que se póde verificar no grande classico latino:

«Jam satis terris nivis atque diræ
Grandinis misit Pater, et, rubente
Dextera, sacras jaculatus arces,
Terruit Urbem.»

Sapho não tem o mysticismo de Dante, mas approxima-se da solenidade do florentino nos tercettos de bronze da *Vita Nuova*. No louvor do bello e na expressão desvairada do amor, póde-se mesmo dizer que a cantora de Lesbos ainda não foi igualada.

E' a unica mulher da antiguidade que figura no calendario de Augusto Comte.

Contam alguns que, havendo conspirado contra Pittacus, tyranno da sua patria, fôra banida e morrera na Sicilia. Referem outros que enviudara cedo e, desprezada por Phaon, seu amante, atirara-se do rochedo de Leucade abaixo.

Foi apoiado em taes lendas incertas (pois o ultimo facto parece antes referir-se a uma cortezan homonyma e posterior) que o fanatismo christão nos privou das obras completas de Sapho. E, no emtanto, essas obras tinham feito as delicias da Humanidade por espaço de dez seculos!

Sapho forneceu titulo a um romance de Daudet e a uma opera de Gounod. A Pradier deu o motivo de uma estatua de marmore, que, de tão graciosa, mereceu popularisar-se por muitissimas reproducções em bronze.

SILVIO DE ALMEIDA



De manhã

(Fragmento de um poema)

Manhã de primavera: o sol vem despontando
Nas grimpas da montanha e a luz vae-se espalhando
Por toda a parte. Além, na florida campina
Em bando alviçareiro a passarada trina!

Suspira docemente a viração fagueira
Do arvoredado afagando a verde cabelleira.
Lá vão pela quebrada as brancas ovelhinhas
Em busca do regato, enquanto as andorinhas
Recruzam-se no azul tranquillo e immaculado.
Escuta-se o cantar monotonico e maguado
De um tropeiro que passa ao longe no caminho
Do remoto sertão. Mais alvas do que o arminho
Ondeiam pelo valle as nevoas matutinas,
Desabrocham na relva as candidas boninas,
E em formosura iguala o verde da montanha
Ao meigo azul do ceu de uma belleza estranha!

Meu querido Brazil! Quanta grandeza encerras
Nos teus bosques gentis, nas tuas lindas serras,
Nos thesouros que tens no seio abençoado,
Thezouros de um valor talvez nunca sonhado!
Que magestade, o' Deus! nos rios caudalosos,
Nas mattas colossaes, nos valles mysteriosos!..
Minha'alma se extasia ao ver tanta opulencia!
Tanta luz!.. Tanta vida e tanta independencia!

.....
Manhã de primavéra. Alli por entre as plumas
Dos frondosos bambús, destaca-se nas brumas
Uma casinha branca, elegante e mimosa,
Parecendo uma garça altiva e caprichosa,
Que se aninhasse alli, cercada de perfume
Das roseiras em flor, escutando o queixume
De uma fonte que vem das grotas afastadas!
Nas grades em redor as cores variadas
Da linda trepadeira esmaltando a folhagem,
Estremecem de leve ao perpassar da aragem.
Canarios festivaes em bandos forasteiros
Espalham-se a cantar nos verdes pecegueiros!..
Borboletas azues... vermelhas... amarellas...
Invadindo o terreiro entram pelas janellas...
Fogem para o jardim... e em voltas complicadas
Vão-se perder além nas matas orvalhadas!

Quanta graça e poesia apresenta este ninho!
Esta linda casinha á beira do caminho!

E' alli que móra Indiana, a mais formosa filha
Das montanhas do sul! A estrella que mais brilha
Sob este céu mineiro illuminado e puro!
Desde as ondas do seu lindo cabello escuro
Ao pésinho ideal, mimoso, assetinado
Toda ella é perfeição! Conjuncto immaculado
De belleza e candura e graça e juventude!
E em sua alma de archanjo a rosa da virtude,
Rosa branca do céu, quanto perfume exhala!

Sonho meigo e gentil que a mocidade embala
No regaço divino! Oh nunca em tua vida
Tu conheças a dor de uma illusão perdida!

.
Nest' hora matinal, sentada no seu leito
Mais alvo que a neblina, ella, offegante o peito,
Resplandecente o olhar e a fronte enrubecida,
Relia ainda uma vez a trova tão sentida
Que o terno Juvenal, seu noivo apaixonado,
Declarando-lhe o amor profundo, illimitado,
Commovido, a seus pés, baixinho, quasi a medo,
Recitava-lhe um dia á sombra do arvored.

.
AUREA PIRES



Seleccção

As leis universaes da evolução ampliando e desenvolvendo, cada vez mais na consciencia humana, a illuminação do direito e o sentimento da justiça, vão fundando

pouco a pouco os alicerces d'uma nova phase de fraternidade e de egualdade universaes. Nunca as qualidades altruistas e beneficentes da natureza humana foram postas em tanto relevo como no presente seculo.

Estudam-se os mais difficeis problemas, e empregam-se todos os meios de destruir as desigualdades sociaes, nivelando-se a superficie moral do mundo, e diffundindo-se a todas as classes sociaes o goso e o bem estar.

Com relação á mulher nos paizes mais cultos, a sua posição social tem melhorado consideravelmente, o que representa já um triumpho assinalado da justiça de nosso tempo.

Está claro porém que ainda se tem muito a caminhar e se hão de passar algumas gerações antes que ella possa vir a occupar o lugar que lhe compete na plena posse moral e intellectual de si mesma.

Os mais beneficos resultados da cruzada em favor dos direitos da mulher, só serão conquistados nos estadios mais adiantados da humanidade.

Neste ponto as nações acham-se retardadas, umas mais do que outras, devido talvez aos phenomenos do seu clima, e ao temperamento e origem da sua raça. Nas actuaes condições da nossa sociedade em que parece predominar em nós a morbida estagnação da alma oriental, bem sabemos quanto é ainda difficil e delicadissima esta questão, encarada por não pequeno numero como qualquer cousa muito proxima

da zombaria. Todavia o que é mais triste e desconsolador para nós, é que a maior parte das pessoas do nosso sexo, longe de contestarem a postergação dos seus direitos por meio da persuasão, acceitam passivamente n'uma especie de entorpecimento de anesthesiadas, essa tutela historicamente indispensavel a que estão sujeitas, de modo a tornar-se a sua liberdade apenas uma formula e não um facto.

Desprovidas de experiencia, estioladas por uma educação deploravel e futil, combatidas nas suas fontes nervosas de energia, incapazes de lucta, no conflicto da existencia, é evidente que preferam a sujeição, o servilismo e a doce placidez da obediencia automatica á preocupação constante, e o trabalho assiduo de fortalecerem-se para as provas da liberdade, e para os combates da vida.

Consideradas como seres frageis e ineptos, sem uma vontade livre para saberem impôr-se, pela confusa e contradictoria idéa que teem da justiça e do direito, se cumprem os seus deveres, é quasi sempre de olhós fechados, sem razão, por méro instincto. D'ahi a nossa inaptidão, a nossa esterilidade inventiva, a deficiencia e atraso da nossa educação esthetica; a indifferença dissolvente para todos os progressos do espirito humano, como se ha-

bitassemos na Cafraria, ou outro qualquer paiz congenere.

E' evidente que assim fallando não nos referimos a todas as mulheres, mas affirmamos com respeito a uma grande maioria.

Entretanto, o que é mais grave, e o que mais difficulta a elevação do seu nivel moral e intellectual é o desprezo que se tem generalizado entre os homens para com a mulher. Cada um considerando aquellas que lhe merecem sympathias como creaturas excepcionaes, não poupa os mais acerados epigrammas, no intuito de amesquinhar o restante das mulheres.

E no indiscreto e soffrego empenho de *fazer espirito* tornam-se de uma crueldade excessiva na ironia e no sarcasmo, esquecidos de que as faltas daquellas a quem tudo devem, não são mais do que um reflexo das suas proprias culpas.

E, por isso, o esquecimento da consideração devida á mulher, o atrazo e o abandono em que deixaram a sua educação constituem uma das principaes fontes de onde promanam muitos dos males que pesam sobre a geração actual.

Todos os defeitos e lacunas que se sentem na educação da mulher, affectam desfavoravelmente a educação do homem, e de um modo bem mais funesto do que geralmente se pensa.

E, ainda mais perniciosa será a

sua influencia, quando o cultivo esmerado da intelligencia, fornecendo simplesmente uma provisão de conhecimentos, sem solicitar parallelamente a todos os modos da actividade moral, vierem a produzir uma vontade e uma sensibilidade incuravelmente debeis.

Daqui resultam os graves erros da educação que no geral se dá, cujos funestos resultados nem a abundancia de raciocinios, nem as forças intellectuaes podem compensar jámais.

A falta de uma solida cultura moral, paralyndo as forças do homem e pervertendo-lhe os sentimentos, inflamma-lhe as inclinações altivas e egoistas, arrastando-o a sacrificar á irritação das paixões e á depravação geral, a dignidade pessoal, os deveres publicos e a felicidade intima. E, por isso, os costumes descem e baixam a olhos vistos, a indifferença dissolvente invade e vence os impulsos dignos, tornando-se os gosos materiaes o pensamento exclusivo do povo, que parece querer adormecer a consciencia, acabando por extinguir tudo quanto ha nobre, elevado e viril no coração do homem.

A experiencia nos tem demonstrado que por mais aperfeiçoadas que sejam as leis politicas e administrativas, ellas não são sufficientes para reformar os costumes, visto que a moral só se cria na familia.

Por conseguinte, o meio mais eficaz para remediar este mal, em geral sentido, é transformar-se moralmente a geração nascente por uma educação racional, mais prudente e mais equilibrada.

Assim, todos aquelles que amam ao bem, e sentem a generosa paixão do progresso da humanidade, devem por uma obrigação de patriotismo empregar todos os seus esforços para que os males que opprimem a sociedade actual, sejam attenuados e diminuidos quanto possivel, além de que os motivos para trabalhar-se nunca serão mais serios nem mais uteis. E' preciso, pois, começar pela educação da mulher, proporcionando-lhe uma cultura moral e intellectual mais elevada e mais completa, afim de que ella possa occupar-se com especial cuidado da educação da infancia, ensinando a seus filhos os primeiros rudimentos de todos os conhecimentos humanos.

Não vamos, porém, tão longe, como aquelles que alimentam a esperança de que se os paes possuissem instrucção esmerada, bastante previdencia, sympathia e força de vontade, poderiam educar os

seus filhos independente de qualquer auxilio extranho, transformando cada casa n'uma escola.

O logar que assignalamos á mãe, o que todavia só pode ser attingido por um gráu de desenvolvimento de subido valor, é o de cooperatora activa, intelligente e dedicada dos professores, com os quaes deve compartilhar os cuidados da educação physica, moral e intellectual dos filhos.

Ao terminarmos, façamos nossas as palavras auctorizadas de um eminente estadista, as quaes devem ser profundamente meditadas por todos aquelles que se occupam da grave questão educativa:

«O grande problema é que o mundo moral acompanhe o desenvolvimento material e para isto tudo depende de dar educação ás mulheres, as quaes têm muito maior importancia do que se lhe tem dado-ellas são o deposito do genero humano, o principio de toda a civilisação e a base de todos os sentimentos benevolos e generosos; antes dos filhos serem apreciados ou instruidos estão já por ellas perdidos ou ganhos.»

ANALIA FRANCO





A Mensageira

D'entre o arvoredado marginal, esguia,
subtil, avança indígena canoa...
A' sombra, no juncal, nympheas á toa,
que a liquida esmeralda acaricia...

E' no Tieté formoso. Um claro dia
primaveril á scena abre e coroa...
Bando festivo do occidente voa
para o levante ao longe em romaria...

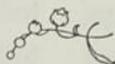
Perfeita allegoria! Olha, aqui trago-a...
O vulto gracil espelhando n'agua,
plumoso par nos ares se aligeira,

azas pandas, aquem...

Vê si adivinhas
qual destas duas bellas andorinhas
symbolisa a galharda „Mensajeira“?

Candida Fortes

Cachoeira (R. G. Sul), outubro, 98



Notas Brasileiras

Cidades mais populosas da União

Vindo dos Estados septentrionaes para os do centro e sul da Republica, já se pódem apontar grandes nucleos de população concentrada, quer na zona do littoral, quer no interior do paiz, em formosas ci-

dades, umas sédes de governo e administração publica, outras, notaveis centros de industria e commercio. No Amazonas, sobresahe Manáus, a «Amsterdam fluvial do Brasil», pelas suas numerosas pontes e igarapés, com 35 mil habitantes; no Pará, a moderna Belém, capital rica, de mais de 110,000

habitantes; no Maranhão, a capital insular, São Luiz, com 40 mil, e Caxias, com 10 mil habitantes; no Piauí, a capital central Thezina (desde 1852) e Parnahyba, ambas com 15 mil; no Ceará, a poetica Fortaleza, capital maritima, com 40 mil, e Baturité e Sobral, ambas com população de 10 mil almas; no Rio Grande do Norte, a capital Natal, com 10 mil habitantes, algarismo maximo de população, que se póde dar tambem a Aracajú, cap. de Sergipe, a Cuyabá, cap., e Corumbá, ambas no longincuo e immenso Matto Grosso, e ainda á bella e plana Goyaz, cap. do estado de seu nome; na Parahyba do Norte, a capital, Parahyba, maritima e progressivamente augmentada, com 30 mil almas, e Mamanguape, a muito dar, 10 mil; no bellicoso Pernambuco, Recife, a capital veneziana e magnifica, com 150 mil habs., Nazareth e Goyana, ambas centraes e fluviaes, com 10 mil, cada uma; em Alagoas (o «ninho dos marechaes»), a capital Maceió com 20 mil e a commerciante Penedo, a rainha do estuario do S. Francisco, com 10 mil habs; na populosa e valente Bahia, a opulenta capital maritima do mesmo nome (a «cidade do Salvador», de Thomé de Souza), com 250 mil, segunda do Brasil, e as industriosas Cachoeira, Santo Amaro, Alagoinhas, Jacobina, Feira de

Sant'Anna e Caeteté, todas centraes, cada uma de 30,000 almas, e ainda Barra, São Felix, Joazeiro, Lençóes, Valença e Minas do Rio de Contas, maiores de 10 mil almas; no Espirito Santo, Victoria, capital insular, com 10 mil, no maximo; no Estado do Rio, Petropolis, a nova capital serrana, com 20 mil, Niteróy e Campos, 25 mil cada uma, Parahyba do Sul e Barra Mansa, ambas centraes, com 10 mil; no Districto Federal, que deve ter hoje, um milhão de habitantes, está a rainha do Atlantico austral, a cap. maritima brasileira, Rio de Janeiro, por si só com 800 mil almas, sem arrabaldes; em São Paulo, a bella cap. central do mesmo nome, que as ultimas estatisticas disseram ter 230 mil habs., Santos e Campinas com 30 mil cada uma, e ainda Itú, Taubaté, Piracicaba, Rio Claro, Bragança e São Carlos do Pinhal, 15 mil cada uma, e ainda Guaratinguetá, Lorena, Ribeirão Preto, Franca, Jundiahy, Amparo, Limeira, algumas com mais, e outras destas com quasi 10 mil almas; no Paraná, Corytiba, elevada cap. central, maior de 20 mil almas, Paranaguá e Antonina, de 10 mil cada uma; em Santa Catharina, como mais populosa a propria capital insular, antiga Desterro, hoje Florianópolis, com 12 mil; no Rio Grande do Sul, Porto Alegre, a «princeza do

Guahyba», cap. de 70 mil habs., Pelotas, com 30 mil, Rio Grande, São Leopoldo e Bagé, com 20 mil, Uruguayana, Jaguarão, São Gabriel, maiores de 10 mil habs.; e em Minas Geraes, a «rainha das montanhas» — a nova cidade — capital de Minas, sobre o Arrudas, com 12 mil habs.; Juiz de Fóra, a elegante e opulenta cidade sobre o Parahybuna, com 20 mil, Uberaba, Ouro Preto (a velha capital), Diamantina, Pouso Alegre e Barbacena, com 10 mil cada uma, e ainda Serro, Januaria, Itabira de Mato Dentro, Sabará, Cataguazes, Mar de Hespanha, Itajubá, Campanha, Ubá e Paracatú cada uma, seguramente, com 5 mil almas, outras dellas talvez com 8 mil.

Nossa terra mineira devia, pela preponderancia do seu elevado algarismo de população na Republica (18 milhões de habs. toda a União, Minas Geraes, só, 4 milhões), possuir cidades relativamente tanto ou mais povoadas que as dos Estados visinhos da Bahia, São Paulo e Rio; mas é que os nossos quatro milhões de patricios, lavradores em espantosa maioria, preferem e adoptam a vida dos campos e roças e estão, juntamente com a propriedade territorial, muito e regularmente espalhados pela vasta superficie das nossas 20 mil leguas

quadradas. «Minas», a antiga Bello Horizonte, será a nossa mais populosa cidade dentro de mais alguns lustros.

Ouro Preto — 1898

NELSON DE SENNA



Valsando

Ao Bolívar)

A quanto tempo só contigo valso,
Feiticeiro parzinho enamorado!
Não tens o brilho de um sorriso falso:
Paz, innocencia, amor... tudo a teu lado!

Valso contigo e ao mesmo tempo canto.
Sou a musica e o par, és o perfume!
Incomparavel e festivo encanto
Desse baile que tem o teu olhar por lume!

E refulgem teus olhos satisfeitos
A cada giro do valsar antigo...
Sei que não sabes ver os meus defeitos,
Neste baile ninguém competirá commigo!

E assim a qualquer hora ou da noite ou do dia
Tem o mesmo fulgor a tua figurinha!
Ah! eontigo a valsar, minh' alma se inebria:
Como que alegre vóa e para o céu caminha!

Presciana Duarte de Almeida

24 de Julho de 1898



De luto

(A' Presciliana Duarte de Almeida)

Leve petala de rosa a boiar sobre
as ondas encapelladas de revolto
oceano, onde vaes parar?

Suspiro de amor arrancado d'alma
e perdido pelas brenhas da floresta,
onde iràs morrer?

Ninguem responde, ninguem sabe.

Filhinho adorado, formoso lyrio
da 18 mezes, que partiste para a
eterna viagem levando o coração
ternissimo de tua mãe e todas as
suas alegrias presentes e futuras,
porque não voltas? Ah! é bem
triste a realidade: nunca mais has
de voltar ao deserto lar, eutrسته-
cido pela tua ausencia. Eras a
aurora de um formoso dia de sol
e tal qual um passaro gorgeador e
alegre enchias a casa toda com a
tua garrulice. E tudo, tudo, num
momento se acabou como um so-
nho que se dissipa. E apesar de
tamanho soffrimento o coração ma-
goado de tua pobre mãe, conser-
va-se ainda vivo. Palpita, sente,
soluça e chora para a vida toda.
Vivo a martyr terá o coração
para a dôr e morto para a alegria.
Pobre mãe! Hoje em dia tua
alma é como a leve petala de
rosa a boiar sobre as ondas en-
capelladas de revolto oceano; é
como o suspiro de amor arran-
cado d'alma e perdido pelas bre-

nhas da floresta. Quem poderá son-
dar a immensidade de tua dor?

Ninguem sabe, ninguem responde.

Outubro, 98

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS



Beatriz

Visão que surges n'estas horas magicas
como eu te imploro a suspirar por ti!
como eu te vejo esvoaçar no espaço...
como aos teus olhos meu olhar prendi!

Ai! se lograsse de minh'alma as trevas
nos raios teus illuminar, ~~lla!~~...

Passae, ó nuvens que toldaes o astro,
deixae-me, nuvens, adoral-a e vel-a!

Oh! quem podéra esta existencia dar-lhe
primicias pobres de opulento amôr,
e no meu extasis estreital-a ao peito,
trocando em jubilo esta immensa dôr!

Ao longe, embora, tu sorris altiva!...
e eu vivo e fico a suspirar em vão!

Estrella esplende no teu céu sereno,
mas dá-me um raio d'esse teu clarão!

Guiomar Torrexão



Ensaio critico

A época do nascimento da Poe-
sia perde-se na noute dos tempos:
ella appareceu quando appareceu o
primeiro homem, cuja natureza é
sua verdadeira origem.

Estudos archeologicos têm de-

monstrado que entre os povos primitivos a religião e a historia exprimiam-se em verso. O coração fez-se sentir antes da razão, isto é, o instinto foi o motôr de todos os actos do homem. D'ahi a origem do emblema, da metaphora, da allegoria, de tudo quanto é necessario para animar e colorir a phrase.

Com o tempo a linguagem aperfeiçou-se, a litteratura e as artes floresceram. Surgiu a idade da Sciencia e da Philosophia. Pensou-se mais, sentiu-se menos. As expressões vivas, energicas, e pittorescas foram substituidas por palavras precisas, claras, correctas, friamente creadas.

Ao estylo turgido de outr'ora succedeu esse que autoriza somente o emprego de termos proprios e significativos, na formação da phrase; a fórma dramatica cedeu o lugar á forma didactica: a razão dominou o coração.

Não obstante, a poesia jamais deixou de ter apreciadores. Houve quem se dedicasse á ella com todas as forças, como Dante, Camões, Tasso e Milton, brilhantissimós astros, cujas obras serão sempre admiradas.

A philosophia desenvolvendo a Observação, deu-nos a Poética que ensina a modelar o verso, sujeitando-o ás leis da fórma; a poesia, porém, nunca deixou de ser essa linguagem ardente e inspirada com

que se manifestam as impressões que abalam a alma, arrebatando-a ás regiões ideaes do enthusiasmo e do sentimento.

Actualmente, no nosso paiz cuida-se tão pouco de litteratura, que chega a parecer um phenomeno a publicação de um simples livro de versos, como os «Plectros».

Entretanto, ha velhos cultores das letras que se dizem representantes de escolas diversas; ha sociedades litterarias que adoptam titulos pompósos e cheios de promessas... Mas, ah! esses velhos litteratos, e os membros dessas sociedades raras vezes dão-nos uma producção qualquer que atteste seu talento...

A maldita politica, tudc absorve, tudo inutiliza... O egoismo e a ambição é o que predomina nesta malfadada republica, cujo idéal... mas detenhamo-nos. Para que mergulhar no lodo?

Nossa litteratura decáe vergonhosamente... E mais tarde, os posterios procural-a-hão embalde nos annaes da historia...

* * *

Essas despreziosas considerações occorreram-me após a leitura dos «Plectros», um mimoso livro de versos, fructo do talento de Ibrantina Cardona, de S. Paulo.

Cantos ora cheios de dôce ale-

co não sabe o que admire primeiro, se a precisão com que é descripto esse *chalet* de gosto aprimorado, se o mimo e colorido de versos como estes:

Pequeno e pittoresco,
d'entre as frondes viçosas da verdura,
destaca-se o *chalet*, n'uma espessura
do parque encantadôr e romanêsko.

Bem rente ao tecto, a artistica esculptura
desnovêla a capricho uns arabescos;
e filetes de curvas delicadas,
de floreios exóticos e frescos,
se estendem nas janellas das sacadas.

E quando é pintado o estado
moral da dona do *chalet*,

uma dama formosa e scismadôra
de fronte meiga e loura,

quanto lyrismo! quanta graça!
quanta harmonia!

Olga, Mater Dolorosa, Sub umbra, Idéal artistico, são composições inspiradas.

Andorinhas tem versos finamente burilados, como os seguintes:

Assim como a andorinha fugitiva
que busca, de anno em anno a primavera,
e com alegres filhos, mais festiva,
outro ninho de amôr crêa e prospera,

a nossa mente eleva phantasias
n'uma espiral de sonhos multicôres,
soltando o turbilhão das utopias
nas azas do ideal e dos amôres!

A *Partida, Gratidão...* — mas para que taes citações? Quasi todos os versos dos *Plectros* são dignos de leitura.

Abramos o livro ao acaso...

Reparemos na delicadêza destas

Violetas

São minhas confidentes estas fôres
que traduzem na côr tanta tristeza;
o poema ideal dos meus amôres
encerram no perfume e na pureza.

Ellas sabem o quanto est'alma prêsa
tenho pelos teus olhos tentadôres,
e por isso é que hão de, com certeza,
meu nome te lembrar, por onde fôres.

Recebe-as com carinho... Essas coitadas,
dos beijos, nas coróllas, têm o sêllo,
nas pétalas têm lagrimas gravadas.

Colhi-as com amôr, com muito zêlo...
Pois eu quero que a ti, cheguem atadas
pelos fios subtis do meu cabello.

Que de mysteriosas evoluções da
mais pura poesia! Que de suaves
vibrações de um bello talento!

* * *

Isso que ahi fica dito justifica o parabem que do meu humilde gabinete de trabalho envio á distincta poetisa rio-grandense.

Os «*Plectros*» dão-lhe incontestavel direito a um lugar na galleria poética de nossa litteratura. E' preciso, porém, estudar com afinco, afim de adquirir novos conhecimentos, que possam habilital-a a desempenhar com a maxima perfeição o sublime papel de sacerdotiza no magestoso templo das lettras.

Recife, 1898

B. DA CUNHA

À bordo

Sempre tive do mar tão grande medo
Que só Deus sabe o quanto me apavora
O navegar, seguir por mar afora!...
Emtanto, o vejo bonançoso, quedo,

Placido, calmo e sorridente agora...
Mas, eu me julgo aqui como em degredo!...
— Se o mar se torna procelloso e tredo?
— Se este navio súbito devora?

Nem eu quero pensar que o mar profundo
Tão manso agora, póde furibundo
Como um leão, tornar-se de repente!!

Nem eu quero pensar... Acobardada,
Tremo de medo, pallida, gelada,
Embora o sinta arfar serenamente!...

1898

Georgina Teixeira

Um episodio da roça

Os Immigrantes

Achava-me eu de passeio em uma fazenda do interior do Estado do Rio, e era então meu gosto predilecto levantar-me bem cedo para respirar a brisa que fresca e odorifera se evolava, a essa hora, das campinas circumjacentes.

Justamente era meu quarto situado quasi ao lado de extensa e cerrada matta de alterosas arvores e emaranhados cipós, e d'onde me vinham aos ouvidos os mais melódiosos cantos imaginaveis. Assim, logo que eu despertava, corria a

abrir a janella, afim de melhor ouvir os trinos dos alados cantores, e quedava-me horas esquecidas extasiando-me com seus cantares.

Uma manhã, ao approximar-me da janella notei desusado movimento na fazenda.

Do paiol, situado em frente á casa e do lado opposto do terreiro, sahiam alguns empregados carregando cestos repletos de amarellas espigas de milho; logo em seguida vi dous outros trazendo penduradas n'um páo, que elles sustinham nos hombros á guisa de padiola, duas enormes panellas que pareciam feitas para a cozinha d'algum exercito. Não se tinham passado cinco minutos, e eis que vejo o feitor conduzindo uma bôa quantidade do tradicional alimento das fazendas — feijão, carne secca e fubá — quantidade bem em relação com as enormes vasilhas que os precedera.

Então, não podendo por mais tempo refrear a minha curiosidade, vesti-me rapidamente e desci ao terreiro, com o fim de indagar do que se passava.

Dirigi-me ao paiol, e vi construindo-se ahi, nos lados livres já do milho que os atulhava pouco antes, duas enormes tarimbas, transformando-se assim esse paraizo das ratazanas em extenso dormitorio.

Disse então de mim para mim: espera-se um exercito, não ha duvi-

da, agora exercito de que é é que ignoro, indaguemos pois — Vinha n'este momento o feitor e eu, tolhendo-lhe o passo apressado, perguntei-lhe ao que vinha toda aquella azafama e aquelles preparativos.

— «A Sr.^a não sabe, disse-me elle então, que chegam hoje os imigrantes italianos, que o patrão foi ha dias buscar á hospedaria?»

— Não, não sabia, respondi-lhe, e quantos são?

— «São para ahi uns duzentos, ao que parece.» —

— Duzentos! exclamei admirada, e onde aquartelar todo esse povo até conseguir collocal-os em seus respectivos sitios?

— «Como a Sr.^a vê, retrucou o feitor, no paiol, nas tulhas, e quanto á cozinha foi preciso arranjar uma ahi fóra, porque os caldeirões não cabiam no fogão da cozinha dos camaradas.

Sciente do que queria saber, e vendo movimento lá em cima na casa, attestando que seus moradores já se haviam levantado, não roubei mais tempo a esse famulo e para lá voltei a colher minuciosas informações e saborear o meu café que, na precipitação de satisfazer a minha curiosidade, me esquecera de tomar.

Na roça, onde geralmente a vida é de uma monotonia inqualificavel, qualquer acontecimento fóra do commum é considerado um mo-

tivo de distracção, assim é que eu aguardava com viva impaciencia, como si fosse um facto mui extraordinario, a chegada d'essa gente.

Seriam mais ou menos onze horas e achavamo-nos á meza do almoço, quando uma das creanças começou de gritar: — lá vêm elles, lá vêm elles. — Corri a uma janella d'onde se descortinava um grande trecho da estrada, e vi effectivamente que se approximavam as carroças que na vespera haviam sahido para buscal-os; vinham com a lentidão peculiar aos ruminantes que a puxavam e traziam tambem a *tralha* dos imigrantes.

Grande parte d'elles vinham a pé, na maioria moços. Como não coubessem todos nos vehiculos, tinham cedido os seus logares ás creanças e aos velhos, esquecendo o proprio canção graças ao prazer que sentiam com o relativo bem-estar que proporcionavam áquelles que se achavam n'essas duas epochas de vida tão dignas de cuidados e attenções: — infancia e velhice.

O que viram então meus olhos, é indescriptivel! Eu, que toda a manhã aguardara anciosa esse momento, não imaginava que teria n'elle uma tão dolorosa impressão.

— As carroças acabavam de entrar no terreiro e começou a descer essa misera gente sobraçando trouxas, vasilhas, sapatos, cobertas,

e não poucas vezes de envolta com esses objectos uma creança qual outra trouxa tambem.

Alguns traziam os filhos doentes, victimas já da differença de clima e de alimentação; e esses pobres anjos, inconscientes da necessidade que obrigava seus pais a se expatriarem, eram justamente os que mais padeciam com isso.

Vinham todos extenuados, com os rostos tostados pelo sól; eram velhos, creanças, moços fortes e robustos que já tinham dado causa a que alguém murmurasse junto a mim: «estão mesmo bons para a enxada!»

No meio d'essa inexprimivel confusão, saltou a custo uma velhinha que devia ter muitos, muitos annos.

Trazia em seus débeis braços um entesinho louro mais debil ainda, seu neto ou bisneto talvez. E ao vel-a assim acompanhando por montes e vales de uma terra estranha, a esse bando de gente obrigada a abandonar a Patria, exclamei intimamente: bem caros te devem ser aquelles com quem vieste, para assim n'esta idade deixares a terra onde nasceste, onde amaste, e onde certamente não repousarão teus ossos!

Alvo da minha muda sympathia e como por ella attrahida, fitou-me a velhinha e esboçou um sorriso, mixto de tristeza e abatimento, que me fez virem as lagrimas aos olhos.

Pensei então que esses ao menos teriam algum conforto porque lhes coubera por sorte uma casa onde todos eram bons e caridosos, mas os outros que não tivessem essa ventura, os milhares que vêm todos os annos, o que não soffreriam antes que colhessem algum fructo de seu labor?!...

Pobres, pobres! E minha alma se confrangia ante tanta miseria.

O reboliço continuava. Era um murmurio confuso de vozes, de phrases para nós incompreensíveis, por entre as quaes apenas entendiamos as invocações: — *Madona mia! Dio Santo!* por onde conjecturavamos que esses infelizes invocavam a providencia divina, nos transe afflictivos porque passavam.

Finda a descida e tendo elles tomado o alimento que se lhes destinára, e onde figurava a apreciada *polenta* que elles devoravam sofregamente, aboletaram-se nos aposentos improvisados, os quaes tinham em espaço o que lhes faltava em numero, e ficaram assim todos n'uma promiscuidade impossivel de evitar.

A' tarde, depois de algumas horas de repouso, reuniram-se novamente no terreiro e começou então a distribuição das enxadas. Vinha cada um receber das mãos do feitor esse instrumento com que conquistaria os thesouros que a

terra dá como recompensa de acurado trabalho.

Não ficavam isentos na distribuição, nem velhos já bem curvados para o sólo, nem guapas raparigas de faces vermelhas e olhos brilhantes, nem rapazinhos que ainda mereciam viver aconchegados ao seio materno.

Só as mãis e os louros *bambinos* não eram contemplados n'essa distribuição, e ficavam em casa, não sem concorrerem para o bem-estar da familia, auxiliando-a na medida de suas forças.

Não sei explicar o que em mim senti, que me vi impellida para o meio d'elles e achei-me como que obrigada a levar-lhes algum consolo, alguma demonstração de sympathia, que traduzisse a cordialidade innata no coração brasileiro e lhes testemunhasse que se achavam entre amigos.

Imitando o meu exemplo desceram tambem aquelles com quem eu convivia, e dentro em pouco, servindo-nos de meia duzia de palavras italianas que sabiamos e auxiliados pela *gesticulação*, essa *linguagem* universal, conseguimos entabolar conversação com essa pobre gente, captando logo a sympathia das mãis pelas caricias que prodigalizavamos ás lindas creanças de cabellos de ouro e olhos de saphira, que surpresas nos cercavam.

E á noite, quando ao recolher-

me ouvi no aposento fronteiro que ainda na vespera era um paiól e que agora abrigava dezenas de infelizes, as cantorias que elles entoavam n'um som plangente e monótono, não sabia bem si oravam á *Santa Madona* para que os protegesse no paiz estranho, ou si soluçavam saudades do patrio ninho.

Ainda uma vez senti invadir-me a alma uma piedade immensa por esses desherdados da sorte, e um amor immenso pela terra que tinha sido escolhida para mitigar a fome d'essa porção da humanidade tão mal contemplada no quinhão de felicidade a que cada um deve ter direito.

E como si essa terra me pudesse ouvir e obedecer, subiu-me aos labios esta supplica: Dá, ó patria minha querida, o mais que puderes a esses miseros que confiados na uberdade do teu sólo vêm em busca do pão de que carecem; tem com elles o mesmo procedimento de mãe opulenta e caridosa que repartisse com os seus, finos manjares, e visse chegar á sua porta famintas e extenuadas creanças. Reparte tambem com elles tudo quanto produzires que ainda restará muito para teus filhos.

Por um que déres receberás cem daquelles mesmo a quem tiveres dado!

Fazenda de S. João da Barra,
21 de Agosto de 1898

RIDELINA FERREIRA

Carta aberta

A' que venero

Separa-me de ti longa jornada;
Pesa-me n'alma um ténebro vasio, —
Sem teus carinhos, minha loira amada,
Eu vivo qual um passaro erradio.

Teu nome escuto a cada passo e em cada
Mimo dos teus o leio e o pronuncio;
Julgo-te perto, chamo-te . . . mas nada!
Desfaz-se o encanto e fica o desvario.

Aos teus, de extranhos lares tão distantes,
Volta breve, que o fêl desta saudade,
Já se me vae tornando em dissabores.

Volta, que eu te amo! E aos corações amantes,
Um só minuto de felicidade,
Rapido esconde um seculo de dôres.

Heraclito Viotti

Em Minas, 1898



Notas pequenas

A Mensageira — A exemplo das melhores revistas nacionaes e estrangeiras, resolvemos tornar esta publicação mensal, em vez de quinzenal. Só a inexperiencia poderia ter nos levado a fazer no primeiro anno um quinzenario, nós, que não contamos com auxiliares nem capital, quando periodicos de tão alto valor como a *Revista Braxileira*, (que foi quinzenal no seu 1.º anno), a *Revista Moderna*, a *Revista do Braxil*, a *Revista Fluminense* e muitas ou-

tras publicam-se apenas uma vez por mez. Para fazermos tal innovação, augmentamos consideravelmente o nosso numero de paginas, esperando continuarmos a merecer de nossos assignantes a benevolencia e gentileza que nos dispensaram no 1.º anno.

Aproveitamos a opportuniada de para agradecer, ainda que tardia-mente, todas as cartas e cartões de parabens que nos foram enviados pelo nosso primeiro anniversario.

Guiomar Torreszão — O dia 22 de Outubro de 1898 foi um dia de luto para a patria de Gama e de Camões. Foi nesse dia que desapareceu da arena dos combatentes do pensamento a figura eminente e sympathica de Guiomar Torreszão, vigorosa escriptora que durante mais de um quarto de seculo, talvez, illuminou com a luz de seu talento privilegiado a imprensa do velho e legendario Portugal.

Guiomar Torreszão consagrou-se ás letras desde os albores de sua mocidade com rara perseverança e actividade, e o seu nome atirado aos quatro ventos da publicidade tornou-se verdadeiramente querido e reputado nas rodas literarias de Portugal e do Brazil. Redigiu varios jornaes de modas, entre os quaes o *Diario Illustrado*, onde se assignava com o pseudonymo de *Gabriel Claudio*, e manteve por largos annos o *Almanak*

das Senhoras, bellissima e variada publicação, na qual apparecem noticias biographicas e trabalhos literarios das mais conhecidas e apreciadas escriptoras brazileirrs.

Sua bagagem litteraria é uma das mais ricas da litteratura feminina, constando de um livro de viagens — *Paris*, um livro de contos — *Batalhas da Vida*, um romance publicado recentemente — *Flavia*, diversas peças de theatro, entre as quaes *Educação Moderna*, original, e varias traducções: *Dionysia*, *Clara Soleil*, *Martyr*, *Noiva dos Girasóes*, *Surcouf*, *Toupinel que Deus haja*, *Dois Garotos*, etc. além de poesias, criticas litterarias, e chronicas admiraveis espalhadas em profusão pelas revistas e jornaes. Collaborou com brilhantismo o *Paiz*, da Capital Federal, e o *Diario Popular*, de S. Paulo.

A sua perda deixou um grande claro na litteratura luso-brazileira! foi um astro de primeira grandeza que desapareceu, deixando uma orbita de luz nas letras femininas!

Veneremos sua memoria gloriosa!

Visconde de Taunay — Chegamos tarde para noticiar o passamento deste notavel brazileiro, pois que o triste acontecimento já echoou do norte ao sul do paiz, entre as mais expressivas manifestações de pezar. Não podemos tambem fazer um estudo sobre a

sua personalidade, visto como para isso nos sentimos fracas; queremos sómente significar a nossa magua pelo desaparecimento do grande vulto, cujo nome ficou indelevel na litteratura e na historia patria. magua que é tanto maior quanto é certo que o Visconde de Taunay nos havia distinguido com attenciosa carta, na qual nos promettia sua valiosa collaboração.

O visconde de Taunay deixou na arca de sigillo do *Instituto Historico* um volumoso envolucro de papel preto. amarrado com arame e lacrado com suas armas, o qual encerra varios trabalhos que só serão publicados em 1943, segundo disposição que fez.

Que de revelações importantes, que de preciosos esclarecimentos ahi se acharão para a historia contemporanea? O Visconde de Taunay, que foi um dos mais valentes batalhadores do abolicionismo e um dos mais dedicados amigos da familia imperial, deposta pela revolução de 15 de Novembro, não quiz privar a justiça historica dos dados de que podia dispor e fez ao *Instituto* uma dadiva, de valor, com certeza, mas que grande parte da geração actual ha de morrer ignorando...

Innocencia, o bello romance de Taunay, esse livro genuinamente brazileiro, onde a vida sertaneja é pintada com tão verdadeiras tintas,

obteve agora mais uma traducção, e esta devida á penna de uma mulher, Olga Wolff, que o trasladou para o polaco.

A' familia do Visconde de Tournay a *Mensageira* apresenta profundas condolencias.

D. Veridiana Prado — Esta revista que tem procurado, á medida de suas forças, elevar o nivel intellectual e moral da mulher brasileira, tem tido sempre suas columnas francas para consignar os factos que possam nobilitar ou engrandecer o nome de qualquer patricia. Assim sendo não podemos deixar de registrar aqui o nome de D. Veridiana Prado, a illustre senhora a cujos esforços tanto tem progredido a viticultura em S. Paulo e cujo anniversario tão festejado foi a 11 do corrente.

A Ex.^{ma} Sra. D. Veridiana Prado, filha do fidalgo cavalheiro Barão de Iguape e progenitora do illustrado D.^o Antonio Prado, actual prefeito municipal de S. Paulo, do D.^o Eduardo Prado, conhecido homem de letras, e do D.^o Martinho Prado Junior, distincto propagandista republicano, tem-se torna na sua existencia o alvo da gratidão da sociedade paulista pela sua inexgotavel caridade e grande benemerencia. Todas as instituições pias desta capital, — *Hospital de Laxaros*, *Collegio dos Salesianos*, *Casa da Misericordia*, etc. — encontram

na sua philantropia a maior somma de beneficios possivel, a mais acendrada dedicacão. O que especialmente, porém, a recommenda á nossa sympathia é o seu grande interesse polas mulheres desamparadas. D. Veridiana é socia fundadora e benemerita da *Maternidade de S. Paulo*, esse adoravel templo de caridade, dirigido pela D.^{ra} Maria Renotte, e tomou a si o encargo de fornecer toda a roupa que fôr necessaria para a enfermaria das mulheres na *Casa da Misericordia*, dependencia esta inaugurada a 1 de Dezembro de 1898 e destinada a operações cirurgicas e tratamento de senhoras.

Graças aos seus sentimentos altruistas, o desvanecimento e o bem-estar que lhe proporciona a sua grande fortuna, não a fazem olvidar os que soffrem e necessitam, não a fazem esquecer as mulheres mal aquinhoadas e desprotegidas da sorte. A *Mensageira* saúde a caridosa senhora.

Amor Maternal — São verdadeiras epopéas de amor maternal os dois tocantes casos que o *Jornal do Commercio*, de Lisboa, narra nos seguintes termos:

« Na universidade da Bordéus acaba de ser concedido o grau de licenciado em lettras, na sessão de philosophia, e com o numero 1, a um cego, cujo pae é conselheiro no tribunal da cidade.

Este moço, de uma rara intelligencia, foi auxiliado nos seus estudos pela mais pura e mais sublime dedicação, a de sua mãe, que passou a estudar com elle, a ler para elle, a escrever para elle, apprendendo, por causa d'elle, o grego, o latim e o allemão, e ainda e sempre por elle, a ler e reler Platão, Aristoteles, Pascal, Descartes, Kant, Hegel, Schopenhauer, *tutti quanti* . . .

De joelhos deante desta douta mãe franceza!

* * *

Mas ah! tambem de joelhos deante desta ignorante mãe portueza!

Cremos que ella ainda vive, agarrada ás saudades do filho morto e sepultado longe della. Nem de uma nem de outro daremos os nomes, com o receio de os affrontar com a publicidade, talvez abusiva e ainda porque, inominados, ficam maiores, mais geraes, mais exemplo.

Um dia romperá o pae com o filho não perdoando aquelle a este verduras da primeira mocidade. Não sabendo a mãe nem ler nem escrever e não lhe consentindo o marido que ella recorresse á terceira pessoa, ficou subitamente

privada de ter noticias do filho. Mas não podia viver sem as ter.

Então, sublimemente, concebe a idéa de, mais que quinquagenaria, aprender por si só a escrever e a ler. Compra ás escondidas um alphabeto; toma umas poucas de cartas do filho e lança-se sorridente e esperançada á tarefa, mas sempre ás occultas, não com medo de ser reprehendida, que isso era o menos, sim, porém, de ser desviada da sua apprendizagem, o grave do caso, pois o marido era de uma feroz teimosia. E, apprendendo a conhecer as lettras e depois ajuntal-as, parallelamente a caicar os caracteres das missivas do filho, ao cabo, finalmente, de alguns mezes escrevia a primeira carta!

Eram umas toscas garatujas, por certo, mas liam-se. E o filho respondeu, e a mãe replicou, e assim entre a mãe e o filho se estabeleceu uma correspondencia regular.

Mas as suas lettras só podiam ser entendidas pelo filho e só as lettras do filho é que esta mãe entedia! De que mais precisava ella?! Correspondia-se com o mundo inteiro, porque todo o seu mundo era o seu filho.

(Do Minas Geraes)



São Paulo

15 de Março de 1899

Anno II, N. 26

A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brasileira

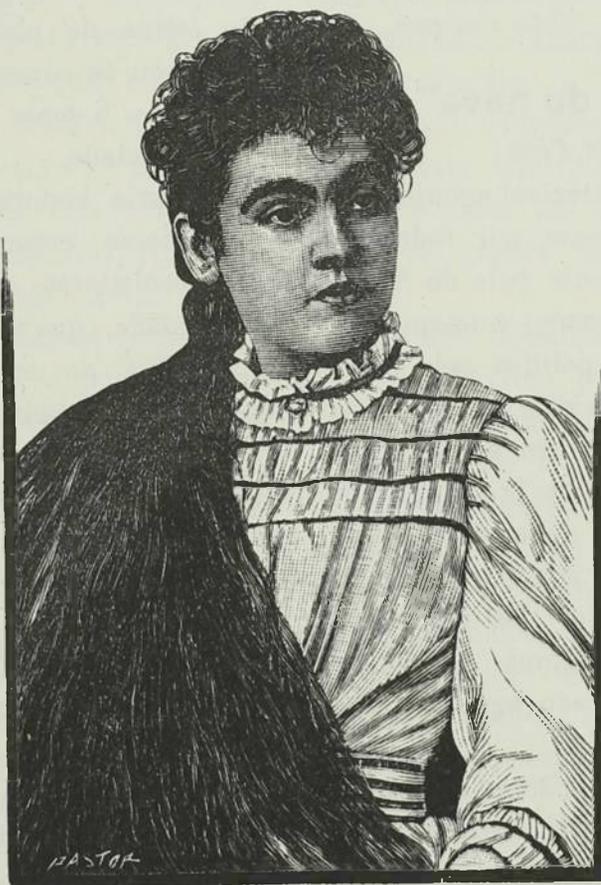
Directora — Prescilia Duarte de Almeida

Publica-se no dia 15 de cada mez

Pagamento
adiantado

Preço da assignatura, 12\$000 por anno
Endereço: Rua de Sta. Iphigenia, N. 57.

Numero avulso
Rs. 1\$000



AUREA PIRES

Summario: — *Flocos de Neve*, critica litteraria, Arthur Andrade; — *Parabola Oriental*, poesia, Silvio de Almeida; — *Abnegação*, conto, Maria Clara da Cunha Santos; — *Impossivel*, soneto, Aurea Pires; — *Anna Hierta Retzius*, Guiomar Torrezão; — *Descrença*, soneto, Oscar d'Alva; — *Seleccção*; — *Sobre um tumulto*, poesia, Presciliiana Duarte de Almeida; — *Carta do Rio*, Maria Clara da Cunha Santos; — *O primeiro sorriso*, poesia, Delminda Silveira; — *Literatos hugaros*, Elmano do Val; — *Dois Oasis*, soneto, Ademar; — *Dois livros*, Adolpho Malevolti; — *Depois da batalha*, poesia, Julia Cortines; — *Desolada*, poesia, Edwiges de Sá Pereira; — *Notas pequenas*.

„Flocos de neve“

Aurea Pires

Na sombria e terrivel agonia deste seculo, eminente por todos os titulos, notadamente pelo de haver requintado o engenho humano pelas invenções, a politica pelo massacre, a sociedade pela indifferença, alguma cousa que foi e ha-de ser sempre grande, que já se anoitou com o lucto de ephemeras decadencias, mas que já appareceu vestida pelo esplendor das renascenças historicas, alguma cousa de grande e de elevado agonisa tambem com o seculo.

São as lettras. São as fulgurantes depositarias da gloria dos povos e da aurora das civilisações que desfallecem e lentamente succumbem no meio deste ambiente empeçonhado e convulso em que o progresso moral e espirital se materialisa sob a tendencia mercantil

do tempo, bem como sob a influencia absorvente dos acontecimentos politicos do mundo.

A decadencia litteraria tem crescido assustadora e omnipotentemente em todos os paizes; mas, força é confessal-o, a parte que mais se ha obumbrado na nocturna tristeza dessa decadencia, é exactamente a que devia ser a vanguarda indominavel da resistencia espirital — é a grande communhão latina do planeta, a mesma que passou ás consagrações da historia como a mais bella synthese da humanidade.

A propria historia nol-o ensina. Nas maiores crises sociaes, nos mais desoladores eclipses da espiritalidade, quando tudo oscillava e cahia no soturno vortilhão em que as sociedades se convulsionavam, a luz que sorria nesse cáos, branca e serena, era a luz que jorrava da alma latina; a energia que se alteava como represa á vaga turbulenta, era a cavalheirosa energia do sangue latino.

E é essa mesma formosissima familia humana, que creou a liberdade no dominio da politica e que creou o bello no dominio da arte, que se deixa embeber fundamente do espirito estreito e egoistico do seculo, offerecendo docilmente os pulsos ás algemas dessa ominosa decadencia espirital.

A mesma gloriosa França, que

foi sempre o ninho luminoso das apothoses intellectuaes, o cume solitario e resplandecente das grandezas do engenho humano, é hoje aquelle paiz que não póde sustar a visivel decadencia que o vae empolgando, e, o que é mais pungente, aquelle paiz que exhibe ao mundo, nesta éra de confraternisações sociaes, o inaudito spectaculo da resurreição do preconceito de raças.

Filhos do sangue e do espirito latinos, muito embora se elaborasse nossa civilisação num meio continental inferior e diverso, sentimos mais depressa, e de um modo mais completo, envolverem-nos as sombras da decrepitude litteraria. E' verdade que não temos a encarar os formidaveis e complexos problemas sociaes e politicos que preoccupam o espirito das nações latinas do velho mundo; mas temos, em compensação, que enfrentar os phenomenos resultantes de uma radicalissima transformação politica, que se consummou sem grandes abalos, porem que concentrou e concentrará por tempo indefinido o pensamento nacional em torno dos abalos moraes que ella até hoje alimenta.

Por outro lado, positivamente não ha nem houve republica mais inimiga das lettras do que a Republica Brasileira; ella veiu integrar a liberdade politica no continente, modelando-se pela fórma go-

vernamental mais irmã do liberalismo contemporaneo, mas veiu tambem estancar a corrente litteraria que ia dando, sob a paz apparente do imperio, uma característica mais firme ás producções do nosso meio.

Improficuamente luctam contra esse curioso phenomeno a vida exuberante de nossa terra, a seivosa natureza que nos cerca, o vigor meridional de nossa imaginação, o zelo com que seguimos as modernas correntes litterarias, e, o que é mais singular, a falta de precedentes que sanccionem nossa presente phase espiritual, isto é, revoluções sociaes tão grandes produzindo tão grande decadencia litteraria.

Fallamos decadencia. Mas não é o qualificativo proprio. O que ha no Brasil de hoje é uma profunda aversão ás lettras, um ostentoso desprezo pelos artistas, contrariamente ao que se passou com outros paizes, onde, sendo identicas as condições sociaes, as revoluções politicas se consummaram, sempre precedidas e succedidas por magnificas e estupendas renascenças espirituas.

Actualmente, publicar no Brasil um livro, com especialidade um livro de versos, é um acto de coragem e de abnegação muito superior ao de atravessar o seio do continente negro.

Todas essas considerações nos foram suggeridas pelo apparecimento dos *Flocos de Neve*, mimoso documento litterario com que a talentosa e gentilissima poetisa mineira, Aurea Pires, se apresenta ao nosso empobrecido mercado, enriquecendo-o com o doirado arrebol de seu estro poetico.

E' o primeiro livro da jovem e inspirada poetisa. Força, porem, é confessar: a critica mais severa tem que reconhecer nesse livro duas cousas — uma estreia bellissima e uma bellissima promessa.

Não é, nem podia ser, o trabalho de um artista atormentado, que consegue estampar sua individualidade nos estudos d'alma que traduz e exteriorisar sua arte nos lampejos de uma fórma victoriosa e impecavel. Mas, si não é isso, é já uma obra triumphante, onde predominam as bellezas, onde um peregrino espirito de moça, desdobrando-se em labores poeticos riquissimos, nos diz o que ha-de ser em breve, quando o tempo e o estudo lhe derem a plena maturidade.

O artista ávido de fórma, sedento de arrebatados vôos, de espaço e de luz, não encontrará nos *Flocos de Neve* uma perfeita obra de arte, mas encontrará um perfeito trabalho feminino: onde falta o artista, brilha e fluctua a encantada doçura, a fina e mimosa sensibilidade de uma alma de moça.

E' um livro que se lê com prazer, de um folego, que nos suavisa e acaricia a alma como um quente e doirado banho de luz. Em suas paginas, aromadas por um doce bafejo de amor, está bem a alma adamantina de sua auctora — uma alma contemplativa e solitaria, amiga da velludosa paz dos ermos, anhelante de virgem natureza.

No livro de Aurea Pires a descriptiva tem um logar de honra.

Ha nelle, por certo, delicados alvoroços d'alma, nervosos lances psycholicos, inacabados e fugitivos romances intimos, onde, por vezes, aqui e alem, rebrilha o diamante de uma lagrima e erra o suspiro de uma vaga saudade. Mas nunca estão só. Confundem-se, enlaçam-se harmoniosamente com o fulgor da paysagem circumdante, com a leve tonalidade das impressões ambientes.

Na sua maneira predominante — a descriptiva — Aurea Pires possue, ao lado de um raro vigor, uma opportuna sobriedade.

Isolada no seio caricioso da natureza, a delicada poetisa mineira sabe surprehender-lhe os mais arcanos segredos, apanhar-lhe a intima cadencia das vozes, a naba-besca riqueza de suas roupagens, derramando todo esse mundo que flammeja e que vibra na columbina e nervosa melodia do verso.

Por quasi todas as paginas dos *Flocos de Neve* fluctua o aroma acre e selvagem da natureza sertã. A luz que lhe emmoldura a farta descriptiva é a luz crúa e vibrante dos tropicos; o colorido que lhe anima a perspectiva é rico e vivaz como o de uma flora sumptuosa e ébria de seiva.

Aurea Pires é dotada, como poucas, da arte de saber pintar finalmente o que lhe impressiona os sentidos. Sua lyra, que estremece, embevecida, perante o vermelho esplendor dos occasos, é a mesma que desfere canções de uma ruidosa e trovadoresca alegria ao festivo alvorecer das madrugadas mineiras; é a mesma lyra que estribilha o madrigal dos ninhos, a voz das aves e das fontes, o rumor das verdes ramarias, e que tem accentos tristes de psalmos sob a unetuosa e solemne quietação da pay-sagem crepuscular, quando a terra adormece no seu leito de rosas á frouxa luz melancolica da estrella da tarde.

Nascida sob o fulvo sol abraçado dos tropicos, tendo sempre vivido em contacto com uma natureza vehemente em sua formosura e em sua força, a juvenil cantora dos *Flocos de Neve* soube vasar a grandeza de seu berço natal na vigorosa esthetica de seu verso, exhibindo bellamente as qualidades tão particulares ao sertanejo

— o poder de observação, a indole vagamente contemplativa e a finissima sensibilidade.

E ao lado do apuro simples e gracioso no comprehender e pintar a natureza de sua terra, Aurea Pires possui ainda uma visivel e facil expontaneidade. Seus versos se ennastram nas quadras e nos tercetos com uma fluencia natural e franca, como a agua derivando da rocha, como a planta nascendo do solo.

Já dissemos que nos *Flocos de Neve* predominam as bellezas; mas, no meio dessas bellezas, de que algumas podem, sem desdouro, trazer o nome dos nossos melhores poetas, avultam imperdoaveis desleixos de fórma, versos fracos e quebrados, o emprego immoderado de agudos e algumas outras jaças que ferem o olhar de um artista, mas não diminuem o valor esthetico do conjuncto.

De resto, essas pequeninas lacunas são inevitaveis num livro de estreia, maximé num livro como o de que fallamos, onde sua distincta auctora expõe, sem as ter modificado em nada, desde as primeiras ás ultimas produções de seu estro poetico.

Sosinha, por exemplo, é uma bella poesia; ha alli, porem, versos mal medidos e frouxos como este:

«Pegureiro que as ovelhinhas mansas»

Do mesmo modo em outras não menos bellas estrophes, bellas e de uma pujança quasi junqueireana que se encontram — *Na Praia*. Alem de — «um horisonte meu» — construcção detestavel tanto em prosa como em verso, existe alli esta impropriedade:

«Sentar-te junto a mim, beijando meu semblante»

Beijar meu semblante — é uma cousa nova e graciosa.

Fazendo, porem, esquecer essas leves imperfeições, brilhando vivamente sobre ellas, lá estão sonetos magnificos e cinzelados, quadras de uma rara formosura, podendo-se citar, entre outras, como as melhores do livro: *Contraste, Hyemal, Em Ouro Preto, Chovendo, Poesia do Claustro, Sem querer, Na floresta, Impossivel*, de que os dous ultimos tercettos são admiraveis, assim como os ultimos tercettos do *Como eu vivo* e do *Adeus*.

No *Contraste*, o soneto fecha-se com estes versos de uma doçura camoneana:

«Bem diversa da tua é minha sorte:
No seio de outra encontras tu a vida
E eu na tua inconstancia encontro a morte!»

E basta. Queira a gentilissima cantora dos *Flocos de Neve* acceitar meus vivos parabens pelo luzimento e garbo com que surgiu na temerosa arena da estreia, collocando-se já ao lado de Zalina

Rolim, de Francisca Julia da Silva, de Presciliana Duarte e outros nomes consagrados no mundo litterario.

S. Paulo, 14-2-99.

ARTHUR ANDRADE



Parabola oriental

Em verso breve contarei agora
Uma historia das terras do Levante.

Ia da Syria pela estrada a fóra,
Puxando o seu camello, um viandante.

De subito furor arrebatado,
O camello levanta-se, refúga,
E, vendo-o assim, o dono, horrorisado,
Larga o cabresto, e põe-se logo em fuga.

Correndo do animal iroso, o pobre
Viajor, por livrar-se do perigo,
Uma cova bem proxima descobre,
Onde suppunha achar seguro abrigo.

Lança-se alli num impeto de susto;
Mas, ao cahir e logo á beira, esbarra
Na enredica dos galhos de um arbusto,
A que na angustia do pavor se agarra.

Lá de cima, o camello furibundo
Fita-o; e nos penetraes da tenebrosa
Cova, daquelle precipicio fundo,
Tem aberta um dragão a fauce irosa.

E um rato branco, mais um rato escuro,
Vê, pouco abaixo, o triste perseguido,
Roendo o arbusto em que se poz seguro;
E de medo maior fica transido...

Mas eis que o mesmo arbusto lhe apresenta
Convidativos fructos que appetitece,
E, comendo-os, tal goso experimenta
Que do perigo as afflicções esquece.

Que homem é esse — indagarás — tão louco
Que assim deixava se levar a esmo,
Tudo esquecendo por um bem tão pouco?
— Sabe agora, leitor, que és tu, tu mesmo...

E's tu, leitor: A miseranda sorte
Que te afflige é o camello rancoroso;
E' a caverna do dragão a morte,
Para a qual te encaminhas descuidoso.

Um dos ratos figura o dia claro,
Representa o outro rato a noite escura,
Que esperdiças, buscando o fructo raro
Dos prazeres, ao pé da sepultura!

Silvio de Almeida



Abnegação!

(A' Doutora Ermelinda de Sá)

Eram oito horas da noite. Em casa de Lucia havia grande alvoroço, preparavam-se todos para o baile que nessa noite dava um velho amigo da familia. Devia ser brilhantissima a festa, tudo fazia adivinhar uma noite deliciosa!

Lucia era filha unica de abastado capitalista e havia concluido a sua esmerada educação no collegio das Irmãs de Caridade, de Botafogo.

Tinha 18 annos; era formosa e

meiga, talentosa e bõa, a alegria e o enlevo dos paes.

Havia dois mezes que estava noiva de um distincto rapaz, estudante do ultimo anno de medicina. No dia em que Lucia foi pedida por Eduardo, seus paes radiantes de alegria, riam e choravam alternativamente.

E eram bem justas aquellas lagrimas, aquella alegria, aquellas apprehensões!

Eduardo, o primeiro e unico amor de Lucia, era rapaz de talento e de futuro. Seu character immaculado, seu coração ternissimo e seu espirito investigador e estudioso eram garantias bastantes para ser excellente esposo. Os velhos, apezar de tudo, choravam commovidos, no dia em que prometteram a mão da filha ao eleito de sua alma.

O dia do casamento não estava ainda marcado.

Quando Eduardo saltou de um tilbury á porta da casa de sua noiva, na noite da festa, seriam oito horas, pouco mais ou menos. Iriam juntos ao baile, que promettia ser esplendido!

Eduardo trajava com apurada elegancia; a casaca, o claque e os sapatinhos de entrada baixa davam-lhe um todo muito distincto.

Lucia estava ainda se preparando. Na sala de visitas, os dois velhos esperavam, pacientes e ale-

gres, a filha, que nessa noite mais formosa ainda devia estar na sua toilette de baile, toda vaporosa, de nuvens de gaze e de rendas finas.

Eduardo levou á noiva um lindo bouquet de cravos brancos, que ella devia trazer ao seio durante aquella noite de festa.

A mãe de Lucia, depois de haver recebido, carinhosamente, seu futuro genro, foi apressar a filha, que já estava se demorando muito.

O carro estava á porta, todos estavam promptos, só ella, a formosa e querida estrella que enchia de luz e de alegria aquella casa, tardava ainda.

D'ahi a pouco volta a velha com ar muito triste e diz ao marido que Lucia está bastante incommodada e que é provavel que não possa ir ao baile. — Ora, ora, responde aborrecido o pae, isso é couso passageira, porque não ha de melhorar?

Já lhe disseste que o Doutor aqui estava? Anda, váe la ter, anima-a, dá-lhe um pouco d'agua de melissa e isso passa. Em começando a dansar, eu sei que a doença acaba.»

Eduardo, impaciente e triste com a demora de Lucia, lembrou um remedio prompto, que elle proprio dosou. Estava tão tremulo e tão afflictio que causava pena.

Lucia não melhorou, pelo contrario, mais forte se tornou a dor

de cabeça e a agitação em que estava.

— E' impossivel, disse ella, depois de grande esforço que fez para unir á cintura o seu corpete de setim e gaze, é impossivel, não me posso ter de pé.

E cahiu sobre uma cadeira de junco a um canto do quarto.

O que é?... o que será? indagavam afflictissimos o pae e o noivo de Lucia, enquanto a mãe, mais corajosa e mais pratica, tratava de despil-a e de deital-a, afim de que um medico viesse vê-la sem demora.

Eduardo, quando teve ingresso no quarto de sua noiva, ficou gelado e tremulo. Compreendeu que a doença era grave. E se não fossem os conhecimentos medicos que tinha, bastaria para certificar o estado gravissimo da noiva, a sua quasi indifferença ao estender-lhe a mãosinha, quente de febre, e ao encaral-o inexpressivamente, sem dizer uma palavra de affecto, limitando-se apenas a esboçar um sorriso tão pallido e tão triste!

Nem os cravos, os formosos cravos que o noivo lhe trouxera mereceram seu cuidado; jaziam sobre o toucador, abandonados.

D'ahi a pouco o velho medico da familia, conferenciava com Eduardo, o seu jovem collega, sobre a doença de Lucia.

O pobre rapaz não sabia o que

dizia, a afflicção, o cuidado, o medo tronaram-n'o incapaz de um conselho ou de qualquer investigação.

O velho medico e amigo sahiu do quarto da enferma muito apprehensivo, o caso era bastante grave.

E' facil de imaginar o estado em que ficaram os corações amantissimos dos paes! Ambos quasi loucos de afflicção e dor!

Corriam as horas longas e pesarasas; o pae de Lucia passeiava de um lado para o outro, no salão, sosinho, a pensar, a pensar em mil cousas; a mãe, solícita e carinhosa enfermeira, não abandonou mais a cabeceira da filha. O noivo, mal podia auxiliar em qualquer cousa, estava tão nervoso e triste que causava inquietação e cuidado.

No dia seguinte, muito cedo, o medico assistente voltava para junto de sua doente querida.

Foi com enorme tristeza que o velho profissional e amigo declarou á familia a qualidade da molestia: é um caso de variola hemorrhagica, disse com os olhos baixos, sem coragem para encarar o olhar interrogador e afflicto da pobre mãe. E á laia de consolação talvez, acrescentou que tinha toda a esperança de salvá-la. E' preciso toda a cautéla, vamos lá, continuou o medico, os enfermeiros devem ficar completamente sepa-

rados das demais pessoas da casa, ali o Snr. Doutor Eduardo...

— Eu? acode promptamente o noivo, se me permittem, serei tambem seu auxiliar, jamais abandonarei a nossa doente.

Não tenho medo de enfermidade alguma, sou medico e... mais do que tudo ... noivo. Fico, se me permittem, bem junto de minha amada.

A doença seguiu sua marcha natural, muito demorada e trabalhosa. Noites e noites de vigilia foram precisas. A repugnante enfermidade alastrou de um modo medonho. O rosto de Lucia, outr'ora tão formoso, tornou-se disforme, disforme, inchado, vermelho, nauseabundo.

Quando o medico declarou-a livre de perigo, foi um dia de alegria n'aquella casa!

Lucia, porém, ficava triste e pesarosa quando o noivo a olhava demoradamente. Ella bem comprehendia que n'aquella nuvem de piedade e ternura, n'aquelle olhar de complacencia e bondade havia um mixto de amor e de pena!

A pobresinha adivinhava o horror de sua figura. Uma bexiga lhe arrebetára um dos olhos, deformara-se-lhe medonhamente o rosto.

Um dia, já em plena convalescença, ella pediu um espelho. Negaram-lh'o piedosamente. Fazia pena contemplá-la! A mãe de

como é sagrado o amor das mães! — não se appercebia d'aquella transição tão brusca, queria a vida preciosa de seu anjo e nada mais; o pae que tomára conta do serviço externo do quarto não podia avaliar a deformidade da filha, porque não a acompanhava diariamente; o noivo, todo solícito e amoroso pensava que aquella enfermidade não pudesse abalar o seu amor desinteressado e puro.

Quantas vezes Lucia, intimamente, manifestou ao noivo seu susto, seu desgosto por se ver assim tão feia!

— Vaidosa, vaidosa, dizia elle sorrindo isso passa com o tempo... e que não passasse? Não sabes que eu amo em ti, muito acima de teus dotes phisicos, tua alma? A belleza o que é? Um mero passatempo, a alma sim, a alma é que precisa ser bella!

Lucia concordava, a sorrir, mas no emtanto o seu pensar era outro, muito diverso.

Depois da longa convalescença a que obriga tão cruel enfermidade, Lucia ficou completamente bôa.

— Ar puro, aconselhou o medico, passeios campestres, divertimentos, bôa e sadia alimentação... e não precisa mais de mim por esta vez.

Abriu-se afinal a casa, que foi desinfectada rigorosamente e arejada e pintada de novo.

E a alegria devia voltar áquella familia, ameaçada como esteve, por tamanha desgraça.

Lucia, na primeira occasião que se pilhou longe dos olhos da mãe, correu ao espelho. Que horror e que decepção! A pobresinha achouse tão feia que começou a chorar e desejou mil vezes a morte. Sim, dizia ella intimamente, se eu tivesse morrido seria muito melhor, deixaria uma impressão diversa no espirito de Eduardo. De que vale a vida assim? Que posso esperar do mundo? Ah! Eduardo é muito generoso! eu sei que elle cumprirá sua palavra e que se casará commigo apezar de tudo, mas eu não devo acceitar tamanho sacrificio. Que amôr posso eu hoje inspirar? Piedade sim, concordo, mas é-me mais dolorosa essa ideia do que se elle abertamente exigisse sua liberdade! Quem deve renunciar... sou eu. Tenho obrigação de ser generosa. Amo-o, adoro-o, mas por isso mesmo devo restituir-lhe a liberdade! Terrivel contingencia a minha! Nossa Senhora me dê coragem!

Estava Lucia planejando o meio de renunciar, dignamente, seu sonho de felicidade, quando foi surpreendida pelo noivo, que lhe trazia umas fructas maduras e gostosas e um bouquet de violetas e malvas.

— Em que pensas? pergunta elle, meigamente.

— Em ti ... em mim ... que sei? Escuta, meu amor, preciso ser franca contigo, ouve bem o que te vou dizer: de hoje em diante és livre, desobrigo-te de teu compromisso; não posso e nem tenho o direito de esperar que te cases commigo. A fatalidade foi mais forte do que nós, eu hoje já não sou a mesma creatura de ha dois mezes atraz. Meu coração, se é possível, ainda mais te adora hoje do que antes de minha molestia, devo-te muita gratidão; mas sou bastante altiva para não te obrigar a tamanho sacrificio.

— Lucia, meu amor, o que é isso? Duvidas de mim? Que te fiz eu que te magoasse? Não, minha querida, peço-te, supplico-te que nunca mais repitas essas palavras crueis e muito menos que penses com tanta injustiça a meu respeito.

— Aqui está o teu caldo, minha filha, são horas, é preciso que te alimentes, disse a mãe de Lucia nesse instante, interrompendo involuntariamente a conversa dos noivos. O caldo estava cheiroso e fumegante.

Lucia adivinhava as exigencias do coração humano com admiravel lucidez!

Eduardo pensava que poderia

amar a sua noiva com o mesmo devotamento de outros tempos.

Pobre inexperiente, como se enganára!!

Muito mais do que a alma, que elle julgava ser a inspiradôra dessa paixão, elle gostára d'aquelle rostosinho que fôra tão formoso, d'aquelles olhos illuminados, olhos de velludo, que subjugavam, que allucinavam!!

A mocidade e formosura de Lucia o haviam encantado muito antes de conhecer a sua alma, que a falar a verdade, era ainda mais formosa do que fôra o rosto, no tempo de bello. Mas que querem? O mundo é mesmo assim.

Lucia soffria muito e Eduardo tambem soffria!

Ah! pensava o rapaz! serei eu tão material e grosseiro que falte á minha palavra porque minha noiva perdeu a formosura? Não, nunca.

O dia do casamento foi marcado afinal. Em casa havia muita animação e alegria! Já ninguem mais da familia de Lucia se lembrava dos dias de afflicção, dos passados dias de desespero.

A perspectiva da felicidade faz esquecer muitos desgostos.

E' maravilhosa toda a obra de Deus! Isto mesmo de tão cedo se esquecer a gente de tantas dores e decepções é uma perfeição da natureza, concordemos.

N'aquella casa todos, excepto

Lucia, estavam radiantes de contentamento.

O vestido de noiva — um mimo! — quando Lucia o experimentou não sentiu os arroubos, a alegria, as emoções naturaes desse dia. Uma noiva fria — imaginou a modista — que lhe ajustava á cintura as pregas graciosas de seu rico vestido de setim branco, uma noiva de gelo ou então, o que é mais provavel, uma creatura que não raciocina, que não pensa na serieidade do casamento.

No emtanto, o motivo dessa indifferença era outro, como é facil de imaginar. Eduardo não era esquivo e nem avaro em seu affecto, e no emtanto Lucia que desvendava os mais reconditos segredos de sua alma transparente, distinguia a piedade e o amor no amargo do coração de seu noivo.

Mysterioso segredo que nem podia explicar!

Tres dias antes do marcado para o casamento, Lucia não se levantou á hora do costume.

Nem esse facto causou cuidado. Uma noiva ter insomnia é a cousa

mais natural deste mundo, pensavam todos de casa.

Mas o somno prolongou-se demasiadamente. A' hora do almoço foram despertal-a. Encontraram n'a morta, deitada em sua cama, tão tranquillã e tão serena que parecia estar dormindo!

Aos gritos desesperados dos paes e das pessôas de casa, acudiram os vizinhos e o antigo medico da familia.

O noivo chamado ás pressas e avisado da desgraça, veio como um louco, correndo e chorando desesperadamente.

Ataque de cabeça, aneurisma do coração, diziam as pessôas presentes, querendo adivinhar talvez. E creio mesmo que como morte natural lhe foi passada a certidão de obito.

Só a Eduardo, porém, a cruel verdade se revelou em toda sua plenitude. E foi então que elle bem comprehendeu a abnegação d'aquella alma, pura de mais para estar captiva a um corpo, martyrisado e deformado tão brutalmente!

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS



Impossivel

E' meio dia. A' luz de um sol ardente
Aqui e alli um colibri volteja . . .
A brisa passa vagarosamente
Por sobre a relva que no chão viceja.

Agora o sino despertou plangente
Lá de uma torre da vetusta igreja,
Responde o echo seu gemer cadente,
E um som tristonho pelo espaço adeja!

Eu vejo os sylphos do caminho extenso,
Tribu mimosa prazenteira e esquivada
Que se espaneja pelo prado immenso!

E nunca tive magua assim tão viva!
E' que eu sou presa do desejo intenso
De ser senhora de quem sou captiva!

Aurea Pires

(Dos *Flocos de Neve*)



Anna Hierta Retzius

«Não posso recordar-me da idade que eu tinha, quando entrei de reflectir sobre o destino da mulher n'este mundo. Contando apenas 12 annos, sympathisei com as reformas e sonhei tornar-me util e ter uma esphera de acção desenvolvida, no intuito de servir a minha patria. O que sonhava então obtive-o e ainda muito mais. Dêem ás crianças aspirações nobres: a fé no futuro, o amor do trabalho e a sua vida será util, rica e feliz. A minha excedeu em riqueza tudo o que eu phantasiei nos meus mais auda-

ciosos sonhos. E devo tudo, todas as occasões que tive de ser util, ao sagrado desejo que desde a infancia me devorou, de trabalhar a beneficio dos outros. Foi tambem a esses primeiros impulsos que devi tantos amigos, tantas alegrias e venturas, porque a ventura consiste em esquecer-mo-nos de nós mesmos e, como diz Spinoza, em *duplicarmos o nosso ser.*»

Esta nobre profissão de fé basta para definir a grande missionaria do bem, Anna Hierta Retzius. Filha d'um politico eminente, madame Retzius nasceu em Stockholmo, onde desposou um illustre professor, correspondente da Academia das Sciencias franceza. Ainda muito nova, Anna Retzius fundou uma *Escola gratuita nocturna para o sexo feminino* e bem assim a primeira *Escola de aprendisagem para as creanças pobres*; e, o que é mais extraordinario, é que levou a sua dedicacão a ponto de dirigil-as durante dez annos. Em 1870, auxiliada por algumas senhoras de Stockholmo, instituiu uma agencia para a venda dos trabalhos das pobres envergonhadas, denominando-a *Abelhas*; essa agencia, protegida pela princeza real da Suecia, está hoje em plena prosperidade e muito tem contribuido para elevar o gosto artistico nas obras das mulheres. Anna Hierta Retzius tomou a iniciativa de implantar na Suecia a primeira

Sociedade dos direitos da mulher, tendo por principal objectivo assegurar á mulher, e sobretudo á obreira, a livre disposição da sua fortuna e a propriedade dos fructos do seu trabalho. Mercê d'esta Sociedade, a sua benemerita fundadora logrou que fossem admittidas mulheres nos Concelhos escolares. E ainda mais: creou um premio destinado á melhor obra sobre a educação das meninas. Foi tambem de sua iniciativa que saíram a primeira *Escola mixta commum aos 2 sexos*, a primeira *Escola culinaria*, o primeiro *Refugio para as creanças pobres e moralmente abandonadas*. Muitas outras obras humanitarias se devem a esta generosa reivindicadora do direito dos fracos contra o descarovavel egoismo dos poderosos. Viera-lhe do ativismo materno e paterno essa devoradora sêde de exercer o bem. Bastará recordar que, obedecendo ao desejo manifestado pelo sr. Lars Hierta, seu pae, sua mãe, Vilhelmina Frøeding legou uma somma de 700:000 francos á alta escola de Stockolmo, destinada a crear-se uma cadeira de economia nacional, humanitaria e patriótica: *A' memoria de Lars Hierta*.

GUIOMAR TORREZÃO.



Descrença

(Num album)

Um por um os meus sonhos já voaram
Cantando e rindo pelo espaço afóra,
Emquanto o coração soluça e chora
Lembrando as illusões que não voltaram.

Todas partiram em alado bando,
Deixando o pobre ninho abandonado,
Partiram todas (e nem sei já quando!)
Voando alegres pelo céu nublado.

Deserto o coração, sem ter comsigo
Oasis salutar que seja abrigo,
Nesta de maguas infernal jornada,

Vago sem norte pelo mar da vida,
Vendo na Fé — uma illusão mirrada,
Vendo no Amor — uma illusão perdida.

Maranhão, 21—3—97

Oscar d'Alva.



Seleção

Nunca como em a nossa epocha, foi necessario cultivar a intelligencia das mulheres, transformando-a em uma planta fecunda, susceptivel de produzir pensamentos, inspirações, idéas sensatas, porque tambem entre os homens se manifesta um grande movimento intellectual. Surgiu para elles de subito um sentimento novo; enriqueceram a sua alma de um goso até hoje ignorado: a amisade de uma mulher

CLEMENCIA ROYER.

Não deixarmos nunca, até em as nossas reivindicações e no exercício das profissões viris, de ser mulher, pelo character, pelas maneiras e sobretudo pela toilette, eis o segredo da victoria. Em uma lucta onde carecemos de todas as vantagens, para que havemos de desdenhar esse poderoso auxilio que a natureza nos deu: o encanto?

JOANNA RIVAL

Ha muita gente que censura só para não parecer ignorante. Não sabe que a indulgencia é a prova da mais alta cultura.

CARMEN SYLVA

Como si as mulheres constituissem uma especie á parte, abandonam-as a si mesmas, sem auxilio, sem se lembrarem que ellas compõem a metade do mundo; que se lhe ligam pelas allianças; que ellas fazem a ventura ou a desgraça dos homens, que tanto ambicionam sabel-as rasoaveis; que é para ellas que as casas se edificam ou se destroem; que a educação das creanças lhes está confiada desde o alvorecer da mocidade, epocha em que as impressões são mais vivas e mais profundas.

MADAME DE LAMBERT

O amor materno é a providencia visivel de nossa raça; a sua influencia é constante e universal, e começa com a educação do homem

no principio da vida, prolongando-se durante toda ella por virtude dessa poderosa influencia que a mãe exerce sobre seus filhos; e quando estes, mais tarde, entram no mundo para partilharem os trabalhos, inquietações e provanças, toda a vez que se acham em alguma difficuldade ou soffrem qualquer dor, ainda voltam os olhos para sua mãe, se não para lhe pedirem conselho, ao menos em busca de consolação. Os sentimentos puros e bons que ella incutiu-lhes na infancia, continuam a traduzir-se em obras ainda muito depois que ella desceu au tumulo; e quando só lhes resta a sua memoria, ainda elles elevam seu pensamento até ella.

Póde asseverar-se que a felicidade ou a miseria, as luzes ou a ignorancia, a civilização ou a barbaria do mundo, dependem muito do modo por que a mulher exerce o seu poder no reino da familia. E com effeito, diz Emerson com muita verdade que «as boas mulheres influem poderosamente na civilização».

O infante no regaço de sua mãe apresenta-nos a posteridade; o que elle ha de vir a ser depende essencialmente do ensino e da educação que receber de seu primeiro e mais influente educador.

S. SMILES



Sobre um tumulto

Ai! tão longe de mim dormes agora!
 Não mais te posso á noite acalantar,
 Como fazia, meu filhinho, outr'ora.

Tenho vontade de rasgar a terra
 E de aquecer-te e de cerrar-te ao seio
 Que o mais profundo desespero encerra.

E de joelhos por sobre a terra fria,
 Sem te ver, sem te ouvir, sem te beijar,
 Creio trazer-te uns laivos de alegria...

Quem sabe si extremeces no teu leito,
 Presentindo o ruído de meus passos,
 Adivinhando as ancias de meu peito?

Outro dia, ao sahir do cemiterio,
 Os teus bracinhos via a me acenar
 Numa onda de luz e de mysterio...

E fiquei-me chorando junto á grade,
 Como si fôra ingratidão tremenda
 Deixar-te nesta enorme soledade!

Deixar-te?... Mas tambem aqui não fica
 Minh'alma agoniada, inteira em dor,
 Minh'alma que a tristeza santifica?

De ti nunca se váe meu pensamento!
 Das bordas do sepulchro teu, si foge,
 Procura-te na luz do firmamento...

Procura-te nas sombras do passado
 E te revê formoso, andando, a rir,
 Antes do dia negro e maltadado...

E muita vez, ó desgarrado lyrio,
 Ao affagar os teus irmãos ditosos,
 E's tu que affago e beijo com delirio...

Mas de todos os quadros da lembrança
 O que mais faz meu coração bater
 E' o teu olhar de supplice confiança
 Tão poucas horas antes de morrer!

PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA

Janeiro de 1899.

Carta do Rio

Nunca é tarde para falar de um morto illustre! E' certo que a imprensa brazileira, em geral, tem tratado do illustrado Visconde de Taunay com amoroso respeito e grande admiração! Seriam, pois, dispensaveis as minhas palavras de pezar, se ellas não fossem tão sinceras.

Fala-se em uma estatua para o graude brazileiro. E' uma homenagem justa e merecida.

Tenho em minha estante um livro que adoro, que me delicia o espirito todas as vezes que o folheio e que me causa maior satisfação ainda pela sua côr nacional, pelo seu estylo singelo, de puro brazileirismo. E' a *Innocencia* de Taunay. Ha livros que não ficam velhos, são sempre novos, agradaveis e queridos. Não admira que com os livros aconteça isso, se tambem com as creaturas se observa o mesmo facto. Ha pessoas cuja *verve* é sempre nova e encantadôra; creaturas cujo espirito não envelhece. Bemaventurados, pois, os bons livros como a *Innocencia* e bemaventurados as pessoas que sabem encantar a todos com a eterna presença de seu espirito sempre novo. E' pena que tanto os livros desse theor e as pessoas que possuem taes qualidades sejam tão raras!

O carnaval este anno teve uma nova orientação. Cada arrabalde fez a sua festa, conforme poude e somente na terça-feira a cidade tomou os seus ares festivos e luxuosos para a passagem das tres principaes sociedades carnavalescas.

Assim é que deve ser. Cada bairro deve ter seus clubs e suas sociedades. Nós todos, inconscientemente, gostamos do nosso cantinho. E é por isso que a sociedade do nosso bairro, a gente que comnosco toma diariamente o mesmo bond, que gosa do mesmo panorama, que compra nas mesmas casas, que dança no mesmo salão, nos desperta maior sympathia, embora sejam alheios ás nossas relações de amizade. E' um caso de observação. Eu quando passeio pelos outros arrabaldes, confesso, aprecio immenso a belleza e diversidade das variadas vistas e modernas construcções, mas o intimo prazer, comparavel somente ao encanto de estar em familia, conversando, á noite, em torno á mesa de jantar, na verdadeira e unica felicidade — a tranquillidade do lar — eu só encontro quando tomo o meu bond e venho para estes lados tão saudaveis e tão formosos da incomparavel Tijuca.

Sahir da Tijuca para ir dançar na Gavea; deixar as Larangeiras para ir prosear no Pedregulho são cousas difficeis.

Só muita amizade ou muita vaidiação...

O *Lar Domestico* de Vera Cleser, tem agradado extraordinariamente.

E' um livro util. Suas receitas muito praticas provam bem. Vê-se que a auctora é uma excellente *menagère*. Aconselho a leitura do *Lar Domestico* ás jovens noivas e a todos que se interessam pelo bem estar de suas casas.

Nada mais agradavel do que uma casa confortavel e alegre!

E Vera Cleser ensina, intelligentemente, todos os meios de conservar o encanto do lar.

E' um livro esse que as donas de casa devem estimar muito e os homens, principalmente, os homens devem adoral-o. A mulher que seguir a risca todos os salutaes conselhos de Vera Cleser, fará de seu lar uma especie de paraizo, para o descanso e completa ventura do esposo.

Um sabio allemão acaba de prognosticar que o mundo terá fim no dia 13 de Novembro proximo futuro. Esse vaticinio tem feito mal á muita gente, que anda nervosa e apprehensiva.

A mim... não me abala. Com o genio communicativo e alegre que tenho, confesso que não me

desagradaria este fim tragico e divertido.

Todos juntos, que barafunda, Santo Deus!!

Seria uma verdadeira festa fim de seculo e sobretudo muito original.

O Dr. Cruls affirma que haverá apenas uma notavel chuva de estrellas cadentes.

No dia 14 de Novembro não haverá mais duvidas a respeito e nós teremos então *verificado* qual disse a verdade, se o sabio da Allemanha, se o sabio do Rio de Janeiro.

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS



O primeiro Sorriso

No alvo berço mimoso
feito de vimes trançados,
sobre os folhos rendilhados
do travesseiro sedoso,

o pequenito dormia
qual entre as plumas do ninho
dorme o tenro passarinho
ao findar de um bello dia.

Ao lado a mãe cuidadosa
o brando somno espreitando,
como a rola carinhosa
ao pé do ninho pousando,

fitava o meigo semblante
do anjo seu adorado
qual fita o lirio no prado
a linda estrela brilhante.

E o pequenito dornia
tão ledo... talvez sonhasse,
talvez su' alma vagasse
n'aquelle céu que entrevia.

Leve, leve a mãe cuidadosa
na pura fronte infantil
pousanda a bocca amorosa
estampa um beijo subtil.

Os sonhos vôam, fugindo,
foge á terra o Paraiso;
desperta o anjo sorrindo...
era o primeiro sorriso!

Delminda Silveira



Literatos húngaros

(Notas)

A' Mensageira

Um húngaro, conhecedor da historia literaria de seu paiz, cuidou de fazel-a tambem conhecida de outras nacionalidades que sabem pouco das letras daquelle paiz, apesar do notavel trabalho empreendido ha tempos por M. J. Kont — *A Hungria literaria e scientifica*, e publicado ha quatro annos.

Para tornar daquelle obra um livro de leitura universal, o auctor fel-o no idioma inglez, que é incontestavelmente uma lingua de penetração e de diffusão.

O livro de Emilio Reich (o nome do auctor) é um bom resumo de uma literatura cujas origens se perdem na idade media, porque póde-se fazel-as remontar aos can-

ticos heroicos dos bardos húngaros — os *igrigeczek* e os *hegedösök* — em memoria dos altos feitos de Attila e de Bleda, seu irmão, ambos chefes dos Hunos.

Depois de um capitulo destinado a pôr em evidencia a superioridade, no ponto de vista literario, dos Húngaros, que têm uma lingua original, sobre os Americanos, os Belgas, os Suissos, e algumas outras nações ainda, que não a têm — o auctor faz uma synthese da historia e da constituição politica da Hungria, e demora-se um instante em salientar os traços característicos daquelle povo e de sua lingua.

Assim se exprime o auctor:

«O Magyar assemelha-se muito, de um lado, ao Polaco e de outro ao Hespanhol. O húngaro ama as lendas poeticas; é entusiasta; naturalmente auctor e improvisador; tem uma sensibilidade extrema por tudo que toca a dignidade individual ou social.»

Emilio Reich divide a historia da literatura húngara em quatro periodos. O primeiro, muito pobre de documentos, estende-se da chegada dos Magyares na Hungria até a Reforma e comprehende os annos de 895 a 1520; o segundo — do começo da Reforma á paz de Szathmar, que assignala o estabelecimento definitivo da dominação austriaca, de 1520 a 1711; o terceiro, ou o periodo de “estagnação”,

de 1711 a 1722, o quarto, finalmente, ou a «epoca de desenvolvimento e da florescencia» que ainda não se terminou.

Como produção literaria das mais notaveis do 2.º periodo historico, cita-se uma excellente tradução da Biblia, devida em grande parte a Gaspar Károlyi; e mais — as balladas de Miguel Zrinyi e numerosas produções da poesia popular cujas fontes estão longe de se estancarem ainda no seio do povo; no 3.º periodo, em que a erudição não impediu a decadencia, a theologia e a historia foram os ramos que deram fructos mais notaveis; porém, no fim do seculo XVIII e no começo do seculo XIX produz-se uma renascença vigorosa, sob a influencia immediata dos escriptores francezes, mas, apesar de tudo, puramente, caracteristicamente nacional.

Depois do rompimento da grande polémica entre os classicos, representados por Berszenyi e os românticos por seu campeão A. Kisfaludy, a literatura húngara libertou-se da imitação estrangeira e produziu grandes obras originaes com os poetas epicos — Vörösmarty e Arany; os romancistas — Jösika, Estrós, Kemény, que Emilio Reich compara ao genio de Honoré de Balzac; Jókai, cujas obras foram vertidas em francez, e Coloman Mikszáth, que relembra, em

seu genero, o americano Bret Harte; o critico Bajza; os poetas dramaticos — Szigligeti, Madách e Csiky, cujos dramas são dignos de ser conhecidos em qualquer parte do mundo civilisado, que os ignora inteiramente e, finalmente, o illustre Petofi, cuja gloria se espalhou até fóra de seu paiz, como a verdadeira encarnação do genio poetico da Hungria. Elle é, por assim dizer, o paé de uma linhagem de poetas lyricos contemporaneos, que, por seu ardor e talento, testemunham a vitalidade e o futuro literario do povo hungaro.

Está conforme o original.

ELMANO DO VAL



Dois Oasis

A Presciana Duarte

Ha dois oasis no deserto extenso
Da nossa vida, onde se apagam dôres:
Um, tem fontes e sombras e fulgores
Outro, o dormir no seio bom do Immenso.

— Queimaste os pés n'esse brazeiro intenso?
Morres de sede? Um diz, tens agua e flôres
Bebe! Revive! Esquece os amargores...
Eu sou o Amor, que a desventura venço.

E o outro diz com voz sonora e calma:
— Cançaste? Vem! desprende o pensamento
Deixa-o voar nas azas brancas d'alma,

Acolhe-te a meu seio, e n'um momento
Um somno dormirás que a angustia acalma.
Eu sou a Morte, eu sou o esquecimento.

Adelina Lopes Vieira

Maria Clara da Cunha Santos

1891.

Dois livros

(Ida Baccini)

(Do *Jornal d'uma joven esposa*)

Ha quatro annos sobre a minha mesinha cheia, como sempre, de notas e de cadernos, estava um velho livro de capa escura que tinha o titulo um pouco mystico de "Jardim Espiritual".

Era o livro de orações de que, desde mocinha, se servia minha mãe.

Aquelle livro a tinha acompanhado aos pés do altar, entre as alegrias da maternidade, entre as dores da vida; aquelle livro foi o seu conforto, o seu auxilio, o seu guia fiel; e quando os soffrimentos da idade não lhe permittirão mais frequentar a igreja, ella passava horas e horas no meu gabinetezinho, desfolhando as paginas do seu livro querido.

E enquanto eu ideava historias, fabulas, novellas, esbocetos, scenas, destinado tudo á dar-me um pouco de nome e um pouco de dinheiro, ella se entretinha serenamente com Deus, e lhe recommendava a doce e laboriosa filha.

Quando aquella alva cabeça desapareceu para sempre, o velho livro ficou. Ficou entre as elegantes e mimosas edições, entre as alegres gravuras dos jornaes illustrados, entre os papeis cheios de notas, de desenhos e de esboços.

E a vista daquelle livro me salvou em pensar ou escrever cousa que não fosse alta e honesta.

Hoje um vivo menino alegre com suas graças infantis a casa solitaria; hoje um elegante livrinho branco, pousa sobre a minha mesinha ao lado do velho livro de capa escura.

Aquelle livrinho branco é o syllabario. Aquelle livrinho branco é a esperança.

Oh minha santa mãe! Reza, para que o ultimo livro em que pousarem os olhos cançados de meu filho, o encontrem puro, amoroso e bom, como o encontrão, hoje, as grandes vogaes e as rudes imagens pintadas do candido syllabario.

Traducção do italiano.

ADOLPHO MALEVOLTI



Depois da batalha

Eil-o, triste e de pé, de sua tenda á porta.
Na planicie cessou o fragor da batalha,
E o silencio, por sobre essa paizagem morta,
Deixa agora cahir a pesada mortalha.

Espraia o olhar, e nada o seu olhar conforta:
Corre o sangue; do fumo esgarça-se a toalha;
O ar, um corvo, estendendo as azas negras, corta;
Por tudo uma tristeza infinita se espalha ...

De subito, o guerreiro, attento, a face inclina
Para o lado em que, doce e piedosa, tu desces,
Morte, sobre o soffrer a tua aza divina!

Qual se, de longe, um triste e confuso ruido
De resfolegos e ais, de blasphemias e preces,
Lhe viesse ferir subitamente o ouvido ...

Julia Cortines



Desolada

Beijando a cruz de rutilo rosario,
Clotilde resa uma oração fitando
O vulto de Maria no sacrario . . .

Dos bellos olhos vem se deslisando
Um rosario de lagrimas luzentes,
Que cahe sobre seu collo se entornando.

Na posição que tomam os penitentes
(Joelhos em terra, mãos entrelaçadas),
Envia á Virgem supplicas ardentes.

De pungente amargura repassadas
São as phrases, que, triste, balbucia
Com o fervor das almas desoladas.

Pede á clemente e divinal Maria,
Testemunha da dor que a dilacera,
O balsamo que as magoas lhe allivia.

Supplica, resa, e soluçando espera,
Fitando sempre o augusto santuario,
A protecção da santa que venera.

Beijando a cruz de rutilo rosario,
Clotilde pensa que tardar não deve
O remedio que abrande seu fadario.

Beija a cruz do rosario e não se atreve
Beijar tambem a cruz que lhe foi dada . . .
Acha a que tem na mão peqñena e leve
E a que carrega por demais . . . pesada.

EDUVIGES R. DE SÁ PEREIRA



Notas pequenas

Eduviges de Sá Pereira. — Desta distincta poetisa publicamos hoje um formoso trabalho que nos foi gentilmente enviado por Bellar-

mino Carneiro, o denodado jornalista que tanto brilho e vigor tem dado á redacção do *Paiz*. O illustre homem de letras assim se exprime sobre a joven cultora das musas:

«A poetisa é quasi uma creança ainda; entretanto a sua intelligencia revela-se possante e vivissima nesses e outros bellos versos em que a espontaneidade suppre falhas de labor e de arte.

E' natural de Pernambuco e irman do Dr. Virgilio de Sá Pereira, delegado na capital da União, jornalista vigoroso e poeta.»

Escola de pharmacia. — Com toda a imponencia realisou-se nesta capital, a 13 de Fevereiro proximo passado, a installação da *Escola Livre de Pharmacia*, fundada por iniciativa do abalisado clinico Dr. Braulio Gomes.

Um dos nobres fins a que se destina a *Escola de Pharmacia* é diplomar mulheres, formar pharmaceuticas, conforme expoz no seu discurso inaugural o seu illustre director Dr. Braulio Gomes, acrescentando que «*é tempo de dilatar-mos os horisontes para a actividade da mulher: dar-lhes profissões mais liberaes, mais intellectuaes, mais e melhores elementos para a lucta da vida*».

Fazer com que seus alumnos se dediquem ao estudo da nossa rica flora, formar botanicos, formar cli-

nicos, são também os grandes intuitos da *Escola de Pharmacia*, que certamente deixará um marco miliario na senda do progresso brasileiro.

A' installação do futuro estabelecimento de ensino compareceram as pessoas mais gradas da sociedade paulistana, tendo sido presidida a sessão pelo C.^{el} Fernando Prestes, illustre presidente do Estado.

Além do D.^r Braulio Gomes, fizeram brilhantes allocuções os D.^{rs} Amancio de Carvalho, Valeriano de Souza e Candido Motta.

Damos os mais sinceros applausos ao D.^r Braulio Gomes, que mais uma vez poz em evidencia sua grandeza moral, seus altos dotes de coração e de espirito, e cujo nome se acha para sempre vinculado á *Maternidade* de S. Paulo; e fazemos votos para que da *Escola de Pharmacia* só saíam diplomadas senhoras que honrem em todos os sentidos o nome da mulher brasileira.

«A *Escola* está situada á Ladeira de Santa Iphigenia, nos dois pavimentos do predio numero 1, assim dividido; no primeiro acham-se a secretaria, uma sala de aulas e os gabinetes de chimica analytica e toxicologica, de chimica inorganica e mineralogica, de chimica organica e biologica, e de materia medica; no segundo a sala da con-

gregação, duas salas com amphitheatro para aulas theoricas, e os gabinetes de physica, botanica, anatomia, zoologia e geologia, etc.

As materias estudadas na escola acham-se assim divididas:

Primeira Serie

1.^a cadeira — Physica, lente José Eduardo Macedo Soares.

2.^a cadeira — Chimica inorganica, mineralogia e hydrologia, lente dr. Edmundo Xavier.

3.^a cadeira — Botanica (primeira parte) e noções de geologia, lente Christovam Buarque de Hollanda. Lente substituto o sr. Jorge de Moraes Barros.

Segunda Serie

1.^a cadeira — Chimica organica e biologica, lente Pedro Baptista de Andrade.

2.^a cadeira — Zoologia e noções de anatomia e physiologia, lente dr. Odilon Goulart.

3.^a cadeira — Botanica, especialmente a brasileira, lente Alberto Löfgren. Lentes substitutos; dr. Canuto Val, Ignacio Puiggari, Joaquim Rodrigues de Andrade.

Terceira Serie

1.^a cadeira — Chimica analytica e toxicologica, lente José Frederico de Horba.

2.^a cadeira — Pharmacia theorica e pratica, lente J. F. Meira de Vasconcellos.

3.^a cadeira — *Materia medica* e noções de *therapeutica*, lente dr. Victor Godinho. Lentes substitutos: dr. Claudio de Souza Jun., João Baptista Rocha, Alfredo Augusto da Silva.

Quarta Serie

1.^a cadeira — *Chimica industrial* com applicações a *pharmacia*, lente dr. Arthur de Mendouça.

2.^a cadeira — *Hygiene* e elementos de *bacteriologia*, lente Luiz M. Pinto de Queiroz.

3.^a cadeira — *Historia* e *legislação pharmaceutica*, lente dr. Aman-de Carvalho. Lentes substitutos: dr. José Bonilha de Toledo e Americo Braziliense Filho.

A directoria fica a cargo do dr. Braulio Gomes.

O curso pharmaceutico é dividido em tres séries, comprehendendo 9 cadeiras; o curso do bacharelado comprehende além das materias das 3 séries, mais uma quarte série.

Devido ao generoso donativo dos commerciantes srs. F. Baruel & C., os gabinetes de *pharmacia* e *chimica* possuem todo o material preciso, taes como: um magnifico forno de terra refractaria dentro a profusão de tubos de ensaio e graduados, mátrazes, balões, retortas, crystallisadores, apparatus de decantação, provetes, tubos de segurança, capsulas, etc.»

Æ Mensageira

Recebemos o n.º 24 da *Mensageira* revista litteraria dedicada á mulher brasileira de que é redactora D. Presciliana de Almeida. Com este numero completa a revista o seu primeiro anno, pelo que torna-se credora de todo o louvor a sua redactora e as suas auxiliares, que tanto se têm esforçado e têm conseguido agralar pela variedade e interesse dos trabalhos publicados em prosa e verso. Esta revista é um esforço digno de applauso.

(Do *Jornal do Commercio*, do Rio)

— Com o n. 24, completou o seu primeiro anno de existencia a *Mensageira*, revista litteraria dedicada á mulher brasileira, que se publica nesta capital, sob a habil direcção de d. Presciliana Duarte.

Na sua curta existencia, a *Mensageira* já conseguiu captar as sympathias do nosso publico legente, não só pelo seu fim, como pelo cuidado com que é redigida.

Felicitemos a *Mensageira*, desejando que possa, por muitos annos ainda, festejar seu anniversario.

(Do *Commercio de S. Paulo*.)



São Paulo

15 de Abril de 1899

Anno II, N. 27

A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brasileira

Directora — Presciliana Duarte de Almeida

Publica-se no dia 15 de cada mez

Pagamento adiantado	Preço da assignatura, 12\$000 por anno Endereço: Rua de Sta. Iphigenia, N. 57.	Numero avulso Rs. 1\$000
------------------------	---	-----------------------------



MME. DREYFUS

Summario: — M.^{me} Dreyfus; — Recordação Fatal, soneto, Narcisa Amalia; — Tio Job, conto, Ridelina Ferreira; — Excelsa Gloria, poesia, Silvio de Almeida; — Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos; — Riso pungente, soneto, Aurea Pires; — La tombe et la Rose, Nelson de Senna; — Sobre ruínas, poesia, Carvalho Aranha; — A Moda, Ecila Worms; — Ultimo Desejo, poesia, Helena de Viveiros; — Selecção; — Constante, poesia, Presciliana Duarte de Almeida; — Isa, poemetos em prosa, Eurico de Goes; Notas pequenas.

Mme. Dreyfus

Verdadeiro typo de esposa, acompanhando com heroísmo e devotamente todo o prolongado martyrio do companheiro amado, M.^{me} Dreyfus tornou-se de ha muito o alvo de uma grande sympathia universal! E de outro modo não poderia ser: M.^{me} Dreyfus, como aquella nobre Gertrudes Von der Wart, suavisa com o seu grande amor o infernal supplicio do condemnado da Ilha do Diabo e, tendo-lhe sido facultado o direito de desligar do seu o infamado nome do marido, M.^{me} Dreyfus, com a altivez e a elevação do seu immenso affecto declarou que para sempre conservaria o nome do esposo extremecido. Nobre dedicação! bello desprendimento! que mais uma vez vem provar que «as desgraças são a pedra de toque do casamento», conforme o dizer de um grande moralista.

A nós mulheres, a nós principalmente attrahe e impressiona a personalidade desta mulher eminente, tão dignamente soffredora, encerrando no seu coração todas as amarguras dessa enorme tragedia que se tem desenrolado na vida de Dreyfus.

Pudessem os nossos corações influir no novo inquerito que vae abrir a Côrte de Cassação sobre o capitão Dreyfus, e provada seria a sua innocencia... e certa seria a sua victoria...



Recordação Fatal

Destende essa mimosa envergadura,
Verso! Leve, transpondo os altos montes,
Sóbe! Assombra-te acaso a terra impura?
Mergulha, inteiro, nas celestes fontes!

Anima-te! Esvoaça! Olvida a escura
Gehena! Choradas lagrimas não contes...
— Porque prantos cantar, se é em festa a altura?
— Se ha, bengali, rosaes nos horisontes?

Mas — ai! triste galé! — quer o poema
De amor dos sóes surpresas, quer a casta
Rola por tua voz soluce e gema,

Será comtigo a lugubre, a nefasta
Recordação, que arrasto como a ema
A aza partida pelo campo arrasta.

Narcisa Amalia



O Tio Job

A Maria Clara da Cunha Santos

Conheci o Tio Job em uma fazenda onde eu costumava passar a estação calmosa. Deveria ter os seus noventa annos bem puxados, a julgar pela cabeça completamente branca, contrastando singularmente com a pelle preta e encarquilhada, e a regularmo-nos pelo dictado: — «negro quando pinta, tem tres vezes trinta.» Mal despontava o dia era elle o primeiro que se levantava da enxerga e tropego, curvado, com os olhos quasi sem luz, lá ia limpar a séva, levar o alimento aos porcos, varrer os arredores da casa, fazer emfim mil servicinhos, de sorte que quando os outros appareciam, já havia elle trabalhado bem. Ganhava menor salario que os companheiros porque, diziam, era um preto muito velho que estava ali mais por caridade que outra cousa, porém o certo é que fazia tanto como os outros e ás vezes mais.

Chamavam-no para aqui, para ali a todo momento, e elle sempre attento a tudo e a todos. Si havia café no terreiro, elle ia passar o rôdo fazendo aquelles caminhos tão certinhos e que tão bello aspecto lhe dão...

Si trabalhavam no engenho de canna, era elle quem ia carregar para fóra o bagaço amontoado.

Era elle ainda que ia procurar a lenha que faltava na cozinha, que ia regar a horta, o jardim, e assim não *prestando para cousa alguma*, não tendo realmente nenhum serviço certo, fazia todo e de todos. Diziam-no feiticeiro e por isso não era estimado.

Chamavam-no hypocrita, fingido, e outros suppunham-no maluco porque elle vivia resmoneando umas palavras inintelligiveis e persignando-se a todo momento.

Pobre Tio Job! Elle que não fazia mal a ninguem e trabalhava tanto!

Bebia o seu bocadinho, lá isto era verdade, mas raramente; só quando recebia o seu salario e ia então comprar fumo para seu cachimbo, unico amigo que se lhe conhecia.

Mas a sua embriaguez era, geralmente, pacata, e si uma ou outra vez ficava fóra de si e não aturava com a costumada paciencia dos outros dias os dictos e implicancias de seus companheiros era porque então mais grotesco ficava o pobre velho e maiores eram as judiarias com que o perseguiam.

Lembro-me de uma noute em que elle tinha voltado tonto da venda e fóra *aqueitar fogo* junto a uma fogueira de cascas de feijão batido n'esse dia.

A sua figura, com aquelle rosto

muito preto fazendo mil momices, sentado junto ás chammas que crepitavam ruidosamente illuminando-o com uma luz avermelhada, parecia mesmo a de um d'esses feiticeiros condemnados a perecerem queimados.

Os outros que cercavam tambem a fogueira principiaram então a atormental-o e um dizia:

— Eh! Tio Job! estamos com vontade de jogar-te ahi dentro para ver-te dançar um pouco. Mais adiante dizia alguém:

— Não sei quando queres largar a pelle, só assim nossos filhos não terão máo olhado.

— Nem nossa criação terá peste, accrescentava outro, que tudo isto é arte d'este velho feiticeiro.

O negro, entretanto, persignando-se e resmungando baixinho parecia nem ouvir o que lhe diziam... Então um dos do grupo apanhou uma palhinha incendiada e atirou-lh'a.

Ahi, o pobre velho zangou-se de veras e levantando-se tão lesta-mente quanto lhe era possível, ameaçava com um páo aos que o atormentavam e desandou tremenda descompostura, não escolhendo os termos com que invectivava os seus perseguidores, inteiramente inconsciente pela raiva e pela aguardente que bebera.

Chegava á janella justamente n'esse momento, o dono da casa

e ouvindo o que dizia o negro n'aquella brutal linguagem, pegou de um chicote e dispunha-se por meio da ameaça ou talvez mesmo de alguma lambada, a fazel-o recolher-se.

Eu, que tudo presenciára da janella, tive um impeto de revolta vendo que o pobre do Tio Job ia ser talvez castigado, sendo entretanto menos culpado que os outros, e não pude conter-me que não dissesse:

— Não o castigueis, é tão velho e está bebado...

— E' mesmo por estar bebado, respondeu-me o fazendeiro, bebe, bebe, e depois vem para cá fazer disparates e dizer palavradas.

Eu sabia que o negro gostava de mim porque eu dava-lhe nickeis, pontas de charuto, que ajuntava dos fumantes da casa, e fazia-lhe gorros de chitas vistosas; assim fiada na sympathia e respeito que lhe inspirava, pedi que me deixassem ir ter com elle e acalmal-o. Desci rapidamente as escadas e, uma vez em baixo, vi que o Tio Job, completamente só, pois seus companheiros ouvindo a voz do patrão tinham se eclipsado, estava pocco e nem sabia si o ouviam ou não.

Confesso que tive meu medo quando o vi n'aquelle estado, pois eu mesma tinha minhas duvidas sobre a integridade da sua razão,

mórmente n'aquelle momento, mas o passo estava dado e cumpria ir avante.

Andando um pouco mais sem comtudo acercar-me muito d'elle, gritei: Tio Job! Tio Job!

A principio não me ouviu continuando a gritar e a gesticular, mas depois como eu continuasse a chamal-o, reconheceu minha voz, e calou-se immediatamente encaminhando-se para meu lado.

Eu esperava-o entre receiosa e compadecida, então elle cahio n'aquella sensibilidade muito commum a certos ebrios, — o pranto — e eu aproveitei para fallar-lhe com doçura e obrigar-o a recolher-se tranquillo ao seu quarto, o que consegui sem difficuldade.

Quando voltei disse-me o dono da casa:

— A senhora fez mal, este negro quando bebe é muito atrevido, além de que é meio maluco, podia fazer-lhe alguma.

— E' verdade, repliquei, mas levada pela piedade não reflecti; entretanto não me arrependo porque me sahi bem.

Tratámos de outros assumptos e no dia seguinte lá estava o Tio Job no seu serviço, persignando-se e resmoneando as taes palavras inintelligiveis. Passaram-se alguns dias.

Uma tarde passeiava eu pelos

arredores da casa, quando ouvi que alguém *fazia milho* no paiol.

Tendo-se quebrado o debulhador havia sido preciso, para acudir ás necessidades urgentes da fazenda, soccar uma centena de espigas dentro de uma barrica, operação essa a que chamam — *fazer milho* — e que por ser um serviço imprevisto era executado, já se sabe, pelo páo de toda obra — o Tio Job. Entrei no paiol afim de apreciar esse curioso meio de apromptar-se em pouco tempo alguns alqueires de milho debulhado, e para não ficar inactiva comecei a descascar as espigas que ia jogando na barrica onde o negro soccava com uma pesada mão de pilão.

O Tio Job parecia-me n'esse dia menos *abuado* como o chamavam quando fazia muita macaquice, e eu ouvia de bom grado as historias que todo veluo sempre tem para contar qualquer que fosse a sua condição ou instrucção. Elle explicava-me como se preparava o café antes de serem inventados esses machanismos, dizia-me como eram os engenhos, as senzalas, os costumes; fallava-me da escravidão, dos filhos que nunca mais vira e da filha unica que tivera e que agora só o procurava para extorquir-lhe os parcos vintens que ganhava.

«Mas, accrescentava elle, esta fi-

lha pôde fazer de mim o que quiser porque eu a estimo mais que a vida; criei-a eu só desde a idade de seis mezes, foi sempre cuidada só' pôr mim e separei-me d'ella sómente quando a vi casada.» — E... a mãe? perguntei.

«A mãe? não sei, talvez tenha morrido, talvez viva por ahi, o que sei é que soffri muito por causa d'ella e até hoje ainda soffro.»

Eu estava n'este dia disposta a ouvir as arengas do Tio Job, e percebendo que algo de triste escondia elle n'aquellas meias palavras acerca da mãe da filha tão querida, e ainda mais notando com que amargura fallava, propuz-me conhecer a tal historia.

Com mil rodeios, consegui que elle me contasse o que se segue e que eu quizera poder reproduzir com a mesma linguagem simples e eloquente do pobre preto:

« — Minha companheira, sinhá-zinhá, era uma mulata muito bonita e trabalhadeira como nenhuma. Não andava na roça, não, que sinhá não queria, era engommadeira da casa, e muito querida de todos por ser attentiosa e obediente.

« Nunca eu voltava de meu trabalho que ella não me desse algum doce, alguma comida boa que as *sinhâmoças* lhe davam, e que ella guardava para mim sabendo que eu só tinha feijão e

« angú para comer. Viviamos felizes porque nem sinhô nem sinhá eram mãos, e trabalhando uns dias mais, uns dias menos, lá iamos vivendo sem queixa do captiveiro.

« Um dia voltava eu bastante cansado da roça, quando veio ao meu encontro um moleque que era o copeiro e disse-me:

« Sabe, Tio Job, a Balbina vai amanhã para a Côrte criar um filho d'aquelle irmão de sinhô que aqui esteve o anno passado. Eu nem ouvi o resto do que dizia o moleque; sem me lembrar que podia apanhar algumas chicotadas do feitor, por ter sahido da fórmula, fui correndo para a cosinha onde encontrei a minha companheira muito triste e chorosa.

« Eu, tremendo que nem podia perguntei: é verdade Balbina o que me disse o Justino agora mesmo? é mesmo verdade que vão te mandar d'aqui?

« — Sim, Job, respondeu-me ella, o irmão de sinhô escreveu hoje uma carta pedindo uma ameforte e de bom genio para criar um filho, porque a mulher estava doente e não podia, então sinhô disse logo:

« Vai a Balbina que tem leite de tres mezes, é forte e tem bom genio; sinhá perguntou si nossa filha ia tambem, mas então elle

« respondeu que não, que o irmão
« não queria ama com filho, que
« a criança qualquer outra ahi cri-
« aria e que eu é que devia ir
« porque era a unica que não tinha
« mais filhos pequenos.

« Ah Job! eu estava engom-
« mando na saleta e ouvi tudo; o
« ferro cahiu-me das mãos e eu
« comecei a chorar muito, então
« sinhá e sinhô vieram e disseram
« que haviam de olhar para nossa
« filha, que eu ia ser muito bem
« tratada, que era por um anno só
« e que talvez até me dessem a
« liberdade. Prometteram-me mais
« pedir ao irmão para dar-me uma
« mesada e foi com esta última
« promessa que resignei-me a dei-
« xar-to, pois eu penso que pode-
« rei ajuntar dinheiro para com-
« prar a tua liberdade, no caso da
« minha me ser dada.

« Fiquei como pateta. sinházinha,
« a olhar para Balbina que, ape-
« zar de chorosa ao contar-me tudo
« isso, parecia-me mais consolada
« do que na realidade mostrava e
« não sei que senti então dentro
« de mim, si era dôr, si era raiva.

« Muito tempo estive em pé sem
« saber que resolução tomar, de-
« pois corri aos pés de sinhô e ro-
« guei, e suppliquei que não me
« separasse de Balbina, da mãe de
« minha filhinha que só tinha tres
« mezes de idade, fiz tudo que meu
« coração pedia n'essa hora horro-

« rosa. Meu sonhor disse-me as
« mesmas cousas que já dissera á
« Balbina, mas eu não attendia a
« cousa alguma, amaldiçoava o ca-
« ptiveiro, amaldiçoava a vida, e até
« cheguei a desrespeitar sinhô que,
« ameaçando-me com um relho,
« disse que si eu fallasse mais
« uma só palavra metter-me-hia no
« tronco até que Balbina tivesse
« partido e eu não a veria mais.

« Ouvindo isto, calei-me e cor-
« rendo para minha senzala ahi
« fiquei a chorar, beijando minha
« filha.

« As nove horas tocou silencio
« e pouco depois chegou Balbina
« que sentando-se ao meu lado
« procurava consolar-me e dar-me
« coragem dizendo que um anno
« passava depressa, e pedindo-me
« para cuidar da pequena.

« Depois levantou-se e começou
« de arrumar n'uma trouxinha umas
« roupas que sinhá lhe dera para
« que ella apparecesse mais direi-
« tinha lá na Côrte. Emquanto
« fazia esses arranjos dizia-me que
« ia criar a filha de ontro sim,
« mas que esse sacrificio seria bem
« recompensado pois certamente
« ganharia a liberdade e meios de
« obter a minha, e fallava tão cal-
« ma... tão calma...

« Eu olhava-a calado, sentado na
« minha tarimba, e cada vez fica-
« va mais triste vendo o quanto

« estava ella resignada com a par-
« tida.

« Emfim n'uma mortal tristeza
« passaram-se as horas d'esta noute,
« e quando eu ouvi tocar a sineta
« para nos levantarmos e lembrei-
« me que era hora de Balbina
« apromptar-se para seguir viagem
« com um empregado da fazenda
« que ia acompanhal-a, agarrei-me
« com ella pedindo-lhe que não
« fosse, que talvez si ella mos-
« trasse má vontade não a obri-
« gassem a partir. Mas qual, si-
« nházinha, Balbina respondeu que
« era captiva, que tinha obrigação
« de obedecer, e não sei quanta
« cousa mais, mas eu bem que via
« que ella estava com curiosidade
« de ver a Côrte e por isso mos-
« trava-se tão resignada.

« Emquanto eu estava n'esta af-
« flicação, veio o empregado bus-
« cal-a e ella então pareceu ficar
« realmente triste e começou a cho-
« rar quando beijou a filha que
« dormia socegradamente, e depois
« de abraçar-me sahio correndo por-
« que sinhô já gritava da varanda
« que não se demorassem pois era
« tarde e poderiam perder o trem.

« Eu fiquei sem poder mexer-me
« de onde estava, parecia que meus
« pés estavam pregados ao chão e
« fiquei estupidamente a olhar para
« a porta da senzala. Ouvi então o
« barulho do trolly e vi-o passar
« defronte da minha porta levando

« dentro d'elle o empregado de si-
« nhô e Balbina, a minha querida
« companheira.

« Ahi, eu senti uma cousa na
« cabeça como si tivesse levado uma
« paulada, tudo andava á roda, eu
« via dançar diante de mim a ta-
« rimba, a senzala, minha filha, tudo,
« tudo, e cahi no chão.

« Quando voltei a mim estava
« n'uma casa muito bonita que eu
« nunca tinha visto e não conhecia
« ninguem ahi; comecei a reparar
« e vi uma porção de homens que
« diziam e faziam tanta tolice que
« pareciam doudos.

« Quiz sahir e não me deixaram,
« disseram-se que eu tinha vindo
« para ali doente e não podia sahir
« sem ordem do medico.

« A' tardinha, veio um homem
« todo vestido de preto a quem cha-
« mavam — doutor — então eu fui
« pedir-lhe que me mandasse para
« casa de meu sinhô, que eu queria
« ver minha companheira e minha
« filha.

« O doutor respondeu-me que eu
« tinha estado muito mal e que só
« poderia sahir d'ahi a oito dias, e
« que ia escrever a sinhô para man-
« dar buscar-me.

« Tive ainda de ficar oito dias
« n'essa casa que mais parecia uma
« prisão, e no fim d'esse tempo veio
« o trolly da fazenda para levar-me
« d'ahi porque eu estava muito fraco
« e não podia andar muito.

«Chegando em casa sinhô chamou-me e disse:

«— Tio Job, você esteve bastante doente; ha tres mezes que está fóra d'aqui tratando-se, mas agora está bom e dentro de alguns dias poderá tomar conta do trabalho.

«— E Balbina, sinhô, como vai?

«— Balbina vai bem, está contente; já vê você que não valia a pena ter feito aquelle escarcéo quando ella partio.

«A estas palavras — quando ella partio — foi como si tivessem arrancado alguma cousa que ainda me pesava na cabeça, e eu lembrei-me então da separação a que tinha sido obrigado, lembrei-me de tudo como si tivesse acontecido na vespera, e comprehendí que a molestia que eu tivera fóra por causa d'aquillo.

«Cahi a chorar muito, muito, pois quando eu chegára pensava ainda que ia ver a minha Balbina, sem me lembrar absolutamente do que tinha acontecido.

«Sinhô ficou com pena de mim e disse:

«— Vái, vái ver tua filha que está bem espertinha e tem sido cuidada mesmo por tua senhora.

«Desde esse dia, nunca mais deixei minha filha sinão nas horas em que eu tinha de ir para a roça e isto mesmo emquanto era

«muito pequenina, porque depois até ahi eu a levava, e ella foi se criando bem assim mesmo sem a mãe que... que nunca mais voltou.»

Interrompi pela primeira vez a triste narração do Tio Job, narração que eu ouvira com os olhos marejados de lagrimas e perguntei-lhe:

— E da Balbina que foi feito?

«Não sei si morreu, respondeu o negro, não sei si foi vendida para mais longe, não sei nada; talvez que tivesse ficado livre e não quizesse deixar mais a Côrte para viver na roça perto do Tio Job....

«Quando eu perguntava por ella me diziam:

«— Vai bem, vai bem, cuida da tua vida que ella tambem está cuidando da sua, e eu ficava triste... triste... e por fim não perguntei mais nada.

«O tempo foi passando, sinhá morreu, sinhô morreu, a fazenda foi vendida, depois veio a liberdade, nós fomos uns para um lado outros para outro e eu nunca mais soube d'ella.

«Minha filha está ahi quasi velha, com filhos já grandes e eu nunca mais vi Balbina.

«E até hoje pela volta da lua, ainda soffro por causa d'aquella doença que me levou á casa grande — a cabeça anda á roda,

«e eu vejo minha filha pequenina
«n'uma tarimba, e Balbina cho-
«rando passar n'um trolley ao lado
«do empregado de sinhô.

«Então eu rezo, rezo e benzo-me
«muitas vezes para afugentar os
«espíritos que vêm atormentar-me,
«porque Balbina já deve ter mor-
«rido, minha filha é quasi velha!

Levantei-me e encarei aquelle
martyr, victima dos horrores da
escravidão. Só então eu compre-
hendia porque elle murmurava e
persignava-se mais quando o dizi-
am *aluado*. Só então eu compre-
hendia que o desgraçado estivera
doudo trez mezes em consequencia
do choque que soffrera.

Sahi do paiol com o coração
apertado e d'ahi em diante mais
piedado me inspirava o Tio Job,
mais meigamente eu lhe fallava,
principalmente quando o via per-
signando-se e ouvia-o murmurar
as taes palavras inintelligiveis das
quaes só eu agora sabia a signifi-
cação!!...

Fazenda S. João da Barra, 20 de
Março de 1899.

RIDELINA FERREIRA



Carta do Rio

Março é o mez das almas reli-
giosas, das creaturas idealitas, que
acreditam nas preces, confiam nas
orações e sonham com a vida
eterna. E' o mez de S. José, o
casto esposo da Virgem Maria, o
santo protector dos bem casados.
Muitas familias piedosas celebram
o mez de S. José, rezando todos
os dias ou todas as noites ora-
ções apropriadas para cada dia do
mez de Março. A vida do grande
santo é estudada sob todos os as-
pectos por escriptores sacros de
real merecimento. E' uma devo-
ção salutar que fortifica e retem-
pêra a alma, dando-lhe fé e cora-
gem para soffrer os rudes golpes
da adversidade.

Desde creança acostumei-me a
ver minha querida mãe rezar este
mez com particular devoção.

Muitas pessoas sem fé e sem
religião não acreditam na efficacia
desta pratica tão simples e tão con-
fortativa. Eu creio, felizmente.

Para pensar que S. José não
existio, que não foi um santo vir-
tuosissimo, que não foi o guarda
fiel da sagrada mãe de Deus, que
não foi o protector dos fracos e
dos desamparados, era preciso não
crer na Biblia, não crer na Igreja,
não crer na virtude, não crer em
Deus!

O que me admira ás vezes é esta flagrante contradicção que tenho observado: ha pessoas que duvidam até da existencia do grande santo e acreditam entretanto que existio Plutarcho, Homéro, Socrates, Nero e uma infinidade de creaturas, umas boas, outras más, umas dignas, outras abjectas, mas que dellas todas temos noticias, unicamente, pelos livros que ficaram, e pela Historia que é o attestado da vida do passado. A crer nos sabios devemos crer nos santos. E' racional o meu argumento.

O Dr. Moncorvo Filho communicou á Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro a creação, sob sua iniciativa e com o auxilio poderoso da imprensa e de um grupo de cidadãos caritativos, do Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia.

E' inutil encarecer a utilidade deste piedoso Instituto. E' uma necessidade e um dever que todos temos de amparar e proteger, na medida de nossas forças, as creanças desventuradas, sem tecto, sem pão, sem conforto e sem carinho.

O nome do illustre Dr. Moncorvo Filho ficará d'ora avante gravado em todos os corações sensíveis e amorosos. Que a ideia flo-

resça e encontre o apoio indispensavel por parte da imprensa e das pessoas ricas é o que desejo sinceramente.

«Puerilidades de um Macrobio» é o titulo do decimo quinto livro de versos do Padre Corrêa de Almeida. Os versos quasi todos satyricos, são bem medidos e interessantes. O Padre Corrêa de Almeida abre seu livro com este pensamento de Nicoláo Tolentino:

«Querem saber quem é velho?
E' velho quem o parece.»

Isto justifica perfeitamente a posição do laborioso poeta, que sendo já adiantado em annos, conserva todavia o espirito novo e são, alegre e jocoso, prompto sempre para critica fina e delicada, que sem offender a pessoa alguma, mostra o comico de muitos acontecimentos e de muitos personagens.

E' um livro interessante, cuja leitura amena e desopilante, provoca, por vezes, gostosas risadas.

Na Igreja do Senhor Bom Jesus do Calvario está exposto um quadro extraordinario, cuja belleza surpreendente arrebatada e commove. E' a ceia do Senhor, o conhecido quadro de Leonardo de Vinci. Jesus e os Apostolos estão

representados em tamanho natural. Ha muita vida e muito movimento nesse quadro.

As figuras parece que fallam, a conSPIração dos Apostolos é patente e Jesus, o doce e meigo Jesus, tem nos labios um sorriso de resignação e nos olhos uns lampejos de bondade.

Ao fundo da tela vê-se Jerusalem n'uma onda de luz sonora e triste. Ha nesse grande quadro todas as regras technicas da pintura e toda a verdade e sentimento indispensaveis em uma obra de Arte.

31 — Março — 1899.

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS



Riso pungente

Ah! Não te rias, que teu riso abala
Todas as fibras de minh'alma ardente!
Ella se estorce convulsivamente,
Das grandes maguas percorrendo a escala!

Como o violino que soluça e falla
E geme e grita apaixonadamente,
Sob os dedos do artista intelligente,
Enthusiasmado n'um salão de gala!...

Se ouve a risada limpida e sonora
Dos labios teus, ella estremece e chora,
Como o violino sob as mãos do artista!

Minh'alma é fraca, timida e sensivel!...
Cesse o teu riso — este martyrio incrível!
Que outra mais forte talvez não resista!

28 — 3 — 1899.

Aurea Pires



Excelsa gloria

Era um poeta lyrico espontaneo;
Mas, velho e entanguecido para os gosos,
Não mais accordes ternos dedilhava:
Só no alaúde tremulo chorava
Os tempos da Fortuna mais mimosos.

Tinha um aspeito grave e melancholico,
Uma expressão suave de desgosto,
Como quem, do viver na longa estrada,
Veiu vindo das nevoas da alvorada
Para ós ensombramentos do sol posto...

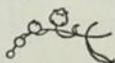
A gelidez da lapide do tumulo
Dizia ser o derradeiro anhelos
Que formava no epilogo da sorte,
Porque suppunha que depois da morte
Um mundo havia, mais ditoso e bello...

Aos desencantos da experiencia rispida,
Fôra perdendo todas, uma a uma,
As chimeras do espirito vivace:
Assim na areia fórma-se, e desfaz-se,
Um rendilhado ephemero de espuma!

Da *gloria mundi* a rutilante aureola,
De largo tempo havia comprehendido,
Era poeira d'oiro transitoria...
Elle tivera a sensação da gloria
Uma só vez — contou-me embevecido:

«Foi quando, com timbrada voz melodica,
Ouvi alguém, de olhar piedoso e brandos,
E que meu proprio nome não sabia,
Repetir entre lagrimas um dia
Singellas trovas que eu compuz chorando...»

1899

Silvio de Almeida

La Tombe et la Rose*)

Uma das mais universalmente conhecidas poesias do pontifice Hugo, é a intitulada *La Tombe et la Rose*, delicadissima joia de sua corôa de vate universal. Diz sobre ella o sr. João Peres de Gusmão, illustre autor do *Cancioneiro da Rosa*: «Em França, o merecido culto tributado ao poeta nacional moderno Victor Hugo tem vulgarizado de tal modo o seu apologo *La Tombe et la rose*, que raro será encontrar alguém de mediana educação que não o saiba de cór», e ajunta que no dito apologo se encarna o doutrinarismo, «si bem nelle se não prescinda do romantismo convencional, que melhor que a indole peculiar da poesia franceza se deriva das condições pessoas do autor da composição», ao contrario de quanto succede com outras notaveis poesias, na Inglaterra e Allemanha, onde *The last Rose of Summer* (ultima rosa de verão) «representa a quintessencia do romantismo em sua fórma mais livre e popular,» e a *Harderoslein* de Göethe (canção

(*) O artigo é traduzido do hespanhol, veio inserto no *Almanaque de «La Mujer»* (1899) e firmado pelo nome do apreciado escriptor chileno, sr. Clemente Barahona Vega, de Santiago, que o dedicou á redactora da Revista *La Mujer*, dra. Leonor Urzúa Cruzat.

Nota do trad.

por este escripta no fim do seculo passado e que se traduz-a Rosinha do campo) resúme o «mais puro e fino classicismo».

A formosa poesia hugoana tem a data de 3 de junho de 1837 e reza assim:

La tombe dit á la rose:

— Des pleurs, dont l'aube t'arrose

Que fais-tu, fleur des amours? —

La rose dit á la tombe:

— Que fais-tu de ce qui tombe

Dans tou gouffre ouvert toujours?

La rose dit: — Tombeau sombre,

Se ces pleurs je fais dans l'ombre

Un parfum d'ambre et' de miel.

— La tombe dit: — Fleur plaintive,

De chaque âme qui ne'arrive,

Je fais un ânge du ciel.

Collige-se, facilmente, que este primoroso apologo, no qual correm parelha a grandeza do pensamento com a finura da expressão, teria de incitar os universaes admiradores de Hugo a traduzil-o. Não são poucas as versões apparecidas, na harmoniosa lingua de Cervantes; e o exemplo partio da propria Hespanha, dado pelo poeta sr. Ramon de Satorres, de Saragoça. Na America já se contam algumas «traduções fieis em idioma e versos castelhanos», como sejam as da sra. Gertrudes Gomes de Avellaneda e do sr. Jacintho Gutierrez Coll, ambos citados pelo

sr. Peres de Gusmão, no seu citado livro *Cancioneiro da Rosa*, em cuja pagina 75, tomo II, vem a versão da poetisa Gertrudes Gomes, a seu turno transcripta das *Obras Litterarias* (edição de Madrid, de Rivadeneira, 1859) da mesma eminente escriptora cubana. De Gertrudes Gomes, denominada a «Carnagueyana peregrina», fez o sr. João Nicacio Gallego o seguinte elogio: «Teve ella a primazia sobre quantas pessoas de seu sexo hajam dedilhado a lyra castelhana, no actual como nos anteriores seculos.» A traducção por ella feita é esta:

«Disse o tumulo á rosa:
— Que fazes, mimosa flor,
Do rocio que a alva formosa
Verte em teu calix de amor?»

E assim a rosa lhe responde:
— Que fazes, ó tumba sombria,
Do que o teu seio esconde
E devora cada dia?»

A' terra só dou perfume
Com o orvalho matinal.
— Eu ao céu da alma o lume
Envio de cada um mortal!»

Menos divulgada, e todavia muito bem feita, embora não siga, precisamente, o original, que, como se vio, foi rigorosamente respeitado pela inelyta compatriota de José Maria de Heredia e de Plácido de Matanzas — é a traducção do sr.

Gutierrez Coll, distincto literato, natural de Venezuela, que é tambem a patria de illustres escriptores da estofa de um Peres Ronalde, de um Rivado, de um Fejera e outros. Além destas *imitações*, que o engenho de poetas do nosso continente e raça creou, póde-se ainda citar a versão do afamado homem de letras sr. Ricardo Carrasquilla, que é «um dos bons e harmoniosos poetas» da Colombia (Nova Granada); o seu livro *Coplas Escolhidas*, publicado em Julho de 1881, com um prefacio do douto sr. J. Manuel Marroquin, traz á pagina 35 uma feliz imitação ou traducção, como queira o leitor, a quem daremos a saborear, por fim, os dous trabalhos, o de Gutierrez Coll e o de Ricardo Carrasquilla. E provado assim ficará que *La Tombe et la Rose* de Victor Hugo tem dado margem a numerosas composições, que dilatam pelo mundo em fóra a gloria do genial e enorme «bardo do seculo 19.º»

N. de S.

Traducção de Gutierrez Coll

(Conservando o hespanhol nesta e na seguinte)

Nota do trad.

«A la Rosa galana
dijo la Tumba un dia:
«¿Que haces tú con las lágrimas que cria
en tu seno de virjen la mañana?»
Con voz que era una cántiga armoniosa,
i ajitando su pétalo entreabierto,
[le replicó la Rosa:
— «¿Do va el despojo yerto

que en tu abismo recibes siempre abierto?»
 — «Oye, ¡oh Tumba! yo hago
 [de este fresco rocío
 miel i perfumes en el pecho mio,
 con que a las auras mis caricias pago.»
 I la tumba exclamó: — Flor jenerosa,
 [yo soi almo consuelo;
 yo hago del cuerpo que cayó en la fosa
 el anjel puro, habitador del cielo.»

Agora vejamos, no puro e sonoro castelhano, o original da traducção de Ricardo Carrasquilla, dedicada a Rafael Pombo.

Dijo a la Rosa la Tumba:
 — «¿Qué haces tú, flor seduetora,
 Con el llanto que la aurora
 Suele en tu caliz verter?»
 La Rosa a la Tumba dijo:
 — «¿Que haces tú del polvo vano
 Que de la muerte la mano
 Hace en tu abismo caer?»

— «Convierto el llanto en perfume,
 Que, en alas del manso ambiente,
 Ofrezco a Dios reverente —
 Respondió la hermosa flor.
 — «I yo — respondió la Tumba,
 Ese polvo inmundo i yerto
 En mi seno lo convierto
 En ángeles del Señor.»

Cidade de Minas (Brasil) — fever.^o 99.

Nelson de Senna



Sobre ruínas

I

Ninguem verá nos olhos meus, Senhora,
 Algo do pranto amargo da saudade,
 Nem no meu rosto a Augusta magestade
 Da dor fatal que o coração deplora.

Que importa a magua á esteril mocidade
 De quem não crê no amor, de quem agora
 Busca na terra as illusões de outr'ora
 Tacteando, cego, a muda escuridade?!

Póde passar a fementida gloria
 Embalde! Pódem cantos de victoria
 Vibrar mil notas puras, crystalinas.

Aspiro ao *Nada*, aos sonhos do *Nirvana*,
 Pois vale menos a existencia humana
 Que a cinza negra e vil destas ruínas!

II

Olhando, triste, o illimitado espaço,
 A vista aos ceus eternos levantando,
 Clamo: — Porque não poderá meu braço
 Ir as nuvens intrepido rasgando?

Sinto estalar num horrido fracasso
 Torreão gentil e o brado formidando
 Dos Deuses, me acompanha passo a passo,
 Como ao Satan das lendas miserando.

E surge no alto, candida e maguada,
 A lua, monja casta; enclausurada
 Dos céus nas mudas cellulas sombrias

E eu vendo, em torno, a luz que impallidece
 Soluço: — Acaso o velho Deus carece
 Volver do peito meu as cinzas frias?

.....

III

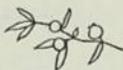
Sim! Que me resta aos meus antigos sonhos?
— Sómente o pó que as illusões deixaram.
As sombras da saudade me ficaram,
Sombras das sombras de ideaes risonhos.

A fonte de onde as lagrimas brotaram
Seccou, talvez, nos olhos meus tristonhos.
Se busco o abysmo e os pelagos medonhos
E' que chorar não salva os que luctaram.

Eis-me a sorrir nuns tremulos escombros
— O mundo externo — A cruz que trago
aos hombros
Pesa-me como extranhos pesadelos.

Ah, como dóe sonhar entre ruinas
Envolto em véus gelados de neblinas,
Sem o calor dos véus dos teus cabellos!...
(Cinerario).

Carvalho Aranha



A Moda

«O sr. V. Avellar fará no dia 16, no Congresso Commercial, uma conferencia sobre a utilidade da escripturação mercantil. sobretudo para a mulher.»

Esta noticiinha, publicada no principio deste mez pela *Gazeta*, despertou em mim certo interesse e curiosidade. Em outros paizes, sabemos todos, é commum verem-se moças empregadas na escripturação de importantes casas de negocio, e esse costume, parece-me, só pode trazer beneficio á sociedade em geral. Com a concur-

rencia os homens não ficam prejudicados: elles têm mais vastas aptidões para ganhar a vida, e a prova é que na Inglaterra, na França, etc., não se queixam de usurpação, e trabalham como os d'aqui; quanto ás mulheres, com isso terão um recurso para se abrigarem, á sombra de um trabalho digno e conforme as tendencias da sua vida passiva e sedentaria, das grandes refregas e perigos a que a pobreza obriga.

Crescerá talvez o numero de familias, porque quantos rapazes deixam de a constituir por não aguentarem sósinho a carga, cada vez mais penosa, da casa?

Quantas mulheres veem passar a sua mocidade e entram pela velhice, no desconforto de dependencia, mirrando-se tristes, como a flôr que não deu fructo, na sua esterilidade de solteironas? Nem de todas os encantos passaram despercebidos, mas os homens que porventura os notaram tiveram medo de deter-se e de casar, assumindo uma responsabilidade que os dias vão tornando cada vez mais tremenda, visto que tambem eram pobres e a miseria não é coisa que se deva offerecer a uma mulher amada...

Sem ares de pregar moral, coisa que seria, nesta secção futil, como um berro de elephante n'um concerto de canarios, eu sempre direi

que ensinar as mulheres de uma cidade como a nossa, de população grande e pobre, a trabalhar e a ganhar honradamente a vida é praticar uma acção bonnissima e de nobre intuito. Que as sementes caiam e depressa germinem. Ha por ahi muitas moças, já habilitadas para professoras e que estão ás moscas, em situações precarias; entretanto eis que se entrevê uma carreira que lhes póde trazer allivio, e já sorriem, na expectativa. Adeus botinas rotas, saias esgarçadas, mesa mal posta, ou... núa; adeus lamentos da mãi velha ou do pai enfermo; ellas poderão em breve talvez colher os fructos do seu trabalho com boas auras de prosperidade. Assim seja. Sim, com toda a sinceridade eu repito: assim seja, porque estou absolutamente convencida de que a mulher brasileira é, pela sua honestidade, pelo seu criterio, pela sua actividade (tão menosprezada) e pelos seus bons sentimentos digna de todos os proveitos da civilização.

(Do *Paix.*)

ECILA WORMS



Ultimo Desejo

Eu quizera morrer em tarde amena,
A fitar a amplidão.
A briza me beijando a fronte ardente,
Na minha a tua mão.

Preza no azul do céu a turva vista,
Ouvindo a tua voz.
Já alheio a este mundo o pensamento
Me fugisse veloz.

No supremo estertor, no ultimo arranco,
Te ouvisse soluçar.
E do mundo fugindo, as impurezas
Podesse eu olvidar.

Só de ti a saudade que levava
A mente me toldasse.
E que purificada nessa angustia,
Minh'alma ao céu voasse.

2—6—98.

Helena de Viveiros



Seleccção

Ordinariamente a educação da coragem não se inclue na instrução que se dá ao sexo feminino, e entretanto ella é mais necessaria que a musica, o francez ou a geographia. Não pensamos como o sr. Ricardo Steele, o qual desejava que a mulher se distinguisse por uma certa timidez e inferioridade que as torna amaveis; ao contrario, queremos mulheres corajosas,

a fim de que tenham mais confiança em si e sejam mais uteis e felizes.

Com effeito, a timidez não tem attractivo algum, e muito menos póde ser amavel. A fraqueza, quer seja physica ou moral, equivale a uma deformidade, e apenas excita a compaixão. A coragem é bella e digna, ao passo que o medo, sob qualquer fórma que se apresente, é feio e repulsivo. Entretanto, a maior amabilidade e ternura são compatíveis com a coragem. O artista Ary Sheffer escreveu uma vez a sua filha: «Querida filha, trata de ser corajosa e humana, porque estas são as verdadeiras qualidades da mulher. Todos devem estar preparados para soffrer, e ha só um modo de encarar a sorte, quer ella seja má ou boa, que é portar-se sempre com dignidade. Nunca devemos perder o animo para não prejudicarmos aos outros nem a nós mesmos. Lutar, lutar sempre, é esta a herança da vida.» (*)

As mulheres são mais corajosas e soffredoras na molestia e nas afflicções do que os homens. E' proverbial sua coragem em assumptos em que o seu coração é intercessado:

«Oh! femmes c'est à tort qu'on vous nomme
timides,
A la voix de vos cœurs vous êtes intrepides.»

(*) Vida de Ary Sceffer da sra. Grote, pag. 154 e 155.

A experiencia tem mostrado que as mulheres são tão soffredoras como os homens nas mais duras provas, e no entanto pouco se cuida de ensinar-lhes a supportar com animo terrores frivolos e pequenos pezares; e estas insignificantes fraquezas, quando não são combatidas, degeneram em sensibilidade achacada e envenenam-lhes a vida, produzindo um estado de desconsolação chronica tanto para si mesmas, como para aquelles com quem vivem.

O melhor correctivo desta condição do espirito é a boa moral e a educação intellectual. A força mental é tão necessaria para o desenvolvimento do caracter da mulher, como do homem, porque lhes dá espirito necessario para obra-rem vigorosa e efficaçamente nos momentos criticos, e torna-as capazes de dirigirem com acerto os negocios da vida. O caracter da mulher, tem como o do homem, é a melhor salvaguarda da virtude, o mais poderoso auxiliar da religião e o correctivo mais efficaç do tempo. A belleza physica é transitoria, porem a do espirito e a do caracter augmentam em attractivos quanto mais envelhecem.

Ben Jonson apresenta a imagem de uma nobre mulher nas seguintes linhas:

«Polda e amavel, despida do menor orgulho ou vaidade, em seu

peito devem abrigar-se as virtudes mais puras, e deve ter a alma varonil e esclarecida, para bem dirigir a sua casa e os destinos de sua familia.» S. SMILES

Para as mulheres é a brandura a melhor maneira de alcançarem o que desejam.

MADAME DE MAINTENON

A inveja é a admiração da malevolencia. MAD. RATTAZZI



Constante

Si, por canção ou por exquisitece,
Me não quizesseis mais,
Eu te daria ainda, oh! já t'ó disse,
Meus suspiros finaes!

E, na altivez do amor sincero e casto,
Ficaria a sorrir,
Até que o coração ferido e gasto
Chegasse a succumbir.

Sei que o pezar nos mata lentamente,
Para provar que a dôr
Tem constancia profunda, equivalente
A' grandeza do amor!

E ficaria impavida e tranquilla,
Olhando com desdem
A volubildade que anniquila
As almas para o bem!

E depois, pezarosa morreria
Por te ver a chorar,
Que os voluveis não podem alegria
Nem luz na vida achar.

O que nos liga a idéa do passado
Ao sonho do porvir,
E' o vasto mundo, occulto, constellado,
Que se chama sentir.

E, si não tosse o livro da saudade,
Onde fica immortal
O poema da nossa mocidade,
Poema sem igual,

Que seria dos tremulos velinhos
Que a propria solidão
Doiram, lembrando os tepidos carinhos
Do velho coração?

Ai! não bastára um dia passageiro
Para de amor falar!
Que até o nosso instante derradeiro
Vivemos para amar!

Presciliana Duarte de Almeida



Isa

(Poemetos em prosa)

I

Quanto te vi, ó Isa, pela vez primeira — lembraste? —, nem mesmo eu sei dizer-te o que se deu em mim! Foi como que o alvorecer de um sonho; foi como que o florir da vida; foi como que o fortificar da ventura...

Hontem — desgraçado cego que eu era! — andava tacteando, qual inconsciente peregrino os tenebrosos chaos da Desventura; hoje — feliz illuminado! — vivo a extasiarme, qual uma alma de eleito, ante as ineffaveis doçuras do Amor...

É que eu, outrora, não sonhava — dormitava apenas; é que eu, outrora, não vivia — vegetava; é que eu, outrora, não gozava — soffria!

Ás vezes, até, quero crer que antes de te ver eu não tivesse alma, porque só a senti manifestar-se em mim depois que o meu coração — outrora pendulo impassivel, hoje bussola mysteriosa — foi, afinal, tocado pela magica luz do teu olhar!

Mas, agora, depois que te vi, ó Isa, agora... posso dizer que vivo, posso dizer que sinto, posso, enfim, dizer que amo...

E sonho... sonho, sim, perennalmente, porque a vida, quando se ama, nada mais é do que uma doce chimera, passageira embora, que se esvai no frio leito do sepulcro, em meio á infinda noite da Eternidade...

* * *

E si a vida, ó Isa minha, é um sonho; si foste tu, tu sómente, que me fizeste entrever as douradas miragens desse sonho; si foi com o ver-te que começou a raiar para mim a alvorada do Goso... oh! — eu te peço! — não me abandones, não me tires a vida, não me mates a alma: deixa-me que te ame, deixa-me viver, deixa-me sonhar!...

1899

EURICO DE GOES

Notas pequenas

Anna Caron — Esta distincta parisiense, habilitada para o ensino do nosso bello idioma pelo Lycêo de Lisboa, e professora de varias linguas, dirige em Paris um *Curso de Lingua Portugueza*, que tem prestado relevantissimos serviços. O curso é gratuito e funciona na «Association Polytechnique».

Houve ultimamente nessa associação grande festa de distribuição de premios, á qual assistiram o presidente da Republica e muitas notabilidades literarias e scientificas da França.

O premio de honra da lingua portugueza foi conferido ao Sr. Eugenio Berné e consistiu na obra de Oliveira Martins *O Príncipe Perfeito*, ricamente encadernada, e offerecida por S. M. a rainha D. Amelia.

Si é verdade, como affirma philologo erudito, que «aprender uma lingua estrangeira equivale a adquirir uma nova alma», não é menos certo que vulgarisar a lingua em que escrevemos equivale a augmentar o nosso horisonte espiritual, engrandecendo os clarões desse astro fugitivo que se chama gloria. E bem merece ser divulgada a lingua em que escreve um Latino Coelho, um Guerra Junqueiro, uma Maria Amalia, um Bilac, um Raymundo Corrêa.

La Mujer — Com este titulo veiu-nos ás mãos uma interessantissima revista publicada em Curicó (Chile) *por las socias de la Academia*, e dirigido por Leonor Urzúa Cruzat.

O n.º que temos á vista traz na capa o retrato de Mercedes Maria del Solar, presidenta da Academia, e um variadissimo texto, pelo qual podemos avaliar do adiantamento espiritual e da suave poesia que aformosea a alma das chilenas.

Agradecendo a visita de *La Mujer*, retribuiremos a sua gentileza e exultamos ao ver que as filhas da America meridional vão se elevando á altura do seculo em que vivem.

O Archivo Illustrado — Para os que, nestes tempos de desanimo e pessimismo, ainda se dão ao luxo de procurar distracções superiores, temos uma grata noticia a dar — o apparecimento de uma revista semanal, — encyclopedia noticiosa, scientifica e literaria, — que brevemente será distribuida nesta capital, tendo como editor Oscar Monteiro e como redactores e colaboradores uma pleiade dos mais brilhantes talentos da Paulicéa, — á frente dos quaes se acha o Dr. Manuel Viotti.

Aguardamol-a com interesse.

Pezames — Zalina Rolim, a excelsa cantora do *Coração*, acaba de

passar pelo profundo golpe de perder sua veneranda mãe, a Exma. Sra. D. Maria Candida Rolim.

A' talentosa poetisa e a suas distinctintissimas irmãs apresentamos sinceros votos de pezar.

Recebemos e agradecemos: -- *Almanach Popular Brasileiro* para 1899, que traz o retrato do mallogrado poeta Theophilo Dias, com uma bonita biographia devida á penna de Affonso Celso Junior e escolhida parte literaria, que muito abona a esthetica de seu orgaisador, o Sr. Alfredo F. Rodrigues;

— *Almanach de Juix de Fóra*, com variada parte recreativa, trabalhos dos mais conhecidos escriptores mineiros e os retratos do Padre Corrêa de Almeida, Aurea Pires e Dr. Augusto de Lima. Este almanach que já está no 2.º anno é feito sob a habil direcção de Heitor Guimarães;

— *A Meridional*, revista internacional, director Elysio de Carvalho, secretario Carlos D. Fernandes. É uma publicação que appareceu no Rio de Janeiro e da qual o 1.º numero vem cheio de chispas de luz e phantasia, apanagio da nova escola a que se filiam os talentos de seus redactores.

A Meridional traz os retratos de Cruz e Souza, de Decio Villares e de Stéphane Mallarmé, declarando

que este retrato, «mais do que um programma, é um desafio!»

A' nova revista desejamos vida longa e prospera.

— *Santos Illustrado*, n. 1, 2 e 3, revista critica litteraria, cheia de *verve* e de bons retratos, entre os quaes figura o do talentoso pintor paulista Benedicto Calixto e os das nossas collaboradoras e laureadas poetisas Francisca Julia da Silva e Ibrantina Cardona.



Æ Mensageira

Temos a notar, com satisfação, a visita da «*Mensageira*», n. 25. Com este numero entra em seu 2.º anno de existencia esta interessante revista litteraria, publicada em S. Paulo, na qual refulgem os nossos mais cultivados talentos femininos.

Com quantidade mais augmentada de paginas, «*A Mensageira*» traz um summario bastante extenso e attrahente, onde o leitor encontra muito em que deleitar-se ante a mais variada e agradavel leitura.

(Do *Estimulo*, de Santos.)

Recebemos e agradecemos a «*Mensageira*», n. 25, revista litteraria dedicada á mulher brasileira,

dirigida pela illustre patricia Presciliana Duarte de Almeida, nome assáz conhecido na litteratura nacional, ornada de bellas poesias e interessantes artigos.

E' elegante e bem impressa.

(Da *Gazeta de Petropolis*.)

Reappareceu «*A Mensageira*», bella e artistica revista litteraria, dirigida nesta capital pela talentosa e esforçada escriptora sul-mineira — d. Presciliana Duarte de Almeida, que, no nosso meio, de um verdadeiro inauditismo litterario, consegue, pela só punjança de sua vontade, manter um *magazine* mensal, tão artistico e bem feito como o seu.

O presente numero (25 do 2.º anno) traz selecta e variada collaboração, subscripta por dd. Maria Clara, Adelina Lopes, Aurea Pires, Candida Fortes, Presciliana Duarte, Guiomar Torrezão, Georgina Teixeira e pelo sexo... feio — Silvio de Almeida, Heraclito Viotti (que é um feio a meu gosto, mas um poeta de futuro) e Nelson de Senna. Como se vê, figura naquella revista o escól do feminismo litterario brasileiro, ao lado de rapazes de talento.

Aos bons apreciadores de boas letras recommendamos calorosamente «*A Mensageira*», principalmente aos litteratos mineiros, tão arredios da imprensa paulista. Va-

mos, meus nobres confrades, uma assignatura d' «A Mensageira» vale bem 12\$ ou, ao menos, mandem-lhe alguns... contos.

E, para terminar estas ligeiras notas, não resisto á tentação de transcrever para aqui o bello soneto de Candida Fortes, poetisa rio-grandense.

Eil-o:

«A Mensageira».

.
Bonito, não acham? Pois, como esse, figuram outros camafeus na apreciada revista.

Meus parabens a d. Presciliana e ás lettras.

BRAZ CUBAS.

(Do *Correio de Minas*, de J. d. Fóra.)

Temos sobre a mesa:

«A Mensageira», revista dedicada á mulher brasileira, n. 26, anno II.

Magnifico o presente numero, tanto pela abundancia de trabalhos ineditos, como pela valia litteraria dos mesmos.

Conta:

Flocos de neve, juizo critico de Arthur Andrade respeito ao livro

de poesia de Aurea Pires assim intitulado, acompanhando um retrato da autora;

Parabola oriental, conceituosos versos de Silvio de Almeida, bordados sobre um assumpto de cuja philosophia incidentemente se aproveitou Tölstoi na sua obra *Minha confissão*;

Abnegação, interessante conto, e *Carta do Rio*, graciosa chronica fluminense, ambos lavra do Maria Clara da Cunha Santos;

Descrença, soneto de Oscar d'Alva.

Literatos húngaros, notas bibliographicas, por Elmano do Val (Manuel Viotti);

Sobre um tumulo, sentida poesia de d. Presciliana Duarte de Almeida;

Dois livros, phantasia, traducção de Adolpho Malevolti;

Dois oassis, bonito soneto de Adelina Vieira, em collaboração com Maria Claria;

Depois da Batalha, primorosos versos de Julia Cortines;

Desolada, tercetos de Edwiges Pereira.

(Da *Cidade de Campinas*.)



A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brasileira

Directora — Presciliana Duarte de Almeida

Publica-se no dia 15 de cada mez

Pagamento adiantado	Preço da assignatura, 12\$000 por anno Endereço: Rua de Sta. Iphigenia, N. 57.	Numero avulso Rs. 1\$000
------------------------	---	-----------------------------

Summario: — Guiomar Torrezão, Julia Lopes de Almeida; — Uma reliquia, soneto, Luiz Pistarini; — Canção, Arthur Andrade; — Mentira piedosa, conto, Maria Clara da Cunha Santos; — A morte de Christo, soneto, Silvio de Almeida; — A alma e a morte, Elmano do Val; — Sempre o amor, soneto, Oscar d'Alva; — A noiva, Adelina Lopes Vieira; — Flores d'alma, poesia, Maria Jucá; — Selecção; — Concilio das maguas, soneto, Perpetua do Valle; — Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos; — Vesper, poesia, Delminda Silveira; — Com ares de chronica, Maria Emilia; — A invenção da renda, ?; — Sombras, soneto, Presciliana Duarte de Almeida; — Notas pequenas.

Guiomar Torrezão

Em mim as impressões não passam depressa; dada a vibração, fica-me no peito um echo tristissimo que a repercute por longo tempo, diminuindo com tal doçura de intensidade que mal percebo quando expira...

Entretanto, a morte de Guiomar Torrezão já se teria desvanecido talvez, da minha magua, se eu não percebesse pela pobre finada uma certa indiferença ingrata.

Em um jornal li eu, que o seu caixão desguarnecido atravessou

solitariamente as ruas de Lisboa, aos solavancos de um carro inferior e apressado até ao cemiterio onde o sol no poente lhe deitou em cima, como um consolo, o seu regio manto de purpura e de ouro.

Não digo que ella merecesse grandes necrologias, discursos á beira tumulo, e grinaldas, como se fôra duqueza, nem acompanhamento luzidio e faustoso; nem isso lhe valêra, nem a minha sentimentalidade é tamanha a ponto de cegar-me o entendimento. Nunca a julguei com direito a tudo, mas nunca imaginei tambem que lhe dessem tão pouco.

Porque, afinal de contas, o logar que ella deixou na litteratura portugueza nenhuma outra escriptora o preencherá com tanta febre, tanta dedicação, tanta actividade e tão complexos recursos. Aquella foi uma que soube soffrer sem vergar, que venceu luctas e sacudiu injustiças, que batalhou como um forte, e que nunca da Vida teve a palma a que o seu esforço, e a sua tenacidade faziam juz.

Pobre Guiomar, não chegou a ser a *doce velhinha* tal qual fôra a mãe, por quem ella consumiu todo o vigor da mocidade e que a recebeu naturalmente nos humbraes divinos, com a bençam e o beijo reparadores das torpezas do mundo.

Culpas, se as tinha, levou-as remidas por enormes dissabores e terriveis canções.

Caminhando entre vozeria de gente desejosa de lhe estraçalhar a reputação, sem o apoio da familia, de quem se viu chefe porque era a mais forte ou a mais corajosa, sósinha, pobre, energica e saudavel, ella não se vingava nem parecia guardar rancores; e a sua penna macia e loira, porque havia sempre um pouco de sol nos seus escriptos, era mais propensa ao auxilio amavel do que a retracção egoista ou á censura antypatica.

É isso o que deduzo dos seus trabalhos, feitos á pressa, no fulgor da ideia e do sentimentos, sem as correcções impertinentes do estylo, porque o tempo voava e era com ideias e pennadas que ella enchia os armarios e fazia subir fumo da chaminé da sua casa.

A lufada que a fez cahir devia de ter sido rija; era uma mulher forte, em sentido absoluto.

Visitei-a uma vez que estive em Lisbõa, ha uns onze annos. Ia agradecer-lhe um artigo generoso,

sobre o meu primeiro livro. Ella morava num segundo andar da Rua de S. Bento. Vejo ainda o seu escriptorio amplo, bem illuminado por duas largas janellas, com muitas plantas naturaes e objectos de arte, quadros e retratos com rasgadas dedicatorias de apreço. Estavam alli, na secretária as folhas dos seus originaes, de lettra deitada e firme, aquella lettra que lhe dava o pão e o tecto e a faziam o unico amparo da mãe sexagenaria.

Guiomar Torrezão, enorme e flamejando no seu vestido vermelho que lhe resaltava a brancura das faces, rocebeu-me com a graça e a bondade que eu já lhe adivinhara.

Perguntou muito pelo Brasil, num desejo sincero de o conhecer bem.

Elle animava a minha timidez; queria um pouco da minha historia; eu devia narrar-lhe como se vive e como se pensa na minha terra. Exigia na sua maneira de artista, um esboço da nossa sociedade. Eu lamentava não o poder fazer, sentindo estar em frente, não de uma escabichadora vulgar, mas de uma intelligencia superior, de uma corajosa luctadora da vida, para quem o sentimento alheio não é um ponto de curiosidade vã.

Bem longe vae esse tempo, que os dias voam ligeiros.

Da minha ultima viagem, oito annos depois, já a visão da Guiomar não é com certeza a mesma.

Em vez do vestido escarlate, vistoso e rutilante como uma fanfarra, e dos seus cabellos escuros, e do canto do seu escriptorio perfumado a flores frescas, vi num angulo de rua enlameada pelas chuvas do inverno, uma Guiomar Torrezão vestida de lã sombria, com uma capa de velha e um chapéu mal posto sobre a cabelleira grisalha...

Decididamente esta vida de letras é infecunda para as mulheres. Cruzámo-nos, ella não reconheceu em mim a menina timida de outr'ora e eu só a reconheci quando m'a apontaram. Tive um sobresalto maguado... mas continuei meu caminho.

Depois fallaria... mas esse depois, para quem viaja é quasi sempre nunca mais!

Como escriptora Guiomar Torrezão foi infatigavel, começou cedo, e nem por isso se revelou cançada.

Nos primeiros tempos, não podendo viver só da litteratura, cuja carreira encetou com um romance — *Uma alma de mulher*, — se me não falha a memoria, dedicou-se ao magisterio; dava licções de portuguez e de francez em casas

particulares. Á proporção que o seu nome tomava vulto, deixava ella essas licções para acudir aos acenos tentadores da litteratura, que cultivou sob todas as formas: romances, contos, versos, polemicas, theatro, critica, etc. Redactora de jornaes o *Diario Illustrado* de Lisboa, outro de Modas editado em Paris e de que me não lembra o titulo, ella mantinha pontualmente as suas correspondencias para jornaes da provincia e tambem para alguns jornaes do Brazil, como o *Diario Popular* de S. Paulo, dirigindo ao mesmo tempo o *Almanak das Senhoras* com longas biographias e desenvolvida parte litteraria, e traduzindo para o theatro peças francezas ou hespanholas, quando as não fazia originaes.

Dos seus romances é sempre citado como dos melhores — *A Familia Albergaria* — entre outros que mereceram attenção de bons leitores; *Flavia*, o ultimo, creio eu, foi recebido com applauso sincero. No seu *Idyllio á ingleza* grosso volume de contos, revela graça e mão leve para tratar de assumtos ligeiros, de psychologia a dois traços; em *Paris*, livro de impressões, esboça com felicidade rara, a *silhouette* de notaveis escriptores francezes contemporaneos: *Alexandre Dumas Filho*, *Victor Hugo*, *Mme. Adam*, *Mme. de Rute*, e das escriptoras parisienses: — *George*

de *Peyrebrune*, *Delaville*, *Jeanne Thilda* e muitas outras com quem conviveu, cujos salões frequentou e de que nos deu claro e gracioso desenho. É o *Paris* litterario que ella nos offerece na sua prosa doudejante e clara.

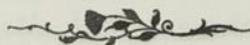
Certamente que de tanta e tão febril actividade não podem ter ficado livros perfectos. A pressa arrasta a penna por incidencias de correcção de estylo e de linguagem que só o vagar e a paciencia corrigem, mas vagar e paciencia artistica, não são coisas que se exi-

jam de quem viva das lettras num paiz de illetrados...

Fialho de Almeida fez justiça a Guiomar Torrezão em um artigo em que a pennadas rijas sacudiu para longe os doestes com que muita gente apedrejava a escriptora. Não sei se ella teve muitas dessas defezas; creio que não, mas essa com certeza bastou-lhe para recompensa de muitas amarguras, de que se não queixava.

Não bastaria isso para a tornar *sympathica*?

JULIA LOPES DE ALMEIDA



Uma reliquia

A Coelho Netto

Acho-te, emfim, mimosa luva, — agora
Rôta, senil, tão feia e tão judiada!
— Quanta vez, no entretanto, em ti calçada,
Não apertei a sua mão outr'ora!

Essa, por quem, talvez ha um anno, usada
Foste, e que foi tua gentil senhora,
Velha te achando, é natural, que fóra
Te houvesse, um dia posto, oh maltratada

Luva! Entretanto eu quero-te commigo!
Doce reliquia, — no mais casto abrigo
Que, em casa houver, heide guardar-te, visto

Que tu me trazes a lembrança amena
D'aquella mão tão branca e tão pequena,
Que ella deu-me, no Altar, junto de Christo!

(Do *De Iuto*)

Luix Pistarini

Canção

A lua surge oscillante
de umas nuvens carregadas,
como um immenso diamante
sobre rochas amantoadas.

E vae vencendo, vencendo
todo o espaço immenso e vago,
como uma garça se erguendo
das aguas quietas de um lago...

E como a lua emergindo
das nuvens tempestuosas,
serena, branca, sorrindo,
cheia de luz e de rosas,

tu surges formosa e calma,
de uma alvura scintillante,
da escuridão de minh' alma
como um immenso diamante ...

Arthur Andrade



Mentira piedosa!

(A' Clara Maria Vilhena da Cunha)

Quando, em uma noite chuvosa de inverno, exhalou o ultimo suspiro o joven e esperançoso engenheiro Jayme de Azevedo, houve quem receiasse tambem de sua companheira, a idolatrada esposa, que havia 8 mezes apenas unira ao seu destino o destino do eleito de su'alma.

A dor da cruel separação quasi a matou, tornando-a inerte, acobrunhada, envelhecida!

Oito mezes de ventura ininterrupta que passaram velozes como o vôo celere de uma andorinha travessa. Rápidos momentos de felicidade!

Foi uma morte repentina e brusca a do engenheiro, com a qual ninguem podia se consolar.

Ha creaturas que parecem ter direito á vida... A saúde, a mocidade, a alegria e o entusiasmo do joven engenheiro davam-lhe uma especie de garantia contra a morte. E tudo em um só momento se dissipou como um suspiro que se perde no espaço...

Alice, a joven viuva, teria quando muito 18 annos quando perdeu seu companheiro de existencia.

Estava á espera de um filhinho que d'ahi a dois mezes devia nascer para alegrar aquella casa, abençoando a ditosa união.

Alice tanto soffreu, tanto chorou que seus olhos perderam o primitivo brilho e tornaram-se doentes.

O medico bem a avisou, bem lhe disse que as lagrimas ser-lhe iam funestas, mas a pobre só encontrava consolo no pranto que aliviava o coração e abrandava o seu desespero.

Quando nasceu a filhinha — uma formosa menina de olhos cor de saphira e de cabellos doirados — já Alice cegára, não distinguindo nada. A noite e o dia eram eguaes para ella!

Novas lagrimas vieram aos olhos da pobre viúva, eram de pena e de tristeza de não poder ao menos encherger a filha, que lhe diziam todos ser o fiel retrato do pae.

— Se eu ao menos pudesse vê-la! suspirou a desventurada mãe quando a beijou pela primeira vez.

Alice vivia em companhia de sua mãe, senhora distincta e corajosa, boa e resignada.

Uma manhã, quasi que repentinamente a creança morreu nos braços da avó, depois de poucas horas de doente.

Um caso fulminante, quasi.

Estavam no mesmo aposento a cega e sua mãe, quando a creança morreu! A velha comprehendeu de prompto o horror d'aquelle momento e affectando calma e naturalidade foi deitar no bercinho a creança ainda quente, para longe

da filha deixar o seu coração em liberdade, chorar á vontade, e ganhar forças para tamanho golpe.

Admiravel poder da vontade! admiravel heroismo de um coração de mulher!

A céga pedio a filha, queria beijal-a. E beijou-a duas vezes dizendo, com pena, não querer despertal-a.

A pobre senhora quando sahio do quarto da filha, chorou desesperadamente; não tinha coragem para contar a verdade áquella martyr de 18 annos!

E allucinada quasi, vencida pela dor, pelo infortunio, sahio como louca para casa de uma visinha amiga.

Em caminho ouve o gemido lancinante, o soluçar de uma creatura que parecia succumbida de dôr. Pára, escuta e ouve distinctamente os lamentos de um pobre homem que acabava de perder a esposa.

Entra quasi que impellida por uma força sobrehumana, n'aquella casa tão triste!

No meio das lamentações do pobre homem o que mais o preoccupava era a sorte da filhinha — um anjo que lhe deixára a mulher e que só tinha um mez de idade.

— Que hei de fazer desta creança? digam-me por favor, exclamava o desventurado páe!

Ha sympathias na dor como na felicidade!

A mãe de Alice — quasi succumbida pela desgraça que lhe ia em casa, pedio a creança ao pobre páe e contou-lhe toda a historia de sua filha. — Se me dás tua filhinha, leval-a-hei n'este instante para o berço que váe ficar vazio, o berço de minha netinha, que Deus chamou para o céo.

E o pobre accedeu. Que fazer em semelhante situação?

Elle bem sabia que a creança encontraria o conforto que elle jamais lhe poderia dar.

Voltou a velha menos afflicta, menos chorosa, trazendo aos braços a creancinha envolvida em uns trapos miseraveis.

E o berço não ficou vazio!

Muito silencioso, sem o menor barulho, realisou-se o enterro da formosa creança.

Como estava linda, dir-se-hia que sonhava!

A céga dormio a sua sésta habitual, accordando com o choro da creança. — Quero beijar minha filha, disse, quero beijar minha filha. O beijo, cotinuou ella, aproxima-me mais deste anjo, que é hoje a minha unica esperanza. Ah! se ella morresse... eu sei que morreria tambem!»

Por coincidencia tinha os olhos azues e os cabellos doirados, a creança bemdita que veiu habitar o berço vazio e povoar de espe-

ranças o coração dolorido da joven viuva.

Com o correr do tempo, havia de vir, fatalmente a resignação á Alice. A viuvez e a cegueira eram de algum modo compensadas pelo grande amor da filha, que a proporção que crescia em idade, crescia tambem em encantos e graças.

O pobre viuvo que dera a fi-lhinha n'um momento de indiscri-ptivel desespero, morrera tambem, em uma manhã de inverno, quasi só, entregue a suas tristezas.

Passaram-se os tempos. A vida corria suave e calma para aquella laboriosa familia, resignada quasi com a cruel cegueira de Alice.

Que serões deliciosos faziam aquellas mulheres constantemente.

A céga entretinha-se ouvindo a leitura de historias interessantes, que lhe fazia a filha. A velha cosia ou ponteava meias, attenta e interessada pela leitura attra-hente.

Uma noute Alice pedio á filha que tocasse ao piano uma sonata de Beethoven. E ao som divino da musica, interpetrada com muito talento, a cega sorria embevecida. A velha fazia meias de malha, ao pé de um lampeão na saleta do piano.

A menina continuava a tocar... alegrando aquella casa onde ella era a primavera, a soberana se-nhora, a rainha...

Nessa noite o serão prolongou-se, a musica tem o poder magico de fazer o tempo voar.

A velha continuava a fazer meias quasi que machinalmente, alheia a tudo que a cercava, com o pensamento preso á ideias desencon-tradas e exquisitas. Lembrava-se d'aquelle dia de horror, da morte da netinha, de sua afflicção e da mentira -- a unica de sua vida — a piedosa mentira que tão be-neficos resultados produzira! E suspirava sorrindo. Duas grossas lagrimas correram-lhe pelas faces pallidas, e o coração lhe dizia, inti-mamente: Custa-me crer que esta menina que é a alma de minha filha e que portanto é a minha tambem, não seja a minha verda-deira neta! Sinto que a adoro com o mais entranhado affecto!

Quem sabe se foi um sonho o que se passou n'aquelle dia tre-mendo? Não... não... e o que tem isso? Mais do que os laços do sangue nos prendem os laços da gratidão! Como, pois, se explica isto? Esqueço-me de tudo... de todo o passado e tenho ás ve-zes a loucura de pensar, eu que sei da cruel verdade, que sei de tudo... de tudo... que esta menina é a filha de minha filha e que tem nas veias o sangue de meu sangue!

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS

À morte de Christo

*Traducção do soneto de Molière, premiada
em concurso da «Semana»*

Chegando-se a Jesus, quando este padecia,
Em bem da humanidade, as ancias do
supplicio,

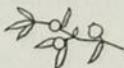
Attonita ficou a Morte, que temia
Applicar ao Senhor a lei do triste officio.

Mas Jesus, com a fronte a descahir, fazia
A' cruel segadora um gesto que era indício
De que, não tendo já de Deus a regalia,
Almejava apressar aquelle sacrificio.

A Morte obedeceu então, e, de surpresa,
Logo o sol desmaiou, tremeu a natureza,
Qual si tudo do fim se fosse aproximando.

Tudo na terra e céu gemia e vacillava:
Como que a pedra tinha um coração chorando;
Só, coração de pedra, o homem não chorava!

Silvio de Almeida



À Alma e a Morte

Notas

A' Mensageira

Acaba de ser publicado na livraria Lamerre, de Pariz, uma collectanea poetica subordinada á epigraphe de que nos servimos e devida á penna de uma esperançosa artista do verso francez.

M.^{elle} Margarida Comert, a auctora de *L'Amé et la mort*, revela em suas producções uma melodia grave, profunda e prelongada; um

estyllo cheio, mas brando e sentencioso; um pensamento arrojado, energico e conciso: taes são em synthese, os caracteres artisticos da nóvel poetiza franceza. Não é, pois, de admirar-se que ella tenha impressionado e, mesmo, seduzido a Sully Prudhomme.

Transcrevemos aqui duas quadras formosas que se encontram em seu delicado livro:

Tu marcheras en vain sans pouvoir imposer
L'empreinte de ton pas au sable de la grève,
Des flots te seduiront dont la caresse est brève,
Et ne te bercera que pour mieux te briser.

Déçu par le destin, déçu par le baiser,
Tu n'auras á tes maux ni remède ni trêve
Et tu resteras seul ayant perdu ton rêve
Et ton espoir, trop grands pour se réaliser.

Os admiradores de M.^{elle} Margarida Comert e em particular Sully Prudhomme têm o direito de fundar grandes esperanças sobre o futuro desta poetisa.

E se a leitora ou o leitor, tivesse, como eu tenho, diante dos olhos, uma fiel e delicada phototypia da promissora poetisa, veria que doce brandura e que suave meiguice transparecem de seus olhos nogros, profundos e mysteriosos!

Não sei por que magia secreta considerarei-a intimamente a moderna Sapho...

ELMANO DO VAL



Sempre o amor!

Onmia vincit amor et nos caedamus amori
Virgilio — Egloga IX

Si o grande Zeus me perguntasse um dia
Qual minha escolha, que diria quando
Me apontasse de um lado a Gloria e o Mando,
E do outro alguém que eu amasse e me amaria;

Si me dissesse: «Aqui tens a Poesia
Que a tua fama irá eternisando,
«Tens a Riqueza, a Gloria que inebria
E alli sômente um coração te amando;»

Si o velho Mytho assim fallasse, certo
Diria até aos ventos do deserto,
Bradaria com todo o meu poder:

Mais que a Poesia, mais que a Gloria, um
Mundo,

E' ter no coração amor profundo,
Amar, amar e só de amor viver!

Rio, Agosto de 1898.

Oscar d'Alva



A noiva

E' de crer que muitas das minhas benevolas leitoras sejam noivas. Cedo por isso ao desejo de publicar aqui a resposta que envie a uma das minhas mais formosas amiguinhas, residente em S. Paulo, de uma carta em que essa gentil criança me participou o seu proximo casamento:

* * *

«Minha amada Cecilia. — A

tua carta fez-me scismar longas horas, com uma suavidade, um bem estar indiscriptiveis.

Via-te passando na avenida de palmeiras da tua chacara, encostada ao braço do teu ditoso noivo; cerrava os olhos para te ver melhor e ouvia o roçar do teu vestido branco nas folhas seccas das amendoeiras, que o vento trouxera para atapetar-te o caminho; parecia-me ver-te colher aqui uma violeta, que passava dos teus labios aos d'elle, alli uma margarita, que ambos desfolhaveis sorrindo e interrogando-a, anciosos...

Que feliz tempo esse por que estás passando! Não apresses o fim d'esse encantador romance, peço-t'o.

Enganas-te, Cecilia; julgas conhecer a vida, tu, que ainda não soffreste!

Dizes-me na tua gentilissima carta:

«Arthur é um coração nobre e generoso! Nunca surprehendi em seus olhos um momento de distracção ou frieza, nunca um gesto de enfado ou fadiga, nunca um sorriso contrafeito. Acha-me encantadora e ama-me; oh! ama-me deveras, com todas as forças de uma alma ardentissima.

«Lembras-te das nossas conversações intimas na rede, nas frias e neblinosas noites de inverno, quando buscavamos encontrar de-

feitos uma á outra? Lembras-te que me achaste alguns e que eu (ninguem nos ouvia) concordei contigo? Pois vê, Arthur não me encontra nenhum; para elle sou a perfeição, a mulher unica; fica extatico se canto, acompanhando-me na harpa; applaude entusiasmado, se ao piano toco Chopin ou Beethoven. E' celebre! a minha infantilidade incuravel, os meus ciumes e arrufos, até a ironia que, mau grado meu, magoa muitas vezes pessoas que tanto estimo, são para Arthur qualidades, encantos que o tornam o mais invejavel dos noivos. Que doçura de genio tem elle!! Verás. Em eu sendo sua mulher, não serei contrariada na minima vontade, serei rainha absoluta, e os meus gostos e caprichos serão satisfeitos antes mesmo de manifestados.»

Talvez te illudas, minha doce Cecilia. E' delicioso acreditar que somos adoradas sobre todas as cousas, e os gestos de desagrado dos que nos amam facilmente se disfarçam.

E' que a occasião de reprimir os actos da mulher escolhida não é o noivado, mas depois...

Todos, ou quasi todos os leões assemelham-se ás pombas quando requestam, e não serias tu por certo, inexperiente coração de 18 annos, que poderias levantar o véu

do disfarce amavel que te inebria e lisongeia.

Admiras-te e abres desmedidamente os grandes e negros olhos, assustada com o que estás lendo; não é assim?

Adivinho que dizes, interrompendo a leitura: «Não conhece o meu Arthur.»

Não preciso conhecê-lo, filha, para dizer-te que elle, como todos, ha-de contradizer-te muitas vezes, contrariar-te algumas, e aconselhar-te, — apontando-te os teus pequeninos defeitos, — innumeradas.

Resigna-te desde já, a modificar um quasi nada o teu programma de um futuro azul sem fim; verás que, por ter aqui e além umas pequeninas nuvens brancas como flocos de espuma ou véus de desposada, não deixa o teu céu de ter todo o esplendor da maior das venturas, — o resplendente sol do amor!

Um arrufo, — nuvensinha — depois, o beijo — o sol, mais brilhante que nunca, fazendo scintillar como diamantes as gottas do orvalho da alma, as pequeninas lagrimas de ciume ou despeito, presas nos teus longos cilios.

Está em tuas mãos obstar a que as nuvensinhas vaporosas se condensem e conduzam no seio a tempestade.

O que é preciso para isso? Muito pouco: Amar, Amar sem

um pensamento alheio a esse affecto absorvente, amar procurando nas festas, nas vigílias, no somno — agradar ao esposo, sempre casta, sempre meiga e imaginosa, sempre desvellada e alegre, elegante no vestir, nas maneiras, no gesto e no fallar; corrigindo esses senões que encontrámos juntas nas neblinosas noites de inverno, que não esqueci, que não esquecerei nunca.

Pensam muitas meninas que provam saber ser esposas abandonando, depois de casadas, o estudo e o espelho.

Que caminho errado tomam para o coração do marido essas pobres sacrificadas!

Como esperar conservar uma affeição, se despojamos dos attractivos que o faziam adoravel, o objecto que a causou e alimentou? E' evidente que se um homem escolheu para companheira da sua vida uma mulher elegante, graciosa, prendada, se esse homem se orgulhava com as palmas arrancadas pelo talento de cantora ou pianista da noiva que adorava, sentirá, pouco a pouco, que o invade o frio da indiferença ao pé da esposa descuidada e negligente, que passa os dias inteiros sem chegar ao espelho, envolta em um *peignoir*, com os cabellos presos ao acaso; que conserva fechado o piano; dizendo pretenciosamente

aos que lhe perguntam porque não toca ou canta mais: — Já não preciso agradar.

E o marido? Não tem a mulher casada o dever de agradar ao marido? Não precisa ella estar sempre preparada para sustentar com vantagem o exame a que elle inconscientemente a sujeitará todos os dias?

Aqui tens tu, minha encantadora Cecilia, em poucas palavras o teu programma:

Casando, não te vulgarises, conserva para o teu *incomparavel* Arthur o encanto do desconhecido: continúa, mesmo com sacrificio, se Deus te conceder a benção da maternidade, a cultivar o espirito, tocando no piano ou na harpa as melodias que o extasiam, e que sejam os teus quadros sempre, para elle, verdadeiras surpresas geniaes. Prometto-te eu, assim, uma eternidade de amor.

Pedes-me que escolha para mim o melhor dos teus quadros que conheço, ou escolha assumpto que me agrada; prefiro esperar a escolher. Queres? pinta, e far-me-ás feliz, o teu quarto de solteira, num dia claro de Abril: — as janellas abertas deixando entrar alguns ramos da hera que cobre completamente a parede, do lado do jardim; a estante, vergando ao peso dos teus livros; as rendas do cortinado deixando entrever a cama,

alva de neve; a rede onde, sentadas bem junctas, conversavamos tantas vezes do teu auspicioso porvir; tudo, tudo; não esquecendo mesmo as cantoneiras de ébano, cheias de pequeninos nadas, de mimos de bronze e Sèvres, e a gaiola dourada do teu tenor alado.

Um ultimo conselho:

Sê activa e energica com justiça, no governo do teu paraiso, a tua casa; sê condescendente sem fraqueza, meiga sem importunação, e depois, e sempre em meio da tua infinita ventura, pensa, um minuto apenas, na tua dedicada e velha amiga.

Adelina.»

Adelina A. Lopes Vieira



Flôres d'alma

(A meu prezado Pai)

.....
.....

«Se o vento um dia lhes soprar e as córte,
Deus! — da-me a sorte de morrer com ellas.»

Thomax Ribeiro

Na veiga d'alma — perfumosa e pura —
Ha sempre, em caules de ideal verdura,

Rosas cheias de olôr;

Rorejadas de limpidas chimeras,

Abrem a luz de rubras primaveras

— A mocidade e o amor.

Em minh' alma não brilham d'estas rosas
Porém, candidas, tristes e mimosas

Crescem n'ella trez flôres:

Qual de Jesus a c'róa, entre os martyrios,
Ha espinhos, ás vezes, entre os lyrios

Que acalmam minhas dores.

A primeira è de alvura não sonhada...

Tudo que é santo abriga immaculada

Sua corolla immensa;

Quando transborda o calix da amargura,

Minh' alma n'uma prece se depura

Cresce a rosa da *Crença*.

Quando por mim em lagrimas banhada,
De minha mãe a face descorada

Eu cinjo ao coração,

Divina, casta, cerula, amorosa,

Nasce em meu seio a flôr mais olorosa

— A flôr da *Gratidão*.

E quando as illusões são dissipadas

E as rosas dos amores desfolhadas

Em triste soledade,

Consoladôra, olente, doce e calma

Inda uma flôr desbrocha na minh' alma

— O lyrio da *Saudade!*

Maceió, 30 de Setembro de 1886.

Maria Jucá



Seleccção

Si en tiempos de Galileo i aún en los de Francisco Bilbao hubiéramos dicho: la mujer se emancipa, la mujer progresa, se nos habria condenado por blafemas e inmorales.

Hoi que no podemos temer nada porque la civilizacion, la cultura, dán el *pase* a nuestras ideas i obras, enumeremos nuestros tri-

unfos, contemos nuestros progresos i esforcemonos por ser cada dia mas útiles a nuestra patria i a nuestros semejantes.

Atras, el egoismo que todo lo corrompe, ese egoismo que ha inducido al hombre a tenernos prostradas en la inanición i la ignorancia por muchos siglos! Ya a nuestro carro lo impelen brisas duraderas; ya ha recibido el primer impulso i llegará con felicidad al deseado término. No diré aqui en la Capital; en Chile entero se nota la actividad, el esfuerzo de la mujer.

Se constituyen en sociedades de diversos jéneros, teniendo casi todas por base el ahorro mútuo i propendiendo al progreso i a la ilustración.

La mujer avanza, eso se palpa. Hoi no es la abyecta i deprimida mitad del hombre, sino la igual, celosa de sus deberes i derechos.

I harto merece resarcirse de la dura condición que resignada sobrellevó, descollando siempre por su innato amor a los hijos i su ternura para con aquel de quien no era sino un juguete momentáneo!

Bien por ella que, mediante sus esfuerzos, se ha creado una situación que satisface sus aspiraciones puesto que tanto como el hombre ama, sufre, siente i piensa.

(De *La Mujer*)

CELLIA

...E' forçoso lembrarmo-nos de que ainda nos falta attendêr á educação professional da mulher, e á instrucção do operario.

Sim: é respeitavel a missão da mulher na sociedade; a civilisação elevou-a a uma posição que a sciencia pretende collocar em uma altura superior ás contingencias de sua propria natureza; sem acompanharmos os idealistas, sem entrarmos nas theorias dos poeticos divinizadores da companheira de nossos dias e trabalhos, estudando sómente a mulher do presente, a sua situação actual, eu a vejo, nos grandes centros populosos e ricos, educada principalmente para dar expansão ás suas qualidades de espirito, a seus dotes affectivos; para satisfazer o senso esthetico, antes do que para contribuir para o proprio bem-estar da sua vida; e, se porventura lhes fallecem os recursos advindos de seus progenitores, encontro-a na mais dolorosa impossibilidade de bastar ás necessidades de sua subsistencia. Então aquella que de escrava dos antigos povos, conquistou, graças á evolução do nosso meio social, a posição de rainha de nossos salões, de nossos lares, e ainda procura ao menos igualar-nos nos ramos scientificos, ahi fica á mercê do primeiro que dispute a sua mão, ou compre a sua innocencia, ao primeiro argentario que, no bal-

ção das misérias humanas, fizer pesar a sua bolsa alcançada, muitas vezes, á custa das lagrimas de gerações inteiras, escravizando a seus caprichos voluptuosos aquella que poderia, pela educação, ter-se elevado ao throno de senhora.

Dar educação profissional á mulher é portanto, uma das mais urgentes necessidades do presente.

DR. CESARIO MOTTA

(Discurso na instalação do *Gymnasio de S. Paulo.*)



Ô concilio das maguas

Fôra a magua maior que me ferira...
Alanceado o coração, gemendo
Verga-se ao peso desse mal tremendo,
Succumbe... quasi de soffrer expira!

Succumbe é um modo de dizer, mentira!
Que o coração mais vive padecendo!
Sim, quem não sente muito mais soffrendo?
Quem de dor, tresloucado, não delira?

Fôra uma dor que em fundo me abalára...
Para obumbral-a, — retentiva amara! —
Accordei toda a antiga inflicidade...

Debalde foi! debalde! ella sósinha
Feroz resiste e é muito mais damninha
Que as maguas todas da primeira idade!

Perpetua do Valle



Carta do Rio

Sinto ainda a deliciosa impressão que me causou o agradável passeio a Minas, em dias da semana passada.

A convite da directoria da Empresa Lambary e Cambuquira fomos — meu marido e eu — assistir a inauguração do seu estabelecimento balneario em Cambuquira.

Em trem especial partimos todos os convidados, cerca de sessenta pessoas.

A gentileza dos directores da Companhia, a fidalguia do tratamento, a belleza da viagem, a amenidade e a alegria dos convivas, daria para um longo artigo se eu tivesse a vaidade de monopolisar, só para mim, as paginas desta revista.

Foi uma esplendida festa que deixará, estou certa, gratissimas recordações a todos que tiveram a ventura de assistil-a.

Os verdes montes, as formosas campinas, o ar puro e vivificador de Minas encantaram a todos da comitiva.

Em Cambuquira, houve a cerimonia da benção das fontes, que receberam os nomes de Dr. Fernandes Pinheiro e de D. Regina Werneck, justas homenagens ao illustre director da Companhia e á esposa do actual secretario da agricultura, em Minas, Dr. Americo

Weneck, que muito trabalhou para o feliz exito da Empreza. Hymno nacional e foguetes houve a granel.

Em Cambuquira, durante o esplendido banquete que nos offereceu a Empreza, a musica do logar executava bonitos trechos de seu repertorio. Um violão, rebeca, saxophone e violoncello apenas. As musicas que tocaram, todas ternas e maviosas, davam á festa a nota característica da genuina musica mineira: eram plangentes e sentidas como o queixume sincero de um coração apaixonado.

Voltamos para Lambary, em seguida, onde passamos uma noite agradável ouvindo bôa musica e bellos recitativos.

Partimos no dia seguinte depois de havermos visitado a cidade e apreciado as deliciosas aguas mineraes, encantados com a fidalguia da hospedagem e gentileza dos directores, incansaveis em obsequiar seus convidados.

Um passeio como este á formosa terra mineira, ao menos uma vez por anno, seria o melhor tonico possivel para retemperar o corpo e a alma, dando áquelle uma bôa dóse de forças e de vigor e a esta um forte manancial de alegria e bom humor.

Outro dia surprehendi a interessante conversação de duas ami-

gas que muito prezo, uma escriptora conhecida e outra pintôra de merecimento.

Queixavam-se ambas, censurando uns tantos costumes impagaveis da nossa terra e do nosso povo. Dizia a pintora, com um ar de sarcasmo muito fino: «se eu fosse dar quadros e trabalhos meus a todos que me pedem, nada mais faria do que pintar para galantear o proximo. E o que é mais engraçado, em tudo isso é que os pedintes julgam que nos fazem um obsequio, com o tal pedido a queima roupa, entre um sorriso e uma phrase amavel, que a força de repetidos já não tem sal. Quero um trabalho seu... é uma amabilidade tão vulgar como esta outra: muito prazer em conhecê-la, tem uma casa ás ordens... (emquanto não precisar della.)

A escriptora tambem contava passagens interessantes que tinha observado. Entre outras, notou o habito muito commum dos nossos patricios em offerecerem os seus dados biographicos e contarem suas historias, algumas das quaes bem sem graça, aos fazedores de romances e de novellas para base de uma trabalho commovente. «Quero que escreva um romance com a historia de minha vida», eis uma phrase muito commum. Que vontade tem essa gente de ver em

letra redonda e sob um titulo de sensação a historia de sua vida!

— Ignorancia ou vaidade? pergunta a pintora.

— Creio que ambas as cousas, minha amiga, diz a escriptora!

Contam que um homem muito grosseiro, muito bruto, ia andando o seu caminho, em uma estrada de Goyas. Ia a pé e levava ás costas o seu farnél.

Encontrou com um sujeito rico, muito bem vestido, montado em vigoroso cavallo, ajaezado de prata.

No caminho havia uma porteira muito pezada. O homem rico disse ao outro, em tom imperioso: abre a porteira.

— Quem é você? retruca o bruto, para assim querer me governar!

— Sou um Doutor, responde.

— E que é que vem a ser um Doutor?

— Doutor é um homem que sabe tudo.

— Pois, meu amigo, quem sabe tudo, sabe abrir porteira.

A resposta do homem bruto foi tão bôa que mais parece ser a de um doutor.

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS



Yespêr

O' mystico fanal,
O' meiga filha da saudosa hora,
Vem beijar a cecem que te namora
Do lago no crystal!

Brilham do prado os lumes,
Perpassa a brisa merencoria e grata,
Abrem no val' caçoulas d'oiro e prata
A derramar perfumes.

Nos plainos, nas quebradas,
E sobre o leve azul das ondas mansas
Já sólta triste noite as negras tranças
De perlas ennastradas.

Vem, astro meu rizonho,
Confidente gentil dos meus amores;
E' bella a noute, e eu quero em teus fulgôres
Haurir meu doce sonho!

Lá surge alfim do monte
A meiga Fada que sorri no lago,
Seu brando raio em carinhoso afago,
Já vem beijar-me a fronte.

O' doce e meiga Diva,
Mensajeira celeste da Esperança,
Tu que trazes aos nautas a bonança
Traze-me, traze-me a ventura esquiva!

Delminda Silveira

Capital de St.^a Catharina.



Com ares de chronica

Que enferrujada que estava a
minha pobre penna de chronista!
E para ahi continuaria certamente
ociosa sinão se me deparasse, ao

revolver papeis antigos, um soneto que desejo ver publicado na *Mensageira*, pois que além de bello e tocante, é da lavra de um poeta recentemente fallecido. Refiro-me a Figueiredo Coimbra, distincto homem de letras que a morte arrebatou a 23 de Março proximo passado, contando apenas 33 annos, a idade de Christo, a idade do seu sublime inspirador. Eil-o:

Redempção nova

Ao Dr. Antonio Bento

Christo piedoso! que feroz supplicio
Esse a que o collo humilimo vergaste!
Foi inutil o enorme sacrificio!
Christo, de balde te sacrificaste!

Em vão teu sangue no immortal flagicio
Banhou a terra que tu fecundastc...
P'ra nos livrar do horrendo precipicio
Não ha sangue purissimo que baste!

Lanças os olhos cheios de agonia
Por toda a parte e em toda a parte vês
Triumphar a maldade e a hypocrisia!

Tu que na humana conversão não crês,
Darás, quem sabe? ao mundo novo um dia
A redempção, pela segunda vez!

Figueiredo Coimbra

Depois da leitura de uns versos assim quem não terá gravado n'alma o nome de Figueiredo Coimbra? O maior monumento que se póde erigir a um poeta, é tornar tanto quanto possivel conhecidos os fructos do seu ingenho, os arroubos de sua inspiração.

O soneto que se vem de ler é dedicado ao Dr. Antonio Bento, o abolicionista revolucionario, o grande apostolo da liberdade, fallecido ha mezes, na capital de S. Paulo. E agora que se festeja o 11.º anniversario da lei aurea, agora que o 13 de maio ahi está, com a sua alvorada risonha de data gloriosa, de dia de festa nacional, muitas creaturas de alma agradecida hão de ter a enfeitar-lhes as faces negras o brilho das lagrimas da saudade.. E' a primeira vez que os captivos de hontem acharão deserta a janella da casa do Dr. Antonio Bento nesse dia celebrado, a janella em frente da qual iam infallivelmente dançar o seu significativo *samba*, revoluteado e alegre, alegre e agradecido...

MARIA EMILIA



Æ invenção da renda

A exemplo das sete cidades da Grecia que se disputaram a gloria de ter sido o berço de Homero, muitas cidades flamengas reivindicam a honra de haver inventado a renda. Nenhuma dellas, porém, fundamenta a sua pretensão em documentos seguros; mas é crença geral, e tudo leva a suppôr que ella tem razão material de ser, que

foi a cidade de Bruges a primeira que cultivou a delicada e encantadora arte da renda.

Um tratado feito em 1390 com a Inglaterra, e assinalado pela *Revista Britannica*, attesta que, desde o principio do seculo quatorze, se fabricavam nessa cidade rendas de preço. E, por outro lado, nas suas *Narrações e lendas de Flandres*, M.^{me} Carolina Popp recolheu uma velha tradição local que se liga á origem desta amavel e tão feminina industria.

Eis a lenda, tal como ainda hoje a contam, ao serão, as rendeiras da velha cidade flamenga, cujos costumes o poeta Rodenbach descreveu com tão esfumada e crepuscular poesia.

Havia outr'ora em Bruges uma loura e debil rapariga, de nome Serena. Era pobre a sua familia; a mãe, viuva e doente; suas irmãs, ainda creanças, viviam do seu braço; assim, para sustentar os seus, ella tinha de fiar incessantemente de sol a sol, e ainda pela noite adiante. Pelas suas mimosas e infatigaveis mãos de fiadeira passavam semanalmente, dez meadas de linho.

Serena era amada com paixão; o seu noivo, chamado Arnoldo, era aprendiz na officina de um esculptor, e devia esposa-la logo que passasse a official. Mas a pobre rapariga, vendo crescer dia a dia,

a despeito dos seus esforços, a miseria da sua familia, fez este voto heroico: Virgem Santa, disse ella uma manhã, dae-me meios de socorrer os meus, que eu renuncio ás alegrias da vida e abduco as esperanças do meu coração.

No domingo seguinte foi Serena, com suas irmãs, passar o dia ao campo. Como estivesse sentada na herva e tristemente pensasse no seu destino, uma multidão destes fios leves, que se chamam «fios da Virgem» e que se diz terem sahido da roca de Maria, pousou no seu branco avental e esses fios, entrelaçando-se uns com os outros, formaram um desenho magnifico. E Serena, olhando para elles, comprehendeu que os seus votos tinham sido attendidos.

Levou para casa a maravilhosa rede, e com o fino linho que ella fiava poz-se a imital-a. A tarefa foi, a principio, difficil. Como os fios se enleivavam, Arnoldo, que assistia, por vezes, ao seu trabalho, teve a idéa de atar a ponta de cada um delles a um bocadinho de madeira: e foi assim que se inventou o bilro. Depois, para segurar a rede, prendeu-a com alfinete num novello de lã: e foi assim que se inventou a almofada. Ao cabo de uma semana, estava feita a primeira renda, e logo todas as damas de Bruges quizeram rendas para os seus toucados. E desde

esse dia não deixou de haver pão, com fartura, na casa de Serena.

Esta, fiel ao seu juramento, recusou a mão de Arnaldo, quando, promovido de aprendiz a official, lh'a foi pedir. Mas uma tão bonita historia não podia acabar por uma eterna relação de amor. De corrido que foi um anno, durante o qual Serena, apesar de lagrimas e angustias, se conservava escrava da sua palavra para com a Santa Virgem, appareceu-lhe esta, desligando-a do seu juramento. Casaram, é claro, Serena e Arnaldo, e tiveram muitos filhos e todos elles foram raparigas e todas ellas foram rendeiras.

E eis ahi por que na cidade dos canaes, dos cysnes e dos campanarios ainda hoje em dia se vê, sentada na soleira de cada casa, uma rapariga loura manejar, entre os seus dedos delicados, esses ageis bilros e entrelaçar os fios de linho alvo em frageis, magicas e maravilhosas redes. ?



Sombras

Sombras das ramas verdes e floridas,
Sombras das aves a voar cantando,
Sombras pelas aragens sacudidas,
Sombras de creancinhas tacteando,
Que sois de tantas vidas luminosas?
Que sois? — Vagas imagens tenebrosas!

Assim como essas sombras incolores,
Meus versos vão correndo mundo em fóra
Sem reflectir a luz de meus amores,
Sem o brilho das lagrimas que chora
Meu doido coração, enluarado!
Pela saudosa luz do meu passado!

Que sois, meus pobres versos forasteiros?
— Sombras daquelles que adorei na vida ...
Como as sombras tambem sois passageiros!
Em que memoria encontrareis guarida?
Os que me adoram morrerão commigo,
E olvidada serci no meu jazigo ...

Presciliana Duarte de Almeida



Notas pequenas

A viuva de Michelet. — Do *Minas Geraes* transcrevemos as seguintes interessantes noticias:

Com 73 annos de idade acaba de fallecer, na sua residencia de Paris, madame Adelia Malaret Michelet, viuva do celebre historiadore Julio Michelet, auctor da *Historia de França* e da *Historia da Revolução*, fallecido, como se sabe, ha vinte e cinco annos.

A viuva do famoso liberal nasceu em Montauban (Tarn-et-Garonne) em 19 de outubro de 1826. Em 1849 casou, em circumstancias romanescas conhecidas, com Julio Michelet, então professor do Collegio de França.

Por occasião do golpe de Es-

tado o historiador perdeu a sua cathedra por se ter negado a prestar juramento. Os dois esposos foram então refugiar-se em uma pequena aldeia dos arredores de Nantes, onde viveram numa casinha que alugaram, reunindo os materiaes que mais tarde serviram para escrever em collaboração, os admiraveis livros *La femme*, *L'amour*, *La montagne* e outros.

Madame Michelet collaborou activamente em diferentes obras de seu marido, especialmente nos livros *L'oiseau*, *L'insecte*, *La Mer*, etc.

Publicou tambem alguns trabalhos exclusivamente seus, e entre elles: *Memoires d'un enfant*, *Nature*, *La mort et les funerailles de Michelet*.

A viuva do celebre historiador adoecera ha 15 dias com um resfriamento, que depois degenerou em pleurisia e fluxão de peito, sendo impotentes todos os esforços da sciencia para lhe salvar a vida. A sua morte é attribuida a uma generosa imprudencia devida á sua commovente piedade pela memoria do seu illustre companheiro.

Madame Michelet conservava a habitação onde vivera dias felizes em companhia do sabio; nunca pensára em mudar-se. Os moveis occupavam os mesmos logares e o gabinete de Michelet mantinha a

mesma disposição que no dia seguinte ao da sua morte.

A viuva queria viver no meio daquellas saudosas reliquias, e para que o seu culto não fosse perturbado, nunca consentiu que alguem alli entrasse nem sequer a pretexto de fazer as indispensaveis reparações.

Assim passou um quarto de seculo e os aposentos de madame Michelet cahiam em ruinas. Foi um desgosto para a illustre senhora quando notou que as paredes começavam a apresentar grandes fendas e que era indispensavel a intervenção dos operarios, que considerava como uma profanação.

Ainda assim não permittiu que as obras fossem feitas sinão depois de se ter celebrado a glorificação do centenario de seu marido que, como se sabe, se effectuou no Pantheon, com assistencia de madame Michelet, no dia 13 de julho do anno passado.

Por mais que lhe dissessem que era perigoso permanecer na casa em obras, por causa das humidades que se produziam, não houve meio de convencer-a a mudar de casa.

Quando lhe faziam estas amigaveis advertencias respondia, referindo as á celebração do Pantheon: A minha missão está cumprida e agora pode a morte levar-me que vou satisfeita.

A finada viuva não deixa filhos. Restam-lhe apenas um irmão e dois sobrinhos.

Ha pouco tempo modificou o seu testamento no qual pede que o seu cadaver seja incinerado.

Suppõe-se que algumas preciosas recordações de Michelet vão juntar-se no museu Carnavalet com o magnifico retrato de Couture que Madame Michelet offerecera em tempo áquelle estabelecimento.

Os funeraes da viuva do grande historiador devem ter-se realizado a 7 de abril em Paris.

Manuelita Rosas. Os jornaes estrangeiros annunciam que acaba de fallecer em Londres, numa edade bastante avançada, Manuelita Rosas, filha do celebre e despotico dictador da Republica Argentina, João Manuel Rosas, que tanto nos deu que fazer e aos representantes de diversas potencias europeas.

«O desaparecimento de Manuelita Rosas não póde passar indifferente», diz uma folha estrangeira, «pois é das mais curiosas figuras femininas que offercem os annaes das republicas hispano-americanas.»

Manuela Rosas, familiarmente chamada Manuelita, representou um papel importante junto de seu pae, durante o periodo em que elle exerceu o poder absoluto na Republica Argentina — 1835 a 1852.

Manuelita tinha apenas 18 annos

e já era a unica confidente do desconfiado e sanguinario despota.

Segundo refere uma amiga de Manuelita, a brasileira d. Joanna de Noronha, que teve de fugir para o Brasil para escapar ao furor de Rosas, a filha do dictador, sem ser uma belleza, era comtudo graciosa, de rosto attrahente e expressivo, olhos negros e brilhantes, revelando uma intelligencia viva, que a tornavam seductora e a faziam considerada como uma formosura.

Apesar de seu porte altaneiro, havia nella uma graça natural e até certa distincção em todos os seus movimentos.

Manuelita, no tempo em que o pae não conhecia limites ao seu poder despotico, participava com elle da execração dos adversarios e das adulações dos partidarios. Disputavam então um olhar seu, um sorriso, um gesto Era omnipotente.

Os proprios diplomatas europeus não desdenhavam uma palavra da confidente do dictador, e ella não as regateava a fim de conseguir, como habil politica que era, algumas sympathias das outras nações para o pae, que fazia tudo quanto podia para as alienar.

Rosas, que vivia retirado e sempre cercado de uma guarda de gaúchos, não se apresentava em festa alguma, fazendo-se represen-

tar por Manuelita, que o povo de Buenos-Aires chegou por vezes a levar em triumpho.»

Secretária do pae, sua unica conselheira, depositaria dos seus segredos, auxiliar da sua diplomacia, assistindo ás audiencias que o dictador concedia, e, muitas vezes, dando-as oficialmente em seu nome, Manuelita reinava sobre uma especie de côrte que ella mesmo havia formado; e nunca pensou então em casar, mesmo porque o tyranno não o consentiria, pois a filha era o unico ser que amava, considerando-a como sua egide e como continuando junto d'elle o papel de conselheira que a esposa havia tido, e á qual devera os seus primeiros triumphos politicos.

O lendario terror, que se ligou ao nome de Rosas, tambem incidiu sobre o da filha, que teve a sua parte nas apologias ou maldições que, sem meio termo, exalçaram ou recahiram sobre o tyranno. Representaram-na como um anjo do mal, inacessivel a outro qualquer sentimento que não fosse o odio, a ponto de se contar que apresentára, em uma salva, a um official inglez, ornadas de fitas, as orelhas do coronel Borba, immolado á vingança do pae. Esta phantasia imitada de Herodias foi desmentida pelo general Urquiza, adversario triumphante de Rosas e que, com o auxilio da Republica

do Uruguay e de d. Pedro II, imperador do Brazil, acabou por derrubar o tyranno, vencido na batalha de Monte Caseros, em 1852.

Um escriptor argentino, entretanto, exilado pelo dictador, de quem era inimigo encarniçado, escreveu a respeito de Manuelita:

«Recebia e escutava toda a gente com affabilidade e doçura. Apesar da sua influencia, que poderia armal-a de uma grande força para o mal, jamais contribuiu para fazer derramar uma só gotta de sangue, nem mesmo uma lagrima.»

Manuelita fugiu com o pae para bordo do brigue inglez *Conflict*, depois da derrota de Caseros, refugiando-se com elle na Inglaterra, seguidos pelas injurias e maldições de um povo inteiro. Rosas morreu em Southampton, em 1871, com 84 annos de idade. Manuelita, que por fim casara com Maximo Terrero, viveu esquecida durante os seus 46 annos de exilio, que succederam aos 18 annos de um verdadeiro imperio absoluto sobre a nascente confederação argentina.

Recebemos e agradecemos: — *A Mascara*, artistico hebdomadario, publicado no Rio de Janeiro e redigido por Sá e Benevides. Traz finas gravuras, em tinta de cor, destacando-se entre ellas o retrato do Dr. Moncorvo Filho, o humanitario propulsor da criação do *Ins-*

tituto de Assistencia á Infancia. Na parte literaria, além de chronicas, phantasias, etc. vêm trabalhos poeticos de Elvira Gama e da poetisa pôrtugueza Alice Moderno.

— *Revista Contemporanea*, publicação mensal, feita em Campinas, sob a direcção de J. Ribas d'Avila. O 1º numero é digno de attenta leitura, inserindo trabalhos firmados por A. Miller, João Vieira, Alfredo de Paiva, Ribas d'Avila, C. de Mello, P. Egydio, L. Amaral, B. Prego e B. Octavia.

— *O Domingo*, semanario brilhantemente redigido em Rezende pelo mavioso e jovem poeta Luiz Pistarini.

-- *A Ceciliania*, n.ºs 18, 19 e 20, com os retratos de Cunha Mendes, Valle e Silva, M. Ortiz Monteiro e excellente parte recreativa.

E' dirigida por Julio Prestes e conta a victoria de estar já no 4.º anno.

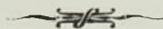
-- *A Chronica*, semanario illustrado de literatura e arte, repleto de bons versos e chronicas de Alfredo Santiago, Pinto Lima e de muitos outros escriptores contemporaneos.

-- *O Archivo Illustrado*, n.º 2. Estampa na primeira pagina o retrato de Emilio Zola e publica uns bellos versos de Candido de Carvalho.

— *A Rua do Ouvidor*, a gragreciosa e pontualissima publica-

ção que apparece todos os sabbados e que trouxe no ultimo n.º o retrato de Max Fleiuss.

Temos ainda a registrar a continuação da remessa dos seguintes jornaes: *O Paiz* e *A Noticia*, da Capital Federal; a *Gazeta de Petropolis*; a *America Illustrada*, desta Capital; o *Estado de Sergipe*, de Aracajú; *Munitor Sul-Mineiro*, da Campanha; a *Patria*, de Pouso Alegre; a *Peleja* de Aguas Virtuosas; a *Gazeta de Ouro-Fino*; *Verdade e Lux*, de S. Paulo; *Corimbo*, quinzenario publicado no Rio Grande do Sul, pelas illustradas escriptoras Revocata de Mello e Julieta de Mello Monteiro; o *Album das Meninas*, intelligentemente dirigido por Analia Franco; *Jornal do Commercio*, de Juiz de Fóra; *Gazetinha*, de Porto Alegre; *Santelmo*, de Fructal; *A Cidade de Santos*; *Minas Geraes*, de Bello-Horizonte; *Patriota*, orgam do gremio Alvares de Azevedo; *O Popular*, de Araraquara; *A Perola*. felha literaria dedicada ao bello sexo, publicada em S. Paulo; *A Folha do Norte*, de Pindamonhangaba; *As Boas Novas*, de Campos; *Gazeta da Leopoldina*; *A Lucta*, de Itapecerica; *Oito de Setembro*, do Rio Grande do Norte; *Leituras Religiosas*, da Bahia; *Ordem*, de S. José do Paraizo e *Correio do Povo*, da Varginha.



Æ Mensageira

Temos sobre a nossa mesa de trabalho o n. 26 d'*A Mensageira*, deliciosa e interessante revista litteraria dedicada á mulher brasileira, — que se publica em São Paulo, sob a direcção conspicua de Presciliana Duarte de Almeida, gentilissima e talentosa escriptora, cujo nome, vantajosamente conhecido e festejado é um titulo de glorias para o Brazil.

O numero que temos á vista e que é um primor, um mimo typographico, — traz, além de excellente collaboração em prosa e versos, um bello retrato de Aurea Pires, a encantadora poetisa mineira, e um soberbo soneto da impecavel Julia Cortines.

O *Domingo*, agradecendo-lhe a delicada visita faz votos pela sua prosperidade.

Away!

(Do *Domingo*, de Rezende).

Recebemos o n. 27 da *Mensageira*, a elegante revista litteraria que se publica em S. Paulo e da qual é directora D. Presciliana D. de Almeida, nome festejado nas nossas letras.

Versos de Narcisa Amalia, Aurea Pires, Helena de Viveiros, Presciliana de Almeida, e prosa de conhecidos escriptores, entre os quaes a nossa collaboradora Ecila Worms — eis os attractivos da *Mensageira*.

(Do *Paix*).

— *A Mensageira*. — (N. 27, anno II). É sempre com prazer que folheamos a applaudida revista litteraria, dedicada a mulher brasileira e proficientemente dirigida, nesta capital, pela inspirada poetisa d. Presciliana Duarte de Almeida. A collaboração que exorna o presente n. é excellente. Parabens á sua illustrada directora.

(Do *Correio Paulistano*).

Recebemos:

O n. 27 do 2º anno da excelente revista litteraria *A Mensageira*, habilmente redigida pela inspirada poetisa, d. Presciliana Duarte de Almeida.

O numero que temos á vista, além de bôa e variada collaboração, traz em sua primeira pagina o retrato de madame Dreyfus, esposa do inditoso exilado da Ilha do Diabo.

(Do *Braxil*).



São Paulo

15 de Junho de 1899

Anno II, N. 29

A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brasileira

Directora — Presciliana Duarte de Almeida

Publica-se no dia 15 de cada mez

Pagamento
adiantado

Preço da assignatura, 12\$000 por anno

Endereço: Rua de Sta. Iphigenia, N. 57.

Numero avulso
Rs. 1\$000



JULIA LOPES DE ALMEIDA

Summario: — Julia Lopes de Almeida; — Duas epochas, soneto, Silvio de Almeida; — Ruélia formosa, soneto, Zalina Rolim; — Ludibria ventis, poesia, Bel-larmino Carneiro; — Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos; — Domingo de Ramos, poesia, Aurea Pires; — Junto de um tumulo de criança, Julia Lopes de Almeida; — Esperança, soneto, Georgina Teixeira; — A Baroneza de Hirsch; — Noivado, Perce-neige; — Bodas de prata, conto, Maria Clara da Cunha Santos; — Vida, soneto, Peres Junior; — Escuta, soneto, Ridelina Ferreira; — Selecção; — Volta ao passado, soneto, Manuel Arão; — Notas pequenas.

Julia Lopes de Almeida

Querendo render uma homenagem da mais sincera e entusiastica admiração á eminente prosadora brasileira Julia Lopes de Almeida, cremos que de nenhum modo o fariamos melhor do que preferindo á nossa voz, fraca e desauctorisada, a palavra fina e competente de Guiomar Torreção que, para magua nossa, está eternamente silenciosa. Eil-a:

«Pertence-nos por seu pae, o sr. visconde de S. Valentim, natural de Lisboa, mas pertence ao Brazil pelo seu berço e por quantos laços alli a prendem aos supremos amores do seu coração, o marido e os filhos, e aos primeiros arreboes do seu talento, a illustre escriptora, a sr.^a D. Julia Lopes d'Almeida.

Mal pensaria o dr. Valentim Lopes, medico e escriptor distincto, hoje visconde de S. Valentim, ao

emigrar para o Brazil em 1856, mal pensaria sua esposa, que com a filha que no Rio de Janeiro lhes nasceria a 24 de setembro de 1862, elles levavam á America do Sul a sua primeira escriptora!

Tão fraternalmente unidos caminham estes dois paizes, Portugal e Brazil, que as suas origens, o seu idioma, as suas glorias confundem-se e desdobram-se atravez do Atlantico, encontram-se e reflectem-se, desabrochando, como esta de que estamos tratando, em flores coloridas pelo ardente sol dos tropicos. que mergulharam a raiz nos crystaes do Tejo!

A infancia de Julia Lopes decorreu em Nova Friburgo.

Aos 6 annos, de volta ao Rio, facultou-lhe o apprendizado da letra redonda no Methodo Castilho sua mãe, a sr.^a D. Adelina Lopes, viscondessa de S. Valentim, uma *virtuose* vivamente festejada nas salas lisbonenses e fluminenses, uma intelligente senhora, esposa e mãe exemplar, a melhor e natural iniciadora no limiar da vida, — a mãe! ao amoravel contacto da qual, da chrysalida, onde dorme a alma branca da creança, sae, librandose no azul do ether, a alada borboleta!

Delettreado, ou por outra, cantando o abecedario, de que mais tarde os negros caracteres, tocados pela sua penna e illuminados

pela sua phantasia, seriam faceta-mentos de joias, quem sabe se a Arte, ainda ausente, namoraria já de longe a que inconscientemente para ella caminhava?...

Foi em S. Paulo, Campinas, que sob a direcção mental, o conselho, o estímulo, a lição instructiva de seu pae, se completou e afinou a educação de Julia Lopes. Foi alli tambem, no florente Estado das suas predilecções, que se lhe revelou para as lettras a imperiosa vocação.

A collaboração da novel escriptora na *Gazeta de Campinas*, equivaleu desde logo ás crendencias que a acreditaram no dominio da Arte.

Seu pae, um espirito avançado, amando o bello sem lhe discriminar a procedencia, enlevando-se na luz do talento, sem lhe averiguar o sexo, levou a filha estremecida aos amplos horisontes onde o olhar refulge de um novo brilho, o coração palpita de um novo alento e a phantasia empluma e desfere novos e mais rasgados vôos.

Tres vezes a gentil escriptora brasileira viajou pela Europa, visitando a Inglaterra, a França, a Hespanha, a Suissa, a Italia e Portugal.

Em Lisboa a conheci e lhe devi a grata surpresa de vel-a em minha casa, acompanhada do querido companheiro, por tantas affinidades

eleito da sua alma, seu marido, Filinto d'Almeida, um insinuante e adoravel rapaz, poeta de raça, um dos raros que descobriu o segredo de permanecer moderno, ao nivel da evolução actual, sem deixar de ser lyrico.

No crisol das viagens se foi depurando o oiro d'esse talento, engastado como gemma duplamente valiosa em uma rapariga modesta, singelissima, quasi timida, sem o menor vislumbre de pedantismo, tal qual é a sr.^a D. Julia Lopes d'Almeida e me deliciou a mim de a sentir, como triumphante documento comprovativo da cegueira, da imbecilidade ou da má fé dos que não vêem as escriptoras senão atravez da satyra de Moliére, a algumas, por mal nosso, applicavel.

A Lisboa conferiu a illustre escriptora a primazia de publicar-lhe o seu primeiro livro, *Traços e illuminuras*, uma serie de contos já anteriormente lidos nos jornaes de S. Paulo, Rio de Janeiro e Lisboa, reveladores de grandes qualidades imaginativas, de parceria com um estylo naturalmente elegante e sempre despretencioso, sem o excesso de rhetorica de que soffrem quasi todos os debutantes litterarios.

Em seguida, de collaboração com sua irmã mais velha, a sr.^a D. Adelina Amelia Lopes Vieira, poetisa de aprimorados dotes, victo-

riada no Brazil e em Portugal, onde Thomaz Ribeiro a consagrou como eleita das musas, a sr.^a D. Julia Lopes d'Almeida deu á estampa os *Contos infantis* em prosa e verso, destinados ás escolas primarias dos dois paizes, sendo essa obra approvada pela *Instrução publica* da Capital Federal e outros Estados da Republica Brasileira, contando tres edições rapidamente esgotadas, cada uma de 5:000 exemplares, duas feitas em Lisboa e uma no Rio, facto excepcional, que testemunha o extraordinario merito d'esse trabalho modelar.

Na sua segunda viagem á Europa, demorando-se algum tempo em Lisboa e Cascaes, foi ainda em a nação a que tantas sympathias e tantas affinidades a vinculam, que a notavel escriptora concebeu o plano, e em grande parte o executou, do seu brilhante romance de costumes paulistanos, *A Familia Medeiros*. Esse livro, onde se estereotypa o periodo de transição do trabalhador escravo para o trabalhador livre, é não só o documento de um alto espirito, affirmando-se na exteriorisação de uma idéa e na fórma de conduzi-la e reproduzi-la, mas tambem a vibração de uma alma, condoendo-se da miseravel condição do escravo, espezinhado pela ferocidade da lei e pelo egoismo humano, e clamando

em nome da sagrada causa dos fracos e dos desprotegidos contra o inexoravel despotismo dos fortes. Da penna de uma senhora, trazendo a auctoral-a o vigor do seu talento e a prestigiosa eloquencia da sua sensibilidade, brotou então uma das mais irresistiveis propagandas a favor do abolicionismo, um dos mais violentos protestos, exarado na pintura dos horrores da escravidão, contra o mercado da carne humana e com elle a apotheose da regeneração pelo trabalho, cujos fructos, já sazoados, constituem ao presente a riqueza, a gloria e a prosperidade do opulento Estado de S. Paulo.

De tal sorte, que se a *Familia Medeiros* encontrasse nas duas litteraturas, brasileira e portugueza, a mesma larga vulgarisação europea que obteve, pelo idioma em que era escripto, o celebre romance *Cabana do pae Thomaz*, Julia Lopes seria já hoje uma benemerita da humanidade e o seu nome gravar-se-hia em lettras immorredouras para a homenagem da posteridade, na mesma evidencia gloriosa onde se fixou o nome da grande romancista ingleza.

A *Familia Medeiros*, que bastaria para evidenciar o superior talento da escriptora americana, é, sem duvida, a sua obra prima e e aquella que mais imperiosamente a impõe ao apreço da critica.

Nas conferencias realizadas em Lisboa pelo illustre poeta-prosador brasileiro, Valentim Magalhães, foi devidamente saudada por elle a supremacia litteraria d'esta senhora, que é, sem duvida, a primeira escriptora do seu paiz.

Trabalhando sempre, dividindo utilmente o seu tempo entre os deveres de esposa e mãe, amoravelmente cumpridos, e aquelles que dimanam do outro amor do seu espirito, a Arte, Julia Lopes tem escripto successivamente os romances: *As memorias de Martha*, publicado em folhetins de um jornal redigido pelo celebre ministro do Imperio, visconde de Oiro Preto, e a *Viuva Simões*, inserto em folhetins da *Gazeta de Noticias* do Rio, agora reproduzido em volume pelo nosso estimado editor, o sr. Antonio Maria Pereira.

Ultimamente, a insigne escriptora deu a lume o *Livros das Noivas*, deliciosa selecção de conselhos, indicações e lições femininas, de um grande alcance moral e economico, como só poderia deslizar em desartificiosa palestra intima da fina penna de uma mulher, para mais realçada por uma edição luxuosa, artisticamente illustrada. Toda a imprensa portugueza e brasileira prestou a esses primores litterarios o tributo do seu applauso, estimulando e, sem res-

tricções, louvando a fecunda e eminente prosadora.

Não descançando nunca e seguindo, sem cessar o ideal de toda a sua vida, — o culto á Arte e a divulgação e generalisação dos elementos moraes e educativos, tendentes a melhorar a condição humana, — Julia Lopes d'Almeida vae em breve publicar dois livros de contos, parte ineditos e outros insertos em jornaes da sua collaboração: *O Paiz*, *A Gazeta de Noticias*, etc. Alguns d'esses contos trazem a diplomal-os o premio obtido em concursos litterarios. N'esse numero sobresaem *Os Porcos*, um primor litterario, premiado em 1.º lugar, em concorrência com 30 contos de diversos auctores, pela *Gazeta de Noticias*, um admiravel estudo naturalista, que, na opinião da critica, Zola não desdenharia.

* * *

Eis em rapidos traços, imperfeitamente desenhados, a physionomia litteraria de uma das mais gloriosas escriptoras da actualidade, um pouco nossa, como já disse, visto que o seu talento desabrochando ao sol dos tropicos, mergulhou a raiz nos crystaes do Tejo.

GUIOMAR TORREZÃO



Duas epochas

No mez mariano. A virginal capella
Dava-lhe á face mais tocante alvura;
E, comparando-a com a Virgem pura,
Não sei qual era para mim mais bella!

Nas feições da Madona e da donzella
Havia o mesmo toque de candura,
E podia-se pôr, numa moldura,
A sua imagem dentro de uma cella!

Vi-a depois chorando o filho morto,
Mais do que dantes alva, como um lyrio,
Numa expressão de magua e desconforto...

E vendo-a então, á triste luz de um cirio,
Julgava ver meu coração absorto
Outra Nossa Senhora no martyrio...

Silvio de Almeida

8 — VI — 99.



Ruélia formosa

(A flôr que ensina a amar)

«Ensina a amar» — disseram-me sorrindo —
Conserve-a junto a si, bem junto ao seio
E assim como rebenta o claro veio
D'agua, na sombra, o amor virá surgindo.»

Da flôr sanguinea o rubro calix cheio
De extranhos philtros, velludoso e lindo,
— Ama! dizia em lettras de ouro, e, ouvindo
A musica do amor, lenta aspirei-o...

Toda a minha alma crédula se abria,
Preza, captiva, extatica á magia
Que os corações num mesmo sonho embala,

E agora a rubra flôr mysteriosa
Como uns longinquos sons de aria saudosa
— Eternamente aos meus ouvidos fala.

Zalina Kolim

Ludibria ventis

(Paria Korigan)

A' D. Brandina Fajardo

Em solitario, abandonado ninho,
que a rajada da noite desmanchara,
geme esquecido um pobre passarinho.

Chove. E para que o triste se abrigara
do rigor da procella, caridosa
a floresta sob a folhage' o ampara...

Folha a folha se juntam, e assim mimosa
cupula formam, que flexil guarida
ao orpham presta contra a chuva irosa.

E cada gota d'agua é convertida
em sonora toada, com que embalam
o doce sommo que lhe volve a vida.

Por fim da aurora os lyrios assignalam
o novo dia e as auras matutinas
varrem a chuva, as verdes folhas talam...

A tenra ave desperta... Entre as neblinas
vêm seus olhos, humidos de pranto,
roto o docel de folhas pequeninas.

Mas fresca viração lhe enxuga, emtanto,
os olhos tristes... Ergue-se, espaneja
e balbucia o seu primeiro canto.

E a viração, que em torno della adeja,
segreda-lhe: — Tens azas, passarinho!...
A aza ensaia, o vôo mal braceja
e após contente evola-se...

— Adeus, ninho!

Bellarmino Carneiro



Carta do Rio

31 de Maio de 1999

Duas visitas illustres vae receber esta formosa cidade: Saint Saëns o grande maestro, o consumado organista europeu e Lucilia Simões a talentosa artista brasileira, que é um genio e uma gloria nacional.

Lucilia, que conta apenas vinte annos, tem já deslumbrado a Europa com o seu talento excepcional.

Vendo-a e ouvindo-a lembrei-me de Sarah Bernhardt.

Esse factó que observei tem sido já observado por algumas pessoas.

Creio que é o maior elogio possível á joven artista, essa comparação que nos vem á lembrança, inconscientemente.

Projectam-se grandes festas e recepção condigna aos illustres hospedes.

Bem merecidas e bem justas. Os jardins desta cidade estão lindos, lindissimos! Ha muitas rosas variadas, frescas, cheirosas. E' um encanto. Parece-me que as flores adivinharam ou sonharam com a visita dos illustres artistas e querem se mostrar fidalgas, gentis e cavalheiras. Decididamente houve alguma intriga... ou então é certo o que dizem... os flores adivinham!

O telegrapho transmittio-nos, em menos de oito dias, a noticia da morte de tres artistas distinctos: Emilio Castelar, o tribuno valeroso, o litterato distincto que tanto elevou a Hespanha com a sua penna adestrada e a sua palavra eloquente; Sarcey, o critico notavel que tanto se elevou nessa ardua tarefa de dizer o que pensava, com auctoridade e justiça, sobre o trabalho alheio; e Rosa Bonheur, a pintora celebre, a artista de raça que tanto se distinguiu em sua arte, chegando a receber honras especiaes, conferidas tão sómente aos talentos de primeira ordem.

Rosa Bonheur era a directora da Escola de Pintura para o sexo feminino, de sua terra natal e era membro da Legião de Honra e do Instituto de Autuerpia e da Ordem Leopoldo, da Belgica.

Seus quadros attingem a preços elevadissimos. A illustre pintora falleceu com a idade de 79 annos.

Domingo passado houve no Hospital dos Lazaros, em S. Christovam, a festa da Santissima Trindade, na capella do proprio Asylo.

Após a missa cantada houve a tradicional procissão que percorreu o edificio, fazendo-se em seguida a distribuição do pão de Loth aos enfermos.

Que cerimonia grandiosa e to-

cante! O Hospital é um primor de aceio e conforto. O edificio está situado no alto, e tem aspecto sumptuoso e nobre. A vista do mar é esplendida.

Actualmente existem 71 doentes n'aquelle caridoso Hospital. A procissão que percorreu os aposentos dos enfermos, trazia em dois altares ricamente enfeitados as imagens da Virgem Dolorosa e de S. Lazaro.

Os dormitorios amplos e claros estavam abertos á visita publica. Cada enfermo junto de sua cama aguardava de pé ou de joelhos a passagem do prestito sagrado. A sineta tilintava de leve, a banda de musica tocava uma melodia arrastada, tristissima... e a imagem de Nossa Senhora das Dores, carregada por gentis senhoritas, entrava no aposento dos pobres degradados da sociedade. Em seguida vinha S. Lazaro e no seu rosto soffredor parece que havia uns laivos de resignação e piedade.

A irmã esmoler distribuia o pão de Loth aos enfermos, que o recebiam com lagrimas nos olhos. Que scena triste! Sinto ainda o coração esphacelado de dor ao lembrar-me d'aquelle espectaculo medonho e tocante.

A enfermaria de S. João Evangelista é só de creanças.

Vi uma menina, enferma, de quatro ou cinco annos de idade! A pobresinha estava toda vestida

de azul e ainda tinha vestigios de belleza. A deformidade da moestra não lhe apagára ainda os encantos da primeira idade.

A creança estava contente com aquella festa, com aquelle movimento fóra do commum, com aquelle vestido novo e ria-se — pobresinha — inconsciente de sua incomparavel desgraça.

Na enfermaria das mulheres encontrei uma moça medonhamente deformada. Ao encaral-a, vieram-me as lagrimas em borbotão. Quiz disfarçar o meu pranto e não pude. A enferma desatou a chorar tambem, como creança, soluçando alto.

Os homens trajam uniforme de brim. Na cama de um delles, sobre a alva colxa, destaquei umas iniciaes feitas com petalas de rosas.

Que quereriam dizer aquellas letras? Pobre infeliz.

A festa foi honrada com a presença do Presidente da Republica e de muitas outras pessôas gradas.

O illustre sacerdote, senador Alberto Gonçalves, pregou um brilhante sermão tendo por these a esperanza e a resignação como o balsamo no soffrimento.

«*Noites Brasileiras*», o volumezinho de contos de Ignez Sabino, destinado á mocidade, entrou em

nova edição, para o 4.º milheiro. Esse facto, que muito abona a talentosa escriptora, é por si um grande elogio e dispensa os meus commentarios

Um livro de que se vendem em pouco tempo, tres mil e tantos exemplares, é um livro de merecimento.

Consola e agrada em extremo, principalmente ao auctor que terá os proveitos de seu talento e as algibeiras recheiadas... que é o melhor da festa.

Antes do ponto final devo dizer que estiveram brilhantes as festas de 24 de Maio, commemorativas da grande batalha de Tuyuty. Em frente a estatua do legendario General Osorio houve uma festa imponente e popular.

Ainda bem!

Preparam-se tambem bonitas festas para o proximo Onze de Junho. A talentosa esculptora brasileira Nicolina Vaz de Assis trabalha assiduamente no busto do glorioso Almirante Saldanha da Gama, que deve ficar prompto para esse dia, de festa para a Marinha do Brazil.

E que melhor homenagem podem prestar á Patria os nossos Officiaes de Marinha do que inaugurando nesse dia, o busto d'aquelle que foi o orgulho e a honra de sua classe?

Maria Clara da Cunha Santos

Domingo de Ramos

Ao Padre Correia de Almeida

Badala o sino e a procissão desliza,
Commovendo minh'alma de poetisa!

Entre as alas de tochas enfeitadas
De ramagens e flores variegadas,
Resplandece o perfil sereno e doce
Da imagem de Jesus, como se fosse
Um grande sol predestinado! Occulto
Entre as dobras da tunica, seu vulto,
Serenos e triste, magestosamente
Domina a multidão piedosa e crente.
Lindos anjinhos de azas estrelladas,
Ao compasso das musicas sagradas,
Vão deslizando fulgidos, risonhos,
Como as brancas visões dos bellos sonhos!

Atravez da espiral que se desata
Dos luzentes thuribulos de prata,
Um sacerdote pensativo e grave,
De olhar sereno e ao mesmo tempo suave,
Conduz o Santo Lenho!

A alma que trilha

O caminho do crime então se humilha
E reza e chora e geme sob o imperio
Da imponencia divina do Mysterio!...
E o povo segue reverente e mudo!
Oh! Que solemne magestade em tudo!

Jovens donzellas pallidas, formosas
De roupagens de neve melindrosas
Como as plumas alvissimas da garça,
Lá vão passando, a cabelleira esparsa,
Esparsa em ondas de velludo escuro!
Uma velha com passo mal seguro
Vai caminhando vagarosamente...
Tendo um cirio na mão rugosa e algente.
Satisfeitas cumprindo uma promessa
Outras passam com pedras na cabeça.
Vindos de longe... de longinquos lares,
Passam velhos, creanças, militares,
E infelizes mendigos aleijados!

E os meus olhos contemplam, deslumbrados,
 Todo o vasto scenario onde se estampa
 Desde o berço á mudez fria da campa,
 A tragedia da vida.

E enquanto a esmola
 Bemfazeja da lagrima consola
 O impressionavel coração que tenho
 Com os olhos fitos no Sagrado Lenho
 Ajoelho-me constricta! Oh! Jesus Christo,
 Pelo vosso martyrio nunca visto
 Deixae que a luz da crença immaculada
 Illumine esta vida amargurada
 Que arrasto aqui na terra! Oh! Virgem Pia,
 Dae-me outra vez ao rosas da alegria,
 Que perdi no verdor da mocidade!
 Não sei que tedio extranho assim me invade
 A alma, que luta e se exaspera em vão!...
 Como é feliz toda esta multidão
 Resignada e tranquilla!...

E enquanto eu faço
 Esta fêrvida supplica e no espaço
 A lua cheia tremula se afasta
 No azul da umbella transparente e vasta,
 Badala o sino e a procissão desliza,
 Commovendo minh'alma de poetisa!

Aurea Pires

S. João d'El-Rey, 31 — 3 — 1899.



Junto de um tumulto de criança

(*A' Presciliana Duarte de Almeida*)

I

O QUE DIZ UMA MÃI

Quebra-te, abre-te, pedra implacavel,
 deixa que eu tome nos meus
 braços o seu corpo côm de luar,
 que eu o aqueça com os meus

beijos, que o adormeça com as
 minhas cantigas, que lhe ponha na
 boquinha fria o meu peito quente
 — fonte da vida... sim, o meu leite
 fará o milagre, resuscital-o-ha. Fi-
 lho, acorda, volta para o mundo:
 eu serei só tua, não sairás dos
 meus braços, passear-te-hei ao sol,
 vestir-te-hei de roupas perfumadas,
 não deixarei que nenhum mal te
 atinja; crescerás gordo, risonho,
 farto; depois serás um homem
 bello, poderoso, amado; a tua von-
 tade será sempre a feita, cantarás,
 espalharás alegrias, gozarás do bri-
 lho deste céu azul e das estrellas
 formosas, serás feliz... Volta aos
 meus braços, toma o meu peito,
 suga o meu sangue, todo o meu
 sangue ó teu, é teu, e todo o meu
 corpo, e toda a minha vida!

II

O QUE DIZ UMA VELHA

Fecha-te, lousa branca, guarda
 bem guardado no fundo da terra
 esse corpinho mimoso que a morte
 levou para o mundo onde não ha
 lagrimas. Transforma-lhe a carne
 em flor que a mãe aspire, a alma
 em estrella que dos irmãos guie
 os passos incertos. Que lhe daria
 a vida? Ah! bem sei... lutas,
 cansaço, maguas que afogam o
 coração mais duro. Pisaria espi-
 nhos, o sangue dos seus pés mo-
 lharia os caminhos por onde an-

dasse, as suas melhores palavras seriam ouvidas com escarneo; o homem desconfia do homem; á sua caridade chamariam ostentação, á sua benevolencia mentira, ao seu orgulho vaidade, ao seu amor chimera e ao seu sonho loucura!

Guarda, lousa branca, esse corpo macio e pequenino, traze-o só á flor do solo em violetas e em lyrios, para que o orvalhe o céu e o sol o beije, e o beije a lua; mas não te abras se algum poder divino o quizer resuscitar, porque, pobrezinho! elle teria de soffrer o que eu soffri, o que soffrem todos os que amam, os que trazem no peito o pendulo da vida, o coração insaciavel, feroz, que nada contenta e que nos devora.

E a velhice? Os passos arrasados, as mãos vacilantes, sem arrimo, a confusão das idéas, essa poeira de ouro fecunda que a muita idade transforma em lama pastosa?

Eis uma das maiores dores, sentir que no nosso cerebro o pensamento não evolue radioso, claro, nitido, que ha esforço onde havia espontaneidade, ruinas e escombros irremoviveis onde havia outr'ora altos castelos luminosos, abertos a todos os ventos, com musicas e rimas, arrojos e esperanças? Envelhecer... morrer aos poucos, sentindo apagar-se dia a dia as lanterninhas magicas do entendimento

e fazer-se a gente humilde para se tornar sympathica — porque a velhice arrogante é bem pouco estimada — e ver fugir os encantos e as bellezas, que abandonam os corpos de idade, como os pombos os pombaes infestados, e ter de rezar por alma deste ou daquelle (quem envelhece sem ver morrer?), e revoltar-se contra as injustiças, e ter piedade dos desgraçados, sem poder valer a ninguem, e ter uma filha mal casada, um filho louco, ou qualquer dessas coisas tão comuns na vida, — dizei, é bom?

Não.

A propria lembrança do amor, eixo da vida amarga, porque d'elle fica a saudade, a saudade que é a unica força vital que anima um corpo velho, que se curva para a terra, á procura da semente de onde ha de germinar a flor de uma nova illusão.

Lápide branca, lápide fria, guarda no fundo da terra esse corpo mimoso, transforma-lhe a carne em flor que a mãe aspire, a alma em estrella que dos irmãos guie os passos vacilantes...

JULIA LOPES DE ALMEIDA

(Do *Paix*)



Esperança

(A' minha gentil amiga Jacinthinha Bandeira)

Nem tudo morre, sim! nem tudo finda,
Seja a noss'alma, ás vezes, muito embora,
Ermo onde a luz benefica da aurora
Não penetre siquer, cantante e linda;

Nem um raio de sol, que a terra inflora
De magico esplendor, e, mais ainda
Fulgente e bello resplandece á vinda
Da primavera alegre, encantadora...

E o nosso coração seja um deserto,
Ou qual templo sem deuses nem altares
Sómente á dor e ao desalento aberto;

— Nem tudo morre ou finda ... A dor não
cança ...

De entre, porém, durissimos pezares,
Ha sempre viva e doce uma esperança ...

Georgina Teixeira



A Baronesa de Hirsch

Recentemente falleceu em Paris esta senhora que assignalou a sua passagem por este mundo por factos extraordinarios.

Fazendo da sua immensa fortuna a mais tocante e bella applicação entra ella no livro de ouro da humanidade e assim tem aqui toda cabida um fragmento da pagina que lhe terá de ser consagrada.

Está todo o seu elogio neste

facto raro: que ella teve uma alma sempre superior á fortuna e que as suas tristezas, como a sua riqueza, só a tornavam mais accessivel a todas as desgraças.

Nunca será conhecida a lista das suas boas obras, e, de resto, seria ella interminavel.

Mas disto resalta o merito da discreção e simplicidade com que sabia dar. Nada havia que a affligisse tanto como a divulgação dos seus beneficios; parecia receiar que, por esse facto, perdessem elles todo o seu merito.

Não esqueceu o seu retumbante donativo de dois milhões de francos ao Instituto Pasteur, mas não partiu della a indiscreção. A' Sociedade Philanthropica fez um donativo não menos importante, para constituir pensões allimenticias ás mulheres de estimação, attingidas pelos revezes da fortuna e arremessadas para os abysmos da miseria.

A sua preocupação constante era alliviar as miserias, as mais delicadas, as mais difficeis de confessar. Foi assim que ella, pouco antes de morrer, fundou na Austria e na Hungria duas obras de dois milhões e meio cada uma, para emprestimo gratuito áquelles que recusem uma esmola: operarios empregados ou outros.

A baroneza de Hirsch era austriaca por seu marido, e belga por

nascimento. Por isso, estas duas obras naturalmente se explicam. Mas a caridade deve ser universal, e desta fórma o entendia e praticava a baroneza de Hirsch, como, além do que ella fez em França o fez em Londres, fundando um sanatorio, e em New-York uma casa de refugio para as mulheres e raparigas que, idas da Europa á cata de uma situação, se encontrem sem logar e sem asylo. E na Baviera fundou um hospicio para parturientes. E, neste momento, está sendo construida em Paris uma escola, á sua custa.

Estas são as principaes fundações, mas quantas outras, sem falar das muitas e innumeradas e avultadas esmoladas que ella distribuia, todos os dias, sem distincção de origem ou de religião.

A todas as subscripções abertas para acudir a uma desgraça ou calamidade ou para auxilio duma obra sympathica, mandava sempre uma offerta magnanima, de ordinarario sob o véo do anonymo.

O imperador da Austria, que lhe votava uma muito particular consideração, conferira-lhe uma das primeiras cruces da Ordem de Elisabeth, fundada em recordação da imperatriz assassinada em Genebra.

Taes os traços geraes do que foi a caridade desta grande mulher, que, nos sorrisos que o destino teve para ella, viu as lagrimas que

o mesmo destino teve para os outros, sorrisos parece que expressamente dados para enxugar algumas dessas lagrimas...

(Extr.)



Noivado

Imaginaram camponezas bellas,
De quinze annos quasi todas ellas,
Casar-se á beira mar.

Colheram flores e das mais viçosas,
Boninas, cravos, malmequeres, rosas,
P'r'as frentes coroar.

Eil-as de branco, as timidas donzellas,
Mimoso bando de gentis gazelas,
A' frente do pastor...

Todas envoltas em ligeiros véus,
Iam, perante os constellados céus,
Sagrar o seu amor.

Era imponente a orchestra nupcial!
Preludiando marcha triumphal,
As ondas segredavam.

Riam, cantando ao longe, os gondoleiros,
Os bellos noivos, ternos companheiros
Que as noivas esperavam.

De vaga em vaga, estridulo, possante,
Repercutiu um grito soluçante,
Que vinha d'alem-mar,

E as ondas se entreabriram mansamente
Para em seu seio calmo e transparente
As noivas abrigar.

Quando, altas horas, tardos remadores
Cavam das ondas mysticos rumores
Em noites de luar,

Contam, chorando, a scena lutuosa,
Com voz tremente e face lacrimosa,
Fitando o vasto mar!

Perce-neige



Bodas de Prata

(A' *Maria Honoria Duarte Feitosa*)

— Bemvindo sejas, compadre Anselmo! Ha tanto tempo que não te vejo! E' obra de caridade visitar enfermos e encarcerados, não sabes?

— Então, que é isso? tambem os fortes pagam seu tributo! E' a primeira vez que te vejo de cama.

— E' o rheumatismo, o maldito rheumatismo. Impossibilitado de sahir á rua, até mesmo ao jardim, aqui estou, de molho, ha tres dias, que me parecem tres seculos!

Foi este o cumprimento dos dois velhos amigos e compadres Anselmo da Silveira e Julio Braga.

Um balsamo consolador foi esta visita para o pobre enfermo, aborrecido e cansado de aturar a cama. A conversa foi longa e animada. As janellas do quarto fechadas, a casa silenciosa. Em uma cadeira de balanço, no quarto do doente, sentára-se o compadre, a conversar sobre todas as cousas, com sua costumada alegria. Anselmo rejuvenecia ao prazer da encantadora palestra do amigo. Já não sentia as dores tão fortes que tanto o atormentavam horas antes e a pouco e pouco, ia se animando ao benefico som d'aquellas palavras queridas.

— Não vaes á festa das Bodas de Prata do Dr. Braulio? perguntou o enfermo.

— Não sei, meu amigo, depende ainda de certas decisões. A proposito, conheces a historia da vida dosse Dr. Braulio?

— Não, qual é?

— Ora! já faz tanto tempo que o caso se passou, que até o proprio Dr. se esqueceu do que houve, pelo menos é o que eu penso. Logo que o Dr. Braulio se casou, houve muita gente maliciosa que não viu com bons olhos essa união, aparentemente feliz. Diziam uns que o casamento fôra feito por interesse; a moça tinha fortuna. Diziam outros que o despeito fôra a causa desse enlace. Viveram alguns annos assim, com apparencias de felicidade, até que um dia o marido começou, com bons fundamentos, a desconfiar da mulher. A principio a suspeita e depois a duvida assaltaram horrivelmente o espirito do medico. Elle, pretextando uma viagem urgente, ausentou-se de casa, prometendo voltar d'ahi a cinco dias.

— E voltou?

— Espera. Que soffreguidão!

Não se demorou o tempo que disse, voltou no mesmo dia. Seriam oito horas da noite, mais ou menos; o luar muito claro alumia-va perfeitamente o gabinete da casa do medico, onde elle dava consul-

tas. Esse gabinete era logo á entrada da porta da rua, ao lado esquerdo. Muitas estantes de livros, uma *chaise-longue*, a secretaria, alguns quadros de valor e uma mobilia de junco eram todos os moveis desse logar. Ao fundo do gabinete havia uma alcova, quasi que sem utilidade, por ser muito escura e sem ar; não tinha siquer uma janella nem sahida para outro commodo. O medico entrou de repente, sem fazer barulho. Não era esperado aquella hora. A mulher estava sentada no sofásinho, ao lado de um sujeito, conversando muito contente.

O luar batia em cheio sobre os dois vultos, distinguindo-os claramente. Mal perceberam a entrada do medico, houve um momento de verdadeira hesitação; o crime condemna, o sujeito quiz fugir, não havia tempo. O medico desviou o olhar, de proposito, para dar tempo a qualquer resolução.

A mulher, atrapalhada, apontou ao sujeito a porta da alcova, unico refugio n'aquelle perigoso instante, e, estendeu para o marido os braços infames que minutos antes abraçaram o seductor.

O sujeito entrou para a alcova e cerrou a porta.

Esta scena, alumiada apenas pelo luar, desvendou aos olhos do medico todo o horror de suas suspeitas.

— Quem está? perguntou elle, olhando para a porta e affectando calma.

— Ninguem, responde a mulher.

— Nesse quarto, replica o marido, não existe então, pessoa alguma?

— Ora, ora! já disse que não.

— Bom.

Sentou-se junto á esposa, que tremia como varas verdes, e, contando-lhe os incidentes de sua viagem, parecia completamente despreoccupado do grande escandalo que presenciára.

Tocou o tympano. Veiu o creado.

— Vae chamar, com urgencia, o Chico carpinteiro e dize-lhe que traga as ferramentas, ordenou o medico, em tom decisivo.

A mulher extremeceu mas não disse uma palavra. Ambos aparentemente calmos, conversavam com tanta naturalidade que dir-se-hia nada haver de extraordinario n'aquelle recinto.

D'ahi a pouco veiu o carpinteiro que disse, satisfeito: prompto seu Doutor, ás suas ordens.

— Quero que tranques esta porta com toda a segurança.

— Para que? seu Doutor, a esta hora da noite, perguntou o carpinteiro, admirado.

— Faze o que te ordeno e não retruques.

D'ahi a meia hora estava a

porta fechada e trancada completamente.

O medico, no seu intimo victorioso, pensava: prendi-o para sempre, desse carcere não sahirá mais.

Terminado o serviço foi o carpinteiro generosamente gratificado.

A mulher — vê, compadre, que bisca?! — continuou na mesma, apparentando tranquillidade que ella, absolutamente, não podia ter. O medico nessa noite e nas outras subsequentes dormiu no gabinete de consultas, e o que é para admirar! dormiu com a tal mulhersinha a seu lado.

— Não era eu mais que me fiava nella, exclamou Anselmo!

— Pois é o que te digo. meu compadre, o freguez trancado n'aquella alcova, nem piava, coitadinho!

De manhã o medico disse á mulher que almoçava ali mesmo. E ella lhe fez companhia ao almoço, devorando com appetite as saborosas iguarias da refeição e bebendo um bom calice de Xerez. Todo o dia o medico esteve no consultorio, ora lendo, ora escrevendo, receitando, examinando doentes. A' tarde repetiu-se a mesma scena; o jantar foi servido ali mesmo. E para encurtar razões, oito dias se passaram sem que o Dr. Braulio abandonasse aquelle logar. No fim desse tempo, um

cheiro insupportavel de podridão começou a infectar a casa toda.

— Que é? que será? indagava o medico, como se aquelle cheiro nauseabundo não o certificasse da verdade inteira.

A' tarde, elle e a esposa foram passeiar no Morro das Cruzes, logar poetico e um tanto afastado da cidade. Durante sua ausencia a alcova foi desinfectada e o cadaver do seductor sepultado. Para esse fim, o medico incumbiu dois camaradas de confiança, amigos certos e dedicados. Voltaram do passeio, elle sobraçando bonitas flores do matto, que ia encontrando pela estrada, ella com o lenço cheio de joás maduros.

Durante o passeio, elle com meiguice inexcedivel ia explicando á mulher o nome, a serventia e a origem de algumas plantas exquisitas que encontravam ao acaso, e todo amoroso, mostrando profundo conhecimento de botanica, deslumbrava a esposa, assustada, em extremo, com aquelle carinho immerecido.

Chegaram enfim. Em casa, nada de novo, apenas a porta da alcova aberta.

— E essa mulher nada fez quando viu consummado o seu crime?

— Qual o que! Compadre! Continuaram a viver perfeitamente, o medico até hoje nada fez; es-

tava vingado e satisfeito; a mulher tomou a lição, criou juízo e...

— E depois?

— Depois... Viveram muito felizes... e amanhã vão festejar suas Bodas de Prata.

E os dois velhos compadres e amigos riram-se a mais não poder.

Nos olhares de ambos bailaram sorrisos maliciosos. Anselmo pediu uma colher do remedio, e com espanto viu, no relógio, ter deixado de tomar duas doses, entretido como estava, com a palestra do amigo.

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS

Vida

A Georgina Teixeira

Tudo scintilla e tudo reverdece!

— Das arvores na fresca ramaria

O psalterio das aves principia...

A Natureza exulta e resplandece!...

Manhã de rosas... Fulgido apparece,

De luz enchendo o espaço e de ardentia

O Sol amigo e bom, que a serrania

Invade, e o bosque aclara e o ninho aquece.

Na embriaguez do aroma, as borboletas

Por entre as flores andam, irriquietas,

Pandiculando as azas multicores...

E abre-se o campo em flores, venturosas...

— Se eu persebesse as fallas mysteriosas

Das leves borboletas e das flores!...

Peres Junior

Volta ao passado

As minhas paixões não podião morrer porque
crão immensas, e o que é immenso é eterno.

(Eurico, A. Herculano.)

Quando á noite profunda, erguendo o olhar maguado,
Para o estrellado ceu, na visão do infinito,
A mim mesmo contando o austero poema escripto
Que no sacrario d'alma existe inalterado;

N'um momento olvidando o aculeo inominado
D'esta dor que se expande em lacerante grito,
— N'um sonho constellado, o teu semblante e fito
Sob um pallio de luz e o encanto ethereo e alado!

Delue-se a magua então n'um delicioso instante
Na posse do que foi, do que ficou distante,
Na erma estrada da vida, eriçada de abrolhos...

A alma volta ao passado, e tremula e sorrindo,
Sente junto ao teu seio o mesmo amor infindo,
A mesma adoração no abysmo dos teus olhos.

Manoel Arão

Seleccção

Porque, ha tanto tempo, só se chamam as mulheres flores da terra, encantos dos olhos?

Porque se incensa exclusivamente as suas qualidades phisicas, afim de limitar o seu imperio a essa bella mocidade, infelizmente tão passageira; emquanto que, companheiras do homem, ajudando-o a passar suavemente o mar tempestuoso da vida, têm direitos eternos á sua estima e muitas vezes á sua veneração?

Porque fallar tanto na belleza e desprezar as qualidades da alma? Não parece que as mulheres estão classificadas no numero desses animaes domesticos dos quaes só se apreciam as vantagens do corpo, e algumas gracinhas, fructos de um instincto feliz?

De onde vem ainda essa opinião commum que o homem é superior á mulher? Em primeiro logar, de ter sido o homem o primeiro a dizel-o, a escrevel-o, sem encontrar contradictor...

E' o desprezo bem conhecido dos homens pelas mulheres que as deprecia a seus proprios olhos, faz com que procurem homenagens frívolas e tira a suas almas essa especie de energia de que são naturalmente susceptiveis.

Entre todos os defeitos com que mimoseam as mulheres, collocam

em primeiro logar a malediencia. Para tirar este pretexto á critica, seria preciso dar-lhes um alimento ao espirito, regular-lhes a imaginação, tolerar emfim que fossem instruidas. Essa educação modificada poderia dar-lhes á alma essa força, essa coragem que lhes tornaria mais supportaveis os males que assolam o genero humano.

[Do *Atheneu das senhoras*]



Escuta!

(No album de *Emma W. N. Paranaguá*)

Vou de novo partir. Cortar os mares
E campinas extensas, verdejantes;
Vai meu ser, em soluços lancinantes,
Habitar novamente extranhos lares.

De minha sina atroz crueis pezares
Obrigam-me a buscar terras distantes;
Não terei, nem siquer por uns instantes
Verdadeira affeição, n'esses logares.

Mas si a sorte de mim tiver piedade,
Um dia voltarei do meu degredo
A gosar teus carinhos de amizade...

Então, comtigo á sombra do arvoredro,
Eu triste, que definho de saudade
Talvez que te confie o meu segredo!

Capital 30 — 12 — 98.

Ridelina Ferreira



Notas pequenas

Guiomar Torrezão — No cemiterio dos Prazeres, em Lisboa, realizou-se com grande solemnidade a trasladação dos restos mortaes de Guiomar Torrezão, do jazigo onde permaneceram por emprestimo para o jazigo das familias Costa e Torrezão.

A cerimonia foi precedida de missa de corpo presente, á qual assistiram muitas senhoras e grande numero de admiradores da notavel escriptora.

Sobre a urna foram collocadas muitas flores pelas amigas da illustre finada, destacando-se entre todas uma cruz de rosas deposta por sua irmã.

Bem haja essa homenagem posthuma prestada ao luminoso talento da possante luctadora.

Elle — E' este o titulo de um novo romance da distincta escriptora portugueza Claudia de Campos, auctora da *Esphinge*, do *Ultimo Amor*, do *Rindo...* do *Mulheres* e das bem elaboradas *Cartas Femininas*, publicadas ha tempos pelo *Diario Popular*.

Este livro, que acaba de ser impresso em Portugal, não chegou ainda ao Brazil, segundo cremos, o que, porém, já aqui chegou é a sua fama de trabalho primoroso, destinado a exito brilhante. Dizem que o romance é filiado á escola

subjectivista de Carlota Brouté e ao estudo de psychologia de Paulo Bourget. Daremos logo que nos seja possivel um capitulo dessa obra, que é uma das maiores novidades literarias de Portugal.

Emilia Pardo Bazan — Eis como Xavier de Carvalho descreve uma festa realizada em Paris em honra daquella eminente escriptora:

«A grande escriptora hespanhola d. Emilia Pardo Bazan acaba de chegar a Paris, onde realisou uma conferencia muito importante na sala Chavas sobre a *Hespanha de hontem e de hoje*. Depois houve um pequeno jantar em sua honra no restaurant Durand.

No dia seguinte a *Fronde*, o jornal feminista bem conhecido, offereceu á distincta romancista hespanhola uma festa nos salões da redacção onde tocaram e cantaram os mais distinctos artistas de Paris.

Mme. de Rute, princeza de Rattazzi, convidou-nos depois para o grande jantar que offereceu á eminente escriptora.

Entre os convivas: o conde de Kératy, Aurelien Scholl, duque de Tarento, conde de Solms, principe Bonaparte Wyse, principe de Lichtenberg, João Richepin, o vicepresidente da Republica brazileira — Dr. Manoel Victorino, A. d'Atri, Xavier de Carvalho, Alexandre Parodi, o deputado socialista Antide Boyer, o pintor Raffaeli, sr. e Mm.

Cheliga Lœvy, o jornalista Xavier de Ricard, o compositor de musica e professor do conservatorio de Lisboa, Francisco Lacerda, o nosso collega do *Jornal do Brazil* — Silva Lisboa, Tournier, Marie Louise Gagneur, Mme. de Grey, o ex-ministro Heredia, o poeta Marc Le-grand, etc.

Foi uma festa muito brilhante como costumam ser todas as que offerece a illustre princeza de Rattazzi, que tem reunido nos seus salões os mais distinctos brasileiros de passagem em Paris, como Silva Jardim, como José do Patrocinio, Dr. Marcondes, Dr. Manoel Victorino, etc.

Mme. de Rute vae introduzir bastantes melhoramentos na sua revista *Les Matinées Espagnoles.*»

Joanna Darc. No dia 30 de Maio ultimo, anniversario da morte da celebre heroína franceza, houve em Paris, grande romaria á sua estatua, que ficou coberta de corôas.

A Rua do Ouvidor encetou, a 13 de Maio, o seu 2.º anno de existencia, pelo que a felicitamos cordialmente. Commemorando a gloriosr data da abolição, estampou em sua pagina de honra o retrato de D. Izabela, a Redemptora.

Perce-neige. E' este o pseudonymo de intelligente e inspirada poetisa brasileira, como se vê, pelo seguinte trecho de uma carta com que nos honrou Bellarmino Car-

neiro: «Envio-lhe uma mimosa lenda poetica de 'Perce-neige' pseudonymo sob que modestamente se esconde formoso talento feminino do Ceará.

Ha muito sentimento romanesco, muito encanto nesses singelos versos, pagina que arranquei, com a cumplicidade de uma amiguinha fluminense que não desdenha as boas lettras, a um jornalzinho litterario manuscripto e redigido exclusivamente por distinctas senhoritas cearenses.

Do mesmo jornal penso roubar mais algumas preciosidades ineditas para mimosear a «*Mensageira*».

Livros. *Psychoses*, de Carlos Coelho, e *Flor de Neve*, de Eurico de Goes, são dois livros impressos com nitidez e elegancia, como tudo que sahe das officinas de Carlos Gerke & C.^{ia} e dos quaes nos occuparemos em breve.



Æ Mensageira

A Mensageira — Recebemos os dois ultimos numeros desta esplendida publicação, dedicada á mulher brasileira, e que tem como redactora D.^a Presciliana de Almeida.

O ultimo numero traz o retrato da poetiza Aurea Pires, bons escriptos em prosa e duas bellissimas poesias de Silvio e Presciliana de Almeida.

(Da *Ceciliana*)

São Paulo

15 de Agosto de 1899

Anno II, N. 30

A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brasileira

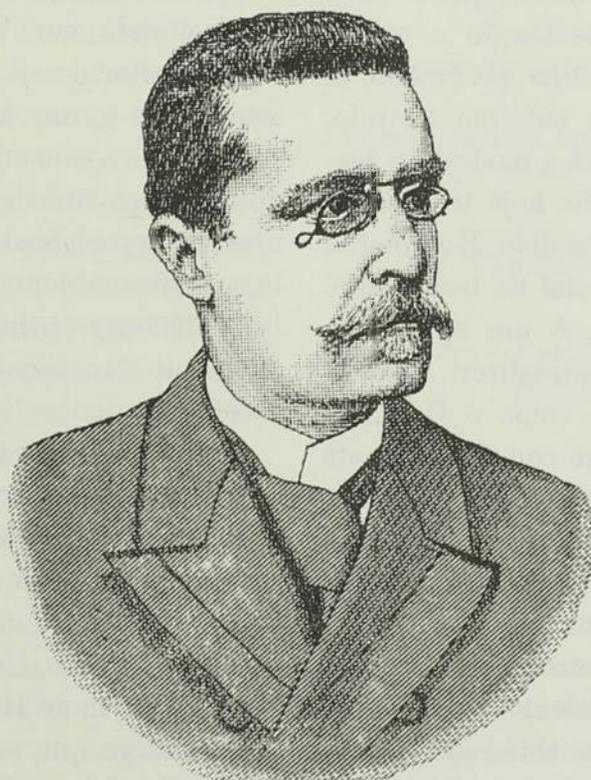
Directora — Presciliana Duarte de Almeida

Publica-se no dia 15 de cada mez

Pagamento
adiantado

Preço da assignatura, 12\$000 por anno
Endereço: Rua de Sta. Iphigenia, N. 57.

Numero avulso
Rs. 1\$000



DR. CANDIDO ESPINHEIRA
DIRECTOR DO HOSPITAL DE ISOLAMENTO

Summario: — Dr. Candido Espinheira; — Soneto, Candido de Carvalho; — Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos; — A virgem de Murillo, excerpto de drama em verso, Adelina Lopes Vieira; — A escolha de um modelo; — Junto ao berço de Dalila, poesia, Bellarmino Carneiro; — Seleccção; — Le Féminisme au Bresil, Xavier de Carvalho; — Volta aos pagos, soneto, Candida Fortes — Escala do viver, poesia, Presciliana Duarte de Almeida; — Notas pequenas.

Dr. Candido Espinheira

A todos que sabem quanto nos cala n'alma a dedicação e solitudine de um medico proficiente á cabeceira de um enfermo querido, não surprehenderá a modesta e justa homenagem que hoje tributamos ao illustre Dr Candido Espinheira, director do Hospital de Isolamento. Que a medicina é um apostolado ouve-se geralmente dizer, quantos medicos, porém, como o Dr. Candido Espinheira se compenetraram até o sacrificio do papel sublime que está reservado ao homem de ciencia junto do berço de nossos filhos ou do leito de nossas mães?

E' que a medicina, além de grande somma de talento e sabedoria, exige do homem abnegação illimitada, iniludivel desprendimento e incomparavel caridade. E é por possuir em alto gráu taes predicados que o nome do Dr. Espinheira é repetido com acatamento e entusiasmo por todos que têm

a ventura de conhecê-lo e admirá-lo.

A' capital do Estado da Bahia cabe a gloria de ser o seu berço natal e ahí iniciou elle a sua brilhante carreira scientifica.

Transferindo-se para o Rio de Janeiro, onde fez os quatro annos ultimos de seu curso medico, formou-se em 1880, tendo sido até então interno da casa de saude de N. S. da Ajuda.

Levado pela sede de saber, partiu para a Europa em 1882, tendo se demorado em Vienna, Paris e Berlim, afim de se aprofundar nos estudos de gynecologia, em que é especialista consummado. Além desta especialidade, o Dr. Espinheira é proclamado por seus collegas mais eminentes como especialista de crup, a horrivel enfermidade que é o terror das mães e o escolho de tantas vidas preciosas

O Dr. Espinheira tem por varias vezes dirigido o serviço sanitario desta capital, com applausos geraes, mas o que o torna credor da gratidão e admiração de todos é o seu bello impulso, o seu incansavel desvelo na direcção do Hospital de Isolamento, cargo que assumiu em 1895 e que lhe foi confiado pelo benemerito Dr. Cesario Motta, de saudosa memoria. Dizem todos os entendidos que aquella instituição rivalisa com as suas homogeneas das mais adiantadas cidades da Europa

e da America e que não ha estrangeiro que depois de haver penetrado no Hospital de Isolamento não se pronuncie com enthusiasmo sobre a sua sabia direcção, proclamando o asseio, ordem e disciplina que alli reinam de par com a maior delicadeza, carinho e abnegação de seu digno director.

O estabelecimento, edificado no aprazivel bairro da Avenida Paulista, dispõe de pavilhões isolados para as diversas molestias contagiosas, installados com rigorosa hygiene, possuindo lavanderia a vapor, com accessorios para a desinfecção, que dizem ser a unica que ha neste genero em nosso paiz.

O Dr. Candido Espinheira compenetrado do martyrio a que teriam de se submeter as familias, separando-se dos enfermos que lhes fossem caros, fez com que alli se construísse um pavilhão dividido em duas secções e destinado a receber as pessôas que não quizerem abandonar os seus doentes amados e isto só basta para que mereça a bençã de todas as mães, de todas as esposas, de todas as filhas! Não é emtanto extranhavel que ideia tão feliz partisse de seu cerebro de chefe de familia exemplar e amorosissimo. Quem sabe sentir, adivinha os alheios sentimentos.

Honra pois ao incansavel, caritativo e talentoso clinico Dr. Candido Espinheira.

Soneto

Era-me a vida asperrimo deserto.
Ennevoada de brumas era a via,
Que perlustrava, com destino incerto,
E a passos incertissimos media.

Olhava o ceu, e o ceu era coberto
da mesma treva, que me recobria.
Fugindo á fé, expunha-me inexperto
A's torturas da Duvida sombria....

Mas tu vieste, ó Crença, tu vieste
Povoar-me o deserto de esplendores,
E encher minha alma de esplendor
celeste.

E eu, desprezando os mundanaes fulgores,
Vi sem demora, que me detiveste
De ajuntar maior magua ás minhas
dores...

CANDIDO DE CARVALHO



Carta do Rio

E' o caso de se prometter um premio -- e bom premio -- ao chronista que conseguir durante uma quinzena como esta -- só de festas e de alegrias -- escrever duas linhas que não sejam discriptivas dos festejos esplendorosos e dizer duas palavras que não se refiram á festa, que tudo absorve.

Aos jornaes diarios, exclusivamente, devia caber a tarefa de re-

latar, por miudo, as festas e os festejos.

Aos escriptores que escrevem chronicas bem podia se poupar esse trabalho, aliás inutil. Mas como? Si elles proprios são os primeiros a não poderem se liber-tar dessa influencia!

Por toda parte, em todo o recanto desta capital, na praça publica, na intimidade do lar, só se houve fallar no General Roca e sua luzida officialidade, na Republica Argentina, na fraternidade dos dois paizes amigos, nas festas que preenchem todo o dia e que absorvem toda a attenção, todo o tempo.

Ha quasi nove annos que resido nesta formosa Capital e — francamente — nunca vi tanto entusiasmo como nesta ultima quinzena.

A principio foram as festas por occasião da chegada do D.^r Luiz Vianna, governador da Bahia; depois a exposição de quadros do notavel pintor Baptista da Costa, depois Bordallo Pinheiro e suas admiraveis faianças das Caldas da Rainha e theatros e companhias de primeira ordem, lyrica e dramatica, uma infinidade de encantadoras festas.

Tivemos tambem a visita illustre de Francisca Julia, a gloriosa poetisa paulista. Infelizmente não pude abraçar-a quando fui visital-a e

nem recebel-a quando me veio procurar.

Esses desencontros involuntarios fizeram-me muito pezarosa.

Tivemos ainda a visita de Silvio de Almeida, o notavel educador, lente de portuguez no Gymnasio de S. Paulo, e delicado poeta, acompanhado de sua esposa, minha adorada amiga Presciliana Duarte de Almeida, que aqui esteve cerca de mez e meio, tempo esse em que *A Mensageira* esteve suspensa.

Agora reaparece a nossa revista, publicando os numeros atrasados, sem prejuizo para os assignantes. O prazer e a alegria que experimentei ao abraçar a minha querida amiga, só póde ser avaliado por quem conhece a nossa amizade, tão antiga, tão solida, tão verdadeira.

A proposito da educação moral da mulher, escreveu Maria Amalia Vaz de Carvalho, no «Jornal do Commercio», um excellent artigo intitulado «A mulher do futuro». A illustre escriptora penitencia-se em publico e raso do seu antigo modo de pensar a proposito das profissões que as mulheres deviam adoptar.

Até então Maria Amalia aconselhava e dizia em bonitos e bem lançados artigos que a mulher de-

via estudar e se instruir para embelesar a vida de seu companheiro de existencia, do eleito de su'alma, para se tornar a flor delicada do lar, centro de todo o carinho, para ser, em summa, o ideal e o unico pensamento do marido; hoje, mais pratica e' mais positiva, ensinada, talvez, por grandes desillusões, ella aconselha o estudo como uma arma de combate; a profissão liberal como uma providencia immediata e mostra com elevado estylo e fortes analyses de factos incontestaveis a necessidade que a mulher tem de se preparar para a lucta, procurando pelo esforço proprio a sua independencia, a sua vida.

Ainda bem! Causava-me espanto o antigo modo de pensar da illustre escriptora relativo a esse ponto de magna importancia no momento actual.

Hoje, que ella publicamente se mostra arrependida de seu modo de pensar — poetico em demasia — eu venho annunciar, com alegria, esse facto aos leitores desta revista.

Mais uma para o nosso lado! e uma que vale o que pesa, que sabe pensar, que sabe ver, que sabe meditar e que além de tudo isso tem a rara virtude de confessar o seu erro e abraçar um novo ideal que lhe parece ser o verdadeiro.

Ainda bem. E' o caso de se dar parabens ás mulheres em geral.

Fiel ao meu programma, deixo aos jornaes diarios o direito de discrever as festas excepcionaes destes dias. Abro apenas um parenthesis para a extraordinaria festa do mar, o passeio veneziano na bahia de Botafogo.

Imaginem o quadro: o mar sereno e bello, a noite clara e bonançosa, o céu tranquillo, sem uma nuvem.

Centenas de embarcações, illuminadas artisticamente com variegadas côres moviam-se por sobre as ondas, ostentando com garbo a sua extraordinaria belleza.

A orla toda da enseada, desde o Gigante de Pedra até o morro da Viuva estava repleta de gente.

Os balões venezianos, a illumination *a giorno*, as lanternas de mil côres que se reflectiam docemente nas aguas, os poderosos holophotes e a musica suggestiva e tocante concorreram para o deslumbramento desta festa — a mais bella que a imaginação póde conceber.

Um escriptor já disse que a praia de Botafogo, fechada n'uma verde moldura, é um pedaço da Grecia e um pedaço da Italia, a um tempo, fundidos no Brazil. Tem da Italia o céu e tem da Grecia o mar.

Não sei. Não conheço a Italia, não conheço a Grecia. Para mim, a praia de Botafogo, como estava na noite da festa veneziana, era um pedaço de céu, era a phantasia mais linda que Deus construiu para mostrar o seu grande poder, o seu enorme valor e a sua extraordinaria obra prima.

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS



A Virgem de Murillo

(Adelina Lopes Vieira)

SEGUNDO ACTO

Scena 4.^a

Elvira e Rodolpho

Rodolpho (entrando pousa o chapéo e a bengalla e dirige-se a Elvira que se sentára no sofá á direita).

Rodolpho

Eis-me de novo, senhora a seus pés curvo, humilhado e aqui ficarei prostrado, se me não mandar embora.

Elvira (estendendo-lhe a mão).

Se, mais razoavel hoje promette ser, como espero, sente-se...

Rodolpho

Sendo sincero....

Elvira

A sinceridade foge se amôr assumpto fornece.

Rodolpho

Falla de si...

Elvira

De si.

Rodolpho

Juro!

E' meu affecto o mais puro e eterno!

Elvira

Não me parece possivel essa mudança. Outro amôr, inda ha bem pouco era o seu desejo louco, a sua doce esperanza....

Rodolpho

Pode ser que amor julgasse a sympathia, e aturdido por não ser correspondido, mais meu engano augmentasse;

mas vendo-a e ouvindo-a o encanto da sua voz, do seu riso, entre-abriu-me o paraíso, dando á minh'alma o mais santo dos sonhos; — a posse inteira, das mil perfeições que existem no seu todo....

Elvira

Em que consistem taes perfeições?... na cegueira?

Rodolpho

Em tudo; na formosura ideal que a faz soberana, na bondade sobre-humana que, como que a transfigura,

na meiguissime inexcedivel, na suave delicadeza, com que desculpa a fraqueza, e corrige... o incorrigivel.

aconselhando, tão branda,
tão subtil, tão convincente,
que o mais atheu, torna crente!

Elvira

O que ahí vae!...

Rodolpho

Quando anda,
como se visse, graciosa,
o olhar claro, a fronte erguida,
parece que vae cingida
de uma aureola luminosa!

Elvira

Jesus!

Rodolpho

Conversando, ensina
a julgar, com tal bom senso,
que, do negrume mais denso,
jorra uma luz repentina!

Elvira (reprehensiva)

Diz que é sincero!

Rodolpho (com fogo)

Consulte
a doce visão que adora
verá se minto.
(*Elvira cobre o rosto com as mãos e soluça.*)
Então chora?
(*muito meigo.*)

Quer que este affecto sepulte
no coração? que me cale?
que finja, ao vel-a, indiferença?
que me abysme na descrença?
que fuja? que parta? (*pausa*)

Elvira (levantando a cabeça resoluta)

Falle! (*pausa*)

Não se a verdade exprime
o que me jura, confesso...
A' minha estrella obedeço, (*pausa*)
Não minta, seria um crime
turvar a serenidade
da minha vida tão quieta,

tão serena, tão discreta,
tão despida de vaidade!
Não esperando que a sorte
me outorgasse amor um dia,
punha na Virgem Maria,
meu bem, na vida e na morte!

Que paz celeste gosava,
sem apprehensões nem crises!
e em torno a mim só felizes!
Se dormia ou despertava
uma risada argentina
ou um cantar jubiloso,
doce écco de extranho goso
me embalava.... (*levantando-se*)

Repentina

surge a duvida,... reclamo,...
resistir tento,... esmoreço,...
cresce o delirio,..... padeço....
lucto,..... não creio e....
(*detendo-se e apertando o coração com
ambas as mãos*)

Rodolpho

E....

Elvira (*com voz quasi sumida*)

Amo! (*cae sentada no sofá*)

Rodolpho (*sentando-se no*

pauf aos pés de *Elvira* e tomando-lhe
as mãos com transporte).

Amas?! Mais uma vez, repete *Elvira*
essa palavra magica e celeste! (*levando
as mãos de Elvira á testa delle.*)

Vê que me escalda a fronte e que delira
minh'alma, co'a ventura que me déste!
Dize outra vez que soffres, que padeces,
dos espinhos do amor ferida embora.
Sê minha! e saberei, como mereças,
provar que só a ti minh'alma adora!

Elvira (*passando as mãos nos cabellos
de Rodolpho; com muita dor*)

Não poder ver-te! Oh! Deus! não po-
der ver-te!

Só hoje sinto bem esta desgraça!
 Não poder ver-te um só instante! inerte
 ficar quando sorris! isto ultrapassa
 a maior dor humana! que tormento!

Rodolpho (*acariciando-a*)

Se me visses, talvez que a antipathia
 te afastasse de mim... si em pensa-
 mento
 me vestes de um fulgar que eu não
 teria...

Elvira

Sei que és formoso, sei que és elegante
 que amas as flores e os perfumes caros,
 sei que és dos *cotillons*, o par marcante,
 que tens luxo, bom gosto, e quadros
 raros...

(*com tristexa*)

mas... ler não posso em teu olhar pro-
 fundo
 se esse amor que me falla é verdadeiro.

Rodolpho (*com intensidade*)

Verdadeiro? Este amor é eterno e fundo!
 resumes para mim o mundo inteiro!

Elvira (*sobresaltada*)

Oh! ventura!
 (*desce e levanta as mãos ao ceu*)

Maria! Virgem Santa!

Volve a mim os teus olhos amorosos,
 e prolonga, e eternisa os deliciosos
 dias deste sonhar, que amor encanta!
 (*fica instantes como que em extasi*)

Rodolpho (*tomando-lhe de novo as mãos*)

Não duvides de mim! Marca, eu t'o
 peço,

o tempo da fatal expectativa
 quinze dias? um mez? sê compassiva!..
 Não respondes Elvira?

Elvira

Deus! confesso
 que tenho medo. Quero acostumar-me

primeiro, a doce idéa de ser tua...
 eu... (*pausa*)

Rodolpho

Morro de impaciencia! continúa...
 esperemos, meu Pae... vem visitar-me...
 eu te apresentarei... dir-lhe-ás que af-
 fecto
 nossas almas uniu e, abençoado,
 começará de então, nosso noivado.

Rodolpho

Tens razão. D'aqui lá, serei discreta.

Elvira

Bem hajas, meu amor!



Æ escolha de um modelo

I

A redacção da *Revue des Re-
 vues* pediu a um certo numero de
 celebridades femininas que lhe in-
 dicassem: o *homem da historia que
 ellas proporião como modelo a seus
 filhos*.

Não menos de 23 respostas —
 tal foi a pesca deste lanço de rede.

Vou procurar reproduzir aqui —
 resumindo as mais extensas — as
 mais typicas dessas consultas.

Convém, por amor da ordem, di-
 vidil-as em dous grandes grupos.

1.º As que designão com pre-
 cisão o heróe, que symbolisa o
 Idéal sonhado, o Modelo que as
 novas gerações devem imitar ou
 igualar, se puderem.

verdade bemfazeja e não aggressiva, que desenvolvão nelles o gosto pela dedicação e pelo sacrificio dos mesmos á Patria e que lhes provem por cem exemplos que pululão na hora actual que os máos, os mentirosos e os egoistas são pobres diabos bem desgraçados. — *Juliette Adam.*

Mme. de Grandfort responde não sem ironia:

Nenhum ente é assaz perfeito para que no seu conjuncto se possa dal-o como modelo. Tomaria, pois, neste o seu valor, naquelle a sua humanidade, e neste outro as suas nobres virtudes e formaria um todo que offereceria á admiração dos meus filhos... sem grande esperança de que isso servisse para alguma cousa. — *Mme. de Grandfort.*

Passemos agora ao grupo dos que materialisárão o seu idéal, encarnando-o em qualquer vulto da historia.

A insigne escriptora Zanne Marion, a delicada e ironica dialogadora dos *Fiacres*, vota por São Luiz, S. Luiz de quem Voltaire escreveu:

Prudente e firme no conselho, intrepido nos combates, seu ser arrebatoado, misericordioso *como se nunca houvesse sido senão infelix*, não é dado ao homem levar mais longe a virtude.

O condestavel de Huntrussency

e S. Vicente de Paula obtem os suffragios de duas damas, Mmes. Paul Yunka e Isabelle Bogelot.

A celebre romancista Henry Gréville justifica desta forma a escolha de seu modelo:

Seria um Francez necessariamente, porque é necessario não ser injusto para com o genio da raça e tentar inculcar-nos virtudes estrangeiras em detrimento das nossas. Esse modelo seria um homem de acção, assim o exige o progresso, e um soldado, visto ser necessario. Mas possuiria as qualidades de prudencia, de juizo e de cortezia que fazem um diplomata e sem as quaes o mais intrepido corre o risco de não passar de um aventureiro. Seria amador da sciencia, da litteratura e das artes, apreciaria a sociedade das senhoras, seria bom chefe de familia e saberia administrar os seus cabedaes, numa palavra, seria um homem completo.

Acabo de passar nestas linhas o retrato muito succinto de Montaigne. Se todos os nossos filhos se esforçarem por imital-o, ainda que por alguns lados apenas, a França do seculo XX poderá ufanar-se delles. — *Henry Gréville.*

Mlle. Vacaresco, a poetisa roumaica, autora desse bello livro *L'Ame Sereine*, hesita um momento entre um homem de acção e um homem de pensamento, en-

tre Marco Aurelio ou Lamartine. Depois inclina-se em favor de um homem que represente um ideal de força e de fé, e indigita Pascal á admiração das gerações insipientes.

Quanto a Mme. Georges de Peyrebrune, essa entende que o que as mãis devem desejar para seus filhos não é o destino de qualquer *heroe*, mas sim de um homem feliz, obscuro e portanto sem historia.

Qual é a mulher que deseja ver gerar um christão?

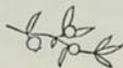
Qual é a mulher que, designando a seu filho o martyr do Calvario, ousaria dizer-lhe: «Sê aquelle homem.»

Todas as grandezas, todas as glorias, como todas as virtudes, expião dolorosamente a sua excepcional perfeição. Escolher entre os heroes, seria escolher entre os supplicios e não me sinto com tal coragem. Eduquemos os nossos filhos no amor da verdade e no culto da justiça e deixemos cumprir-se os seus destinos.

GEORGES DE PEYREBRUNE

Para não alongar demasiadamente este capitulo, deixo para a chronica seguinte a conclusão do plebiscito.

(Do *Jornal do Commercio*.)



Junto ao berço de Dalila

(*A' minha sogra*)

Adormeceu. Seu bercinho
guarda com zelo e carinho
esse thesouro de amor.
A mamãe vela a seu lado
— anjo do affecto, inclinado
sobre essa esperança em flor.

A palpebra afadigada
cedeu, como hypnotisada
das caricias maternas,
ao doce peso do somno...
presa de um ledão abandono,
fechou-se não treme mais.

Inda tem a facesinha
rorejada e coradinha
de um beijo — beijo febril
e amoroso como o beijo
que uma mãe nunca tem pejo
de dar no filho gentil.

Como é bella até dormindo
a innocencia!... Como lindo
seu rosto serio ficou!...
Sonha talvez travessuras
que hão de fazer as venturas
de quem a pouco a beijou.

Soltos os anneis dos cabellos
tão louros, Deus meu! tão bellos,
vêm seu rosto emmoldurar,
e delles flava madeixa
manhosamente se deixa
sobre o seio agasalhar.

E a cada placido arquejo
a madeixa ganha um beijo
e sente o collo um tremor...
O collo é de neve pura
como as azas de candura
dos archanjos do Senhor.

O resomnar socegado
e aquella ar serio esboçado
no roseo semblante seu
bem traduzem a innocencia
que é como celica essencia
que os anjos bebem no céo.

BELLARMINO CARNEIRO

Novembro, 1874.



Seleccção

E' indispensavel que qualquer menina seja de primeira força ao piano. Obrigam-na a fazer exercicios durante dez annos, até o dia do seu casamento: — nesse dia ella fecha o seu piano para todo o sempre.

Haverá nada mais insensato?
Haverá nada mais ridiculo?

FR. SARCEY



Le Féminisme au Brésil

Nous continuons à recevoir le curieux et bien intéressant organe des femmes brésiliennes: *A Mensageira*, de Saint-Paul, revue dirigée par Mme Presciliana Duarte d'Almeida, une des femmes de lettres les plus en vue du Brésil et un esprit très épris d'idéal et de vérité morale.

Autour de Mme d'Almeida, il existe aujourd'hui un noyau de bonnes volontés qui désirent comme elle la transformation économique du milieu social qui laisse bien à désirer au Brésil comme dans toutes les républiques latines de l'Amérique du Sud.

A Mensageira a peut-être le tort d'être plutôt une revue littéraire qu'une revue de combat et de ne pas se laisser entraîner dans une voie résolument révolutionnaire. Au Brésil, où l'éducation catholique (comme au Portugal et en Espagne) a empoisonné l'esprit de la femme, il faut faire par tous les moyens une très vive et très grande agitation, pour arriver à des résultats pratiques. Un de ces moyens est l'étude approfondie de tout ce qui concerne les relations morales et sociales des sexes.

Nous sommes d'accord avec Mme Emma Pieczynska qui, dans le dernier numéro de la *Revue de morale sociale*, expose sur le féminisme cette pensée bien sincère:

«Le féminisme, à nous yeux, n'est pas son propre but; il n'est que le moyen d'atteindre à un état social plus équitable que le nôtre. A l'égoïsme masculin, qui jusqu'ici a prévalu dans nos lois et dans nos mœurs, il ne s'agit pas d'apposer un égoïsme féminin, non moins impudent ni moins odieux; mais il s'agit de les subordonner,

l'un aussi bien que l'autre, à une idée de justice et à une loi morale qu'il est de leur suprême intérêt à tous deux de faire triompher.»

Et nous sommes aussi d'accord avec Mme Louise Réville qui, dans l'*Action Féministe*, — l'organe par excellence de l'agitation des femmes vers une nouvelle société supérieure — dit:

« Nous ne sommes point féministes à la façon de ces bonnes bourgeoises qui réclament l'égalité ou la prédominance de notre sexe et que satisferait la réalisation de ces rêves. Celles-là exceptent la société telle qu'elle est et ne demandent que d'avoir place parmi les privilégiées. Nous, au contraire, nous souhaitons ardemment la suppression de tous les avantages particuliers qui ne sont que des injustices dont souffre la masse. »

En voilà du vrai féminisme ! Ce sont des femmes d'esprit émancipées qui parlent comme nous, désirant entendre les Brésiliennes de demain.

Nous avons l'espoir que le mouvement, encore timide, de la *Men-*

sageira de Saint-Paul, aura fait donner un grand pas à l'idée féministe au Brésil.

L'organe pauliste nous a déjà démontré qu'il y a au Brésil un noyau de femmes vraiment supérieures mais nous attendons encore plus de la *Mensageira* qui a pour directrice une des muses du Brésil nouveau.

Le dernier numéro de la revue du D. Presciliana Duarte de Almeida publie un article très remarquable de Mme Julia Lopes de Almeida sur Guiomar Torrezão, cette femme écrivain si regrettée a été la George Sand du Portugal.

Tous nos vœux sont pour le triomphe de la cause féministe au Brésil, et pour l'émancipation philosophique, économique et morale de la femme brésilienne. A *Mensageira*, de Saint-Paul, par ses tendances renovatrices et ses aspirations bien précises, ne doit pas laisser de côté sa partie littéraire, les revendications si justes de la partie la plus belle de l'humanité: la femme.

XAVIER DE CARVALHO

(De la Revue du Brésil, de Paris.)



Escala do Viver

E's ainda
Bem pequena,
— Fresca e linda
Flor serena!

Que te falta
Na existencia,
Que se esmalta
De innocencia?

Em ti é tudo frescura!
Tudo alegre, tudo novo!
— Regato em meio á verdura,
— Esperança rindo ao povo.

Cresces e aprendes,
Amas a flor,
Depois te rendes
A' luz do amor!

E vaes aos poucos, dia a dia,
Deixando o peito se nutrir
De uma illusão que te extasia
E te faz velho a rir, a rir!

Não fôra o sonho, não fôra a gloria,
Não fôra o engano da mocidade,
Que na velhice tua memoria
Seria sáfara immensidade.

Correm os dias, fanam-se os sonhos,
Porém de tudo fica a lembrança...
Sim! são formosos, sim! são risonhos
Mesmo os cadaveres da esperança!

* * *

Geme a velhice ao peso da desgraça,
Chora no leito extremo...

E a pouca vida que lhe resta, escassa,
Vae á mercê de um pequenin remo:

Vaga no mar da angustia e da saudade
Pela fé conduzida...

Pois, se a esperança alenta a mocidade,
A fé conforta a fronte encanecida.

* * *

Incensando o quarto, o sacerdote reza
Pela pobre vida que se extingue em ais..
Como é dura a morte! Como a vida pesa
Nos suspiros tristes, longos e finaes!

Mas, emfim, socega o moribundo afflicto,
Já descança em paz...

Nem mais uma lagrima, ou queixume,
ou grito

Seu dormir desfaz.

* * *

Agora a sempre-viva, a perpetua e a
saudade,

A sombra do cypreste, enfeitam-lhe a
pousada!

E sob a cruz erguida alli pela amizade,
Canta, chilrêa, brinca um ave enamo-
rada!

Faz o ninho feliz entre a rama e des-
canta...

Eis a vida de novo encetando o trabalho!
Tudo se vivifica e tudo á vista encanta:
Nova aurora no céu e nova fior no galho!

23 de Fevereiro de 1897.

PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA



Volta aos pagos

A' Perpetua do Valle

Noite. Sobre a coxilha uma luz pestaneja,
A promissora luz de hospitaleiro pouso.
Arqueia-se na altura o estelario formoso
Do céo e na cempina outro estelario adeja...

Em baixo, um fio de prata esplandece flexuoso
Ao sopé da colina onde o matto negreja...
A lua vem surgindo e toda a sertaneja
Plaga surprehende em livre e placido repouso...

Um cavalleiro agora emerge da espessura,
Na estrada a galopar da luz na direcção,
Que o suspirado colmo ao tino lhe assegura.

O ladrido de cães já denuncia a estancia...
E ao relincho, no val, do impaciente alazão
Outro relincho acorda os echos na distancia...

CANDIDA FORTES

(Das *Alluvianas*)

Cachoeira (R. G. do Sul), junho, 99.



Notas pequenas

A Ceciliana. — O n.º 24, do IV anno desta excellente publicação penhorou-nos em extremo, publicando na sua pagina de honra os retratos de Silvio de Almeida e da directora da *Mensageira*. As palavras de benevolo entusiasmo com que nos enalteceu a delicada revista ficarão para sempre gravadas em nossa mente, como estímulo benéfico nas horas de lucta e desfallecimento.

Destinos. — Com este suggestivo titulo entrou para o prelo um livro de contos devido á penna inspirada e correcta de Adelina Lopes Vieira, um dos vultos mais proeminentes do Brazil literario.

Parabens aos amantes das boas letras, e á talentosa poetisa.

Sabino Baptista. — Mais um poeta, cheio de esperanças e de mocidade, acaba de ser tragado pelo negro sorvedouro da morte, Sabino Baptista, o talentoso redactor da *Provincia do Pará*, auctor das *Vagas* e um dos maiores luminares da *Padaria Espiritual*, do Ceará.

O distincto literato havia ligado seu destino a uma das mais inspiradas poetisas do norte do Brazil, Anna Nogueira Baptista, que é agora tão duramente ferida pela desdita, ficando-lhe apenas como consolo dois adorados filhinhos.

Receba a illustre poetisa os nossos sentidos pezames.

A Estação. — Magnificos os ultimos numeros desta publicação que todas as senhoras de bom gosto deveriam assignar. Lindos figurinos, excellentes moldes e rica parte literaria, da qual se destaca um artigo de Alberto Pimentel sobre a *Poetisa do Vixella*, artigo que transcreveremos no proximo numero da *Mensageira* por tratar de literata quasi que inteiramente desconhecida em nosso meio.

À Mensageira

Mensageira (n. 28, anno II.) A festejada revista litteraria brinda os seus leitores com um summario opulento e variadissimo. Bons versos e boa prosa.

Pedimos venia para transcrever este bello soneto do maguado poeta do *De Lucto*:

UMA RELIQUIA

E' pena que o poeta abuse tanto do *enjanbement*.

(Do *Correio Paulistano*)

«*A Mensageira*». Um ramalhete das mais olentes flores embriagando a todos quantos o tocam, eis o que é esta revista litteraria dedicada a mulher brasileira.

Um anno já conta «*A Mensageira*», um anno de gloriosa existencia toda dedicada ao progresso artistico do bello sexo.

Esplendidos os dois numeros 26 e 27, que temos ante nossas vistas. O primeiro estampa em sua pagina o retrato da distincta poetiza mineira, exma. sra. d. Aurea Pires; o segundo apresenta á contemplação dos leitores o da exma. Madame Dreyfus, nome hoje rodeado

duma viva sympathia despertada pela celebre questão do proscripto da Ilha do Diabo, que agora, mais do que nunca, agita a nação franceza.

Com o primeiro dos retratos quiz a encantadora revista render um preito de homenagem á mulher brasileira, que olvidando os preconceitos mesquinhos, atesta brilhantemente que o céu da terra de Santa Cruz tanto desperta no homem o sentimento do bello, como o faz avolumar na mulher — sua legitima proprietaria. Com o segundo offerece o seu apoio moral áquelle verdadeiro typo de esposa que, com «uma nobre dedicação e um bello desprendimento, mais uma vez vem provar que — as desgraças são a pedra de toque do casamento —, conforme o dizer d'um grande moralista.»

A' exma. sra. d. Presciliana Duarte de Almeida que tão sabia e criteriosamente dirige «*A Mensageira*», a «*Revista Contemporanea*» apresenta as mais cordiaes felicitações.

(Da *Revista Contemporanea*)



A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brasileira

Directora — Presciliana Duarte de Almeida

Publica-se no dia 15 de cada mez

Pagamento adiantado	Preço da assignatura, 12\$000 por anno Endereço: Rua de Sta. Iphigenia, N. 57.	Numero avulso Rs. 1\$000
---------------------	---	-----------------------------

Summario: — A mulher do futuro, Maria Amalia Vaz de Carvalho; — Martyrio incrível, soneto, Aurea Pires; — Brazil-Paraguay, critica literaria, Silvio de Almeida; — Miniatura, poesia, Arthur Andrade; Saudade incuravel, conto, Maria Clara da Cunha Santos; — Magoa infinita, soneto, Raul Corrêa; — A esmola, Ipoméa; — A subir... a subir... poesia, Presciliana Duarte de Almeida; — A paizagem, Narciza Amalia; — Notas pequenas.

A Mulher do Futuro

A' hora em que escrevo (dia 4 de Julho), está se encerrando em Londres o *Congresso Internacional das Mulheres*, o qual desta vez teve uma importancia muito maior do que nunca tivera, pela qualidade e representação das pessoas que a elle adherirão ou nelle figurarão.

A Presidente do Congresso foi a Condessa Aberdeen; entre as suas oradoras figurão a mulher do Bispo de Londres e outras personalidades de alta significação social, que receberão em festas sumptuosas as suas aggregadas, senhoras como a

Duqueza de Sutherland, Lady Rothchild, etc., etc.

Vê-se, portanto, que a onda do *feminismo* tem engrossado e está já em torrente; vê-se que esta reunião já não é uma assembléa de *declassées* a reclamar cousas irrealizaveis ou ridiculas e a reclamar pomposas e vãs theorias.

Os trabalhos do Congresso, divididos em cinco sessões, constarão dos seguintes assumptos: *Educação, Profissões liberaes, Legislação, Industria, Questões politicas e sociaes.*

Bastão os titulos acima enunciados para denunciar a importancia que está hoje tendo no mundo esta questão *feminista* que ha pouco tempo se prestava ainda a tanto epigramma, a tanto *calemburg*, a tanta brincadeira de máo gosto.

Eu confesso que tenho pela chamada emancipação politica da mulher uma repugnancia invencivel.

Custa-me infinitamente a comprehender essa nova figura hybrida, que a civilisação moderna tem produzido e vai produzir mais e mais.

Fui educada sob a influencia de

idéas que já se não coadunão com o momento actual. O mundo moral que nunca parou, como não pára o mundo physico, como não parão os infinitos planetas que povoão o espaço, tem nestes ultimos trinta annos adquirido uma velocidade quasi frenetica.

Dantes, a não ser em tempos de revolução que um movimento reaccionario logo annullava, as idéas levavão tantos annos a transformar-se em factos, que uma geração tinha tempo de desaparecer sem assistir a mudanças que a espantavão e ferião.

Não succede hoje assim. A gente é que tem de se modificar rapidamente para seguir as modificações do seu tempo.

E por isso eu, tantos annos adversaria inconciliavel dos *direitos politicos* da mulher, tenho de converter-me a essa innovação, desde que nella se incluem vantagens de ordem economica e de ordem moral, que não erão tão necessarias á mulher antigamente e que hoje lhe são absolutamente indispensaveis para que a brutalidade da vida moderna a não esmague.

O que eu dantes sonhava é impossivel de realizar-se. A vida está cada vez mais aspera, mais complicada e mais dura.

Para a mulher, como para o homem, é ella um batalha em que se vence ou se morre.

O ideal que educou a mulher na adolescencia era o de Legouvé, o de Michelet, o de Aimé Martin.

Era o que junctava no lar purificado e simples a mulher e o homem perto do berço da criança!

Era o que fazia pelo casamento de dous seres *differentes*, mas iguaes, incompletos, mas capazes de se equilibrar mutuamente, o *ser uno*, o ser completo e fecundo, de que a familia sahisse como do germen sahe a flor.

Hoje, porém, tudo está mudado, e mesmo porque somos mais ricos, somos tambem mais miseraveis!

Só os privilegiados da fortuna podem realizar este calmo ideal, e esses não querem!

Na maior parte das nações o divorcio destruiu a familia.

Aos ricos, separa-os o luxo ostentoso de uma vida *à outrance*; nos pobres, separa-os a miseria cruel e exigente, em que não medra a planta de estufa que se chama *amor*!

Nos casaes opulentos, o que vemos! O homem está no *club* ou anda a divertir-se só; a mulher passa a vida a correr as lojas, as casas das suas amigas, os theatros, e os bailes; as crianças estão entregues a amas, a mestras, a collegios, a mercenarios em todo o caso.

Nos casaes miseraveis, o homem está na officina ou... na taverna;

a mulher está na fabrica; a criança está na *crèche* ou no asylo.

Com estes membros disseminados, dispersos, como ha de construir-se essa trindade fecunda que se chama familia? Onde o divorcio existe, ao menor embate os conjuges divorcião-se e vão construir novos ninhos, de onde emigram bem cedo para novas distrações e novos prazeres.

A criança, no meio desta anarchia domestica, cria-se como Deus quer, sem muita fé em cousa que não seja a sua propria força para vencer a adversidade e o destino.

Daqui um individualismo feroz, destructivo, que se accentua mais e mais.

* * *

O regimen liberal, sob o qual nasci, cresci e me eduquei, deu este resultado. Apparecerão, porém, homens novos, que trouxerão á sociedade desorientada outros ideaes de organização futura. Do programma desses homens faz parte integrante a emancipação total dessa escrava dos seculos, que é a mulher.

Escrava? Será. Mas escrava em todo o caso que soube, não direi agora por que artes, seduzir o seu senhor: que o obrigou a trabalhar freneticamente para que lhe não faltasse a ella nem o mais superfluo dos luxos; que o dominou,

que o venceu, que o fez rendido e submisso a todos os caprichos da vaidade, do orgulho, da cobiça feminil!

E' verdade que essa obra de seducção só póde ser exercida por algumas, pelas que são lindas. E daqui vem esse horror para a mulher; que ella tem de pagar com seu amor fingido os bens que desfruta. Horrivel escravidão moral que equivale á outra.

Sem fallarmos naquellas que se vendem legalmente pelo casamento rico e das que têm a felicidade de achar no marido escolhido o protector amado, ficão ainda milhões e milhões de mulheres no mundo a quem as leis, os costumes, as convenções negão todo o meio de conservar a independencia, de fugir da miseria, de conquistar uma mediocridade honesta e farta, de escapar á tentação que as vence tanta vez!

Como oppôr a esta aspiração justa da mulher, que quer ter o seu lugar ao sol, considerações cuja origem se vá buscar á esthetica, á elegancia moral, ás tradições e aos preconceitos do passado? E' necessario, pois, que eu me renda á evidencia e á verdade desta doutrina que não amo.

O seculo XX verá a mulher trabalhando ao lado homem, concorrendo com elle em todas as carreiras liberaes, vencendo-o, talvez, em

algumas dellas pela sua tenacidade, pela sua paciencia, pela sua habilidade manual, pela perspicacia ingênita que a distingue, pela sua faculdade apurada em longos seculos de padecer calada, de supportar o mal sem se queixar.

A Camara franceza acaba de consentir á mulher formada em Direito que advogue nos auditorios da França. Na Inglaterra foi proposto que ella exerça todos os cargos municipaes, á excepção de um — o de *mayor*.

A livre America, sempre avançada e sempre logica, acaba de entregar a um grupo de mulheres todos os empregos administrativos e municipaes de uma das suas cidades, pois que, farta das delapidações e venalidade dos seus funcionarios, entendeu que devia fazer a experiencia de uma administração exercida por mulheres.

Nunca até aqui os propagandistas do *feminismo* tinham alcançado victorias tão decisivas e em tão diversos pontos.

E' que a questão felizmente deslocou-se. E' uma questão economica e não é já meramente uma questão politica.

O socialismo, que a perfilhou, elevou-a ao mesmo tempo que a tornou positiva e pratica.

E o que é mais extraordinario ainda, por ser muito illogico, é que aquella porção da sociedade, que

é por essencia conservadora e timida ante o ridiculo, parece por uma estranha reviravolta convertida á emancipação politica e civil da mulher.

Os nomes que figuram neste Congresso de Londres e os nomes das senhoras que festejão entusiasticamente as congressistas fazem fé desta mudança.

Deve ella ter duas causas: primeira, é que a caridade activa do nosso tempo, a sua virtude mais acrysolada e mais pura, a que o rehabilita de tantos dos seus erros e dos seus vicios têm levado aos antros, onde geme a mais asquerosa miseria, as mulheres da mais alta sociedade da Europa. Ellas têm penetrado nas prisões, nos hospitaes, nas fabricas, nos subterraneos e nas mansardas; ellas têm abaixado olhos celestes, que nunca tinham visto senão a pompa decorativa de uma civilização quasi sobrehumana, até ao avesso verdadeiramente revoltante dessa scena deslumbradora que as encantava. Nem sonhavam que esse luxo, esse brilhante theatro em que ellas representavam os papeis principaes, coroadas de diamantes, aljofrado o seio de perolas, vestidas de brocados e de velludos, recamadas de bordados tão bellos que parecião feitos por mãos de fadas, isto na luz deliciosa que sahe de tulipas de crystal em que a electricidade

accende as suas estrellas, entre moveis trazidos dos mais remotos recantos do Universo, junto de mesas carregadas de baixellas de ouro, cinzeladas por artistas incomparaveis, vergando ao peso de iguarias sem conta e sem descripção possível — nem sonhavam sequer que esse conjunto de entontecedora riqueza só podia ser comprado á custa da miseria abjecta e corruptora de milhões de seres humanos!

Foi então que ellas percebêrão bem, as doces filhas da ociosidade e da riqueza, — que se julgavam *christãs* porque fazião devotamente todos as gestos da fé e praticavão todas as ceremonias rituaes — em que paganismo immoral tinhão vivido até aqui.

Do seio das mais altas classes sahio um brado de horror, que veio unir-se ao grito de angustia que ascendia dos subterraneos escuros, em que a miseria celebra as sinistras saturnaes.

E como em toda a parte a mulher appareceu aos anjos que visitavão a *citá dolente* da desgraça e do vicio como a eterna explorada, a eterna victima, a paria eterna e sem remissão, a *sympathia* é em favor dos direitos da mulher.

Correspondem nas altas espheras sociaes a propaganda activissima e efficaz que em favor da mulher tenhão feito apóstolos convictos de um novo regimen social.

A outra causa que actua hoje na aristocracia de raça ou de dinheiro para que seja em favor do feminismo militante, é que ella, que tem pouco que fazer, gosta muito das novidades, emquanto as novidades a não desalojão da boa posição em que se estabeleceu solidamente.

No seculo XVIII a aristocracia foi tambem por todas as innovações que apparecêrão, emquanto estas innovações forão *platonicas*. Ella teve o engodo das sciencias experimentaes, das theorias anti-religiosas dos encyclopedicos, das leis economicas de Quesnay e de Turgot, da libertação da America, das reformas politicas da Constituinte, etc., etc.

O peor é que nessas theorias, passando do papel á realidade e em se tratando de perder os privilegios que dava o nascimento nesse tempo e que hoje dá a riqueza, ninguem se conforma com a revolução realizada e todos a amaldiçoão, a escarnecem e lhe resistem, emquanto não são aniquillados...

Esta questão do *feminismo* é uma parte integrante do programma socialista. Os que advogão com verdadeiro conhecimento de causa, advogão ao lado dessa questão muitas outras que, vencidas, imprimirão uma nova forma á sociedade, vasarão em um molde inteiri-

ramente diverso do que hoje conhecemos, os costumes, as leis, as instituições, a propria moral?

Perceberá isto bem a mulher do Bispo de Londres? e Lady Rothchild e a Duqueza de Southerland?

Que essas sejam caridosas a todo o transe, caridosas com a paixão ardente que só a mulher sabe pôr no bem, como no mal, compreendendo-se e admira-se.

Mas não percebem ellas que não é de caridade que se trata agora!

Não; pelo contrario, o que os socialistas querem, e oxalá que, ao menos isto, o consigão, é que a caridade deixe de ser o unico lenitivo que existe para a extrema miseria e para a degradação imerecida!

No dia em que justiça fôr feita aos homens de boa vontade, segundo as promessas de Christo, a caridade continuará a ter onde exercer-se, porque ha miserias moraes que a equitativa distribuição da riqueza não poderá, já se vê, destruir, mas a miseria physica, a exploração da mulher pelo homem, do pobre pelo rico, do fraco pelo intrigante forte, terá deixado de macular a sociedade em que viverem as gerações que succederão á nossa.

Esse novo regimen que hoje sonhão já milhares de homens, ha um seculo que ninguem lhe presentia ainda o advento, porque a

lucta que se empenhava então era apenas preparatoria desta porque se tratava nesse tempo não de reformas economicas mas de reformas politicas, não de dar o bem estar ao maior numero mas de desalojar das fortalezas do passado uma minoria privilegiada e oppressora, não de organizar a riqueza mas de organizar a liberdade.

O sonho da alma humana tem sido sempre a justiça. Que longo caminhar através dos seculos, atraz desta luz longinqua que parece sempre proxima, que nunca até hoje foi attingida!...

E no entanto o seculo em que vamos entrar realizará mais alguma cousa desta sublime aspiração.

Não serei eu que veja este bem que tantos sonhão, e quem sabe se educada em outra tradição, por outros espiritos mais idealistas e menos praticos, eu não estime antes que as mudanças que prevejo sejam presenciadas pelos meus filhos em vez de o serem por mim.

O que affirmo, no entanto, é que a minha opinião a respeito do destino da mulher nas sociedades futuras se tem modificado com o tempo e com a experiencia.

Já não a condemno porque ella, esquecida das graças, da fraqueza, da doçura fragil do seu sexo, batalha valentemente para alcançar uma profissão que a salvaguarde de todas as tentações da miseria.

E' que tenho visto como para a mulher solitaria e pobre é dura a vida e cruelmente difficil o caminho.

Já não a convido a cultivar o seu espirito com o fim unico de ser agradavel ao seu *senhor* e amo; é que tenho percebido bem que ao egoismo brutal do homem repugna instinctivamente a superioridade mental da mulher.

Que *ella*, preparada por uma educação diversa da que tem tido, contraria á que tem tido, conquiste, pois, um lugar mais alto e mais independente pelo seu proprio esforço, pelo seu trabalho, pela consciencia readquirida da sua dignidade moral; que *elle*, batido nos ultimos reductos da sua vaidade e do seu desdem, se reconcilie com esta nóva fórma do *eterno feminino*, tão outra do que inspirou Dante e Shakespeare, Milton, Gœthe, Byron e Lamartine.

Deixará de haver poetas logo que as mulheres que elles quereirão cantar estejam na brecha a lutar pela vida, amazonas de nova especie; mas tambem que monta? Os nossos filhos, já são muito menos poeticos, muito menos idealistas do que nós fomos! O que serão, por este andar, os nossos netos nesta sociedade scientifica, industrial e democrata que se vai endurecendo mais e mais?!

Eu, a quem a miseria moral, intellectual e physica de milhões

de irmãs pelo sexo converteu finalmente á necessidade de aceitar a nova ordem de idéas, estimo em todo o caso não ter que assistir ao pullular das bordas femininas militantes que vão apparecer e ás quaes está talvez destinada, com o andar dos seculos, a victoria sobre o *homem* gasto, envelhecido, exausto, pela sua labuta secular, a que *ellas* têm escapado...

Julho, 1899.

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO



Martyrio incrível

Foges! Bem vejo! E que amargura a minha
Vendo apagar-se neste olhar querido
A centelha do amor indefinido,
Que de tua alma limpida provinha!

Eu tambem fujo!... E sinto que definha
Dia a dia meu ser triste e abatido
E tambem no teu rosto emmagrecido
Prolongado martyrio se adivinha!

Oh! Que supplicio!... Que horrorosa magua...
Chorando foges-me... e eu tambem te fujo!...
E de longe, vagando pelos montes,

Então volvo-te os olhos rasos d'agua,
Como os olhos saudosos do marujo,
Que se afasta dos patrios horizontes!

4-7-1899.

AUREA PIRES



Brazil - Paraguay

Tal o titulo de um livro que nos acaba de dar Alberto Souza, esse vivaz talento lapidado, polemista e literato cheio de fulgores... Lémol-o com toda a nossa velha sympathia, e fechámos aquellas paginas deliciosas guardando em nossa alma a mesma admiração de sempre pelo auctor. Esse volume representa um feixe de artigos de combate, já publicados em um jornal de Santos, e nos quaes o moço belletrista se bateu, com o costumado impeto e galhardia, pelo cancellamento da divida do Paraguay e entrega dos trophéos de guerra á desditosa nação. Era impossivel enristar nem mais nem melhores argumentos em tão poucas paginas, traçadas na ancia de uma discussão pela imprensa; e a carga da sua poderosa dialectica rodou sempre no onduloso torneio de soberbissimos periodos. Por amostra de seu estylo, que nos lembra ás vezes o donaire do de Latino Coelho, transcrevemos aqui o trecho em que rebate, com suavissimo calor apaixonado, a pecha attribuida ao Paraguay de povo anemico, enfraquecido e apathico:

«Não é anemico, nem enfraquecido e nem apathico o valente povo que durante cerca de seis annos resistiu sósinho á guerra exterminadora que lhe moveram tres formidaveis exercitos colligados, e que no longo periodo da accidentada e asperrima campanha, passou estoicamente por angustiosas attribulações e dolorosos revezes, affrontando com civico destemor as inclemencias da natureza e as correrias hostis da soldadesca adversa!

Não é anemico nem enfraquecido o povo que, em linha recta, descende da brava nação aborigene dos guaranys; esse povo que, sem hesitar, acercou-se do seu chefe supremo na hora solemne do perigo, disposto a vencer ou morrer ao seu lado, na defesa heroica da patria invadida e conquistada e da qual os estrangeiros victoriosos o separavam dia a dia, tornando cada vez mais remotas, mais longinguas, mais afastadas e distantes as suas encantadoras e melancolicas paragens!

Com que affectivo aperto d'alma não viam elles desaparecer ante os seus olhos a grande terra natal, com a sua cordilheira altiva, em cujas lombadas a canelleira silvestre exhala aromas inebriantes; com as suas planicies fecundas e illuminadas que o rodar pesado das carretas de guerra desflorou e estiolou; com as suas lagoas tranquilas e remançosas, de ondas azues, levemente arrepiadas pelo sôpro do terral...

A' riba solitaria dessas lagoas

mysteriosas, as donzellas paraguayas iam descuidosamente ouvir outróra a enternecida confidencia dos moços enamorados, emquanto que hoje ali vão, avelhentadas e soluçantes, chorar e rezar, por noites fóra, em recordação dos noivos esbeltos que os canhões avidamente devoraram, mas cujos beijos como que ainda palpitam errantes na mesma diaphana athmosphera, á margem sombria das mesmas aguas, sob o docel emmaranhado dos mesmos bosques floridos, nos raios scintilantes do mesmo limpido luar...

Não é apathico nem enfraquecido o legendario povo que Francia, em menos de uma geração, ensinou a fazer duas colheitas annuaes, a amar as artes e a estimar a industria, e que agora resurge bellamente dos escombros de uma derrota funesta que talou os seus campos, devastou os seus lares, reduziu os seus membros, desfalcou os seus haveres, converteu uma patria, laboriosamente organizada, num montão informe de ruinas amalgamadas.»

Pena é só que o auctor de uma prosa de taes quilates incida em senões como o da pag. 104 — *mais omnipotente*, ou o da pag. 36 — *um desconhecimento absoluto da vernaculidade a mais rudimentar*.

Não nos cabe agora, nos estreitos limites de uma noticia, a cabal explanação do assumpto do livro; acceite, porém, Alberto Souza os

nossos cumprimentos pelo valor com que defendeu na justa o alevantado e generoso das suas idéas.

Sentimos somente não poder acompanhá-lo no ataque ao Positivismo e aos seus dois chefes em nossa patria. E, neste ponto, menos distanciado estamos do Alberto Souza de hontem que do de hoje.

Deixando, todavia, de lado qualquer consideração pessoal, para só controverter doutrinas, não sabemos como sustentaria o auctor o que diz á pag. 150 — *que a antiguidade já possuia todos os conhecimentos positivos do nosso seculo*.

Si isto é um paradoxo, ha de permittir-nos que, seguindo a orientação de Augusto Comte, affirmemos tambem a inanidade das applicações astronomicas da analyse spectral. Como é que Alberto Souza lhe attribue a revelação da natureza physica e chimica dos astros?

No Sol deu-nos ella conhecimento apenas de vinte e dois corpos simples. De que nos servem estes pormenores concretos e insufficientes? Que nos responda Delaunay, director do Observatorio e membro do Instituto de França. Kirchoff foi o principal fundador da espectroscopia solar, mas cahiu a sua hypothese a respeito da constituição do nosso centro planetario.

Faye apresenta outra explicação para as manchas.

A analyse espectral da lua não nos adiantou um palmo, e a dos planetas nos deixou em face de elementos indeterminados.

Os auctores mais modernos e criteriosos ainda não acharam no espectroscopio a solução dos problemas suscitados pela natureza dos cometas.

Acerca das estrellas — de que valeram as 4000 que, dizem, foram examinadas pelo P. Secchi, quando é calculado em 20.000.000 o numero só das visiveis? A que attribuir as variações do espectro de algumas dellas? A' interposição de corpos opacos, ou á violentas revoluções physicas? ... E quando fecharmos o dominio da presumida astronomia sideral, si o aperfeiçoamento successivo dos instrumentos faz surgir, do espaço negro e silencioso, estrellas não sonhadas?

Nas nebulosas, só podemos ver hydrogeneo, azoto e uma substancia desconhecida... Como apanhar com nitidez, por extensões consideraveis da abobada celeste, um escasso polvilhamento de luz enfraquecida?...

Que segurança, finalmente, haverá na analyse espectral dos astros, si vemos no espectro do sol as riscas do oxigeneo da nossa atmosphaera, segundo o descobriu Janssenn em 1868? E para que

se manifeste logo a raja do sodium «basta que se levante um pouco de poeira na camara das observações...»

Por isso tudo é que concluimos:

A verdadeira astronomia continúa a ser a sciencia *abstracta* que se preoccupa com as leis que presidem aos phenomenos do nosso mundo celeste. Para servir aos marinheiros e concorrer para formar corações humildes e espiritos disciplinados, ella não precisa absolutamente das maravilhas do espectroscopio.

Mas... a falta de espaço nos obriga a fechar este longo episodio.

SILVIO DE ALMEIDA



Miniatura

Do seu palacio de flores,
do seu throno de escarlata,
a rainha dos amores,
que os corações torce e abate,

vendo minh'alma deserta,
sem crenças, toda tristeza,
trouxe-me a luz, fez-me a offerta
de uma celeste riqueza.

Não foi buscar meu thesouro
no arcano dos verdes mares
nem nessas ilhas côr de ouro
das lendas, nem nos luares.

Com seu condão, simplesmente,
mudou-me a sorte impiedosa,

e abriu-me o céu, de repente,
pondo-me perto de Rosa...

E como ter mais abrolhos,
como ter no mundo prantos,
si eu vejo o mundo nos olhos
da moça de mais encantos?

Vede-a! Que graça ondulante
nessa esculptura se esbate!
Tenho certeza: é um diamante
de imponderavel quilate.

Seus olhos? Porem como ha-de
a Musa... emfim, comparae-os
ás noites de tempestade,
relampagueantes de raios...

E os labios que, de tão bellos,
as flores deixam repletas
de inveja, quantos Othelos
farão, dizei, quantos poetas?

Os olympicos lampejos
do collo, e o marmor dos braços,
pedem corymbos de beijos,
pedem collares de abraços.

Ha opio de mil perfumes
nas suas tranças tão puras,
tão negras como os negrumes
das negras uvas maduras.

Seu talhe esvelto e gracioso,
os mimos das fórmas cheias,
têm o encanto vaporoso
das vaporosas sereias.

Galante como as orchideas,
seu corpo, de parte a parte,
guarda prodigios de Phydias,
esconde assombros de arte!

E que mãos! São tão pequenas,
que em uma gotta de orvalho,
ou em quaesquer açucenas
presumo que as agasalho.

Niveos focos! Graças magas!
Escondei-vos ante o arminho
de seus seios, que são vagas,
de seus seios, que são ninho.

Leves, travessos, de gaze,
seus alvos pés pequeninos.
Volitam, não andam quasi,
nem são pés, são vicelinos.

Sentindo-os, ás suas sombras,
a relva estremece. Os cravos
fazem alas das alfombras
e a natureza dá bravos!

Em summa, quem descrevel-a,
basta dizer que, em passando,
deixa o clarão de uma estrella,
deixa uma essencia boiando...

ARTHUR ANDRADE



Saudade Incuravel

(A' Ignex Sabino)

Ao fundo de uma espessa ala-
meda de bambús, escondida pelas
arvores frondosas, estava a casa de
Nhá Chica, a conhecida feiticeira.

Sombria e isclada no meio da-
quelle oceano de esmeralda e pro-
tegida do sol inclemente pelas man-
gueiras copadas, a casinha da fei-
ticeira tinha um encanto particular.
A estrada desegual e estreita que
lá ia ter, estava abeirada por plan-
tas rasteiras. No muro velho que
havia a um lado da casa, subia
uma trepadeira selvagem, cheia de

viço e de esplendor, entrelaçando suas folhas côr de esperança á rubras begonias e formosas orchidéas de variegadas côres.

Via-se de quando em quando um galho de arvore tombado por terra.

Era grande o silencio e as sombras do arvoredado projectavam no chão desenhos bizarros. Um riacho de crystallinas aguas corria suavemente pela collina. Passaros diversos cantavam alegres por sobre a ramagem verde da viçosa paysagem. E em todo aquelle formoso logar havia um ar de mysterio, de confidencias e de segredos!

* * *

Nhá Chica curava, diziam todos pela vizinhança, não só as dores physicas, como tambem as dores da alma.

Á sua porta vinham o rheumatico e o descrente, o cégo e o desiludido, o paralytico e o desconso-lado, e a todos — as benzeduras, as tisanas e as rezas curavam, como por encanto. E a fama da feiticeira corria de bocca em bocca.

* * *

Entregue a dolorosos soffrimentos, a um continuo soluçar, vivia a inconsolavel Thereza, joven viuva, de perigrina formosura. Nada havia que a consolasse! E á proporcão que o tempo passava — isto

até parece mentira! — mais augmentava a sua magua! Corriam os dias, os mezes e os annos e a pobre a chorar e a soffrer não encontrava consolo algum neste mundo.

A fama das milagrosas curas da feiticeira, correndo montanhas e valles, foi resoar aos ouvidos da pobre Theraza.

— Consulta, diziam todas as amigas, consulta e Nhá Chica te dará um remedio para abrandar essa saudade dilacerante que te tortura dia e noite.

Um lampejo de luz acariciando a nuvem negra da superstição trouxe aos labios da infeliz um raio de esperança. E a viuva foi á casa da feiticeira. Contou seu enorme soffrer, disse-lhe que só encontrava lenitivo nas lagrimas profusas e terminou solicitando um remedio para alliviar o coração.

Nhá Chica ouviu attenta a dolorosa narração. Por fim, garantindo a cura da doente, deu-lhe uma garrafa de tisana que benzera préviamente e disse:

Este remedio é o elixir da saudade. Quem o bebe, esquece, como por encanto, todo o passado de afflições e dores. Basta uma dóse... e de nada mais te lembrarás, garantido.

Ia já Thereza, toda esperançosa, levar aos labios o precioso elixir, quando, subitamente, interrogou:

Esquecendo o passado, está claro, que só esquecerei as dores e a enorme tristeza que me tortura, não é?

— Não. filha, meu elixir é extraordinario; bebendo-o, esquecerás o passado completamente. Que vallem os breves momentos de alegria comparados ás longas horas de teu soffrer?

Houve um momento de hesitação. A viuva reconsiderou: tambem me hei de esquecer das horas felizes do meu amor? de seus beijos apaixonados? de suas phrases tão meigas? de tudo?... de tudo? Não vale a pena! Terrível contingencia!

E sem proferir uma palavra, deixando transparecer em seus labios o sorriso desdenhoso dos incredulos, arremessou, com força, a garrafa da tisana de encontro ás pedras da calçada.

Depois, como se acordasse de um somno profundo, n'um meio torpor de espirito, vendo o horizonte de sua vida para sempre ennegrecido, mais abatida ainda e menos resignada, disse com doloroso accento de voz: Duvido, feiticeira, que alguém sabendo do resultado deste elixir, tenha coragem para leval-o aos labios.

Adeus... nunca mais hei de voltar aqui, adeus, adeus.

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS

Magoa Infinita

Vélas sôltas, ao mar, seguiu minha galéra

ao paiz ideal da excelsa Phantasia,
á procura do Amôr, em busca da Utopia,
que residem no Além, no azul de uma
outra Esphera.

Tripolantes, nem um: somente uma
Chiméra,

uma doida Chiméra, amiga da folia,
foi á bordo, julgando, — a misera
vadia! —

encontrar noutra plaga a nova
Primavera.

Quando um dia voltou d'esse fatal
passeio,

minha vêrde galéra, outr'ora tão bonita,
veio triste e desnuda, arfando, em vago
anceio...

A Chiméra morrêra, — a pobre sybarita,
em vez d'ella, porém, uma intrujona
veio:

— a Dôr que não termina, a atróz
Magoa Infinita!

Recife.

RAUL CORRÊA
(Do Congresso Litterario)



Æ esmola

No seio do umbroso bosque
olente e verdejante solta a arapon-
ga bravia seu estridulo soluço.

Pela limpida corrente que acari-
cia os pequenos seixos arrastam-se
as agrestes mimosas murchas.

Na matta densa e negra o vento sibilla com furor medonho.

E Flavio, o zagal amoroso, percorre com pé firme e ligeiro desde os rochedos abruptos até o mais odorifero valle para contemplar a casinha alva, como opala... a casita de sua branca amada... Sentado ao pé da collina, desprende da flauta os ternos queixumes...

Glaucia, a branca filha do valle, escuta com doce e casta devoção as notas queixosas que vibram no ar.

O ultimo soluço que o instrumento solta é respondido pelo modular divino da aria esplendida.

* * *

Cessa o canto... o silencio impera... e Glaucia recolhe-se innocente e terna á tepida alcova perfumada.

Espera religiosamente que o sino do triste campanario toque meia noite.

Passos rapidos ouvem-se pelo lagedo duro...

Palpitante e bella entreabre da janella a rosea gelosia por onde estende a mãosita alva.

— E' a esmola que ella dá ao cantor gentil, ao zagal flautista... a esmola santa de contemplar e oscular por um instante aquella petala de jasmim perfumosa e enrubescida.

IPOMÉA

À Subir... À Subir...

Pombas de azas abertas e alvejantes,
Andorinhas chegadas de alem-mar,
Minh'alma, nos seus sonhos adejantes,
Sabe mais do que vós, voar... voar...

Como o condôr que sobe e toca os
Andes,
Levantando o seu vôo encantador,
Minh'alma sonha mundos lindos,
grandes,
Illuminados todos pelo amor!

PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA
4-Julho-1890. Pouso Alegre, Minas



À paisagem

— Já viu o meu novo cafezal?
perguntou-me, de visita, com sua distinctissima familia, o honrado cavalheiro, proprietario d'este delizioso retiro.

— Ainda não...

— Pois alongue até lá o seu passeio matinal, que não se ha de arrepender.

Na manhã immediata, conduzindo pela mão minha filha adoptiva e seguida por minha dama de companhia, tomei resolutamente o caminho do morro, em cujas encostas grimpam, symetricamente alinhados, os preciosos arbustos que constituem, no presente, a riqueza unica de minha patria. Uma larga trilha, contornando em espiral a

collina, conduziu-nos suavemente ao alto, onde parei, tomada de assombro profundo, ante uma das mais prodigiosas paizagens que tenho contemplado.

Impressões similares experimentei quando subi, ha longos annos, a um dos mais proeminentes contra-fortes do Itatyia e, recentemente, na minha ultima escursão ao Corcovado, vendo de subito, murmurejante aos meus pés, sem a gaze de uma névoa, a incomparavel bahia do Guanabara, sulcada por innumerables lenhos, pontuada de ilhas, confundindo com as do oceano as suas aguas de côr indefinivel...

Tinta mysteriosa e bella, mixto do glauco dos mares com o azul do infiuto, o seu segredo escapa á paciente indagação do artista e os nossos melhores pintores tentam, mutuamente, reproduzil-a nas suas marinhas.

A manhã estava de uma belleza, de uma transparencia, de uma serenidade phenomenaes! Revestido de um azul esmaecido, porém immaculado, o céu encurvava-se sobre as nossas cabeças, como um pálio protector. Na extensão de uma centena de kilometros, limitada, ao longe, pelas assombrosas proeminencias da serra da Mantiqueira e, pelo disforme espinhaço da Bocaina, destacavam-se, como garças alvejantes, as casarias dos grandes estabelecimentos agricolas,

disseminados pela planura dos varzedos, abrigados ás abas dos primeiros morros, alcandorados nas fragosidades das cordilheiras...

Mais proximamente, exposto á admiração, como um poema petreo, com as «Agulhas Negras» immeras na onda da luz loura e os pincares multiformes revestidos dos mais maravilhosos matizes do azul, desmesurado e erecto, avultava o Itatyia.

Na sua base, affeiçoadas em faixa, uma série de nuvens deslumbrantes esgarçavam-se em orvalhos invisiveis sobre a florescente freguezia de Campo Bello, cujo templo emergia na verdura, mosqueado por todos os tons gradativos do verde, -- desde o verde negro das florestas virgens ate o verde gaio dos cannaviaes moftinos.

Casebres dispersos, colmados de sapé, com os seus assejados terreirinhos circumdantes, surdiam ao centro de pequeninas lavouras distinctas, como notas vibrantes, cheios de movimento e de vida. Vendoeos, eu repetia mentalmente aquell sentido «*lied*» allemão, que começa assim:

«Lá onde eu não posso viver, é que mora a felicidade...»

Largas estradas, ora ensombradas por extensos renques de bambús amarellecidos, ora dourados pelo sol nascente, estendiam-se, encruzavam-se, transpondo monta-

nhas, beirando grotões, estirando braços elasticos para os mais remotos pontos da vasta zona abrangida pela vista desarmada. E colleantes pela planura, como duas gigantes-cas sucurys, as vias-ferreas «Pedro II e Rezende a Arêas,» servidas a essa hora pelos seus trens ordinarios, vomitavam no espaço plumbeos novellos de fumo, soltando silvos estridentes, que o écco repetia por montes e grutas...

Ao centro da formosissima paisagem, n'uma irresistivel preguiça de creoula, ora sombrada pelas curvas ramarias das acacias silvestres, ora arrepiada e nua, a enorme massa d'água do Parahyba, torcendo-se em mil voltas, derivava serena, — o largo dorso alabastrino, faiscando ao sol como a rùtila escama de uma serpente de prata!...

NARCIZA AMALIA



Notas pequenas

Visita illustre. — Pela primeira vez o Brazil recebe a visita da distincta jornalista mistress Marie Robinson Wright, auctora da *Historia do Mexico*, obra de grande aceitação naquella republica.

Mistress Wright vem acompanhada de sua secretaria, miss Hartman, e percorreu já quasi toda a

America, pretendendo confeccionar uma obra de historia americana.

A illustre escriptora foi recebida no dia 28 do corrente pelo Dr. Campos Salles, presidente da Republica, na sala dos despachos.

A *Mensagem* saúda cordialmente a applaudida historiadora norte-americana.

Visconde de Cavalcanti. — Em Juiz de Fóra, a 14 de Junho ultimo, falleceu o conselheiro Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque, visconde de Cavalcanti, estadista de grande prestigio no antigo regimen. O fallecido foi deputado provincial e geral pelo Rio Grande do Norte e presidiu as provincias de Piauhy e do Ceará, tendo sido mas tarde ministro da agricultura, da justiça e dos estrangeiros, sempre acatado pela inteireza de character, alevantado patriotismo e poderoso talento.

Recolhido á vida privada após a revolução de 15 de Novembro de 1889, soffrera ultimamente a desgraça de perder a vista, mas tinha sempre ao seu lado, amenizando-lhe o terrivel mal, sua distinctissima esposa, que passa por ser uma das damas de mais fina educação que temos tido em nossa patria.

A' viscondessa de Cavalcanti apresentamos respeitosos pezames.



A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brasileira

Directora — Presciliana Duarte de Almeida

Publica-se no dia 15 de cada mez

Pagamento
adiantado

Preço da assignatura, 12\$000 por anno
Endereço: Rua de Sta. Iphigenia, N. 57.

Numero avulso
Rs. 1\$000

Summario: — Apologo, conto, Maria Clara da Cunha Santos; — De sonho em sonho, soneto, Maria Jucá; — Urzes, critica literaria, Silvio de Almeida; — Nenia, poesia, Ridelina Ferreira; — Seleção; — Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos; — Ao crepusculo, Francisca Clotilde; — Um canto, poesia, Delminda Silveira; — Impressões de leitura, Perpetua do Valle; — A poetisa do vizella, Alberto Pimentel; — Notas pequenas; — Diversidade, poesia, Presciliana Duarte de Almeida.

Apologo

A' Candida Scheldon

Um dia, no principio do mundo, quando ainda o Senhor se dignava presentear os miseros mortaes com valiosas dadas, um joven pastor apassentava o seu rebanho luzidio e, de subito, teve um encontro singular.

Um velho sympathico e mysterioso, de longas barbas brancas cahidas sobre o peito, de cajado a mão e de olhos da côr do céu passava sózinho pela encosta da montanha.

O pastor saudou-o respeitoso. O velho parou abstracto a olhar o

firmamento. Havia em seu todo um quér que fosse de mystica poesia.

E assim esteve, sem proferir palavra durante algum tempo.

O pastor ia a seguir o seu caminho quando o velho lhe dirige a palavra: «Joven, disse elle, não me conheces, não sabes quem sou, donde vim e para onde vou. Não é preciso que saibas nunca o meu nome. Venho de Deus, sou emissario de seu incomparavel dominio. Atraz de ti ando eu ha muito tempo. Trogo-te um mimo celeste, presente que te faz o rei do Universo.

Mereces esta distincção, Deus assim o disse e assim o quer. Eu mesmo ignoro o teu proprio merecimento. Sei, no emtanto, que te pertence esta lanterna encantada. Eil-a... e retira de dentro de uma caixa de ebano uma bonita lanterna doirada e reluzente.

— Que bella, disse o pastor, que bella!

— Escuta, retorquiu o ancião, é inestimavel o valor deste obje-

cto. Pudera! Deus não havia de mandar a seus eleitos, presentes de pouca monta!! Com o auxilio desta magica lanterna poderás ver todos os corações que quizeres e sondar os reconditos de todas as almas. Nenhum segredo te será vendado. Quando quizeres prescrutar um coração, recorre a esta lanterninha, vel-o-ás completamente. A vaidade, a pureza, a mentira, a bondade, a hypocrisia, o amor, tudo, meu joven, tudo verás com clareza e verdade.

E dizendo estas palavras desapareceu subitamente.

Maravilhado com o magico presente o pastor, a sorrir, voltou á sua cabana, radiante de alegria. Contou, encantado, aos paes e aos irmãos o encontro com o velho, o emissario de Deus.

— E' são José, é S. José, acudiu a mãe do pastor, com os olhos cheios de lagrimas. Eu sei que o casto Esposo de Maria é o confidente e o predilecto de Deus.

— Quero ver a lanterna, meu filho abençoado, disse o velho pastor. E os irmãozinhos todos, contentes e curiosos, queriam admirar o precioso thesouro.

— A lanterna só funciona em tuas mãos? perguntou o irmão mais novo, desejoso de partilhar da preferencia divina.

— Naturalmente, affirmou a mãe.

Se este presente é um premio, só a um deve convir.

.

Passaram-se os tempos.

O pastor deixou o lar paterno e foi correr mundo, ver terras novas e novos corações.

Visitou palacios e choupanas, habitações principescas e casebres, viu reis e vassallos, poderosos e humildes, sabios e ignorantes...

Foi aos conventos, aos lupanares, aos hospitaes e aos antros. Tratou com facinoras celebres e com pudicas donzellas; com carascos inclementes e com piedosas irmãs de caridade.

Divagou por muito tempo e um dia, cansado de tanto peregrinar, voltou ao remançoso lar paterno. Vinha triste e desanimado, conhecia o mundo com todos os seus multiplos segredos. Havia sondado os corações que mais puros pareciam e nelles encontrado a perfidia, o disfarce, a maldade.

Muitas vezes no coração de uma creança viu brotando o espinho de um máu sentimento. Tanta gente que o mundo acata e que não vale nada! Tanto coração que se diz de ouro e que é de fel!

Ah! meu Deus! exclamava desesperado o joven pastor, para que me déstes esta lanterna cruel.

Mais feliz seria eu se não conhecesse tanta miseria!

Vou quebrar esta lanterna, deci-

didamente. Cuidarei de meu rebanho e de minha plantação.

Que vale conhecer alheios corações? Que vale? São todos máus, todos hypocritas.

Desilludido voltou o joven pastor ás suas costumadas obrigações.

Um dia, quando menos esperava, encontrou no mesmo lugar, na encosta da montanha, o ancião, emissario de Deus.

— Meu velho, meu velho, vou te restituir a lanterna encantada, ella só me trouxe desillusões e tristezas. Não imaginas como hoje conheço e abomino o mundo.

No amago do coração que se dizia mais puro, eu applicava a magica lanterna e via a hypocrisia reinando poderosamente. Estou enfasiado, aborrecido...

Não quero mais sondar tanta miseria. Vou buscar lá em casa a lanterninha, espera-me aqui, meu bom velhinho. Volto já.

E partiu.

O ancião deixou-o dar alguns passos e depois chamando-o perguntou-lhe:

Viste o coração de tua mãe.

— Não, meu amigo, não havia necessidade, sei que o della ó puro e é bom.

Em todo caso, antes de me restituíres a lanterna, examina e prescruta o coração materno.

O velho cançou de esperar, o joven pastor nunca mais voltava. Afinal veio vindo, sorrindo e alegre, sem a lanterna que fôra buscar, e de longe mesmo foi dizendo bem alto e convicto: E' um thesouro encantado o coração de minha mãe! não te dou mais a lanterna, quero vel-o todo o dia e a todo o instante. Vale a pena os dissabores todos que encontrei neste mundo de miserias...

Vale a pena sim...

Não te dou mais a lanterna. A grandeza do coração de minha mãe me fez esquecer toda a tristeza do passado.

O ancião, a sorrir, sabiamente respondeu: eu já esperava por isso, eu já esperava por isso...

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS



De sonho em sonho

De flor em flor, as providas abelhas
— Ebrias do rocio em lucidas ampoulas,
Vão dos jardins nas ideaes corbelhas
Sugar o mel das virginaes corollas.

E ora beijam as castas verdeselhas,
Ora immergem no seio das papoulas,
Sobre o corpo a luzir, como scentelhas,
Do pollem fulvo as aureas lentejoulas.

Na veiga lyrial do pensamento,
Irisada de um puro sentimento,
Nossa alma, assim tambem, com o mesmo ardor,

No afflicto aneio de um porvir risonho,
Irrequieta, vai de sonho em sonho,
Como as abelhas vão de flor em flor,

MARIA JUCÁ



Urzes

Deste mimoso voluminho de Amadeu Amaral não ha muito que dizer; além de que uma apreciação mais puxada poderia exceder o proprio livro. Tão certo é que os tempos de hoje não se prestam aos arrobos do que poderamos chamar — a alta poesia. Contentemo-nos, então, com a baixa; reduzida, quanto possível, aos quatorze versos da moda... Esta moda é um dos caracteristicos da nossa literatura minguada e rachitica. Sinão, vejamos as *Urzes*: 19 sonetos por 16 pequenas variedades. Ahi vae uma das suas poesias maiores e melhores:

SIMILE

O amor entrou-me dentro da alma, como
o sol em velha e pavorosa matta...
Num victorioso assomo,
que o veu de treva ás arvores desata,

penetra muita vez a luz do dia
numa densa floresta,
pondo na lacrimosa ramaria
um largo aneio triumphal de festa,

As velhas arvores tristonhas,
como um bando infeliz de almas penadas,
a balançar em convulsões medonhas,
ora á brisa, ora ao vento, as ramalhadas,

cantam, num côro de milhentas boccas,
na treva, longas musicas chorosas,
— ora descabelladas, como loucas;
ora abatidas, como religiosas...

Da floresta nos intimos recessos
ha mysterios horriveis:
gargalhadas e berros de possessos,
pranto de soffredores invisiveis,

assustado agitar de azas velozes,
vultos brutaes rolando nas alfombras,
extranhas vozes,
extranhas sombras...

Mas eis que chega a luz do sol bemdicta!
Vara a trama das copas e palmares,
e nas furnas ramosas precipita
iriadas cambiantes estellares.

Lança fulgurações pela clareira,
diamantinas camandulas de orvalho,
e clarões furta-cores de poncheira
pelos verdes ramaes, de galho em galho

Aqui, rebenta em catadupas de ouro,
estende além scintillações de prata...
Um arco-iris esplendido, um thesouro,
se dissolve e derrama pela matta.

Na volupia da luz alegre e boa,
sonorisando os echos somnolentos,
a corêa dos passaros resoa
entre os raios attentos.

E a quando em quando esta sonoridade
soluça, em tons macios de velludo,
parecendo fluir da claridade
adormecida n'um desvão folhudo...

E a velha matta lamentosa, olhae-a!
rumoreja e resplende: um arrebol
de mocidade dentro della raia...
A magia do sol!

O estro de Amadeu Amaral assemelha-se a um tenue fio dagua que penosamente escorre por entre seixos: a lyra é maviosa, porém monotona; a imaginação, cansada e repetida. Notemos, como illus-

tração, os quatro primeiros sonetos: *enclausuro, claustro, claustros, clausura; monge, frade, monge, comunidade; corredor escuro, noite, fundo escuro, escuridão, escura; mudo, mudex, silencio; sonha, sonho, céo de sonho.*

No 2.º soneto, rima *sonho* com *tristonho*; no 3.º idem, e rima ainda *sonho* substantivo com *sonho* verbo; no 4.º, finalmente, torna a rimar *tristonho* com *sonho*.

A imagem do cahir da tarde é muitissimas vezes suggerida ao leitor. Vejamos:

Pag. 55 — «no horisonte o sol se afoga».

Pag. 54 — Ao crepusculo, dia esmorecente».

Soneto I — «o roxo pôr-de-sol».

IV — «crepusculo, dia que esmorece, noite pavorosa desce, pavorosa noite immensa».

V — «dia agonisante».

VII — «roxo pôr-do-sol».

VIII — «ao pôr-do-sol».

XI — «crepusculo desfeito».

XVI — «crepusculo triste».

XVIII — «triste agonia da luz, ao ir-se o dia, ao morrer o sol, no pôr-de-sol».

Uma nota resalta dos versos de Amadeu Amaral: a morosidade da sua dynamica mental, com accentuada tendencia para a fixidez doentia das imagens. A idéa de convento é uma das obsessões do poeta.

Eis a prova:

Soneto I:

«Na Dor me enclausuro;
monge vagando em corredor escuro,
alheio aos ecos da comunidade;
mudo e grave e alquebrado como um frade.»

Soneto IX:

«Dentro da minha dor, que da Vida me isola,
recolhi-me, e hoje arrasto a cogula dum frade,
como um frade infeliz, cuja existencia rola
entre a vida infeliz dum comunidade.»

E depois:

— «longe da triste paz deste recolhimento.»

Soneto I:

«Resoam, pelo chão, minhas sandalias.»

«na mudez cavernosa das muralhas.»

Soneto II:

«arrasto

no pavimento minha vil sandalia.»

«no fundo escuro da brutal muralha.»

Soneto XI:

«duma reclusa pallida que arrasta
pela penumbra dum recolhimento estreito.»

«lirial noviça

beijando o amante ás grades da clausura.»

Soneto XII:

«que não saio buscando uma clausura.»

Embora correcto, não deixa o poeta de ter seus descuidos de fórma, como o *se aninha* repetido da pag. 74 e o *as não* da pag. 40, além de outros. Basta citar a *graphia esplendido*, imperdoavel num collegial, quanto mais num literato.

Em resumo:

Amadeu Amaral, pelo tempo que verseja, não nos deu o que se esperava, em um livro tão pequeno.

E' bomzinho; mas podia ser melhor.

SILVIO DE ALMEIDA

Nenia

Ho detto al cuore al mio povero cuore,
Perchè questo languor questo sconforto?
Ed egli mi ha risposto: è morto amore
Amore è morto.

STECCHETTI.

Na tumba do esquecimento
Onde jaz o nosso amor,
Costumo orar um *memento*
Para abrandar minha dôr.

Uma noite triste e calma
Sepultaste-o com desdem;
E nem viste que a minh'alma
Tu sepultavas tambem.

E' desde então meu fadario
E' meu constante desvelo,
Visitar o sanctuario
De um sonho que foi tão bello.

Levo uma flôr — a saudade —
Que emblema mais verdadeiro
Do pungir que então me invade.
Acharia o mundo inteiro?

E rezo, e imploro que um dia
Possas ouvir minha prece;
Que te commova a agonia
De um coração que languescer.

Que eu sinta ainda a sublime
Paixão, que tive um momento,
E sejas tu quem me anime
Neste extremo desalento.

Mas ah! meu corpo sem alma
Volta com os mesmos pezares!
Que a minha dôr não se acalma
Nem mesmo n'esses logares.

Infeliz, não sei mais onde
Procurar algum conforto;
Pois que uma voz me responde:
— Não revive o amor que é morto.

Fazenda S. João da Barra, 4 de Agosto de 1899.

RIDELINA FERREIRA



Seleccção

O ideal do character feminino é o sentimento e a força. As duas qualidades não se excluem, antes completam-se; a perfeição da forma consiste no equilibrio da robustez com a elegancia.

O destino da mulher não se apresenta menos negro que o do homem. Sujeita ás mesmas contrariedades, ás mesmas decepções, aos mesmos golpes, ella tem ainda contra si para aggravar o horror de sua situação, a estreiteza do horizonte social, como a encerral-a num sepulchro de miserias.

AMERICO WERNECK

(*Arte de Educar os Filhos*).



Carta do Rio

Esplendida e verdadeiramente admiravel está a sexta exposição geral da Escola Nacional de Bellas Artes. Ha ali trabalhos de mestres, trabalhos valiosissimos que attestam o alto merito de alguns artistas nacionaes.

Como sempre Almeida Junior apresenta quadros de muito folego e de subido valor artistico. Sua technica é admiravel, seu desenho impecavel, seu colorido verdadeiro.

E sobretudo isso ha em todas as suas telas muita poesia.

Os nossos caipiras são os seus modelos preferidos. Aprecio immenso essa manifestação de patriotismo do insigne pintor paulista.

Não poderei, pela escassez de espaço desta revista, fallar, como desejava, detalhadamente da Exposição e de todos os que á ella concorreram.

Noto, com prazer, que o movimento feminista tem progredido muito em questões de arte.

N'esta actual exposição apparecem treze expositoras na secção de pintura e uma esculptora de grande merito.

Já é consoladôra essa tentativa, esse desejo que as nossas patricias mostram trabalhando e procurando se elevar.

Ha muitos quadros de pouco valor no salão da escola, e alguns então de todo sem valor, mas em compensação ha telas que por si só, valem uma exposição inteira.

«Saudades» de Almeida Junior está nesses casos. E' um quadro de grandes proporções e tudo ali está tratado com carinho e com arte.

O modelo, disse-me o pintor, era uma viuva de dois mezes, uma pobre rapariga succumbida quasi pela dor da eterna separação do amado esposo.

A viuva contempla um retrato

— o delle certamente — e está com a alma esmagada pelo soffrimento. Que poesia e que ternura nos olhos tristes d'aquella pobre mulher! Em segundo plano vê-se o album donde foi destacado o retrato e uma canastra de couro semi-aberta.

A viuva recosta-se a um vão da parede rustica de seu casebre. A luz que entra francamente pela janella illumina todo o quadro e destaca a cabeça sympathica e o rosto tristonho da joven martyr.

«Mendiga» é outro quadro do mesmo auctor, de muita verdade e muita belleza.

Minha querida amiga Julia Lopes de Almeida, que no dia do *Vernissage* admirava os quadros, logo que contemplou o de n.º 10 reconheceu na «Mendiga» uma velha devota, uma pobresinha muito conhecida em S. Paulo, que ia todos os dias á sua porta pedir esmola. Os olhos de minha amiga ficaram lacrimosos de commoção e era visivel a sua alegria ao encarar a admiravel tela que como astro de primeira grandeza illumina todo o salão.

O «Violeiro» é um typo bem estudado do caipira preguiçoso e indolente. A viola quasi que cæ das mãos e os olhos do violeiro revelam a lethargia de sua alma sem ideal, sem aspirações, alma que secontenta com um viver quasi

vegetativo. A mulher que canta ao som da viola está admiravel de naturalidade.

E' um primor esse quadro.

Que direi de «Importuno», um dos melhores quadros do illustre pintor paulista?

Devo calar-me, não posso, como já disse, alongar-me demasiado.

Em resumo, a Exposição de 99 é muito bõa, impressiona agradavelmente o visitante.

A proposito de quadros e de criticos andam a brigar por ahi, pintores e amadores.

Que tolice! Eu entendo que o valôr de um objecto de arte não é destruido pelas palavras dos senhores criticos que são muitas vezes incompetentes na materia, assim como uma obra sem valor artistico não fica valendo mais, porque meia duzia de amigos escrevem e publicam elogios immerecidos.

O brilhante é sempre brilhante, quer esteja adornando a frente de uma millionaria, quer esteja na lama a mais immunda...

E o que não tem valor proprio não perdura, cæe por si...

A critica sensata e verdadeira é um beneficio; a outra... a que é feita por desaffectedos ou por amigos intimos, não vale dois caracões.

Outro dia uma de minhas amigas me dizia que o facto de mui-

tas creaturas viverem se lamentando, é uma doença, como outra qualquer. E doença perigosa e grave... por ser contagiosa.

Realmente citou-me casos, que eu conheço, e me provou a verdade de sua asserção, que parece, a principio, um paradoxo.

Observa, disse-me ella, ha pessoas que sentem enorme prazer em contar ao proximo os seus sofrimentos.

Que terrivel mania!

Conheço uma senhora, aliás muito bôa, que entende que nós todos viemos ao mundo exclusivamente para trabalhar e soffrer.

Procurar se divertir, buscar uma alegria, dar um passeio, são no entender dessa excentrica senhora, cousas superfluas e dispensaveis.

Em consequencia da vida sedentaria e triste que leva essa infeliz creatura, a sua palestra é tetrica como um luto pesado. Outro dia ouvi debicarem-n'a. Eu tive pena, confesso. Tudo aquillo é effeito da educação. Ensinaram-n'a quando menina a tomar a vida como um fardo e a trabalhar como mouro, e quando ella se lamentava, ninguem a reprehendia, ninguem a censurava. Em vez de amenisarem-lhe a existencia, proporcionando-lhe diversões saudaveis e passeios e festas, deixavam que a menina se lamentasse... para desabafo e continuasse na mesma

vida. De que pode se lamentar uma creança que é sadia e tem seus paes?

Hoje essa menina é uma senhora e tem, portanto, obrigações imprescindiveis a cumprir, como esposa e como mãe. Trabalha o mais que é possivel e passeia o menos que póde. Evita os divertimentos; em seu espirito escurecido pela falsa educação que lhe deram, o divertir-se uma senhora que é bôa esposa e bôa mãe é quasi um crime.

Qualquer contrariédadezinha, inevitavel á uma dona de casa, toma diante de seus olhos, proporções enormes. Se de manhã algum famulo a contraria, algum desarranjo se nota em seu ménage, que a outra qualquer seria facil esquecer, a pobre senhora tem panno para mangas, como se diz entre nós. Rejeita o camarote do Lyrico que o marido lhe quer dar e se accede e váe ao theatro... não se diverte.

O insignificante contratempo da manhã é um pretexto para amofinar seu espirito durante uma semana.

Nada de lastimas, minhas leitoras. Deixemo-nos disso. Com lamentos e tristezas só conseguiremos uma cousa: enfastiar as pessoas a quem amamos e afugentar as que nos amam.

D'antes, quando eu via uma velha toda enfeitada, faceira, com as sombrancelhas e os cabellos pintados de preto; os labios e as faces de carmim, os dentes postiços, os olhos requebrados querendo a força ser moça, eu lamentava que alguém não pudesse descobrir um remedio, uma pintura ou qualquer cousa para evitar as rugas, as terriveis rugas que em familia são chamadas — *pés de gallinha* e que tanto enfeiam e desfiguram.

Imaginem que uma mulher, Madame Levy, que acaba de chegar ao Rio de Janeiro, annuncia ter descoberto um remedio esplendido para extinguir as rugas do rosto. Usa a extraordinaria mulher de um processo de massagem, que só ella conhece.

Quanta gente irá consultal-a, Santo Deus!

Estou aqui e estou a ver M.^{me} Levy eclipsar o Eduardo Silva!

A mocidade é tão agradavel e tão seductora, tão bella e tão cobijada que se M.^{me} Levy realmente tiver descoberto um meio de exterminar as rugas do rosto, terá também descoberto o segredo de se tornar millionaria em pouco tempo.

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS



No crepusculo

Começam a emmuhecer as flores!...

Do seu tepido ninho evola-se subtil, caricioso como o perfume dos lyrios languescentes, o gorgueio das avesinhas enamoradas que se despedem do dia.

Esplendido o céu ostenta-se de uma belleza verdadeiramente estival, azul e sereno como a consciencia dos bons, sem uma mancha de nuvem, dourado, purpureo para os lados do poente, preparando-se para receber a deusa da noite, que mais tarde usurpará o sceptro ao rei do dia.

Paira silencio imponente no seio da terra, sente-se a grande calma da hora inspirativa e nostalgica do pôr do sol.

Na igreja da aldeia o sino chama os crentes á prece, e todos se recolhem um instante para resar a saudação com que o louro enviado de Deus annunciou á Maria a encarnação do Verbo divino.

N'essa hora abençoada quantas recordações surgem do intimo, fazendo despertar as delicias do passado para os que travam os amargores do presente!

Quantas lagrimas descem silenciosas, quantas saudades invadem o coração já espesinhado pelo sofrimento!

E as mães, coitadas! que viram morrer os filhos pequenos, ou separaram-se delles já grandes, afim de bem longe luctarem pela vida, na hora em que as sombras do crepusculo annunciam a aproximação da noite, por entre suspiros e

lagrimas, recordam o ultimo beijo trocado no momento da despedida, e, se não têm mais esperanças na terra, levantam ao céu o olhar pungente e pedem a Deus o conforto da resignação, o balsamo da fé.

FRANCISCA CLOTILDE



Um canto

A' minha terra

A' toi, toujours à toi
(V. Hugo.)

E' formosa a bahia do desterro
Como lago sereno
D'aguas côr de saphira;
Passa a brisa subtil de serro em sêrro
E doce e brando thrêno
Sobre as ondas suspira.

Ah! n'esta hora da saudade amada,
Eu, solitaria e triste,
Nos sonhos da Poesia
Pelas ternas lembranças embalada,
Um bem que não existe
Crio na phantasia.

Córta leve batel as aguas mansas
A branca vela cheia
Roçando o mar azul;
Vôam gaivotas como fogem esp'ranças
E geme a onda e anceia
Ao brando vento-sul.

Scismando á beira-mar, do céu tão lindo
Que vejo retratado
Nas aguas socegadas
As leves côres que se vão sumindo
Me lembram do passado
As rosas desfolhadas.

Nas tardes de verão, á hora bella
Em que o sol embrandece
Cobrindo o céu de rosas,
Doira-se o mar em limpida aquarella
E a nuvem se esvaece
Em perolas mimosas.

Então de affecto candido os dulçores
Minh'alma apaixonada
Envolvem com fervôr,
E — a ti — berço gentil dos meus amores,
Minha terra adorada,
Teço um canto de amor!

Capital de St.^a Catharina

Delminda Silveira



Impressões de leitura

Flor de Neve, de E. de Goes

Eu não sei porque a gente, que com tanta facilidade dá conversando sua opinião sobre qualquer assumpto ou qualquer artista, hesita e extremece ao pegar na penna para expôr o que pensa sobre isto ou aquillo. Ideias ha que sustentamos calorosamente numa palestra, e que no emtanto não nos animariamos nunca a discutir pela imprensa.

A oportunidade do momento, a surpresa com que somos apanhados por um assumpto que nos interessa e nos provoca uma resposta immediata, a nenhuma preoccupação com o que vamos dizer, tudo isso nos anima e nos desembaraça no correr de uma conversação. A's vezes chegamos a discutir mesmo com pessoas de auctoridade reconhecida sem sentirmos siquer o menor acanhamento!

Quando se escreve, tudo muda de figura, não sei porque. O papel guarda as palavras por muito tempo e as leva muito longe, não nos transmite as discordancias do leitor para serem refutadas a tempo, e tem um *ar de seriedade* que nos diminúe a natural expansão. Por isso numa roda qualquer diriamos com tanta espontaneidade e tão sinceramente o que achamos da

Flor de Neve, de Eurico de Goes, ao passo que vendo diante de nós algumas tiras de papel em branco ficamos apprehensivas e quasi sem coragem de falar da interessante novella. Escreveu-a o auctor tendo apenas 18 annos e pela elegancia e correcção com que tractou a lingua vernacula, deu mostras de que é um estudioso e um apaixonado da forma. Imaginação em larga escala é tambem predicado de seu espirito, que deixa transparecer nas paginas da *Flor de Neve* apurado gosto e amor a objectos de arte. Logo na terceira pagina do livrinho vem descripta esta adoravel moradia, propicia a poetas e sonhadores:

«Ao redor da esplendida vivenda, em esmeraldinos extendaes de grama, viçavam as mais bellas e variegadas flores, de cujas caçoulas se evolavam suavissimos perfumes. A beira das aleas, cobertas de areia e conchas do mar, ostentavam-se estatuas de alabastro sobre pedestaes de granito, representando varias divindades da mythologia grega. Em lagos dormentes e crystalinos nadavam cysnes duma alvura de arminho, e, á flor d'agua, indolentemente, boiavam algas e nenuphares. Pelas alamedas de bambuaes ciciantes, que ensombravam bancos rusticos fingindo troncos de arvores decepadas, passeavam pavões de côres lindissimas, com um

passo regio, imponente, de imperador romano em triumpho.

Bosques frondosos rodeavam o nobre e grandioso edificio, que emergia em meio de um mar de verdura, os telhados de ardosia malhados de pombos brancos, e os pára-raios esguios flexando o céu azulino...»

Triste, bem triste é idealisar vendas assim nestes tempos em que já é tão difficil um tecto modesto e confortavel.

Eurico de Goes entra agora pela vida, radiante de illusões e de esperanças, sobraçando livros, nos quaes busca um diploma e suavizando a vida dos paes, aos quaes dedicou o seu primeiro livro. Que a sua carreira litteraria ha de ser um triumpho, quasi que o garantimos: as suas producções e a sua idade nol-o vaticinam.

E que o poeta nos dê em subseqentes trabalhos heroínas que sem reunirem em si tantas maravilhas e tantos caprichos exquisitos como Miss Lucy, sejam mais humanas, mais verdadeiras e saibam resistir com grandeza moral ás desventuras provaveis deste valle de lagrimas... Entristeceu-nos o final da novella: a bellissima Flor de Neve, de *semblante tão symbolicamente expressivo* ficára idiota. Este desfecho é chato de mais para um romancete tecido quasi todo

sobre os moldes mais ideaes da phantasia.

O idiotismo não tem siquer o tragico horrivel da loucura...

E manifestando este nosso modo de ver estamos em regra porque parece que já é vezo de todos que escrevem achar sempre algum senão nas obras de que tratam.

PERPETUA DO VALLE



À poetisa do Vizella

N'um unico jornal do norte do paiz encontrei noticia de ter fallecido a sra. D. Anna Amalia Moreira de Sá, distinctissima poetisa, auctora dos «Murmurios do Vizella.»

Em muitos outros jornaes procurei qualquer necrologia banal, alinhavada com as conhecidas palavras que servem em todos os funeraes — como os casacos dos gatos-pingados. Não se me deparou nenhuma. Mas facilmente expliquei a mim mesmo esse injusto silencio que alastrou em torno de um nome outr'ora illustre. A sra. D. Anna Amalia viveu de mais; já da sua geração não restava ninguém que podesse choral-a em letra redonda.

Devia ter 74 annos a poetisa do

Vizella, pois que em 1855 contava 30. Ella propria o disse n'um dos seus cantares:

Já seis lustros d'existencia
Em turturado viver;
Mau fado, que me ha fadado,
Logo me vira nascer.

Esta poesia tem a data de 23 de Outubro de 1855, e intitula-se *Aos meus annos*, d'onde é licito concluir com segurança que D. Anna Amalia nasceu em igual dia de 1825.

Não tenho, para escrever a biographia da poetisa do Vizella, outros elementos além dos que posso colher na leitura do seu livro. Fui consultar o *Diccionario Bibliographico*, e ahí encontrei, no 1.º vol. do *Supplemento*, a declaração de que Innocencio apenas conhecia o livro de D. Anna Amalia pelo titulo, visto que nem na Bibliotheca Nacional o podera encontrar.

O' exemplar molestia dos escriptores de outro tempo, que se contentavam com ter por limite da sua popularidade o rio que lhes passava á porta! Assim como o annoso Bingre não deixou de ser jámais «o cysne do Vonga», D. Anna Amalia não aspirou a ser mais do que a «poetisa do Vizella».

Não se lembrou, portanto, de enviar o seu livro á Bibliotheca Na-

cional de Lisboa, onde Innocencio o procurou embalde; o Tejo era rio de maior tomo, feudo dos Castilhos e Herculanos, e n'aquelle tempo, 1861, em que D. Anna Amalia publicou o seu livro, a memoria sangrenta da guerra civil estava ainda muito viva, para que alguém ouzasse perpetrar uma usurpação, ainda que fosse litteraria.

De mais a mais a familia de D. Anna Amalia achara-se envolvida n'esse grande conflicto politico; seu pai, que deve ter fallecido em 1849, padeceu trabalhos e desgostos por ter sido dedicado á causa liberal.

O ser livre foi um crime
N'esse tempo em que nasci;
Por isso meu Pai soffrêra,
Com elle tambem soffri.

Quando a patria em liberdade
Livre dava o respirar,
O' meu Pai. adormeceste
P'ra nunca mais acordar!

Pertencia D. Anna Amalia a uma familia de poetas, que ou não chegaram a imprimir seus versos ou ficaram ainda mais esquecidos do que a poetisa do Vizella.

São palavras suas, com que prefacia os *Murmurios*, publicados em 1861:

«Fascinada desde tenra idade me hei dado de coração á leitura dos Poetas. E quanto maior co-

pia de versos eu lia, maior era o prazer que eu encontrava n'esta arte divina, para a qual me convidava tambem o exemplo poetico de meus Maiores e Primos, e principalmente de meu sempre chorado Pae e de meu saudoso Avô paterno.»

D. Anna Amalia habitava o seu solar de Sá em Riba Vizella, onde falleceu.

Poetisa e fidalga! Que mais era preciso para fascinar os campeões d'Entre-Douro e Minho, como realmente aconteceu em 1849, quando ella principiou a ter maior evidencia n'um torneio celebre.

Foi uma nova «renascença», exclusivamente nacional, que espiritou o romantismo semi morto. Logo veremos a parte activa que D. Anna Amalia tomou n'esse resurgimento litterario.

No solar de Sá vivia a illustre poetisa solarenga entregue aos gosos do espirito, que derivavam da poesia, a «arte divina», e ás saudades que a morte das pessoas da sua familia lhe deixára enraizadas no coração affectuoso.

Minha Mãe, amigo amparo
Tambem ella me faltou!
Irmão, irmã, que adorava
Tudo a morte me roubou!

A irmã da poetisa do Vizella, a quem estes versos se referem, chamava-se Emilia, e falleceu em 1850;

mas ainda D. Anna Amalia teve outra irmã, que devia ser um anjo de bondade e candura:

Como a pomba és innocente,
Mimoso cysne a boiar
No lago immenso do mundo
Mas n'elle sem mergulhar.

Confinada no seu solar de Sá, communicando espiritualmente com os bons espiritos da epocha, D. Anna Amalia entregava ás aguas murmuradas do Vizella os suspiros tristes que mandava ao encontro dos corações sensiveis que a liam e comprehendiam.

Até onde chegasse a corrente do Vizella chegariam os seus versos, porque os rios e as fontes estavam acreditados desde o tempo de Ignez de Castro como lealissimos confidentes.

Por isso D. Anna Amalia dizia ao seu patrio rio, apesar de modesto, pittoresco e cristallino, como todos os do Minho.

Da rôla ao triste gemido,
Do rouxinhol ao trinar,
Ao murmurar do meu rio
Meus cantos vou misturar,
Casar ao som da corrente
Da lyra os sons que tirar.

Tenho a missão de poeta
No mundo para cumprir;
Triste vida sem ventura
Soffrer, chorar, e carpir;
Que ao poeta coube em sorte
Sómente saber sentir.

E quero colher a palma,
Que do genio se mostrou
Aqui junto do Vizella,
No berço que m'embalou;
Murmurar quero a saudade,
Que no peito se arraigou.

E a brisa que m'escuta,
Meus cantos aprenderá,
E o rio deslizando
Estas vozes levará,
E no murmurar saudoso
Meus cantos murmurará.

Mas todo o coração triste tem
na vida uma aurora de felicidade,
e o rio Vizella encontrou um dia,
no coração de D. Anna Amalia,
um rival perigoso.

Ella mesma o confessa:

Ah! meu Deus, é triste o quadro
O quadro do meu viver!
Assombrou-me a desventura,
Só me faltava morrer!

Hoje que me falla n'alma
Toda a crença d'um amor,
Que sinto prender-me a vida
Da vido todo o fervor.

Ah! bemdigo o ceu da patria,
Este ceu, que sempre amei;
A quem os sonhos da vida
Sempre ufana consagrei.

Esta aurora de felicidade raiava
sobre as aguas claras do Vizella,
offuscando-as, no anno de 1855,
D. Anna Amalia casou, não sei
que tempo antes; mas n'esse anno,
após uma grande molestia, cantava
um hymno de resurreição n'uma

doce paschoa de affectos domes-
ticos:

Extremos d'esposo, d'irmãs o extremo
Poderam a morte de mim desviar.

Tambem não sei o nome do ca-
valheiro, que deu a mão de es-
poso a D. Anna Amalia e lhe foi
carinhoso enfermeiro; outrosim
ignoro se já morreu ou ainda é
vivo.

O que de sciencia certa posso
affirmar é que a illustre poetisa
do Vizella se correspondeu littera-
riamente com alguns dos bons en-
genhos do seu tempo; a saber João
Machado Pinheiro, depois visconde
de Pindella, pai do actual viscon-
de do mesmo titulo e do sr. conde
de Arnoso; com D. João d'Aze-
vedo, infeliz e talentoso amigo de
Camillo, autor do *Sceptico* e do
Misanthropo; com Antonio Pinhei-
ro Caldas, bardo portuense, que
saudou D. Anna Amalia n'uma fo-
gosa apostrophe de enthusiasmo:

Bem vinda cantora, bem vinda tu sejas...
Tua harpa sonora tem meiga expressão;
Se cantas sorrindo, sorriem os anjos,
Despertas se choras, no peito a paixão.

O que diria ultimamente a ve-
lhinha de 74 annos, se ainda con-
servava inteira lucidez de espirito
a estes versos que Pinheiro Caldas
depunha a seus pés em maio de
1851? Naturalmente olharia para
esta e outras grinaldas de rosas e

louros, que lhe ofertaram, atravez do nevoeiro da saudade, que é a cegueira providencial de todos os velhos.

Se podessemos ver claramente o passado a grande distancia de tempo, morreriamos de desalento e tristeza.

Mas interpõe-se uma neblina, que esbate as figuras, que esfuma os objectos, e que chega a ser um favor da providencia divina.

D. Anna Amalia contribuiu, como promettemos contar, para um resurgimento ephémero do romantismo, assignalando-se no celebre certamen travado, em 1849, «entre a rosa branca e a rosa encarnada», vislumbre longinquo da antiga galanteria das querellas palacianas em que tomaram parte os poetas do *Cancioneiro Geral* e as damas da côrte.

A illustre fidalga de Sá sahuiu a campo em prol da rosa encarnada, ripostando corajosamente a João Machado Pinheiro, que, em favor da rosa branca propoz um «passo de armas» aos trovadores do Minho.

D. Anna Amalia, com o ardor de uma Penthesilea animosa, accitou o repto:

Trovador: lançaste a luva,
Que eu te fôra levantar:
— Vejo na rosa encarnada
Tanta lindesa sem par;
Que não pode a rosa branca
Com ella rivalisar.

O futuro Visconde de Pindella não menos aguerrido e gentil, respondia-lhe de Guimarães:

Rosa branca, és vencedora,
Podes victoria bradar;
A tua rival não teve
Quem viesse batalhar:
Não teve um só cavalleiro
Para a vir desafrontar;
Foi preciso que uma dama
Viesse á liça brigar!!!

Mas veio quem só podia
O meu braço desarmar:
Eu me confesso vencido
«Ante essa lyra sem par»,
Venceste, mas não a rosa,
Que tu vens desaffrontar;
Venceu a lyra do bardo
Da tua lyra o trovar.

Acudiu á provocação de Machado Pinheiro um poeta de Agueda, José Maria Velloso, e o mais curioso ó que tambem elle preferia a rosa branca, mas por gentileza e galanteria collocou-se ao lado da poetisa do Vizella a apageal-a na refrega:

Eu amei a rosa branca:
Inda a amo, que é formosa,
Como tu moça mimosa;
Anjo da terra, Mulher!
Mas se tu mandas que adore
Outra rosa... Embora eu chore,
Triumphante ella se arvore,
Nem um ai darei sequer.

Diz o correspondente de Guimarães para *O Primeiro de Janeiro*, unico jornal em que vi commemorado o fallecimento de D. Anna

Amalia, que Camillo Castello Branco tambem entrou no torneio das duas rosas.

Pode ser, mas não o affirmo. Sendo verdadeira a informação, o que hei de verificar mais de espaço, Camillo occultou-se sob o pseudonymo de *Magriço, cavalleiro da rosa encarnada*, e datava os seus versos de Lisboa, 1849.

E' certo, comtudo, que n'esse anno veio Camillo a Lisboa, onde começou a escrever o seu primeiro romance, *O anathema*, n'um cubiculo da rua do Oiro.

Magriço combateu pela rosa encarnada ao lado de D. Anna Amalia:

Ou no campo, ou na estacada
Defendo a rosa encarnada,
Que a branca veio affrontar!
Levanto a luva por ella,
Que defendo uma donzella
Que é covardia atacar.

Contra uma dama é fraqueza
Usar de força ou destresa:
Cavalleiros somos nós!
Eu sou da rosa encarnada,
Sou da donzella affrontada,
Da rosa branca sois vós!...

Machado Pinheiro sustentou guapamente o passo de armas:

Olá, Magriço, não sabes
Que mais companheiros tens!
Não sabes?... oh! contra elles
Como assim ousado vens?!
Como vate e cavalleiro
Cumpre-te ser o primeiro

Nós victoria não cantamos:
Não tivemos quem vencer:
Não veio um só cavalleiro
Nosso pregão rebater:
Não veio um só cavalleiro
E's tu agora o primeiro.

Veio sim, veiu uma dama,
Foi quem teve esse valor,
Não nos batemos, corremos
Ir-lhe aos pés lanças depôr.
Fomos sim d'ella vencidos,
Mas não fomos convencidos.

Mas hoje vejo uma lança
P'ra com a minha cruzar:
E' contigo, o cavalleiro,
Que vou nas justas entrar:
Embora sejas mais forte
Não temo me dês a morte.

Tudo isto parece que já passou ha duzentos annos, e com tudo apenas occorreu ha meio seculo.

E' um quadro da epocha, vivo e completo. Pinta melhor as almas poeticas de 1849 do que muitos volumes de historia litteraria.

Quando o conflicto das duas rosas rebentou, era eu recém-nascido. Mas vim a conhecer o valoroso campeão da rosa branca, o visconde de Pindella, em casa de Camillo Castello Branco, na Povoia de Varzim, muitos annos depois. Homem amavel e gentil que era.

Não conheci a poetisa do Vizella. Mas se eu voltar algum dia áquellas paragens, onde D. Anna Amalia teve solar e decerto terá

tido sepultura, e se a esse tempo florir a primavera, hei de depôr sobre a sua campa uma rosa encarnada.

Tive sempre a religião do passado — e agora mais do que nunca.

ALBERTO PIMENTEL



Notas pequenas

W. Dickins — Consumida pelas chammias de violento incendio em sua propria residencia, falleceu a conhecida escriptora norte-americana W. Dickins, que muito viajára pela America meridional.

Sala de leitura para senhoras — Na bibliotheca publica da capital do Maranhão acaba de ser preparada uma nova sala de leitura reservada especialmente ás senhoras, onde serão encontrados lindos albuns de gravuras, revistas, jornaes e esplendida collecção de figurinos.

Administração de mulheres — De alta significação é a seguinte noticia, extrahida de uma correspondencia de Nova-York:

«O povo da cidade de Beattie, no Kanser Septentrional, enjoado com a corrupção de sua administração municipal, não quiz mais eleger homens para ella.

A Sra. Totton, esposa de um rico

negociante do logar, foi eleita *Maire*. O Secretario da Prefeitura e a maioria dos membros de Conselho Municipal pertencem tambem ao bello sexo. Todo o pessoal administrativo foi mudado e substituido em grande parte por mulheres.»

Excursionista americana — Esteve no Rio de Janeiro, de passagem para Buenos Aires, a Sra. D. Filomena Fernandes de Roig, que, por encargo de uma importante empreza americana, veiu á America do Sul colligir biographias, retratos, vistas panoramicas, descrições, dados estatisticos, etc. para um album sumptuoso, destinado á exposiçào de Paris em 1900. De Buenos Aires voltará ella ao Rio de Janeiro e visitará diversos Estados do Brazil no desempenho daquella incumbencia.

Movimento feminista na Allemanha — Sobre esse assumpto publica a «Stampa», periodico italiano, um longo artigo, rememorando a questào desde os tempos de Cornelio Agrippa de Mettelsheim, que, num opusculo publicado em 1505, sustenta a superioridade moral e mental da mulher. No seculo actual foi Luiza Otto quem teve a iniciativa d'esse movimento, fundando em 1848 um jornal feminista, jornal que a reacção subsequente, de 1850, supprimiu, fa-

zendo fechar ao mesmo tempo os clubs feministas que existiam.

Cerca de vinte annos depois recommçou a campanha, e entre os seus successos é para notar-se a fundação da «Associação geral das senhoras allemãs», devida aos esforços da mesma Luiza Otto, combinada com Augusta Schmidt. Tem por fim essa associação «contribuir para elevar o nivel da cultura feminina e tolher qualquer obstaculo ao seu trabalho».

Foi essa sociedade quem obteve que as mulheres fossem admittidas na administração dos correios e telegraphos, obtendo tambem a fundação de lyceus para as raparigas e a sua admissão aos estudos litterarios, medicos, etc. De então começaram as mulheres a tratar da politica, immiscuindo-se nas luctas partidarias e fundou-se o grupo socialista feminista. O partido socialista todo participou do movimento e apoiou-o. Mas agora o governo resolveu oppor-se a elle. A lucta será renhida.

A Estação. O n.º correspondente a 15 de Setembro traz, além de lindos modelos para vestuario e da costumada parte litteraria, uma schottisch para piano, composta pela Exma. Sra. D. Joanna Leal de Barros. Um numero variado e interessante.

Diversidade

(A Candida Fortes).

Dormia a sesta a pallida fidalga,
Como vegeta indifferente uma alga
Na solidão do mar,
Com differença apenas que no oceano,
Quando mesmo não haja o ardor humano,
Ha o suspiro da vaga a soluçar!

Nascera entre riquezas deslumbrantes,
Nunca tivera maguas lancinantes,
Nem convulções de amor!
Nunca ouvira os lamentos da pobreza,
Nunca sondára a voz da natureza,
Jamais soubera o que chamamos dor!

— «Como é ditosa, rica e venerada,
Dizia a moça pobre e apaixonada,
Fitando essa mulher,
Não soffre da miseria os desalentos,
Nem conhece os acerrimos tormentos
De apaixonadamente amar, siquer.

Eu, que do bom Jesús desprotegida,
Luctando em vão, luctando pela vida,
Só conheço o pezar,
Inda tenho por cume do calvario,
Do coração nutrir no santuario,
Este amor que me traz a delirar!»

No emtanto, a moça rica e langorosa,
Tinha, dormindo, uma visão formosa,
Pela primeira vez:
Sonhava que era pobre, linda e amada,
E de paixão ficando inebriada,
Corou, sorriu e tremula se fez!

PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA



A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brasileira

Directora — Presciliana Duarte de Almeida

Publica-se no dia 15 de cada mez

Pagamento adiantado	Preço da assignatura, 12\$000 por anno Endereço: Rua de Sta. Iphigenia, N. 57.	Numero avulso Rs. 1\$000
------------------------	---	-----------------------------

Summario: — Com ares de chronica, Maria Emilia; — Soneto, Arthur Andrade; — Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos; — A poetisa do Vizella, Georgina Teixeira; — O feminismo, Anacleto Pacifico; — Cantiga, Maria Clara da Cunha Santos; — As primeiras sandalias, conto, Ipoméa; — Sonho, soneto, Aurea Pires; — Selecção; — De Amicis e seu Filho; — Notas pequenas.

Com ares de chronica

Um grande acontecimento assinalou a vida das brasileiras no dia 1.º do corrente: a Dra. Myrthes de Campos, afrontando a ira dos retardatarios e galgando a barreira dos preconceitos, assomou á tribuna judiciaria do Rio de Janeiro e fez a defeza de um réu! Esse facto deixará um marco miliario na vida da mulher indigena e constitúe um trophéu de gloria para o Dr. Viveiros de Castro, que deu a licção mais bem dada que se podia dar ao *Instituto dos Advogados* do Rio de Janeiro. Essa corporação discutia a admissão da mulher ao exercicio da advocacia e poucos dias antes dis-

correra durante uma de suas sessões o Dr. Carvalho Mourão, que combateu fortemente o parecer sobre a admissão da mulher como advogada, firmando-se em considerações tiradas do direito romano e do direito portuguez.

Quer nos parecer que andou mal avisado o douto advogado procurando basear-se no direito romano, estabelecido no tempo ainda em que a mulher não tinha siquer nome proprio e era designada por numero como simples objecto! A sociedade evolúe e com ella evolúe tambem o direito. Máu grado emtanto as locubrações do *Instituto dos Advogados*, a noticia de que uma senhora ia occupar a tribuna do jury corria de bocca em bocca. No dia determinado para a sessão do jury encheu-se o tribunal de assistentes, entre os quaes havia grande numero de senhoras. Esperava muita gente que o juiz não permittisse que a defeza fosse feita por uma mulher. O Dr. Viveiros de Castro, porém, com verdadeira isenção de animo, interpe-

trando sabiamente o direito e a justiça e levado pela liberdade de consciencia, «esse poder invencível que desafia todas as tyrannias» na phrase eloquente do Dr. Costa Machado, deu a palavra á Dra. Myrthes de Campos, que, ao subir á tribuna, foi recebida com prolongada salva de palmas.

A joven advogada, commovidissima, fez o exordio, tendo por thema o papel da mulher na sociedade; remontou á Grecia e aos tempos feudaes e provou que a mulher, além do direito, hoje adquirido, de advogar, já foi juiz. Ao concluir a sua brilhante defeza, foi a Dra. Myrthes de Campos muito applaudida e cumprimentada pelo juiz e pelo promotor. O réu foi absolvido, por onze votos.

Que dirá a tudo isto o *Instituto dos Advogados*?

Quando ha pouco em França a Camara dos Deputados approvou por 319 votos contra 174 a proposta de lei permittindo ás senhoras o exercicio da advocacia, os adversarios da emancipação feminina atacaram vehementemente a resolução do parlamento, invocando o interesse, a dignidade e a unidade do lar domestico. A essas accusações respondeu o *Temps* no seguinte teor:

«Conceder ás mulheres a liberdade de ganhar honestamente a sua vida, não é querer arrancal-as ao lar conjugal.

Essa liberdade visa, apenas, a disputal-as á miseria e alguma coisa peor ainda que a miseria. As mulheres que resolverem casar não serão obrigadas a advogar toda a vida. E' uma questão que diz respeito a ellas e aos respectivos maridos.

Si forem mais precisas em casa que no palacio de justiça ser-lhes-á facillimo renunciar á sua profissão.

Mas, quem não reconhecerá a dignidade, a confiança em si, a garantia, a independencia, que para ellas ha de representar, antes e depois do casamento, a certeza de que pódem ganhar a sua vida sem o auxilio de pessoa alguma? Quem não reconhecerá que esta certeza é uma força moral poderosa, um ponto de apoio contra as tentações, as fraquezas e os desfallecimentos.

E o que ha de extraordinaria no facto de uma mulher ir advogar para o tribunal emquanto o marido está no seu escriptorio ou no seu estabelecimento? Não vão as mulheres do povo trabalhar para fóra, dias e dias, emquanto os maridos estão nas officinas? Será por acaso mais immoral passar o dia no palacio de Justiça, na pre-

sença de toda a gente, que pas-sal-o nos *ateliers* de modista, nos grandes armazens de Paris... ou em outras partes? Não vemos em que a dignidade do lar possa ser mais prejudicada com a profissão de advogada que com a de costureira ou outra qualquer.

Além de que — repetimos — não se tracta de *obligar* as mulheres a exercer uma profissão.

Tracta-se de lhes *permitter* um emprego honesto, onde possam ganhar a sua vida. Impedindo-as de de trilhar o caminho direito da existencia, não fazemos mais do que abrir-lhe, de par em par, as portas dos outros. Collocamos as desgraçadas que não têm fortuna nem familia na cruel alternativa de morrer de fome ou de se degradar. E' preciso realmente que sejam ainda bem poderosos os prejuizos do sexo para que homens, sem duvida dotados de excellentes sentimentos, tenham luctado, tenazmente, como luctaram na sessão de hontem, contra a evidencia. Perderam a partida, felizmente. Consola-nos, porém, a esperanza de que talvez, a sangue frio, pensando bem no caso, ficassem desolados, se a tivessem ganho.»

Mais e bem mais eloquentes ainda do que a argumentação do *Temps* são as seguintes linhas de uma chronica do *Paix*, linhas reçumadas de amarga ironia e verdade:

«O homem em geral exige da mulher pobre que seja honesta, fingindo, entretanto, que não a vê, quando está mal vestida ou demonstra necessidade extrema.

Creando para ella este dever, o sexo forte entendeu que lhe devia trancar todos os meios de vida, a não ser aquelles em que o dito sexo não se póde empregar, por não darem renda capaz de garantir o feijão, o cigarro, o calix de qualquer coisa e o resto que a natureza reclama. Generoso, o sexo barbado disse á mulher que o seu papel era no lar, na educação dos filhos, nas caricias do esposo, no seu throno domestico da graça, longe do mundo, das suas contingencias miseraveis, das suas abominações tremendas, a cujo contacto não ha alma feminina que não empalideça e não se estiole.

De subito, com a morte do marido, a mulher vê-se desamparada na existencia, devendo velar pelas creaturinhas orphãs entregues á sua ignorancia de todos e de tudo, tendo de garantir a esses doces seres o conforto, a placidez, a segurança de vida que o seu devastado coração sonhára para elles em horas de alegria suave. O que ha de fazer ella, a rainha do lar, a creatura de graça, que desconhece o trabalho, a luta pelo pão, que não sabe onde procurar dinheiro, que se sente sem prestimo, a não

ser o de povoar de encantos a sua casinha, ao lado de um homem querido, segundo as lições, os conselhos, as phrases de lisonja, executadas até o instante do infortunio?

Nesse momento o sexo forte, que a acclamou rainha, que a poetizou, que lhe expoz como inutil e ridiculo o trabalho, que lhe falou na sua nobre missão de viver em casa, de só pensar nos filhos, de ser graciosa, recatada, estranha ao mundo, mostra-lhe severamente a necessidade de ser honesta — costurando ou procurando arranjar na sua roda de amigas — que a hão de escarnecer — algumas lições de francez ou de piano. Se não obtiver costuras, mantenha-se honesta; se não grangear discipulas, conserve-se honesta ainda; se não tiver almoço para os filhos, seja honesta tambem; se não puder pagar a casa, affirme-se mais do que nunca honesta. Grande obsequio ella prestará ao sexo forte se o não importunar com visitas, desde que tenha desgraças a descrever ou a *toilette* esteja desbotada — mas seja honesta, que é o seu dever.

Ai della, porém, se na previsão dos máos dias, se preparar para

disputar ao homem as profissões que foram até agora o seu patrimonio precioso. Tratar um doente, já é ser pretenciosa, defender um réo é o cumulo do ridiculo, trabalhar n'uma repartição é desprestigiari o poder publico. A mulher deve ser digna, mas o seu dominio exclusivo é o tal tar, onde ella occupa o tal throno — quer ella tenha ou não tenha lar, quer tenha ou não tenha throno. E por isso tanto advogado se sorriu com o facto de D. Myrthes de Campos ter occupado a tribuna do Jury e pleiteado com talento a causa de um individuo que se regalou com a absolvição.

Permitta Deus que este exemplo estimule outras moças a procurarem na vida pelo seu proprio esforço o logar que até hoje ferozmente lhes tem sido negado, pelo egoismo do sexo forte. Isto não quer dizer que procurem a Faculdade Livre as que ainda não obtiveram matricula na Escola Normal. O que convém é que a mulher se habitue a confiar menos no amparo do homem e a contar principalmente comsigo.»

MARIA EMILIA

4 de Outubro de 99.



Soneto

Que a adoro tanto nem sequer presente,
 Pois outro adora que a não quer nem ama!
 A mesma dor eu sinto que ella sente
 Desde o mesmo deserto á mesma chamma.

Trazemos nalma, semelhantemente,
 O mesmo enredo de um sombrio drama.
 Vamos levados numa só torrente
 Que em diversas paragens se derrama.

Não sendo comprehendida, — ai! — não comprehende
 Como a garra que a prende tambem prende
 E rasga e sangra um coração de rastros...

E a nossa vida assim, de vago em vago,
 Parece um triste, um solitario lago:
 Bem distante do céu retrata os astros!

Maio — 99

ARTHUR ANDRADE



Carta do Rio

O lindo mez de Setembro de 1899 ficou gloriosamente assignalado nos annaes da sociedade artistica e litteraria desta cidade. A primeira audição da opera Saldunis do maestro Miguez e a primeira defeza perante o jury feita por uma mulher, são dois acontecimentos que marcam uma epocha. Falemos primeiro da opera, mesmo porque a defeza da D.^{ra} Myrthes de Campos foi no dia immediato ao da festa musical.

O vasto salão do Instituto Nacional de Musica estava repleto de

distinctas pessôas, convidadas pelo auctor para a primeira audição da opera que deve figurar por occasião das festas commemorativas do 4.^o centenario do Brazil. O libreto é escripto por Coelho Netto, que o leu em publico, antes de começar a opera, afim de explicar o enredo da peça.

Pela distancia em que eu estava, mal pude entender o que leu o distincto litterato. Percebi no entanto, que o facto alludido, cujo resumo é o episodio do Saldunis, foi tirado da historia da França.

Destinada a opera á commemoração de uma festa puramente na-

cional, eu prefereria que o assumpto fosse tambem nacional.

Os factos historicos de todos os paizes cultos interessam a todos nós, em geral, mas com franqueza, para uma opera genuinamente brazileira e destinada a uma festa do Brazil, mais interesse nos despertaria um episodio de nossa terra.

A parte musical é um prodigio, agrada, interessa, arrebatada.

E' de um sentimento delicadissimo e é ao mesmo tempo imponente e magestosa, fazendo lembrar, por vezes, as extraordinarias operas de Wagner. O desempenho foi magnifico. Alguns amadores de subido merito auxiliaram os artistas conhecidos e o conjuncto foi perfeito, nada deixando a desejar.

Quando a bella opera Saldunis estiver orchestrada e fôr á scena, representada com todas as exigencias da arte, comprehenderão então as pessoas descrentes do valor artistico do nosso paiz, que aqui no Rio de Janeiro já se fazem e se executam operas difficeis e sublimes, e que o nosso povo pode apparecer de cabeça erguida nas cultas capitaes do velho mundo.

Ainda bem! Uma braçada de flores ao eximio maestro Miguez e as seus talentosos interpretes.

A D.^{ra} Myrthes de Campos, formada ultimamente pela Faculdade

Livre de Sciencias Juridicas e Sociaes desta Capital é uma mocinha debil e franzina, tem vinte annos apenas, a voz é delicada como a de uma criança e em seus olhos, pequenos e myopes, ha uma expressão de firmeza, de confiança e de tenacidade, que agrada logo a primeira vista. No dia de sua estreia no jury, havia no tribunal um movimento extraordinario.

A's onze horas do dia já não havia mais um logar nas galerias. Era geral a curiosidade, muitas senhoras lá estavam para ouvir a D.^{ra} fallar.

Quando a jovem advogada subiu á tribuna uma salva de palmas ressoou no salão. O Juiz fez arrefecer o enthusiasmo, dizendo que o auditorio não podia se manifestar.

Bellissimo exordio proferiu então a oradora. Demonstrou, com eloquencia, o progresso do movimento feminista e trouxe factos historicos da Grecia e de Roma para corroborar suas asserções. Referiu-se ao advento do Christianismo que proclamou a igualdade entre todos, não podendo, portanto, ficar excluida a mulher. O seu discurso foi breve, judicioso e sem o menor vislumbre de pedantismo.

Na parte juridica a oradora mostrou muita logica analysando os factos com bastante habilidade.

A estréa da D.^{ra} Myrthes de

Campos foi uma victoria, o réo foi absolvido por 11 votos contra 1.

Não está ainda decidido, pelos supremos magistrados de nosso paiz, se é permittido ou não á mulher exercer a advocacia no Brazil; e se a D.^{ra} Myrthes fez uma defeza no jury, foi porque o juiz D.^r Viveiro de Castro tomou a responsabilidade desse acto, que por emquanto não tem ainda a força de um direito garantido pela lei.

Se a mulher, depois de formada, não puder advogar, não devem consentir então que ella frequente as Academias e que perca cinco annos de trabalho para conquistar um titulo que nada pode valer. Deve haver logica nesta intrincada questão. Realmente ter nas mãos um diploma que só pode servir para enfeitar a sala, emmoldurado n'um vistoso quadro, não vale a pena.

Seria uma vaidade tola levada ao ultimo gráo da estupidez.

E por falar de vaidade...

Disseram-me outro dia que M.^{me} Levy, a extraordinaria mulher que tira as rugas do rosto com o seu segredo de massagem especial, tem tido muito maior numero de clientes nos homens do que nas mulheres!!

Quem seria capaz de imaginar isso?

As pobres mulheres que carregam aos hombros por tantos seculos os feios titulos de frivolas

e de vaidosas, estão agora dando um desmentido formal.

A justiça tarda mas não falta...

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS



À poetisa do Yizella

Ha no artigo de Alberto Pimentel, com o titulo acima, publicado no numero passado da *Mensageira*, um topico que é de conveniencia ficar desde já esclarecido.

Escreve esse conhecido e apreciado litterato, referindo-se ao gracioso combate das duas rosas em que a poetisa D. Anna de Sá, era a defensora da rosa encarnada, o seguinte:

« Diz o correspondente de Guimarães para *O Primeiro de Janeiro*, unico jornal em que vi commemorado o fallecimento de D. Anna Amalia, que Camillo Castello Branco tambem entrou no torneio das duas rosas. Pode ser, mas não o affirmo. Sendo verdadeira a informação, o que hei de verificar mais de espaço, Camillo occultou-se sob o pseudonimo de *Magriço, cavalheiro da rosa encarnada*, e datava os seus versos de Lisboa, 1849.»

Não é verdadeira a informação. Não foi Camillo que sob o pseudonimo de *Magrico*, sahio a combater ao lado da distinctissima poetisa do Vizella, ultimamente fallecida; foi o poeta Francisco Gomes de Amorim, o glorioso autor dos *Cantos Matutinos*, livro com certeza pouco lido hoje pelos poetas modernos, mas que não deixará por isso de ser um excellento livro de versos, verdadeiramente inspirados e vibrantes de sentimento. Nesse livro, pois, na 3.^a edição de 1875, em uma nota bastante interessante publicada no final do volume e explicando a procedencia da poesia, á pagina 211; *Aos campeões da Rosa branca*, nos conta o poeta:

«Em dezembro de 1849 appareceu no *Periodico dos Pobres do Porto* uma poesia, assignada por uma senhora, á *rosa encarnada*. Em seguida vieram ao mesmo jornal dois poetas, cantando a *rosa branca*, e proclamando-a superior á outra. A dama da *rosa encarnada* voltou ao campo, declarando aos seus contrarios que depunha a lyra por não poder sustentar a luta. Os dois cantaram a victoria, mas a mim (que tinha então 22 annos) ferveu-me o sangue, e entendi que me não salvaria se não saísse a terreno em defeza dos opprimidos! Mandeí, pois, para o *Periodico dos Pobres* a composi-

ção a que se refere esta nota, e as mais que se lhe seguem até pag. 206.

Ignorando se os nomes dos poetas portuenses eram verdadeiros, ou se os encobria o pseudonimo, assignei-me *Grão Magriço*.

Os cantores da *rosa branca* não gostaram de que eu me metesse nas suas contendadas e responderam-me com azedume; repliquei-lhes tambem asperamente, e a questão chegou ao ponto de eu tirar passaporte para ir ao Porto saldar as contas com elles. Devo ao meu fallecido amigo e mestre Garrett o haver-me livrado desta ridicula questão, com o tremendo sermão que me pregou ao saber a minha resolução.

Felizmente ainda não havia caminhos de ferro, nem se dava um passo n'este paiz sem o auxilio dum passaporte; aliás quem sabe se veriamos renovadas em Portugal as guerras de York e Lancastre, que por iguaes motivos assolaram a Inglaterra!

Faço estas confissões como verdadeiros actos de penitencia, e declaro solemnemente que nunca procurei saber se a dama da *rosa encarnada* era um mytho, ou se realmente existio a ex.^{ma} senr.^a D. Anna de Sá. Para prova da minha sinceridade declaro-me author dos versos que provocaram, ainda que innocentemente, tamanhas iras.

Entrei de bôa fe na lucta, movido unicamente pelos sentimentos de generosidade que ha no coração de todos os rapazes, e sem desejos nem suspeitas de adquirir inimigos. Se alguém se julgou offendido, e me ficou querendo mal, aqui lhe peço que me perdõe, protestando todavia que a minha predilecção é ainda pela *rosa encarnada*. Eu não fui o unico a tomar a sua defeza. Depois de mim, alguns poetas de Lisbôa publicaram nos jornaes do Porto poesias contra a *rosa branca*; e, seguindo o meu exemplo, os partidarios da senr.^a D. Anna de Sá escolhiam os nomes, com que assignavam os seus versos, entre os doze de Inglaterra.»

Por estas palavras de Gomes de Amorim se virifica que não era Camillo Castello Branco quem se assignava *Magriço* nessa galante contenda poetica das duas rosas e que tão famosa se tornou. A poetisa dirigio, a Francisco Gomes de Amorim, os versos que abaixo transcrevo e que lhe concediam licença para entrar na liça:

Ao cavalleiro da rosa encarnada

Bemvindo sejas, guerreiro;
Apraz-me vossa chegada:
Trazeis luzida armadura,
E lyra bem afiuada.
Por certo que a minha rosa
Não pode ser desfolhada.

Quando ia despenhar-se
Impellida do tufão,
E sepultar-se talvez
No seio da escuridão,
Vê luzir a tua lança,
Denodado campeão!

Parte, sim, ó cavalleiro;
Vae na liça pelejar;
E's bravo, e é justa a palma
Que pretendes disputar;
Vae seguro da victoria
Que te não póde falhar.

Como devem ser airosas
Vossas lides, trovador,
Que tambem nos teus contrarios
Achas brio e pondumor!
Mas a rosa que te inflamma
Te fará ser vencedor.

Não me assustará o vêr-te
Numa lucta designal;
Vaes desafrontar a rosa
Que não póde ter rival;
E esta devida empreza
Não te pode ser fatal.

Parte, sim, ó cavalleiro,
Vae-te de loiros coroar;
Lá te aguardam já no campo
Dois cavalleiros a par.
Oh! não possam suas lanças
A tua lança quebrar!...

D. Anna de Sá

Não conheço o livro de D. Anna Amalia Moreira de Sá, e a não ser a poesia acima nada mais me recordo ter lido de sua lavra. Basta-me, porém, essa poesia para que D. Anna de Sá mereça sempre a minha sincera e entusiastica admiração.

A morte levou-a bem velhinha, teve, porém, bellos dias de gloria e de ventura; essa intelligente e mimosa peleja das rosas em o seu delicado sentir de poetisa, deveria ser decerto de immenso prazer e felicidade.

GEORGINA TEIXEIRA

Capital, 1899.



Ô feminismo

O *Diario Popular* acaba de apresentar praça nas fileiras do feminismo; e por esse arrojo, não regateamos applausos á ponderada folha vespertina. O caso da Dr.^a Myrthes da Campos trouxe para o terreno dos factos a questão abstracta dos direitos da mulher. E o Dr. Viveires de Castro mostrou-se, mais uma vez, coerente consigo mesmo. Abrir tambem ao bello sexo a função da advocacia constitúe um simples corollario da liberdade profissional, que a constituição da Republica sabiamente consagrou. Nem seria congruente que as nossas patricias podessem, como podem, conquistar nas academias um diploma scientifico e ficassem, ao mesmo tempo, privadas da efficacia desse diploma, tão duramente conquistado. Com que

fundamento vedariamos á mulher o campo da actividade honesta, si a nossa pessima organização social não a póde muitas vezes salvar dos horrores da miseria ou das especulações do vicio?

A este respeito, o Dr. Garcia Redondo tem publicado no rodapé do *Diario Popular* uma serie de brilhantissimos artigos. Como estudo completo do feminismo, é o primeiro trabalho literario que até hoje conhecemos na lingua portugueza. O mais que temos lido só se encontra na *Revista Encyclopedica Larrousse*, muito pouco vulgarizada em nosso meio.

Apenas um defeito notámos nos escriptos do Dr. Garcia Redondo — que elle escolhesse para organ das suas bellas theorias a bocca envenenada de uma mundana, quando podia pôr aquillo mesmo nos labios respeitaveis de uma boa mãe de familia, ou de um typo de virtudes. A doutrina, sendo a mesma, tornar-se-ia mais sympathica.

ANACLETO PACIFICO

(Da Carta de S. Paulo para a Cidade de Campinas).



Cantiga

(A. P. D. A.)

Com voz plangente de quem suspira
Canta a saudade, canta a alegria,
Não sabe os versos que guarda a lyra,
Canta o que sente, doce harmonia!

Suspende aos braços o filho amado
E muitos beijos lhe dá, contente,
E o seu futuro bello e doirado
Vê reflectido na sua mente.

— Bemdita sejas, mulher ditosa,
Que o filho embalas, sadio e forte!
Vê que formoso botão de rosa,
Em seu sorriso tens o teu Norte.

Vendo a creança quem não diria
Palavras cheias de animação!
«Que boniteza, Santa Maria»
Dizem teus labios e coração.

E a cada phrase que tu dizias
Ella sorria toda contente!
Dias formosos, formosos dias
Que se acabaram tão de repente!!

.....
Hoje a creança já não existe.....
E a mãe, coitada, por todo o dia
Inda repete, chorosa e triste
«Que boniteza, Santa Maria!»

M. C. C. SANTOS

Rio, 19 Setembro — 99.



As primeiras sandalias

(Ao Lyrio)

Conta-me uma historia, Clarice,
disse Dolora reclinando a loura ca-
becita no seio da ama.

Quero uma historia linda... lin-
da... tecida de luz e rosas... tão
bonita que me faça adormecer.

E a ama contou:

«Na Palestina, onde o céu é
muito azul e triste, vio-se um dia
uma mulher formosa de encantar,
seguindo de longe o Nazareno lou-
ro... E chorava unindo aos seios
as brancas mãos de neve»

Jesus sentio os soluços que a
aragem branda levava-lhe e doce-
mente... suavemente exclamou:

— «Mulher!... mulher!... porque
choras?»

— «Mestre, eu fui a senhora de
Magdala... fui rica, adorada»

Um dia vi-te passar ao pé de
meu castello, e minh' alma seguio-
te, e eu te amei, senhor!

Desde então aquelle castello im-
menso pareceu-me assaz pequeno
para encerrar a grandeza d'esse
amôr sublime, que me aponta o
Empyrio, o teu reino, senhor.

Quero seguir-te, Jesus.

— «Vem, disse o Nazareno com
doçura.»

Ella seguio-o.

Subiram o monte.

E a senhora de Magdala, descalça pisava as pedras asperas ferindo os pesinhos bellos... Jesus fitou então amorosamente aquelles pesitos doloridos, tão vermelhos e pequeninos.

Subio o monte ligeiro, colheu dous lyrios azues, formou duas *babouches* mimosas e depondo-as docemente aos pés da formosa penitente, lhe disse:

«Mergulha nessas flores os teus pés... não os maltrates, Magdalena.»

E olhando aquelles pésinhos em sangue, Jesus entristeceu-se. Magdalena amorosamente beijava, orvalhando de lagrimas, as primeiras sandalias... tão lindas, feitas de flôres, que Jesus lhe dera...»

* * *

Ao terminar a historia. Dolora dormia... e um sorriso doce pairava-lhe nos labios em flor... enquanto Clarice cuidadosamente ageitava nas fôfas almofadas de penas, a cabecita loura da menina adormecida...

IPOMÉA



Sonho?

Não sei se sonho foi! Só sei que eu via
N'um vasto mar minh'alma transformada
E que alegre a Esperança reclinada
N'um dourado batel delle fugia!

Era verde a roupagem que envolvia
Suas formas de celestina fada.
Verde tambem a cabelleina ondeada,
Que esparça ao vento sobre o mar cahia!

E elle o barco ligeiro acompanhando,
Em profundos soluços prorompeu,
Ao ver que a Virgem o ia abandonando.

E mais depressa o barco então correu...
E Ella ao triste nem um olhar lançando,
Saltou na praia e... desapareceu!

AUREA PIRES

1891



Seleccção

A coragem de modo algum é incompativel com a ternura; ao contrario, a amenidade e a sensibilidade sempre caracterisaram os homens e mulheres que mais altos feitos praticaram.

S. SMILLES

A revolução social que se prepara na Europa visa principalmente o futuro da mulher e do operario.

IBSEN

A mulher está conquistando dignamente o seu lugar no mundo social, e justo é que nós outros, os despotas hypocritas, que até hoje, não pela força do direito, mas pelo direito da força, a temos conservado escravizada e submissa ao nosso domínio egoísta e fraudulento, façamos justiça abrindo alas para que ella passe triumphante e vá occupar o seu posto a nosso lado, não como um ser inferior, que não é, mas como um ser perfeitamente igual, que é e que sempre foi.

GARCIA REDONDO



De Amicis e seu Filho

Edmundo De Amicis, que patenteou o seu grande amor á infancia escrevendo as paginas do adoravel *Coração*, passou ha mezes pela horrorosa magua de ver morrer um filho de dez annos de idade. Expandindo o seu profundo desespero numa revista italiana o fez de modo tão commovente e sentido que alguns jornaes transcreveram a peroração dessa tristissima elegia em prosa. Nós tambem não nos podemos furtar ao desejo de transcrever aqui palavras que tão intimamente nos tocaram o coração:

«Os dias succedem aos dias e não trazem nenhum allivio á nossa dor, nenhum raio de aurora ao horizonte negro da nossa vida. Estamos oppressos de tristeza e nos dias nublados como aquelle em que o perdemos e quando resplandece o sol, que deixou de o aquecer, estamos tristes no silencio e no rumor, tristes no trabalho e no lazer, na companhia e na solidão. Nem mesmo nos resta o reconforto do trabalho. Porque o nosso espirito, fugindo aos pensamentos em que durante muito tempo se enclausurou, regressa como ao despertar de um sonho, á recordação da nossa antiga familia. E a decepção subita que experimenta prostra-o. Olhando para o futuro, como para um oceano lugubre, vemos ao longe as vagas do dor, que virão, umas após outras, bater-nos, submergir-nos, todas as vezes que, em seguida a um grande esforço, houvermos readquirido alguma coragem.

Poderemos ter momentos de olvido, mas de paz nunca mais. A todo o pensamento que se não dirigit para elle, a todo o sorriso, a toda a breve esperanza de vida serena, succedeu um remorso, uma advertencia amarga de consciencia, exprobrando-nos o cruel abandono de nosso filho.

Após cada minuto de tregua que nos concede a angustia, eis já que

o soluço explode mais violento. Exhala-se de nosso peito como um grito comprimido em vão. Em volta de nós tudo se torna mais sombrio do que antes. Felicidade que de ora avante desça sobre a nossa familia, parecer-nos-ha um sarcasmo do Destino. Até a affeição profunda que nos prende ao querido filho que nos resta, de um natural tão bom e de um tão raro espirito elle tambem e de uma tão nobre coragem, nós não dá senão compensações mescladas de amargura. A todo o motivo de contentamento que elle tiver, a toda a razão nova que elle vier a descobrir para amar a vida, a imagem do *outro* surgirá, mais dolorosa, perante os nossos olhos, para nos lembrar que para esse nada mais existe neste mundo. O nosso filho morto — eis o unico refugio para a nossa saudade: fallar delle, sempre, como se fosse vivo, resuscitar todas as recordações que delle nos ficárão, com infinitos pormenores; fallar-lhe, dar lagrimas á sua memorias e flores ao seu sepulchro, fazer da dôr que nos dilacera uma força que ennobreça a nossa alma e esperar, se é possível, que por cima desse mysterio immenso exista verdadeiramente uma infinita misericordia, predestinando todos os entes a uma suprema e immutavel bemaventurança, em nome da qual é necessario que todos sof-

fram e que alguns delles soffram mais do que os outos — eis tudo quanto nos resta.»



Notas pequenas

Mistress Robinson Wright e Miss Hartman. — Tão agradável quanto inesperada foi a honrosissima visita com que nos distinguiram as illustres escriptoras norte-americanas mistress Robinson Wright e miss Hartman, que ora percorrem a republica brazileira, procurando conhecer de perto a nossa grandiosa patria. Verdadeiro contentamento e grande emoção causou-nos a presença das illustres jornalistas, cuja sympathia e amabilidade encantam e impressionam vivamente.

Miss Hartman, pelo que nos disse, redigiu no estado de Texas, durante quatro annos uma revista intitulada *A Mensageira*. Este facto, por nós ignorado até então, foi mais um laço de sympathia para nos prender á intelligente escriptora.

Mistress Robinson Wright, — a eminente jornalista e celebrada historiadora, tida geralmente como a primeira escriptora contemporanea da America do Norte, — mostra-se visivelmente satisfeita e muito bem impressionada com o Brazil.

As illustres escriptoras visitaram a Escola Normal, foram á Cantareira e percorreram os principaes pontos da capital paulista, tendo sido recebidas no Palacio, pelo coronel Fernando Prestes, illustre presidente do Estado. Em Piracicaba visitaram o D.^r Prudente de Moraes, ex-presidente da Republica, e a proposito daquella visita diz o *Popular*:

«Deu-se então entre o dr. Prudente e as illustres excursionistas interessante conversação em cujo decurso appareceram importantes factos da vida publica daquelle. habilmente arrancados pelo intelligente questionario de mrs. Wright.

Antes de se retirarem foi-lhes pelo dr. Prudente mostrada a sua livraria onde tiveram occasião de ver diversas proclamações dos presidentes da possante Republica do Norte, o que visivelmente agradou as visitantes.»

Tencionam as distinctas senhoras visitar em breve o magestoso e legendario Estado de Minas, achando-se actualmente no norte do Brazil. Mais uma vez saudamolas affectuosamente.

Alda Negri. — Sobre esta grande poetisa italiana, daremos em breve um artigo devido á penna de Bellarmino Carneiro.

Mme. Dreyfus. — Com o fim de offerter um mimo á Mme. Dreyfus, levantaram as senhoras maranhenses

uma subscrição que já attinge a mais de dois contos.

Bello e digno de applausos é o procedimento de nossas patricias que vão dar o testemunho de seu apreço á Mme. Dreyfus, modelo vivo de energia e dedicação feminina, que com profundo amor e inabalavel coragem tornou-se uma verdadeira heroína na defeza de seu marido.

Ridelina Ferreira. — Em concurso literario aberto ha dias num jornal da florecente cidade de São José d'Além Parahyba, obteve o primeiro premio a nossa collaboradora *Ridelina Ferreira*, pseudonymo sob que se occulta intelligente irmã de fallecido e distincto poeta que muito figurou na imprensa paulista. O concurso tinha por objecto a resposta a esta pergunta: «Que é a vida?» Eis a definição dada por nossa amiga e classificada pelo jury como a melhor de todas:

«Que é a vida? — A vida é uma rocha escarpada, no sopé da qual vicejam lindas flores que têm o nome de Felicidade. Para colhel-as tentam todos o difficilimo trajecto levando a Esperança por guia. Mas a rocha é eriçada de agudas pontas, onde se esphacelam as illusões, onde se mutilam as crenças e ai! bem poucos são aquelles que conseguem colher ou mesmo tocar essas inaccessiveis flores. Quasi todos rolam exani-

mes e vão cahir a alguns passos de distancia n'um abysmo que se chama Tumulo e que vae ter á á região do Nada.»

A mulher no tribunal. *O Instituto dos Advogados* rejeitou, por maioria de 5 votos, o brilhante parecer da commissão de justiça, legislação e jurisprudencia daquella ordem permittindo á mulher brasileira o exercicio da advocacia. O parecer apresentado ao *Instituto* com data de 6 de Julho foi firmado pelo distincto homem de letras Barão de Loreto, presidente; Dr. Baptista Pereira, relator; e Dr. J. E. Sayão de Bulhões Carvalho.

Foram favoraveis ao parecer os votos dos Srs. Drs. Sá Vianna, Mello Mattos, Fernando Mendes, Tavora, Rodrigues Vieira, Monteiro de B. Lima, Candido Mendes, Carvalho de Moraes, G. Barbosa Lima, E. B. Falcão de Lacerda e Teixeira Alves, ao todo onze.

Votaram contra os Srs. Drs. G. Ferreira, A. Russell, Burlamaqui Moura, S. Brandão Sobrinho, Augusto de Azevedo, Heitor Ramos, Arthur de Mello, Carvalho Mourão, Pinto Lima, Horta de Araújo, Leitão da Cunha, G. Castello Branco, Gil Goulart, A. Gomes de Almeida Leite Velho e Anisio Campello, ao todo 16 votos.

Em vista de semelhante resultado propoz o Dr. Fernando Mendes que o *Instituto* fosse coherente e re-

presentasse ao Congresso Federal para que fossem cassados os diplomas dados ás advogadas e a inscripção de seus titulos, feita nos tribunaes, e vedada a matricula das senhoras nas faculdades de direito. Esta proposta já foi á respectiva commissão e tem sido muito bem recebido o projecto apresentado pelo senador Pires Ferreira, concedendo o livre exercicio das profissões liberaes ás mulheres diplomadas.

A despeito da questão succitada pelo *Instituto dos Advogados*, no dia 9 do corrente a Dra. Maria Coelho defendeu um réu que foi absolvido, tendo o Dr. Viveiros de Castro, antes de conceder a palavra a esta senhora, declarado terminantemente que a mulher tem o direito de advogar.

A Dra. Maria Coelho principiou seu discurso dizendo que duas vezes lhe tinham recusado a palavra no jury, no Recife. Em seguida defendeu os direitos da mulher, passando a analysar o processo. Houve replica e treplica, tendo se sahido brilhantemente a defensora, que foi muito felicitada.

O Paiz. Festejou mais um anniversario de sua fundacção o *Paiz*, cuja existencia é uma serie de triumphos e de dedicacção a todas as causas nobres. Por esse jubiloso acontecimento a *Mensageira* envia-lhe sinceras saudações.

A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brasileira

Directora — Presciliana Duarte de Almeida

Publica-se no dia 15 de cada mez

Pagamento adiantado	Preço da assignatura, 12\$000 por anno Endereço: Rua de Sta. Iphigenia, N. 57.	Numero avulso Rs. 1\$000
------------------------	---	-----------------------------

Summario: — Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos; — Ouvindo um passaro, poesia, Narciza Amalia; — Julieta de M. Monteiro, Damasceno Vieira; — Da nascente á foz, poesia, Silvio de Almeida; — Carta aberta, Ridelina Ferreira; — O incendio, soneto, Julio Prestes; Selecção; — Eleita, soneto, Benedicto Ribeiro; — No calvario, Ricardo M. Gonçalves; — Notas pequenas.

Carta do Rio

Que terrivel furacão houve outro dia, nesta Capital! O vento vergava as palmeiras mais altas e jogava para longe as telhas das casas e os galhos das arvores. A chuva torrencial em poucos minutos alagou esta cidade, que seja dito de passagem, não exige muita agua para ficar completamente alagada.

Faixas electricas cahiam a miudo e a poeira das ruas era tanta que interceptava a vista. Um horror! Minutos antes do terrivel furacão, fazia um calôr senegalesco e o sol queimava como brazas.

Quando vi aquelle destempero do céu lembrei-me do proximo dia 13 de Novembro e raciocinei: se

nesse dia houver um furacão igual a este, muita gente morrerá de medo, imaginando que é o começo da degradingolada.

Por isso é bom estarem prevenidos e não morrerem sinão no momento opportuno.

Morrer de medo deve ser o cumulo da cobardia! Haja em vista esta historia que me contaram a proposito da peste bubonica em Santos.

Um sujeito, excessivamente medroso, ia fugindo da peste indiana que arrasou a Inglaterra em 1665.

Em caminho, adormeceu, de cansado e sonhou que vira em um jardim magnifico uma mulhor pallida e feia, definhada e antypathica a colher flores. O jardim era enorme e muito bem tratado. Só tres pessoas lá estavam, a mulher pallida e feia e dois rapazes fortes e robustos. Emquanto a mulher, que tinha um ar de preguiçosa, colhia uma flor, os rapazes colhiam dezenas e centenas de lindas e viçosas flores.

A mulher afinal foi descendo as escadas do jardim, desanimada e triste.

Os incançáveis mancebos continuavam sua faina, devastando o jardim.

O medroso que espreitava, perguntou á mulher: que gente é essa? de quem é esse jardim? A horrorosa mulher fez um tregeito macabrio, e respondeu: «o jardim pertence a Deus, é o mundo, as flores são as creaturas... eu sou a Peste Bubonica e aquelles guapos rapazes são um o Terror e outro o Boato.»

E esta? Como o Boato o o Terror fazem muito mais victimas do que a Peste!

Foi um sonho, me dirão.

Mas um sonho, respondo eu, que dá a idea da realidade da vida.

* * *

Que lindo o ultimo concerto do Centro Artistico! Ouvi o grande órgão do Instituto pela primeira vez.

Custa a crer que o genio do homem possa conseguir tamanha maravilha! Com algumas taboas, bronze, cordas e metaes, ebano e marfim, compõe-se um iustrumento tão extraordinario que traduz os sentimentos humanos com todas as suas delicadezas e variedades,

com todos os seus segredos e paixões!

* * *

Recebi, ha dias, a amavel visita da talentosa D.^{ra} Myrthes de Campos. Veiu a illustre senhora acompanhada por sua extremosa Mãe, agradecer-me a saudação que lhe fiz por esta revista, em seu numero proximo passado.

Eu nada fiz sinão o meu dever de brasileira e de patriota. A D.^{ra} Myrthes é de uma delicadeza captivante.

Disse-me que havia escripto uma carta á illustre collaboradora do «Paiz» Ecila Worms, reclamando contra o engano que esta commettera, quando descreveu sua *toilette* do dia da sua estreia no Jury.

A escriptora da «Moda» lamentou que as mulheres superiores queiram se masculinizar pelas *toilettes* e se esqueçam de seus encantos particulares e começou o seu artigo descrevendo a vestimenta da jovem advogada no grande dia em que a illustre brasileira alcançou a bella victoria de elevar a sua voz na tribuna judiciaria com tão brilhante resultado!

«Depois da carta escripta, disse-me a D.^{ra} Myrthes, rasguei-a, achei futil demais a questão para estical-a pela imprensa. Que diriam os homens adversarios da emanci-

pação moral da mulher se a esta questão nós emprestássemos importancia e pretendéssemos occupar a attenção dos leitores do «Paiz»? Não, nunca.

Preferi a censura da escriptora... e rasguei a carta explicativa.»

Agora eu desmancho o engano que houve. Ecila Worms não foi ao Tribunal do Jury no dia da defeza da D.^{ra} Myrthes e em seu artigo que a descrevia com trajas masculinizados, a distincta chronista se guiou, naturalmente, pelo retrato que a «Gazeta de Noticias» deu, retrato antigo e que trazia uma toilette de costume, aliás muito usada por senhoras avessas ás artes e ás lettras. Essa deselegante *toilette* é muito commoda para quem sendo pobre tem por obrigação sahir todos os dias á rua.

Foi, com certeza, por essa razão que a D.^{ra} Myrthes adoptára essa *toilette* no seu tempo de estudante.

Eu assisti á brilhante defeza de nossa patricia e tive o prazer de abraçal-a nesse dia. Ella estava elegantemente vestida, sua *toilette* era tão graciosa e bem feita, tão feminina e catita que dir-se-ia ser uma das apontadas pela fidalga escriptora tão apreciada na sua «Moda», não só pelos bellos modelos que apresenta como pelo valor literario que trescala do seu nome, mal occulto por transparente pseudonymo.

A' D.^{ra} Maria Coelho saúdo pela brilhante defeza que fez no Jury e pela victoria que alcançou: o réu foi absolvido.

Estrearam com muita felicidade as nossas patricias.

Em minha humilde opinião mais vale um facto do que mil discursos. Que os réus que forem defendidos pelas bacharelas continuem a sahir livres e ellas triumpharão a despeito de todo o mal que dellas digam.

* * *

A noite convida ao aconcego do lar, á palestra da familia em torno á mesa de jantar, principalmente quando a chuva nos priva de um passeio agradável ou de uma visita interessante. Uma noite destas em que todos nós conversávamos alegremente e liamos e brincávamos, meu marido abrindo os ultimos numeros da «Scientific American», leu, com surpresa, a descripção da photographia do som.

Realmente é uma maravilha da sciencia. Ficamos por algum tempo pasmos e admirados.

D'ahi a pouco, depara-se-me uma noticia no «Jornal do Commercio» muito engraçada. Imaginem o que foi. Conhecem as leitoras o que é Mariola de Capote? E' um doce secco, feito de banana ou de goiaba, envolvido em folha de bananeira. E' doce

de pouca importancia e de infimo preço, quo não vae ás mesas ricas e que quando muito póde agradar ao paladar das creanças. Pois bem, o Mariola de Capote chegou á altura de um principio, merecendo a attenção da Recebedoria e Directoria das Rendas Publicas do Thesouro Federal, do sr. Ministro de Fazenda e de mais funcionarios de alta monta. A questão é esta: se deve ou não estar isento de sello esse producto genuinamente brasileiro.

E o bonito é que o Mariola de Capote mereceu as honras de um privilegio, não terá sello. Ah! Mariola quem te vio e quem te vê! Como subiste! Quem diria que havias de deixar na bagagem os fios d'ovos, o *marron glassé*, os *bonbons fondants* e o creme de chocolate!

Quem te vio e quem te vê Mariola de Capote!!

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS



Ouvindo um passaro

I

Longe, n'um valle de arvoredos umbrosos,
gorgeia um pintasilgo enamorado;
ouço-lhe o trino meigo e lamentoso,
o accento apaixonado...
E scismo, em volta na volupia doce,
como se outr'ave enamorada eu fosse!

II

Ao madrigal do passaro responde,
dentro em meu peito, um limpido gorgeio...
— E' minh'alma que trila, sobre a fronde
da crença, amante o seio!...
— Aves e affectos, scismas e luars,
comprehendem-se e casam-se nos ares!...

III

O coração de onde deserta o sonho
é desolado como um Campo-Santo;
cinge-o nos élos frios um medonho
reptil, — o *Desencanto*.
Quando elle guáia e em prantos se abebérra,
fogem, voando, o *Amor* e a *Primavera*.

IV

Ai! da creança, que lhe brinca á porta!...
 Ai! do sedento, que o demande!... Móra
 na cryspa esconsa, da *Esperança* mórtá
 a sombra, que apavora...
 — Negreje a noute, resplandeça o dia,
 mésta, uma estrige, nos salgueiros pia!

V

Por isso guardo o sonho meu captivo,
 ha longos annos, neste cófre d'alma.
 — Canto, emudeço, e, incomprehendida, vivo
 triste, silente, calma,
 a esse gorgueio magico, distante,
 — o ouvido attento, — a alma saudosa e amante...

NARCISA AMALIA



Julietta de Mello Monteiro

D. Julieta Monteiro é escriptora *par droit de naissance*; com o leite maternal infiltrou-se em seu delicado organismo a febre das letras; o ambiente que respirou, ao abrir os olhos á luz, na formosa capital da terra dos pampas, achava-se impregnado dos perfumes da poesia romantica; ondulações sonoras encheram-lhe de harmonias o infantil ouvido. Mãe e tia — D. Revocata dos Passos e Mello e D. Amalia Figueirôa — duas apaixonadas almas de poetizas — embalaram-n'a carinhosamente, cantando versos sentimentaes de lavra propria.

A morte retirou-lhe os anjos tu-

telares que lhe incutiram o amor ao bello artistico; mas o impulso já se havia operado, e a convivencia com sua delicada irmã, D. Revocata Heloisa de Mello, contribuiu para que o apollineo fogo jamais amortecesse.

Impressionada com os triumphos de Amalia Figueirôa — a pallida sonhadora dos *Crepusculos*, a quem Narciza Amalia chamava *poetisa do céo* — a jovem, sob lisongeiros auspicios, encetou o seu tirocinio com o enthusiasmo que arrebatava os espiritos fortes.

Os seus primeiros livros de versos, *Preludios* e *Oscillantes*, mereceram prefacios do distincto poeta

portuguez, já fallecido, Augusto Emilio Zaluar, e do illustre parnasiano brasileiro Luiz Guimarães Junior.

Com tão altos estimulos, desenvolveu-se a vocação de D. Julieta, cooperando ainda para o seu progresso a creacção de um periodico litterario, *Corymbo*, fundado por D. Revocata na cidade do Rio Grande.

Dispondo de multiplas aptidões jornalista, ahi expande por varias fórmulas os recursos de sua culta intelligencia, desde o aritgo de fundo até a simples noticia local, desde a magestade dos versos alexandrinos até as rissonhas e espi-rituosa gymnasticas dos *trioletes*.

Nenhuma festa patriotica ou de caridade ou de instrucção se effectúa na maritima cidade rio-grandense que não tenha o concurso das duas illustradas literatas, irmãs que se identificam pela intelligencia, pelo estudo, pela infatigavel applicação ao trabalho, pela firmeza das idéas e das convicções e pela virtude — traço que na sociedade lhes dá o maior e mais legitimo prestigio e não lhes faz invejar a gloria domestica de George Sand.

Não vivem nem poderiam viver dos exiguos proventos que lhe proporciona a pequena folha litteraria; sentem-se amparadas de um irmão extremosissimo, Romeu dos Passos e Mello — bello e accentuado typo

de gaúcho, alto, forte, corado, brioso como um valente, destemido como um revolucionario -- e ha longos annos exercem o magisterio particular.

Espalham simultaneamente idéas pelo *Corymbo*, pelos livros que publicam e pelas creanças cuja educação lhes é confiada.

Na redacção do *Corymbo*, reu-nem-se ás vezes jovens de ambos os sexos que cultivam letras e promovem sessões em que são recitados trabalhos em prosa e verso, quasi sempre originaes.

Tivemos a honra de assistir a uma d'essas festas e a impressão que ella nos deixou, perdura em nosso espirito como um facto extraordinario.

Poesias serias e humoristicas, em portuguez e em hespanhol eram festejadas a salva de palmas pelo selecto auditorio, e como si uma attracção magnetica nos retivesse alli, só dissolveu-se a reunião na madrugada do dia seguinte, sem que nenhum de nós fosse alcançado pelo cansaço da prolongada vigilia.

Horas depois, viajavamos para a capital rio-grandense e ao recapitularmos todas as emoções que haviamos experimentado na disgressão que acabavamos de concluir fóra de nossa terra natal, nenhuma nos pareceu comparavel áquelle tão modesto quão brilhante certamente do talento e do espirito.

* * *

O novo livro de D. Julieta de Mello Monteiro, *Alma e Coração*, define-se com as próprias palavras que a auctora dirige *Ao leitor*:

«Jean Revel disse: *A obra de cada auctor contem alguns pensamentos que são o reflexo de sua alma.*

«E assim é: a *Alma e Coração* é em parte o espelho senão do meu presente, ao menos do meu passado.»

O trabalho acha-se dividido em tres partes: *Ideaes, Multicores e Pallentes.*

A primeira é um conjuncto de confidencias amorosas, sentidamente apaixonadas, anceios de coração afflicto e desejoso da posse de seu ideal. *Amemos! Sonhar! Amar! Poesia do Amor, Esperança, Escuta, Fala, Saudade, Supplica, e O livro de Atala*, dividido em oito capitulos, são producções cheias de de segredos intimos; percebe-se que foram escriptos com febre aquelles periodos pontuados de exclamações.

AMEMOS

«O coração quer amcr: amemos, amemos!

«O céo quer astros que illuminem a sua magestosa belleza; o jardim quer flores; o bosque quer passaros; o templo quer orações!

«O coração quer affectos: amemos, amemos!

Na segunda parte, não impera a imaginação, mas a razão calma, a estudar a sociedade atravez dos factos. A phantasia desce das azuladas regiões do sonho para exercer a critica, de modo tão delicado quanto justo.

Como provas do fino criterio da poetisa e jornalista rio-grandense, submettemos á publica apreciação alguns excerpts:

HIMNO AO TRABALHO

«Trabalhai, que a esperança perdida em um momento angustioso, voltará a occupar o logar abandonado em vosso ser.

«Trabalhai e esperai: o vosso dia não se demorará em raiar.

«O vagabundo, o réprobo encontram regeneração no trabalho

«Trabalhemos.

«A dôr, mais funda, o soffrimento mais cruel, o desespero mais intenso, acham sempre lenitivo no trabalho.

«Trabalhar é viver; trabalhar é ter fé.

«Qual seria a minha existencia, qual seria o meu peregrinar no mundo, si no abençoado trabalho não tivesse encontrado algumas particulas de conforto para as pro-

fundíssimas chagas abertas pelo infortunio no intimo de meu peito?»

Faiscante de graça e de ironia é o estudo consagrado a um personagem typico, de que Molière soube apoveitar-se com genial inspiração.

O PEDANTE

«Veste-se no rigor da moda. Rigor ás vezes exaggerado que mais uma vez o torna ridiculo.

«Tem convicção arraigada de que o sexo fragil o idolatra.

«E' uma crença como tantas outras que o perseguem e das quaes o misero não sabe o *porque*.

«Se vai a uma reunião, a um sarau, a um espectáculo, ao recolher-se á casa leva sempre a grata certeza de que foi o *primus inter pares* da festa.

«E' um feliz mortal o pedante.

«Anda sempre alegre de si, porque cousa alguma tem a invejar ao proximo.

«E' bello, illustrado, possui todas as virtudes, é um conquistador de fama, finalmente, onde apparece offusca, deslumbra, enthusiasma!

«Dá-lhe ás vezes para ser litterato; e o pedante litterato deve occupar o *primo loco* na vasta galeria dos adoradores de si mesmo.

«Que de obras importantes possúe! Que esplendida bibliotheca a sua!

«Infelizmente quasi sempre não a deixa ver nem aos intimos!

«E o que tem escripto! As gavetas da escrivania estão pejudadas de manuscriptos. Não os dá a lume porque não gosta de escrever para jornaes; e no emtanto já tem tido offerecimentos de editores para as suas obras.

«Admira como ha tanto quem se arroje a escrever para o publico, commettendo erros gravissimos que estão mesmo a pedir critica; e conclue: *dos pobres de espirito é o reino dos céos*.

«Adora com verdadeiro ardor as *louras*, mas por uso e costume fala mal do inoffensivo metal e confessa-se escravo dos *louros*.

E' incontestavelmente um dos typos mais salientes da sociedade e um dos mais afortunados.»

Bahia

DAMASCENO VIEIRA



Da nascente á foz ⁽¹⁾

Entre os quadros mais cheios de poesia,
Ha uma grata e suggestiva imagem
Na superficie placida e macia
De um lago, parte e todo da paizagem.

Um lago é qual espelho, que reveste
Os bellos arreboes, as singulares
Maravilhas da aboboda celeste,
Oiro de estrelas, prata de luas...

E, quando sobre as aguas, atrevido,
Sete raios de luz o sol derrama,
Dos peixinhos, num séquito luzido,
A' flor do lago pula a varia escama.

A toalha das aguas espelhante
Reflecte, sem deixar de ser tranquilla,
Os adejos do passaro distante
E as tremuras da flor, que á tona oscilla.

Do rio á beira ás vezes pende um ninho,
E a ave, que ainda para a vida acorda
Tem para acalental-a o borborinho
Das aguas a cantar de borda em borda...

Outras vezes, do rio pelo seio
Descendo vae, em languida toada,
Batel que leva, no torpor do enleio,
Um namorado com a namorada...

O par ditoso á ribanceira abica,
E ahi, de folhas um docel procura,
Onde gosando longamente fica
A sensação da paz e da frescura...

Mas onde o aspecto d'agua mais primores
Phantasiosamente nos desata
E' quando cae, por entre os estridores
Da cauda de rainha da cascata.

(1) Esta poesia teve o primeiro premio em concurso literario da Semana.

Das coisas que não vivem, a mais viva
E' o jorro d'agua que das pedras desce,
Num soluço de colera explosiva,
Que contra o choque esbravejar parece.

Nem o consola a capa resplendente
Com que o sol, como um iris, o circumda;
E o bosque em torno escuta attentamente
Daquella queda a imprecação profunda...

A torrente, porém, já na planura
Desdobra suas voltas caprichosas,
Como vida que corre com doçura,
Ao depois de refrégas porfiosas...

E que dizer então da furia solta
Dos vagalhões frementes do oceano,
— A superficie indomita e revolta,
Em tudo igual ao pensamento humano? —

Embarcações que vão de mundo a mundo,
Pesadas moles, cheias de thesouros,
São leves para o pélagos, fecundo
Em sorvedouros sobre sorvedouros.

— Eriçado leão! Força e socego!
A' flor das aguas ferve a tempestade,
Mas no fundo recondito do pégo
Domina a paz em toda a immensidade...

As aguas doidas que se enrolam, fazem
Saltar a espuma sem parada alguma;
Surgem vagas e vagas se desfazem,
Ao vir ás praias, em sendaes de espuma...

— Alma doida, que luctas pela gloria,
Aspiração dos moços impolluta,
Olha os frocos da espuma transitoria,
E vê das aguas a perpetua lucta!

SILVIO DE ALMEIDA



Carta aberta

15 de Outubro de 1899

Minha cara Presciliana

Ha justamente agora dous annos, atravessava eu uma das epochas mais dolorosas da minha vida, para não dizer a mais dolorosa.

Do indizível desespero que então me acabrunhava, não conseguiam arrancar-me, os carinhos da familia nem a fé que por completo me abandonára; nada, nada emfim!

Com a alma dilacerada, anceiava pela morte ou pela loucura, únicos meios que eu via de poder esquecer os meus tormentos.

Um dia, em que encerrada em meu quarto, recusava receber mesmo as mais caras amigas, pois no auge da minha dôr, aborrecia o mundo e parecia-me que a humanidade em peso era responsavel pelo meu martyrio, entrou alguém de minha familia e entregando-me uma revista litteraria disse-me: — Mandaram — t'a, lê e procura distrahir-te.

Tomei-a aborrecidamente, resolvida a atiral-a a um canto logo que me deixassem só, quando meu olhar, cahindo distrahidamente sobre a primeira pagina leu ahi:

— *A Mensageira* — Presciliana Duarte de Almeida. O sympathico nome da revista e mais ain-

da o teu nome conhecido e estimado por mim, foram uma muda recommendação para o seu conteúdo.

Então, vencendo o tédio que me dominava, abri-a e comecei a lê-a pagina por pagina.

Quem me diria que eu ia encontrar em cada uma d'essas linhas, uma gotta do balsamo de que eu tanto carecia?

O que foi para mim a leitura da *Mensageira* não t'o poderá dizer a minha pennaincapaz de reproduzir os sentimentos de minha alma.

Logo nas primeiras linhas firmadas por ti, eu li:

— De toda a parte surgem novos livros de prosadores e poetas, e percebe-se que a actividade intellectual segue resolutamente n'uma marcha gloriosa em busca do ideal artistico. — E depois mais adiante, estas palavras da talentosa escriptora Julia Lopes de Almeida:

— Os povos mais fortes, mais activos e mais felizes, são aquelles onde a mulher não figura como mero objecto de ornamento; em que é guiada para as vicissitudes da vida com uma profissão que a ampare n'um dia de lucta, e uma bôa dose de noções e conhecimentos solidos que lhe aperfeiçoem as qualidades moraes. —

Pois bem, minha amiga, todas essas palavras me causaram uma

impressão profunda, e murmurei então: — *em busca do ideal artistico!* sim, ahí é que cumpre procurar algum conforto, uma vez que o ideal affectivo é tão vario, tão incomprehensível!

E, innundada de um bem-estar inexprimível, depuz sobre a mesa esta revista que se me affigurava um pharol apontando-me o porto da salvação, que era para mim a verdadeira *mensageira* da paz e do consolo, resolvida a buscar nos gosos do espirito, um pouco da ventura que os gosos do coração me negáram.

Assim o tenho feito. A principio tremula, vacillante qual uma convalescente que ensaia os primeiros passos após longa e dolorosa enfermidade, depois mais forte, tendo encontrado, no braço da nossa amiga Maria Clara da Cunha Santos, e no seio da tua *Mensageira* um apoio que muito concorreu para essa meia firmeza de que agora me ufano um tanto.

E hoje que esta filha tua dilecta, completa dous annos de existencia; dous annos consagrados á vivificar o espirito de uma bôa porção da humanidade; dous annos dedicados ao aperfeiçoamento intellectual de tantos entes, e consequentemente ao conforto moral de tantos corações desilludidos; eu, naufraga dos mares da vida, e salva graças á sua poderosa influ-

encia, saúdo-a grata e commovida, atirando-lhe um punhado das flôres que hei colhido no caminho que percorro, depois que a minh'alma resurgiu do lethargo em que a dôr a lançára.

Tua dedicada amiga,

RIDELINA FERREIRA



Eleita

A Candido de Carvalho

Quando ella passa, passa-me na mente
Um turbilhão de fulgidas idéas;
De aborto parto para um ceu ridente,
— Mundo de sonhos, mundo de epopéas!

Bella! No olhar reflecte do universo
Todo o fulgor dos seres iriados;
Ninguem pudera derramar no verso
As gemmas raras de seus predicados.

Meiga! A natura nunca abriu na terra
Um aroma tão bom como o que encerra
Essa rosa de Amor pura e tranquillã!

Ella, só ella, me detem, governa
E eu vivo escravo dessa algema eterna
Que, de pesada, aos poucos, me aniquilla!

BENEDICTO RIBEIRO

S. Paulo, 1899.



Seleccção

Com relação ás mulheres o velho preconceito da irregularidade adstricta á profissão das letras affecta o melindre, fere a dignidade, toma o caracter de calumnia.

Para honra da humanidade seria util considerar que ha no mundo corações absolutamente refractarios á beatitude da inercia. Chegada a hora fatal em que os colibris azues da phantasia se evolvem da mystica açucena desabrochada em toda a alma de mulher no mez de Maria da existencia, — quando naturalmente se esvaem n'uma saudosa melancholia crepuscular as doces illusões e as doiradas chimeras sempre evocadas pela psycoze febril da adolescencia, a mulher honesta, a quem falhou o amor de esposa e a quem falhou o amor de mãe, não tem em torno de si, no meio da indiferença banal ou imbecil da vida pratica, tão medonhamente materialisada em nossos dias, senão dois refugios do coração compativeis com a dignidade e com a altivez do character: ou a religião ou a arte. Tanto uma procede da bohemia como procede a outra.

A arte e a religião são dois identicos fitos do ideal humano, são duas expressões analogas do amor divino.

O que se sabe da vida das mu-

lheres que escrevem é que ellas são de ordinario as pessoas mais simples, e muitas vezes as mais exemplares. Veja-se Lady Morgan e Miss Martineau, Madame de Sévigné, Mademoiselle de Montpensier, Madame Roland, Madame Necker de Soussure, Madame Sousa, Madame Guisot, Madame Ackermann; e em Portugal, para não citar mais que um nome, essa tão encantadora, tão romanesca, tão bella e tão pura Marqueza de Alorna, da qual escreveu Alexandre Herculano que a ella devia o ter-se feito escriptor.

A casa de Madame de Stael em Coppet, onde ella reunia com uma hospitalidade magnificente todos os homens de espirito do seu tempo, era o mais perfeito modello de administração economica e d'ordem domestica.

Despoetisar a vida é entristecel-a de uma maneira criminosa. Ha fronteiras por esse mundo em torno das quaes se expande como que uma aureola de sacrosanta semsaboria.

Allega-se que são inoffensivas essas creaturas. Pois sim, mas por toda a parte que passam — assim como o *moschus moschiferus* de Linneu exhala o cheiro do almiscar — exalam ellas e tedio, o despego, o fastio de viver. E ao seu bafo esterilicante, sobre o seu caminho

na terra, lentamente e imperceptivelmente se vão desfolhando, petala a petala, as flores de que se compunha a corôa da nossa vida.

Quanto se não deve, para compensar esse flagello social, ás raras

mulheres que, pela graça e pela cultura do seu espirito, tão despremiadamente contribuem para desenvolver, para eleganciar, para enobrecer a vida intellectual de um povo! RAMALHO ORTIGÃO



Incendio

O incendio começou. De coivara em coivara
A labareda augmenta e corre mais depressa,
Furando o capoeirão, estourando a taquara,
Em rolos levantando ao ar fumaça expessa;

Na caverna asphixiada os dentes range a irara,
Tudo foge da matta, e, o incendio não cessa...
As aves vão-se embora, e a incarniçada vara
De bravos caetitús a disparar começa.

A labareda ulula e lambe (como um lobo
Devorando um cordeiro) a matta e a capoeira
E augmentando-se ameaça a destruição do Globo!

Como rouca roqueira o cedro rouca e tomba,
Rolando em cinza e pó, e, levantando a poeira
Mais alto que no oceano a maritima tromba!

(XVIII das «Campesinas»)

JULIO PRESTES



No Calvario

O sol dardeja a sua luz morbida e causticante sobre a cupula dos templos de Jerusalem, a cidade santa.

No cimo do Calvario desenrolam-se as peripecias do terrivel drama.

Uma expressão de bondade, indefinivel, paira nos olhos de Jesus, fitos em Magdalena que soluça, abraçada ao tragico madeiro.

O silencio acabrunhante da natureza, é turbado apenas pelo soluçar pungente da peccadora arrependida, e pelas risadas grosseiras

dos guardas, que jogam aos dados a tunica do Nazareno.

Subitamente, porém, a terra mergulha em trevas.

Um pavor indizível invade corações inacessíveis ao medo.

O clarão onnipotente da verdade, penetra nos espiritos.

A aza do remorso começa a adejar sobre as consciencias.

Trez horas decorrem assim.

De um lado a natureza vestindo-se de trevas para assistir ao momento supremo do grande martyr.

Do outro a celestial mansão trajando-se de galas para acolher o filho de Deus.

Trez horas longas como o espaço que separa a morte da vida.

Trez horas durante as quaes o Christo esvasia, gotta por gotta, o calice da amargura.

Trez horas de acerbos e cruciantes dores.

Finalmente a morte chega.

Jesus eleva os olhos para os ceus, e n'uma voz profundamente serena, exclama: Pai, recebe o meu espirito...

A terra estremece convulsivamente, partem-se os rochedos como se fossem tocados pelos martellos de muitos cyclopes, o firmamento negro como a consciencia de Judas, abre-se de meio a meio.

Um centurião que n'aquelle instante ali se achava, e que presen-

ceára a extranha scena, fitou a phisionomia divinamente calma do grande mestre, e pensativo murmurou: — Verdadeiramente, elle era o filho de Deus.

S. Paulo, 30—10—99

RICARDO M. GONÇALVES



Notas pequenas

O **Jornal do Commercio** nas suas interessantissimas *Notas de Sciencia* nos dá esta noticia, sobremodo honrosa para o sexo fragil:

«A exemplo do que foi feito com successo nos Estados Unidos, confia-se com toda a boa vontade ás senhoras os lugares de bibliothecarias e até hoje não ha motivos de arrependimento; concorrem para o bom desempenho de seus cargos suas qualidades de ordem e de aptidão ás posições sedentarias.

Assim, ha vinte annos, segundo relata a Revista Municipal, senhoras occupam esta posição em Bristol e em Manchester, contando 35 empregadas na primeira cidade e 80 na segunda. Em 1892, 18 bibliothecas na Inglaterra e Escossia occupavão senhoras para este trabalho. Actualmente estes Algarismos augmentarão. Achão-se actualmente senhoras empregadas em 81 bibliothecas, figurando 44 dellas como bibliothecarias.

Já se vê que no Velho Mundo e parte do novo a mulher vai conquistando terreno no exercito das profissões.»

A Educadora. Optimamente impresso e com excellentes trabalhos literarios está o primeiro numero da *Educadora*, album de sciencias, letras e artes, publicado pela Companhia de Seguros que lhe dá o titulo. Na sua primeira pagina vem estampado um bom retrato de Valentim Magalhães e traz ainda os retratos de João de Deus, Dreyfus, seu advogado Demange e Emilio Zola, além de gravuras representando a *Allegoria da Civilização* e a *Batalha de Campo-Grande*, de Pedro Americo.

Como orgam de propaganda da Companhia, não podia a *Educadora* encontrar melhor preconicio do que a publicação deste pensamento do devotado amigo das crianças Dr. Menezes Vieira: «*Educadora* é realmente essa Companhia, porque procura desenvolver no povo brasileiro uma grande e fecunda virtude — a economia.»

Almeida Junior. A' ultima hora, depois de feita a paginação desta revista, fomos dolorosamente surprehendidas com a tristissima noticia do assassinato do grande pintor brasileiro Almeida Junior, á 13 do andante, no Rio das Pedras.

Indizível a nossa magua ao ver desaparecer dentre os vivos o no-

tavel artista que é uma gloria nacional e da qual tão justamente se ufana o Estado de S. Paulo.

Por absoluta falta de espaço e de tempo, nada mais podemos acrescentar sobre o auctor do *Descanço do Modelo*, *Partida da Monção* e outras encantadoras telas.

A Arte Nacional está de luto!



A Mensageira

A nossa modesta tenda de trabalho foi honrada com a fidalga visita da *Mensageira*, magnifica revista litteraria que se publica em S. Paulo, sob a direcção da distincta escriptora d' Presciliana Duarte de Almeida.

O numero 33, que temos á vista, traz magnificas producções em prosa e verso, assignados na maior parte por talentosas senhoras, assaz conhecidas no mundo litterario.

A *Mensageira* se destina á de feza dos interesses da mulher e, dizemol-o com satisfação, está perfeitamente na altura da sua vingente tarefa.

Ha-de, pois fazer rapida carreira, é isso justamente o que lhe desejamos.

(Do *Popular*, de Piracicaba.)



A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brasileira

Directora — Presciliana Duarte de Almeida

Publica-se no dia 15 de cada mez

Pagamento adiantado	Preço da assignatura, 12\$000 por anno Endereço: Rua de Sta. Iphigenia, N. 57.	Numero avulso Rs. 1\$000
---------------------	---	-----------------------------

Summario: — Direitos da mulher; — Almeida Junior, poesia, Perpetua do Valle; — Passarinhos, poesia, Zalina Rolim; — A solidariedade feminina, Potonié Pierre; — Traducção de uma ode de Sapho, Silvio de Almeida; — Soneto, Aurea Pires; — A legenda da rosa branca, conto, Pelayo Serrano; — A' memoria de Almeida Junior, soneto, Trajano Pires; — Selecção; — A' minha mulher, poesia, Martins Junior; — Stória breve, poesia, C. Bruneto; — Notas pequenas.

Direitos da Mulher

A decisão tomada ante-hontem no Tribunal do Jury pelo Dr. Montenegro, negando a uma senhora diplomada o direito de defender um réo, mostra a necessidade indeclinavel do pronunciamento do Congresso sobre o assumpto. Na corporação dos magistrados ha espiritos favoraveis ao exercicio da advocacia pela mulher, e ha outros contrarios a semelhante concessão, de modo que, conforme o juiz, ellas podem ou não defender um accusado. Ha pouco tempo, o Dr. Viveiros de Castro, intelligencia lucidissima e emancipada de precon-

ceitos, fundamentava em razões do mais logico liberalismo a competencia da mulher para o desempenho dessa funcção social e logo depois, no Tribunal Civil e Criminal, a mesma doutrina encontrou na maioria de seus membros completa approvação. Esse duplo reconhecimento do direito da mulher a competir com o homem em novo ramo de actividade pareceu a toda gente a consagração definitiva da sua capacidade para mais essa forma de concurrencia. Se alguma surpresa podia surgir em tal materia, depois da confirmada deliberação, era a do voto em contrario formulado pelo Dr. Montenegro.

Diante do desaccordo, que pretende firmar-se em disposições constitucionaes, ficam em situação irregular e penosa as senhoras diplomadas, por não saberem ao certo qual o magistrado que presidirá ao julgamento da causa, cujo patrocínio lhes pretendem confiar e se portanto valerá a pena o estudo dos autos, o tempo empregado na urdidura da defeza. Ora, se para

as diplomadas tal incerteza é prejudicial, para o poder publico ella é verdadeiramente irrisoria.

Claro está que não póde ficar ao arbitrio dos juizes a opção por qualquer das doutrinas, estabelecendo assim no fôro local a confusão, o hilariante desacerto de, ao mesmo tempo, conforme os magistrados, vigorarem duas opiniões oppostas — uma avançada, outra rotineira; uma que permite, outra que nega; uma que considera um direito o que a outra capitula de invasão. Ainda hontem o nosso illustre collega da *Tribuna*, com quem quer a nossa boa estrella que a miudo nos encontremos na affirmação das mesmas idéas, frisava esta anarchia a que com urgencia se deve pôr cobro. Cumpre ao Congresso encerrar com firmeza a questão, embora á maioria dos seus membros pareça inutil o debate, visto a clareza do dispositivo, como ainda na ultima sessão se allegou a proposito do projecto do senador Pires Ferreira.

Que essa evidencia não é geral, demonstram-o o acto do Dr. Montenegro, o parecer do sub-procurador Dr. Gabriel Ferreira, o protesto do Instituto dos advogados; e desde que a duvida se manifesta tão amplamente, tanto sobre a significação de um artigo do nosso estatuto basico, como sobre os fundamentos do direito que se procura conceder

á mulher diplomada, é da maior conveniencia que o poder competente avoque a questão e defina o criterio por que ella no futuro deva ser regulada. As evasivas, os adiamentos, só servirão para aggravar as difficuldades da situação e o grotesco que della decorre.

Até hoje, por uma inexplicavel fraqueza, tem se furtado, por exemplo, o Congresso á interpretação do pensamento constitucional sobre a liberdade de profissão. Em dois Estados já esse principio foi comprehendido na sua mais larga accepção, dispensando-se os diplomas para as funcções efficiaes, e este modo de ver adoptado nas constituições por que elles se regem, não parece que servisse para augmentar o numero dos charlatães nem que lesasse, pela affluencia dos competidores ignorantes, as corporações em gozo de um titulo academico. Na séde da União os órgãos do poder mantêm as restricções á liberdade profissional, apesar dos argumentos que contra esse proposito obstinado levantou o Dr. Viveiros de Castro em duas sentenças admiraveis, onde a sciencia do direito rivaliza em intensidade e brilho com o afervoramento das convicções liberaes.

Por duas vezes o Congresso, convidado a pronunciar-se sobre a especie, ladeou sophisticamente, até na obrigação constitucional de re-

gulamentar o assumpto e negou-se ao debate pedido, com receio de desgostar amigos, ferir conveniências de levantar uma ruidosa agitação, de affrontar uma malta de preconceitos. Não pensaram os dignos representantes da Nação que as assembléas politicas só se elevam pelo desassombro com que aceitam as responsabilidades do seu voto, pela audacia serena com que sobrepõem ás mil e uma pequenas contemporizações da politicagem quotidiana a resposta aos problemas da nossa vida politica, economica e social.

A Constituição é clara — affirmou-se; mas não se ficou sabendo qual dentre os dois grupos litigantes estava com a verdade e com a lei, se era necessario ou não o diploma para o exercicio de determinada profissão. E apesar de tal clareza, uns juizes continuam a absolver os que curam sem ser medicos, fundados na amplitude do artigo constitucional, e outros insistem em condemnar os executores do mesmo acto, em nome das restricções do mesmo dispositivo da lei basica. Contra esta pusilanidade, este commodismo, este temor das soluções energicas, é que o Congresso precisa reagir, na segurança de que, qualquer que seja o principio adoptado, a sua firmeza será mais benefica que a sua frouxidão.

O caso do direito da mulher a

exercer a advocacia é mais facil de resolver que o da liberdade de profissão. Contra este militam graves ponderações de segurança publica, das quaes se serve o academicismo para dar á sua opposição um caracter de desinteresse, todo de previdencia humanitaria. Contra aquella peleja só o preconceito do sexo — preconceito, intolerancia, exclusivismo — como melhor se queira qualificar essa insistencia do homem, ou, antes, do bacharel, em negar á mulher a applicação do que, sob o beneplacito da lei, ella conquistou pelo estudo. O Estado abre as portas das suas academias á mulher, ensina-a, approva-a, diploma-a, e com a concessão do titulo, não só a reconhece apta para uma certa profissão, como a investe do direito de a exercer. E' assim com as doutoradas em medicina, que só clinicam em virtude da autorização que o Estado lhes conferiu no momento que as graduou. Nem se comprehende a liberdade de habilitação sem a liberdade correspondente da função.

Não consta que os medicos creassem em qualquer ponto do mundo ás suas collegas entraves de alcance igual ao que os bachareis levantam aos seus competidores femininos, em nome do pudor, em nome da legislação romana, em nome das ordenações do reino, outras tantas mascaras da rotina, ou-

tros tantos disfarces do preconceito. — Uma razão poderia calar — a da inferioridade intellectual da mulher, e essa, prova-o a sciencia biologica qua não existe. Em mathematicas, em medicina, nas sciencias naturaes, na astronomia, a mulher já deu testemunhos radiosos do seu poder cerebral, e assim é que, na faculdade de Bolonha, a cadeira de histologia está a cargo da illustre Dra. Giuseppina Catani, como no Observatorio de Paris é a Senhora Klumpke, Dra. em sciencias, a incumbida de organizar as cartas do céo, trabalhos que valem bem um arrazoamento de autos, ou a defesa de um réo.

O desvelo dos antigos doutores da lei pelo recato das senhoras, cuja candura querem poupar ás miseria das paixões humanas, de certo não perdura, diante dos ensinamentos anatomicos dados a alumnas castissima nas escolas e nos hospitaes. O que impede, então, que a mulher advogue, se o seu pundonor não soffre com essa honrada labutação, se ella dispõe de intelligencia para as argucias do debate, se ella conquistou um diploma e este lhe garante a profissão? O que a lei não prohibe, consente, e ninguem ha por ahi que aponte o interdito constitucional ao direito de advogar, igual, na natureza, na origem, no character e nos effeitos, ao direito de curar.

A guerra do bacharel á mulher

diplomada explica-se no facto de ser quasi toda a gente, como já recordou um poeta, bacharel formado. E' mais do que uma classe, é uma legião; é talvez mais do que isso, é quasi a nação inteira. Em semelhantes condições, a concurrencia é perigosa e sempre embaraçar-lhe a marcha, revivendo os absurdos da intollerancia classica, as excepções odiosas de um tempo em que a mulher só sahia da submissão domestica, da inferioridade imposta pelas seitas á esposa, á mãe, á silenciosa e modesta flor do lar, para dominar como cortezã pelo esplendor da belleza e pelo requinte dos peccados. Essas prescripções, essas violencias, esses absurdos, desfazem-se hoje á claridade da critica, sob a rajada salutar das revelações contemporaneas, como um bolor sob os raios do sol. O homem deve á mulher uma reparação secular e, por felicidade della, as leis que nós fizemos, amparam-lhe as exigencias, sancionam-lhe as nobres aspirações.

Hoje, mais do que nunca, perante a lenta dissolução da familia, perante a onda mercantilista que nos invade e ulcera, substituindo na structura social o amor pela fortuna, as mulheres pobres e intelligentes precisam garantir o logar na existencia pelo unico poder da sua actividade, do seu estudo, do seu valor. Demais a mais, as leis, como a razão, acham-se ao

seu lado. Respeitemo-lhes a dignidade, o esforço, o sagrado instinto da independencia. E segreda-nos o coração que contra o carrancismo das ordenações, evocadas para a re-

baixarem e perderem, o Congresso affirmará o direito da igualdade na profissão, salvando-a e engrandecendo-a.

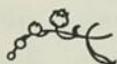


Almeida Junior

O pincel pegava, ao coração descia,
De palheta em punho, e aprimorava telas
Cheias de verdade, cheias de poesia,
Onde a luz mostrava gradações tão bellas!

E aos assumptos patrios reportando a mente,
Como Carlos Gomes ou como Alencar,
O Brazil pintava deslumbrantemente,
Fazendo-nos mais a nossa Patria amar...

PERPETUA DO VALLE.



Passarinhos

(Versos para crianças)

Um gracioso casalinho
De modesto parecer,
Ha dias veio o seu ninho
Nas minhas flôres tecer.

Trabalham horas a fio
Ambos com geito e amor,
E a construcção avalio
Bonita como uma flôr.

Materiaes são folhinhas,
Pennas, floccos de algodão,
Raizes, musgo, palhinhas,
Cabellos soltos no chão...

Tudo o parzinho açodado
Colhe aqui, rebusca alem:
«— Pió, pió, pio... olha, que achado!
— Pio, pio, pio... procura bem!

No biquinho bem segura
A sua carga gentil,
De aventura em aventura
Erguem o vôo subtil.

E é tão calmo e tão bonito
O seu pequenino lar
Que invejo ser passarito
E lá com elles morar.

ZALINA ROLIM



A Solidariedade Feminina

(Tradução de Josephina Alvares do Azevedo)

Quando sentimos a necessidade de fallar em solidariedade, ao nosso espirito se apresenta um vasto *ensemble* de seres unidos. Nós vemos um todo social que encerra os mesmos interesses, que apresenta as mesmas paixões, e, não distinguindo mais na multidão as masculas cabeças viris, das delicadas cabeças femininas, sentimo-nos tentadas a exclamar com transporte: «Compreheideis emfim, uma vez que quereis ser felizes, o que é o *todos por um e um por todos*.

Aqui devendo pois tratar da solidariedade feminina, ficamos quasi attonitas diante de um absurdo que se impõe ao nosso espirito.

Os sexos são formados para se comprehenderem, se unirem, se completarem, se auxiliarem, e nós vimos dizer: «Mulheres, ligai-vos contra a má vontade masculina, tecei com as vossas mãos captivas uma cadeia de união que triumphe dos obstaculos amontoados ante vossos passos, fazei de vossas intelligencias uma alavanca que force as portas da sciencia, e das vossas vontades um instrumento irresistivel nesta luta pela vida em que os fortes disputam o terreno aos fracos e aos noveis com ferocidade, com desespero, com *villeza*.»

Oh! quanto desejaríamos que a mulher pudesse defender-se sem já-mais atacar, casar ella pelo dever a moderação com o direito, a justiça com a energia.

A humanidade não é má, é antes soffredora.

A sociedade é fraca, porque as rodas do carro sobre que anda são tortas e quebradas, a educação é mal feita, a existencia é um combate contra a miseria, porque o direito da força é que lhe servio de base.

Como fazer comprehender aos invalidos da vida, aos forçados do trabalho, aos gastos dos prazeres, que o interesse real do oppressor se identifica com o do opprimido, que a sociedade é um todo ao qual faltam partes e que corre o risco de desmoronar por falta de cohesão?

Como convencel-os de que quanto mais trabalhadores existirem na vasta colmêa social, mais intelligencias no cadinho humano, tanto mais tambem o nivel do bem estar e de progresso se elevará?

Pois que esses homens tapam os ouvidos a verdades evidentes, pois que temem a concurrencia onde não existiria mais do que associação, e repellem mãos e espiritos levantados para elles, faz-se-nos necessario comprehender que para vencer a sua obstinação, as mulheres devem substituir a força que

existe entre os seus adversarios — nós quereríamos dizer seus aliados — pela *solidariedade entre si no direito e esforços e pelo esquecimento das pequenexas e das invejas mesquinhas*.

Primeiramente, uma cousa muito simples: Que não se occultem logo que estejam persuadidas que precisam, por principio de justiça, de seu lugar á luz na sciencia e da igualdade de remuneração pelo trabalho equivalente; que cessem, esposas, de ser timidas, mesmo quando tenham de comprar ou ler um jornal tratando de reivindicações femininas, que não tomem, para fazel-o, um nome de emprestimo, e não occultem a seus maridos as suas convicções. A propaganda deve começar por aquelles a quem se ama, e a mentira é uma fraqueza maior, quando, para encobrir uma idéa justa, se procura enganar um outro ser que faz parte da nossa vida

Tende a coragem das vossas opiniões, qualquer que sejam os inconvenientes que d'ahi possa resultar. A luta santa é o começo da sabedoria e da victoria. Não vos occulteis, portanto, repetimos, para dizer o que pensaes; fazei o que dizeis.

Não é só para si que as mulheres trabalham, sustentando-se sempre, atirando-se uma após outra na estrada do progresso, fazendo so-

bresahir toda obra feminina¹, toda iniciativa feminina, toda virtude e sciencia feminina; é para a sociedade inteira, para o advento da justiça na ordem social.

Uma vez que recusam acreditar nesta equivalencia da mulher, é preciso affirmal-a por meio de provas, e apresentar essas provas em todas as occasiões aos olhos dos cégos que as negam.

Mulheres, uni-vos, não continueis a ser frivolas, malquerentes entre vós, desconfiadas de tudo quanto emana de outra mulher, dispostas a ver as pequeninas cousas com receio de serdes forçadas á admiração das grandes cousas. Cessae de considerar a belleza, o encanto, o espirito, o successo, a sciencia de uma companheira quasi que como uma injuria para vós.

Fazei-vos solidarias em tudo quanto exista em outra mulher de bom e de bello, e da emulação amorosa e doce resultará o real valor que se affirmará, que se imporá, que restabelecerá o nivel abalado das sociedades modernas, fazendo brotar d'ahi uma sociedade nova, em que os proprios homens não ousarão mostrar-se mais adversarios das mulheres, em que a igualdade se tornará causa natural e em que um véo de doçura e de paz, emanando da natureza feminina, tornará impossivel os costu-

mes ferozes, as guerras barbaras,
as lutas violentas.

Para unir os dois elementos ho-
mem e mulher não constituindo
mais do que um só, alliai-vos em

uma solidariedade constante na cru-
sada social, de que resulte a soli-
diedade não feminina, nem mas-
culina tão pouco, mas humana.

POTONÉ PIERRE



Storia breve

(De Ada Negri)

Dirieis, vendo-a, um ideal de poeta,
tanto era meiga e bella.
Sempre em candidas vestes envolvida;
no semblante a quietude... Esphinge em vida
tal parecia ella.

Aos flancos lhe desciam negras comas;
do seu riso ligeiro
evolava-se um modulo amoroso;
tinha da estatua o molde pimoroso
seu corpo feiticeiro.

Amou. Não foi amada. No mais fundo
do coração maguado
sepultou desse affecto a chamma intensa
e ninguem suspeitou-lhe a dor immensa
do amor não revelado.

Mas a secreta chamma a-consumia...
Como a flor que fenece
quando lhe falta o sol, triste, coitada,
ella morreu!... Não teve a dita amada
do amor que a vida aquece.

C. BRUNETTO



Traducção de uma Ode de Sapho

Heureux celui qui près de toi soupire,
Qui sur lui seul attire ces beaux yeux,
Ce doux accent et ce tendre sourire!
Il est égal aux dieux.

De veine en veine une subtile flamme
Court dans mon sein sitôt que je te vois,
Et dans le trouble ou s'égare mon âme
Je demeure sans voix.

Je n'entends plus; un voile est sur ma vue;
Je rêve, et tombe en de douces langueurs;
Et sans haleine, interdite, éperdue,
Je tremble, je me meurs.

DELILLE

Ditoso, sim, quem junto a ti suspira,
Quem gosa as falas e sorrisos teus,
Teus olhos mira e nelles se remira...
Pois esse é como um deus!

Chamma subtil me abraza veia a veia,
Quando te avisto, e vae-me ao coração;
E tão torvada fico que me enleia
A voz a commoção.

Não ouço nada, nem mais nada vejo,
E sonho, num deliquio de langor;
Pasma e perdida, suffocada arquejo...
Tremo e morro de amor!

23 — XI — 99.

SILVIO DE ALMEIDA



A legenda da rosa branca (1)

E' uma terna e commovente legenda da nevoenta Bretanha, que vou contar, legenda que mantem viva fé nos milagres entre os camponeos d'aquelle paiz.

O conde Senil, o mais amado dos fidalgos do cantão pela nobreza de seus sentimentos, tinha partido para a Palestina, em defeza da Cruz e da Terra Santa, deixando a triste esposa no solitario e grande castello.

Roberto, seu filho, terno infante que ia crescendo no exemplo da virtude paterna, era o unico consolo e prazer da condessa. Morrendo, porém, junto ás portas de Jerusalem, o valoroso conde, desde então no solar só dominou a magua e fugio para sempre a alegria do castello e seus arredores. Bertha, a desolada viuva, recebeu o golpe, resignada, porque santa era a causa pela qual morreria pelejando o esposo; e de então por deante com mais desvelo e afinco viveu pela educação do filho e pelo bem estar de seus vassallos.

(1) Traduzido para *A Mensageira* da revista chilena illustrada *El Bucaro Santiaguino*, n.º 18, de outubro 1899, sendo o artigo da lavra de Clemente Barahona Vega, que o tirou de seu trabalho inedito — *El libro de las Rosas*.
N. do Trad.

Roberto se tornava já um formoso mancebo, em cujo semblante, resplandeciam os nobres traços do conde e em cuja alma brilhavam as mesmas bondades do coração.

Adorava a sua mãe com um carinho sem limites, e rendia aos céos quotidianas graças pela dupla similhaça do filho com o chorado marido e pae. Um dia, porém adoeceu Roberto. Com que terna sollicitude tratou-o sua mãe! Os melhores medicos debalde foram chamados, e nenhum conseguia dar melhoras ao moço, que ia morrer sem remedio, lanceando tambem o coração da pobre mãe, com aquella perda que lhe fazia transbordar o calice de suas amarguras e terminaria por leval-a ao tumulo. Uma tarde, quando já quasi agonisava o mancebo, sahio do quarto do filho a desolada Bertha; banhada em lagrimas atravessou o jardim do castello e se internou num escuro bosque. Ahi, ao pé de uma frondosa nogueira, ajoelhou-se para elevar á Virgem suas doridas preces, resando o rosario. Ao chegar no pio exercicio a esta doce invocação de *Rosa mystica, ora pro nobis!* surgio (2) por entre as frondes do arvoredo, no fundo do tronco, a Virgem: Maria, magestosa e divina, circumdada de uma aureola de luz ten-

(2) Segundo narra Mery Ferry.
(Nota do Autor)

do em sua dextra uma rosa branca: « *Escuta*, disse a Bertha, *põe esta rosa em um vaso, conserva-a sempre viçosa, e teu filho recobrará a saúde* ».

Logo após se desfez a radiosa aparição, e nas mãos de Bertha ficou uma bella rosa branca. Volveu num folego a aflicta mãe ao aposento, onde jazia o filho amado.

Servos fieis, junto ao leito do doente, soluçavam, na crença de que para este chegára o momento final. Bertha, de volta e debruçada aos pés do filho, exclamou, deixando trahir na voz a dôr e o gôso: « Roberto, tu vais sarar! A Virgem m'ô prometteu, e deu-me por signal esta rosa branca! Desperta para a vida, filho meu! » Então, Roberto abriu os olhos, seu peito cessou de arquejar, um sorriso se desatou de seus mirrados labios!

Poucos dias depois estava restabelecido por completo da enfermidade, e voltava a repartir esmolas com os pobres do seu cantão.

Bertha jamais deixava de cuidar da flor com o mesmo requintado esmero, tal como si o filho ainda se achasse em perigo.

A virtude prodigiosa da flor e as demais circumstancias do milagre, circularam por muitas leguas em redór. Uma tarde, veio ao so-

lar uma chorosa menina pedir á Bertha que lhe desse a rosa branca como talisman de salvação para sua mãe que ia morrer. A condessa sustentou uma lueta cruel entre seus sentimentos de piedade maternal e a compaixão que lhe inspirava a rapariguinha. Afinal, sobrepujou em seu peito a commiserção do proximo e entregou-lhe a rosa, emquanto, indo deante do altar de Maria, ahi exclamava de joelhos: Oh! Virgem Mãe, perdôa a minha desobediencia e conserva a vida de meu filho! No mesmo instante appareceu-lhe um anjo e lhe annunciou que Roberto teria vida longa e feliz, em premio de tão bellissima acção.

No mesmo sitio da aparição da Virgem, (diz um chronista), a condessa Bertha fez erigir um mosteiro, que conservou o nome de « mosteiro da *Rosa Branca* », até que as hordas dos soldados de Hoche, nos tempos da Convenção, em França, o arrazaram.

Não contente com essa prova de piedade, a condessa, a partir do inesquecivel dia da graça, mandou esculpir no centro do escudo dos Senil, por entre as armas e insigneas condaes, uma rosa branca, e ao pé desta, á guisa de mote, a invocação poderosa da ladainha christã: « *Rosa mystica, ora pro nobis!* »

A partir do seculo 12 até nós,
a tradiçãõ perpetuou de paes a
filhos no meio simples dos campo-
neos da Bretanha, a poetica legen-
da; e quando alguẽm estã mori-
bundo, os parentes, depois de ele-
varem á Mãe de Deus uma fervo-

rosa supplica, põem junto á cama
do enfermo uma rosa branca, espe-
rançados em que se repita o mi-
lagre...

Cidade de Minas, 11 novembro 1899

PELAYO SERRANO



Almeida Junior

(A' memoria do distincto artista.)

Artista! A luz do genio não se apaga,
E não tem entre nós sorte illusoria,
Assim nos mostra o Pantheon da Historia
Quando das Artes o fulgor propaga.

Nesse mar ideal, de vaga em vaga,
Corre teu nome á Luz dessa memoria,
Que leva o genio á fulgurante Gloria,
A correr, a voar de plaga em plaga!

Jeovah, sempre grande e indifinito,
Com supremo saber, o mais profundo,
Ilumina esta massa de granito;

Ao Imperio sublime, e mais fecundo,
Eleva o genio às raias do infinito,
E transmite do genio a luz ao mundo.

S. João d'El Rey, 24 de Novembro de 1899.

TRAJANO PIRES



Seleção

Illudimo-nos frequentemente a respeito de nós mesmas! Temos força, e julgamo-nos fracas; temos coragem, e supponho-nos medrosas!

Dizem que somos débeis (e chegam a convencer-nos) porque somos franzinas, ou porque somos pallidas, ou porque somos tristes! Não se lembram de que tudo isso é effeito de uma educação mal feita, — contra a qual devemos reagir a bem de nossos filhos, — passada no interior da casa, sem

exercício, sem convivencia, sem jogos, sem despreoccupações de preconceitos, sem estudo bem ordenado, sem viagens, sem variedade, sem alegria, emfim!

Essa tristeza e essa inercia, veem do leite das amas negras, escravas e martyres silenciosas, ou creaturas indifferentes e boçaes; veem da falta de methodo, de actividade physica; veem sobretudo da nossa vida concentrada e excessivamente caseira.

JULIA LOPES DE ALMEIDA

(*Livro das Noivos*)



Primeira esperança

Quem és tu, branca flor que resplandeces
Na sombria mansão do meu destino?
Serás ainda uma chiméra, um desses
Falsos encantos de um fulgor divino?!

Falla!... Piedade para o pequenino
Ser que te implora em fervorosas preces:
Si és um sonho, o teu brilho diamantino
Esconde e foge, porque me enlouqueces!

Porém tu brilhas ainda mais!... Ligeira
Eu me approximo... e como uma creança
Vendo alguma teteia feiticeira,

Estendo a mão, que tremula te alcança!...
Não és um sonho, não!... E's a primeira
E talvez minha ultima esperança!

AUREA PIRES

À' minha mulher

Pensas que não te vejo e estou fitando
O teu olhar, que não me vê, porquanto
No olhar da nossa filha repousando
Morre de enlevo maternal e santo.

Ah! que eu não possa misturar aos raios
Do teu olhar meus olhos annuviados,
Para no mais suave dos desmaios
Pendermos ambos magnetisados.

— Tu sobre a face da gentil creança
Que é nossa crença, nosso amor e vida,
Eu sobre a curva graciosa e mansa
Do seio que é o asylo meu, querida!
Rio, 4 de Junho de 1899.

MARTINS JUNIOR



Notas pequenas

Direitos da mulher. — Contra o iniquo procedimento do juiz que negou a palavra no Jury á D.^{ra} Maria Coelho, o *Paix* deu em editorial o brilhante artigo que hoje transcrevemos — *Direitos da mulher* e que pela largueza de vistas e justiça de conceitos dispensa qualquer outro commentario de nossa parte.

Damos francos applausos ao valente diario e fazemos votos para que o Congresso brasileiro saiba agora cumprir o seu dever. Quando uma folha da importancia moral do *Paix* se colloca a frente de

uma ideia, essa ideia certamente vae caminho da victoria.

Advogada. — Perante o Tribunal do Commercio de Zurich (Suissa), advogou pela primeira vez o mez p. p. a D.^{ra} Mackensoth, formada em direito.

Instituto Feitosa. — O conceituado estabelecimento de ensino que durante dez annos se manteve neste estado, dando as mais bellas provas de si, acaba de ser reaberto em Araras, a florescente cidade tão notavel pela salubridade de seu clima e por suas feiras periodicas.

O *Instituto Feitosa*, pela incontestavel competencia do seu director, o applaudido auctor da *Grammatica das Escolas* e de *Duas palavras sobre o ensino* e ex-director do Gymnasio do Estado, — está talhado para um futuro de glorias e de beneficio á mocidade.

Almeida Junior. — Pelas descrições das folhas de Piracicaba sabe-se que as homenagens funebres prestadas a Almeida Junior não tiveram precedente igual naquella cidade, tal a imponencia de que se revestiu o seu enterro, ao qual compareceram todas as pessoas gradas do lugar, diversas sociedades e escolas incorporadas, com os seus estandartes, Camara Municipal, a expensas da qual se fez o enterro, e todas as acutoridades locais. Grande numero de grinaldas adornavam o feretro e no

cemiterio usou da palavra o Dr. Antonio de Moraes Barros, deputado estadual.

Pelo habil retratista J. Pasquenucci foi retratado no escriptorio do *Popular*, onde se achava exposto, o cadaver do festejado artista. Tambem foi tirado o seu busto em gesso por um esculptor italiano que se achava em Piracicaba trabalhando nas obras da Igreja da Assumpção.

A literatura feminista na exposição de 1900. — E' com desvanecimento que registramos o honroso pedido que nos dirigiu de Amsterdam a illustre Dra. Aletta H. Jacobs solicitando a collecção da *Mensagem* para figurar na exposição de Paris em 1900. Eis a carta com que fomos distinguidas :

Amsterdam, le 29. nov. 99.

Chère Madame,

Dans la Fronde du 13 juillet j'ai lu que vous dirigez un journal, nommé «A Mensageira». Je vous envoie un de mes circulaires; vous y verrez mon intention. Je vous serais bien obligée si vous voudriez avoir la bonté de m'envoyer une collection complète de votre «Mensagem»; le journal trouvera une bonne place parmi les autres journaux e sera envoyé à l'exposition universelle de Paris l'année prochaine.

Agréez, Madame, mes salutations sincères.»

DR. ALETTA H. JACOBS

Esta missiva veio acompanhada de uma circular explicativa, da qual destacamos este trecho:

« Il est convenu avec les donateurs que la collection de journaux dévoués aux intérêts de la femme, de l'exposition d'industries féminines à la Haye, sera envoyée à l'Exposition Uuiverselle de Paris l'année prochaine. Cette collection, à peu près doublée depuis, y sera adressée avec une bibliothèque de plus de trois mille ouvrages sur la condition sociale (morale, industrielle et légale) de la femme.

L'intention est d'exposer une collection de littérature dont l'ensemble donne une idée qui ne soit pas trop imparfaite du mouvement féministe dans les différents pays pendant la seconde moitié de ce siècle et d'en publier un catalogue spécial.»

Concerto historico. — No salão Steinway, a 18 do corrente, foi executado o 43.º concerto historico, da *Escola de Musica*, do habil prof. Luigi Chiaffarelli, que, segundo o costume, explicou antes da execução o sentido das peças, dando noticia biographica de auctores, etc. Foi o concerto executado pela intelligente menina Antonietta Rudge, a prodigiosa criança que desde os 7 annos de idade colhe applausos

e ganha sympathias na Paulicéa. No programma figuraram os nomes de J. S. Bach, Bethoven, Mendelssohn, Brahms, Martini e outros. O salão esteve repleto de apreciadores, tendo sido a executante muitissimo applaudida.

Carta do Rio. — Os leitores da *Mensagem* que se consolem com a falta daquella risonha e apreciada chronica. Maria Clara, a nossa incansavel collaboradora, não a escreveu devido a ligeiros incommodos de saude.



Æ Mensageira

»*A Mensageira*«. Visitou-nos pela primeira vez a excellente revista cujo titulo encima estas linhas e que se dedica á mulher brasileira, brilhantemente dirigida por d. Presciliana Duarte de Almeida, uma das nossas mais apreciadas escriptoras, que innumeradas vezes tem visto o seu digno nome rodeado de merecidos applausos e de sincera admiração.

Traz magnificos artigos litterarios, poesias e algumas notas, por onde pudemos nos certificar que *A Mensageira* é redigida por senhoras talentosas, distinctas cultoras das lettras e illustradas jornalistas.

A simples e ligeira leitura, que fizemos da *Carta do Rio*, inserta em duas correctissimas paginas, e assignada por Maria Clara da Cunha Santos, traz-nos a convicção de que a mulher brasileira prepara-se para a sua prospera e almejada emancipação.

Agradecemos a gentileza da visita e permutaremos com satisfação.

(Do *Município*, de Lorena.)

«*A Mensageira*». Distinguiu-nos com a gentileza de sua visita esta esplendida revista mensal, que se edita na capital de S. Paulo.

Dirigida pela insigne competencia litteraria da exma. sra. d. Presciliana Duarte de Almeida e collaborada por distinctissimas escriptoras nacionaes, *A Mensageira* põe em alto e singular relevo a capacidade intellectual da mulher brasileira, a quem é dedicada.

Os numeros 30 e 31, que temos em mãos, são opulentos escriptos de inestimaveis joias litterarias: do primeiro destacamos um burilado soneto de Candido de Carvalho, e do segundo, o valioso e substancial artigo — *A Mulher do Futuro*, firmado pela eminente escriptora portugueza d. Maria Amalia Vaz de Carvalho.

A' encantadora e gentilissima collega nossas cordiaes felicitações.

(Do *Estado de Sergipe*, de Aracajú.)

A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brasileira

Directora — Presciliana Duarte de Almeida

Publica-se no dia 15 de cada mez

Pagamento
adiantado

Preço da assignatura, 12\$000 por anno

Endereço: Rua de Sta. Iphigenia, N. 57.

Numero avulso
Rs. 1\$000

Summario: — Direitos da mulher; — Pagina intima, poesia, Arthur Andrade; — Hoje, soneto, Silvio de Almeida; — Perfil de preta, conto, Julia Lopes de Almeida; — J'ai dit à ma plume, poesia, Bellarmino Carneiro; — Rosa de Neve, soneto, Aurea Pires; — Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos; — Soneto, Delminda Silveira; — Barcarola, Ridelina Ferreira; — Tabella para o traçado de curvas de nivel, apreciação, B.; — Cançoneta, Perce-neige; — Margarida, poesia, Benedicto Ribeiro; — Patria, critica literaria, Silvio de Almeida; — Contemplação, poesia, Presciliana Duarte de Almeida; — Exposição Almeida Junior, Perpetua do Valle; — Selecção; — Notas pequenas; — Indice.



s brasileiras acabam de obter um grande triumpho no terreno de suas irrefragaveis reivindicações com o acto do Supremo Tribunal Federal, reconhecendo o direito das senhoras exercerem a advocacia. Esse alevantado passo no desdobrar de nossa civilização achase magistralmente apreciado no profundo e logico artigo que em seguida transcrevemos do *Paix*, como corollario indispensavel do que, oriundo da mesma fonte, pu-

blicamos em nosso numero anterior. Para inserirmos hoje esse bellissimo artigo, requeumado de grandes verdades e assertos moraes, foi-nos mister augmentar nosso numero de paginas, tal era a affluencia de originaes de que dispunhamos. Oferecemos-o ás nossas leitoras na certeza de que será lido e relido com entusiasmo crescente! E, em nome de todas as brasileiras que não desdenham de si mesmas e não abafam o grito de sua consciencia, atiramos um punhado de flores aos pés dos venerandos membros do Supremo Tribunal Federal que, como bem notou adextrado jornalista, «mostraram a muita gente nova que nem sempre a mocidade sabe ser liberal, avançada e generosa.»



Direitos da mulher

Está reconhecido pelo Supremo Tribunal Federal o direito da mulher ao exercicio da advocacia. Suppunhamos, á vista da opposição

creada por alguns membros do Tribunal Civil e Criminal a essa justa pretensão feminina, que sem a intervenção do Congresso o problema ficaria de pé, continuando a dualidade de opiniões, ao arbitrio dos magistrados, com grave damno para as partes interessadas e para a ordem e seriedade da justiça.

Felizmente o Supremo Tribunal poz termo á questão, firmando doutrina decisiva, que, para honra da nossa cultura social, respeitou o espirito da nossa Constituição, a corrente liberal da época, as idéas de emancipação da mulher, sujeita ainda ao regimen de subalternidade moral e legal, que, nem por ser adoptado pela brandura dos nossos costumes, perdeu o seu caracter iniquo e jugo de oppressão.

Para nós, brazileiros, deve constituir um motivo de orgulho o modo sereno, claro e breve, por que se consagrou esse direito, que em quasi toda a parte do mundo é ainda objecto de debates renhidos, de campanhas intellectuaes ardentes, fundadas no mais arraigado, no mais intolerante e no mais absurdo dos preconceitos — o do sexo. A generalisação do livre exame acabou com o preconceito religioso. Graças á victoria dos principios democraticos, está por pouco a eliminazão total do preconceito de raça. Pela constante infiltração, nas altas camadas so-

ciaes, das idéas de liberdade e dos sentimentos depurados de justiça, aboliu-se o preconceito de casta. Só o do sexo se mantém lutando contra a eloquencia das reivindicazões femininas — já porque o homem sente que a emancipação da mulher o lesa nos seus interesses egoistas, pela concurrencia em quasi todos os ramos da actividade, e esta é a razão pratica, já porque elle se habituou, de longos seculos, a consideral-a como um ser inferior, incapaz de exercitar utilmente a sua liberdade, util sómente para os gosos do amor ou para os misteres do lar, e esta é a razão moral.

Lentamente a mulher destruiu a falsa noção da sua inferioridade, affirmando, por provas numerosas e brilhantes, que em quasi todas as espheras de trabalho ella rivalisa com o homem, iguala-o na assiduidade, no escrupulo, no tino, na perfeição. As suas qualidades administrativas são inegalaveis, trazendo para a gestão dos seus negocios commerciaes, para o serviço de escriptorio ou de balcão, os preciosos habitos de ordem, de economia, de arranjo, adquiridos no governo domestico e que as tornam em muitas cidades e nas casas que uma vez recorreram aos seus prestimos, verdadeiramente insubstituiveis. Nas industrias, a cooperação da mulher é tanto mais

proveitosa quanto os patrões, em geral, remuneram com salario inferior o seu trabalho, tão regular e tão limpo como o do homem. Sobre a sua capacidade intellectual fala mais alto do que o despeito dos tradicionalistas a longa série de testemunhos que em todos os ramos de arte e em todos os departamentos do saber existem hoje, da sua aptidão esthetica, do seu senso critico, da sagacidade investigadora, da sua segurança de estudo, do seu preparo profissional.

Quereis fazer uma idéa justa do que podem os braços da mulher? Percorrei os campos europeus e vêde o desembaraço, a energia com que ella se occupa dos encargos da lavoura; visitai aqui as grandes fabricas de tecidos e repararai no vigor com que se applicam á faina e na pericia da sua execução. Quereis avaliar o seu poder cerebral? Folheai o livro interessante do Dr. Faveau de Courmelles e tomai nota dos nomes das Sras. Christina Land, mathematica eminente; das astrônomas Maria Milhcell e Klumpke; de Guiseppina Catani, celebre professora de histologia; de Mme. Dèjènerine, autora de trabalhos notaveis sobre hysteria e sobre o systema nervoso; das Dras. Ruck Mabai e Freany Cana, medicas notaveis em Bombaim; de Mme. Clémence Royer, philosopha distincta; de tan-

tos outros nomes illustres na litteratura e nas artes, como George Elliot, como Beecker Stowe, Juliette Adam, Carmen Sylva; como a pintora Rosa Bonheur, como a esculptora Anna Whitmay, como a compositora Augusta Holmais, sem falar nas grandes tragicas e nas grandes artistas de comedia e sem citar toda a enorme galeria de mulheres gloriosas, que no passado brilharam como eruditas, como escriptoras.

A inferioridade que, em geral, se attribue á mulher, ninguem a reconhece na sua mãe, na sua esposa, nas suas filhas. O exacto é que essa affirmacão não se apoia em fundamento sério, em uma irrefragavel documentacão biologica. A questão do peso cerebral, sobre a qual já tanto se insistiu para provar essa inferioridade, que os factos absolutamente desmentem, foi posta de lado como nada provando desde que se começa a reparar que acima desta verificacão estava a da qualidade de substancia encephalica, tudo fazendo crer hoje que não ha entre os dois dados a relação directa, admittida até ha pouco. Homens de intelligencia poderosa foram Byron e Gambetta, e enquanto o peso cerebral do primeiro era de 2.000 grammas, o do segundo, celebre pela sua relativa leveza, não passava de 1.760. Em compensacão, o de alguns craneos

troglydíticos eram mais desenvolvidos do que os nossos, o que faz sorrir um pouco do character absoluto que certos sabios quizeram dar á theoria da proporção entre o peso do cerebro e o valor da intelligencia. A verdade é que a mulher deve á secular oppressão do homem, privando-a do livre exercicio das suas faculdades, impedindo-lhe o desenvolvimento de sua cultura, mantendo-a numa atmospherá de humidade, em que se atrophiam todo o espirito de iniciativa e de intervenção, esse typo de ligeireza, de frivolidade graciosa, pouco apto á acção, cheio de caprichos, encantadoramente voluvel, supprindo pela intuição a falta de conhecimentos, que é o da maioria das mulheres de hoje e que para os espiritos burguezes parece ainda constituir o character, a funcção, o destino natural do sexo.

Foi o homem que assim a formou, inculcando-lhe o habito da dependencia, collocando-a sempre sob a sua autoridade, convencendo-a da sua inaptidão para tudo que não fosse o serviço da casa e a criação da prole, suggerindo-lhe o desgosto pelas que, rompendo com as convenções sociaes, pleiteiam, pelo seu esforço proprio, um logar na vida. A mulher foi, pouco a pouco, comprehendendo a injustiça dessa posição e reclamou o direito de ser livre, de fazer, dentro das

fronteiras da moral, o uso que bem entender da sua intelligencia e da sua actividade, emancipando-se da tutela masculina, pelo trabalho e pelo estudo, de intervir, como é de justiça, em todos os assumptos que affectam o seu bem estar, nas relações affectivas ou nas relações sociaes, no lar onde educa, na profissão que exerce, na communa a que pertence e para cuja prosperidade concorre com os seus filhos, com o seu trabalho, com o seu imposto.

As conquistas lentas que a mulher vai alcançando hão de, certo, modificar o character da familia, os seus fundamentos, se quizerem: mas essa alteração só produzirá effeitos beneficos, moralizar-a-ha em vez de a corromper, dar-lhe-ha força e segurança em vez de lhe tirar respeitabilidade e brilho. A mulher é hoje, apesar de todas as honras que a elevam, de todo o culto que a envolve, de todas as adorações que a festejam, um ente de submissão, educada no desejo exclusivo de um bom marido que lhe garanta a existencia quando lhe faltar o desvelo paternal. Esse marido é o seu futuro, é a sua esperanza, é a sua unica condição de conforto. Dada a sua inaptidão para a vida pratica, a indolencia galante em que foi creada, o desconhecimento completo do mundo, só elle a poupará á amar-

gura de uma vida cheia de dificuldades, de dias escuros, de serões sem proveito, ou, o que é peor, de um agazalho por caridade, essa dolorosa perspectiva de tanta moça sem fortuna, creada pela idolatria dos paes, como se ella realmente a possuísse. Casada, a autoridade do pae é substituida pela autoridade marital, e embora a mulher tenha o direito de exigir do esposo o mesmo dever de fidelidade que lhe é imposto, a submissão em que ella vive força-a a accommodar-se com as preferencias que elle der a outras, e a simular ás vezes um amor, que a força de uma ultrajante indifferença, deixou de florir na sua alma. A victoria das justas reivindicações femininas habilita-a a não ver no casamento a garantia do seu futuro, mas a communiidade de dois corações que nobremente enamorados um do outro, pela simples necessidade do affecto se reúnem para affrontar, com igual coragem e igual independencia, o imprevisto da sorte. De amparada e em muitos casos resignada, a mulher passará a ser, pelo uso acertado e proficuo da sua vocação e do seu esforço, uma real companheira do homem, igual a elle, possuindo os mesmos direitos, a mesma autoridade, a mesma autonomia. Elevado assim o nivel moral e intellectual da mulher, a familia assentará sobre bases mais dignas,

mais respeitaveis, mais fecundas do que aquellas em que hoje se esteia, quasi todas de interesse pessoal e que são, para a maioria dos homens, o desejo de fazer um bom negocio e para a maioria das mulheres, a vantagem de se garantirem das incertezas do futuro.

Recebidas ao principio entre galhofas, as reivindicações femininas foram pouco a pouco calando na consciencia de alguns homens esclarecidos e já não são em pequeno numero os projectos, que, inspirados por essa justa aspiração de igualdade, mereceram a approvação dos parlamentos e ficaram consagrados nas legislações dos paizes civilizados. Na propria França, onde a campanha feminista foi pretexto para as cargas mais gaulezas de pilheria, encontra-se hoje, em jornaes de maior valimento, decidido apoio a favor de algumas das reclamações mais imperiosas, attendidas já na Inglaterra, na Suissa, na Russia e na Italia. E deve-se esperar que, antes de findar o seculo, a terceira Republica mostre comprehender o espirito adiantado de Condorcet, que affirma depender da perfeição social o reconhecimento da igualdade dos sexos. Fóra da França, porém, contra o que era licito esperar da terra da grande revolução, é que a campanha reivindicadora tem averbado no seu activo admiraveis victorias.

Na Dinamarca, a mulher dispõe a seu arbitrio do producto do seu trabalho. Pela lei ingleza a mulher póde exercer independentemente da autorização do marido qualquer ramo de industria e de commercio; e na Russia é-lhe licito administrar a sua fortuna pessoal, effectuando todas as operações de compra e venda sem o beneplacito do esposo. Isto quanto ao direito civil. Sob o ponto de vista social cumpre registrar, entre outras, as nomeações de mulheres para funções de alta responsabilidade, como a de Mme. Catani, professora de histologia na Faculdade de Medicina de Bolonha; como a de Mme. Klumpke, encarregada da carta do céu, no observatorio de Paris; como a de Mme. Pockey Philipson, de Berne, designada para o primeiro logar no «Indian Medical Department», como a Dra. Anita Nervaute Mac Gec, da Universidade de Washington, encarregada de servir na campanha hispano-americana, como medico auxiliar e mais tarde como medico logar-tenente. O direito a exercer a advocacia foi-lhes outorgado, em um cantão da Suissa, na Roumania e na Suecia, nos Estados Unidos, onde aliás ellas já alcançaram o ingresso no tabelionato e na magistratura.

Coube agora á Republica do Brazil dar esse grande passo para diante, franqueando serenamente á mulher, pelo órgão do Supremo Tribunal, interprete das leis e guarda da sua constitucionalidade, mais uma carreira, da qual fôra arre-dada, obstinadamente e iniquamente, pelo mais intolerante e disparatado dos preconceitos. Poucas se utilizarão desse direito, como raras se aproveitaram da faculdade de clinicar, ha tanto tempo reconhecida; mas é altamente honroso para a nossa cultura e para o nosso sentimento de liberdade abrir mais essa porta sobre o trabalho, sobre a consciencia, sobre a vida, áquellas que, possuidas do amor da independencia, confiantes mais no seu esforço do que na sua graça, preferam a segurança de uma profissão laboriosa ao amparo de um marido, nem sempre leal, nem sempre dedicado, nem sempre respeitador. As nossas saudações, pois, ao Supremo Tribunal, pelo acto de logica e de justiça com que se elevou no conceito dos espiritos liberaes, sancionando mais uma das nobres aspirações femininas — o sagrado direito de fazer valer, no torneio das capacidades, a sua energia e o valor da sua intelligencia.



Página íntima

Foi aqui. Esta viride e frondente
Laranjeira de curvos galhos grossos
Foi nossa doce e muda confidente,
Ouvii a historia dos amores nossos.

Era uma tarde de Setembro. As sombras
Vinham baixando do pendor dos montes.
Havia muita rosa nas alfombras,
Muita doçura no gemer das fontes.

Um céu de jaspe; e sob o céu e pelas
Altas zonas da aboboda azulina,
Vinham raiando as límpidas estrellas,
Vinha raiando a estrella vespertina.

As tardas aves, recortando os ares,
Acolhiam-se ás sombras penumbrosas.
Tangia o vento o leque dos palmares,
Auras gemiam, suspiravam rosas...

Ao pé da matta o rio somnolento
Beijava a riba solitaria e nua,
Emquanto além, no curvo firmamento,
Branca e serena despontava a lua.

Sobre alcatifas de frouxeis e flores,
Dormitava, embalada, a primavera.
Erravam no ar noctambulos odores,
Sonhos erravam na deserta esphera.

Foi nessa tarde languida e serena
Que o nosso amor á solidão confiamos,
Que eu e tu, minha pallida açucena,
Ao céu da tarde a vida comparamos.

Que instante aquelle! O mesmo enlevo terno
Nos prendia no mesmo laço brando,
Tu me jurando teu amor eterno,
Eterno amor, formosa, eu te jurando.

Como um casal de enamoradas aves,
Ou como duas candidas creanças,
Tu me fallavas numas mil nadas suaves,
Eu te beijava as desatadas tranças.

E ao nosso lado, a velha laranjeira
Cheia de flores e de um ar de festa,
Tinha essa graça leve e feiticeira
Que a primavera ás arvores empresta.

Seu tronco altivo, de nodosos flancos,
Erguia aos céos a fronde verde-escura,
Toda arraiada de corymbos brancos,
Toda unvida de seiva e de frescura.

Entre mil galas festivaes á vida
Tornara, do aureo sol aos quentes lumes:
A copa era uma abobada florida,
Cada rama era um cofre de perfumes.

Tu no emtanto, ora a cupula estrellada
Fitando, ora fitando a florea umbella
Da laranjeira esplendida e copada,
Tu me disseste, sorridente e bella:

«Nosso amor, como esta arvore, risonho,
De alegres flores viverá no meio...
Será qual doce e luminoso sonho,
De eterna primavera sempre cheio.»

Passou-se o tempo. Decorreram annos.
Com os annos mudou-se-nos a sorte.
A nós — vieram sombrios desenganos,
A' laranjeira — o enregelado norte.

Emtanto, o pobre tronco solitario,
Secco, sem folhas, misero, sombrio,
Si teve o inverno triste e funerario,
Teve empós o clarão de um novo estio.

Mas, nosso doce e puro amor de outróra,
Dês que o olvido o prendeu na garra adunca,
Só teve longa noite sem aurora,
Só teve inverno, primavera nunca.

Hoje

A lyra antiga que pulsei, pulsava
Por tua causa apenas compellido;
E sahia o meu verso humidecido
Das lagrimas ardentes que chorava.

Hoje não choro mais, nem a alma escrava
Derrama agora o pranto já vertido;
Não te lancei, porém, do meu sentido,
Amo-te mais até do que te amava!

E' que me alenta o teu amor, senhora,
Que eu não suppunha que te merecia
Naquelles tempos infantis de outrora.

E, si não faço os versos que fazia,
E' porque tenho nesse amor agora
O que dantes busquei na phantasia!

SILVIO DE ALMEIDA



Perfil de preta

GILDA

Suruby : sol de rachar. A's onze horas, pela estrada quente, mal sombreada por uma ou outra gamelleira, vinha a negra Gilda da situação Fonseca, com a cesta de vime carregadinha de beijús agasalhados na toalha recortada á mão por sua senhora, D. Ricarda Maria.

A pelle preta não desgosta do sol; mas era tão ardente esse de Dezembro, que a Gilda, suando em bica, metteu-se pelo primeiro atalho para o matto até á margem do rio. O caminho seria mais longe,

paciencia. Regalou-se logo roçando as solas dos pés, queimadas pela areia da estrada descoberta, nas trapoeirabas macias, onde florinhas azues e roxas desabrochavam á sembra de canelleiras cheirosas e de cada arvore, que Deus nos acuda!

Tinha o seu medo de andar por alli; sempre era mais arriscado o encontro de uma cobra que pela estrada. Mas o frescor do matto, o marulhar do rio limpido, tentavam-na; e foi andando. E tinha que andar, porque a freguezia de S. Nicolau ainda era d'alli a um bom quarto de legua, e depois de ter oferecido os beijús em nome da ama, á sua irmã D. Luiza, teria de voltar á situação antes do pôr do sol.

Com aquelle calor...

O cheiro agreste dos cambarás punha tontas as borboretas côr de palha. De repente a agua do rio repuxou alto; Gilda parou; nada Cantou um jacú no matto e calouse logo, como presentindo gente. A agua voltara á placida correnteza de quem não encontra estorvos no caminho.

Gilda retardava os passos, e já não deixava de sondar, com o olhar afeito, as aguas molles. Subito, numa clareira pequena, onde havia mais sol, divisou juncto á margem, dorminhôco e socegado, um grande peixe. A pelle escura do animal luzia dentro da agua colo-

rida de roxo pela capa florida de um frondoso pé de Quaresma, como uma espada, enferrujada nos copos. A agua arroxada e tremula, coloria-o de lapidações de amethystas e elle dormia a sesta, de olhos abertos, ventre roçando na areia. Gilda pousou a cêsta no chão, entalou a saia entre as pernas roliças, e, pé ante pé, muito devagarinho, entrou no rio, agachou-se e, zás! agarrou com as mãos ambas o peixe gordo, que se debateu sobresaltado, violentamente, num rebuliço gorgolhador, alagando-a toda. Gilda, sentindo-o escorregar dentre os dedos musculosos, atirou-o longe, para uma aberta da clareira, sobre um pouco de matto carrasquento de roça abandonada. O peixe arqueou-se todo em saltos, unindo o rabo á cabeça, numa ondulação violenta, com ancia de mergulhar de novo, no esforço de buscar a vida que lhe roubavam. O sol seccava-lhe a pelle lisa, que brilhava á luz em reflexos de ardosa e prata, os olhos exorbitavam-se-lhe redondos, de uma branca opaca, dois globos fôscos que o furor encandescia, e o corpo tór-cia-se-lhe, ora no ar, ora no chão, descrevendo curvas, um movimento incessante, batendo na terra quente, para, de um salto flexível de acrobata doido, atirar-se de encontro a um tronco espinhento de paineira, sem se dar por vencido, no

heroismo de quem ama a vida e quer gosar-a, mais, mais, muito mais!

Gilda sorria-se, deixando-o debater-se, deliciada com aquella agonia longa, nervosa, saboreando-a, no prazer selvagem do mais forte. O triumpho da sua força animal embriagava-a como os cheiros violentos ás organizações delicadas. A tortura d'aquelle soffrimento prolongou-se; o animal era valente, resistia ao ar secco, ao sol ardentissimo, á dureza do chão, aos embates nos espinhos que o esphacelavam, aos attrictos dos seixos escaldantes e dos tronquinhos secos do hervaçal. Pouco a pouco, o canção ia-o amollecendo, um fio de sangue corria-lhe do ventre, e o corpo ficava por intervallos todo estendido, batendo só com o rabo, convulsivamente, no chão aspero. Depois nem um tremor mais; quedou-se immovel. Gilda então cuidou-o morto e acocorou-se para o vêr de perto, quando, em um arranco supremo, o peixe lhe saltou por sobre a cabeça, relanceando um fulgor de aço no ar abafado e indo cahir em um baque nas trapoeirabas, quasi á beira do rio. Ouviu elle ainda o som molle das aguas correndo sobre areias frias, sentiu na pelle queimada o frescor das trapoeirabas brandas... mais um impulso e mergulharia na corrente salvadora... Não pôde; a

carne molle não lhe obedecia á convulsão da vontade.

Gilda cortou uma taquara, lascou-a com força e, approximando-se, varou o peixe de guelra a guelra. Elle estrebuxou languidamente, e a negra sorriu, empunhando o bambú, como uma lança de guerra sobre o corpo vencido de um inimigo.

Foi só depois de tudo consumado que a Gilda se lembrou de que tinha de entregar os beijús ainda quentinhos á irmã da sua senhora... Voltou-se; uma môsca varejeira zumbia sobre a toalhinha branca, em lampejos de metal azul. Um gésto da negra, e eil-a que partiu.

Deviam ser horas de se ir encaminhando para a freguezia de S. Nicolau do Paço...

Recomeçou a caminhada; apanharia o peixe no regresso, marcou o sitio, e foi-se embora.

* * *

Que voltas teria dado a negra por aquelles morros e aquellas vargens, que só á tardinha entrou na freguezia, com a cesta de beijús, que deveria entregar quentinhos, já muito desfalcada?

Foi talvez no mandiocal de *seu* Neves, quando esteve ouvindo as cantigas e vendo arrancar mandioca bonita, de lua nova... Não,

a maior demora deveria ter sido na casa do João Romão, á beira da estrada, deitada na esteira, no pomarzinho de tangerinas, d'aquellas pequeninas, que tanto elle, como ella, comiam com casca e tudo...

João Romão cantava á viola e trazia pelo beijo toda a crioulada da redondeza. Gilda amava-o e mordida-se de ciumes sempre que o via lá no engenho de D. Ricarda Maria, mais voltado para a Paula ou para a Norberta do que para ella. Elle levantava os hombros e ia dizendo que gostava de contentar a toda a gente...

Pois era sol-posto, quando a Gilda divisou lá no outeiro, a igreja de S. Nicolau, com o seu matto de limoeiros ao pé e as suas paredes brancas alvejando em uma tristeza de abandono...

Nem um badalar de sinos. Pombas-rolas voavam baixo, á procura dos ninhos... mais alguns metros e a Gilda entrou na primeira rua da povoação. Apressou o passo.

D. Luiza Maria andava de visita a uma comadre; Gilda deixou-lhe a cesta de beijús, com a cosinheira Sophia e gyrou sobre os calcanhares, pensando no terror da estrada, pelo escuro. Bem faria se assim caminhasse sempre; mas, no canto da praça viu gente ajuntada na porta da venda e foi-se chegando, curiosamente.

Fallava-se do milagre. S. Nicolau, deposto do seu throno de honra no altar mór, fôra collocado irreverentemente no chão, em baixo do côro, para que alli lhe carminassem á vontade o rosto já desbotado e lhe assignalasses mais profundamente os traços. Deixaram-no nesse logar sósinho, sem lampada nem vigia por toda uma feia noite! D'ahi, que aconteceu? Na outra madrugada o sacristão viu com os seus olhos carnaes, que a terra comeria, o Bom Senhor S. Nicolau do Paço, lá no alto do seu throno condigno! Ninguem o removêra; o santo tinha subido aquella famosa altura, pelos seus proprios pés, que os não tinha de facto, visto que a tunica, de madeira com douraduras e vernizes, descia-lhe até ao chão...

Gilda estremeceu, e antes de seguir seu caminho voltou o olhar esgazeadado para o bosquesinho de limoeiros odorantes, para os lados da igreja.

Arrepentia-se agora de não ter vindo direitinha dar o seu recado, logo pela manhã. Não eram as fúrias de D. Ricarda Maria, tão impertinente, o que ella mais temia, mas as *almas* que andassem soltas, gemendo pelo matto. Lá a sua senhora? que se ninasse! já não havia escravos. Agora as almas... S. Nicolau que a acompanhasse!

Foi andando, com o coração nas mãos, e voltando os olhos para todos os lados. Luzia-lhe a esperança de pedir pousada ao João Romão: cortaria assim a peor parte do caminho...

Por mal de seus peccados, a noite estava tão negra como a sua pelle, e um ventosinho agitava as ramagens, imitando vozes estravagantes.

Passado o negrume do mandio-cal do Neves, ao dobrar mesmo a estrada, no angulo onde de dia tanto se enchêra de araçás, Gilda parou boquiaberta. Atravez do rendilhado negro das galharias folhudas, ella viu luzes, grandes luzes dansando lá na beira do rio...

«S. Nicolau me valha!» suspirou ella, sem poder andar, estarrecida.

«S. Nicolau valeu-lhe, fazendo-a reconhecer nas luzes, archotes de bagaço de canna seco, que allumiavam o João Romão, a Norberta e mais cinco parceiros, na pescaria do bagre amarello em tocas de pedras frias.

O que enfureceu a Gilda foi vêr o amante abraçar a Norberta, mesmo alli, á vista dos outros...

— Que jundiá que vocês apanhem tenha veneno, diabos! Rosnou ella, com ganas de irromper pelo matto e vir buscar o seu peixe gordo... tambem para que? a

raiva tirou-lhe o medo, bem como o medo lhe tirara o appetite.

* * *

A's sete horas da manhã, D. Ricarda Maria appareceu no Engenho, e, dando com a Gilda no trabalho, descompôl-a sem piedade. Contra o costume, a negra baixou a cabeça, humilhada, relanceando a vista para a Norberta, que enchia um tipiti para a prensa, no meio de uma nuvem fina de farinha que o João Romão peneirava a seu lado. A Norberta passava por ser a crioula mais bonita e de mais aceio; vestia-se de engommados e de chitas claras. Pareceu á Gilda atravez da nevoa branca que ella se rira na occasião... e teve impetos de lhe atirar á cara a cuia com que levava mandioca do côxo para o forno que a Paula remexia com a longa pá...

Tia Thereza, a negra vellia, cosia os saccos, agachada a um canto e emquanto negros entravam com cestos de mandioca, para a raspagem, outros traziam-na do lavador para a cevadeira, já branquinha, como ossos nós...

D. Ricarda Maria chupou o grande buço grisalho que lhe ornava o rosto magro e ordenou ao João Romão, que deixasse a penneiragem á Rita, e fôsse elle para a machina.

— O côxo estava secco? Onde estava o Paulo?

— Paulo foi cortar mandioca...

D. Ricarda Maria postou-se ao lado da bolandeira e o mulato sentou-se, tanto se lhe dando fazer um serviço como o outro. A velha disse que abrissem a agua, e a engenhoca roncou.

Gilda voltou-se; Norberta olhava embevecida para João Romão; o mulato é que não podia desviar a vista do trabalho, sob pena de ficar sem dedos ou sem braços; a machina descrevia os seus movimentos rapidos impellida pela força da agua, triturando, esfarelado as raizes brancas da mandioca num mastigar ruidoso, incessante.

Gilda avançou então, e, num berro furioso, chamou:

— João Romão!

O mulato voltou-se assustado, e a machina segurou-o logo pela mão direita e levar-lhe-ia o braço se D. Ricarda Maria não o tivesse puxado immediatamente para traz, com um movimento rapido e violento.

O sangue espadanou, houve rumor, o mulato cahiu.

Gilda, vingada, num tremor de raiva e de espanto, dizia agora que só dera o grito ao perceber a catastrophe. Aquella mentira sahia-lhe tão limpa como se fôra uma verdade. Só a Norberta, fula, e espumando irada, desmentia-a xin-

gando-a, em avanços de animal bravo; os outros affirmavam que o caso devia ter sido como a Gilda explicava, porque não?

Fôra tudo momentaneo, e a propria D. Ricarda, alli de vigia, não se sentia habilitada nem para accusar, nem para defender...

Foi por isso que nunca mais o João Romão seduziu as creoulas dedilhando nas cordas da viola daquellas modinhas faceiras e ten-

tadoras. Mas a Norberta, apesar de o vêr maneta e de o saber preguiçoso, fez-se sua companheira definitiva. Essa cospe trez vezes, sempre que a Gilda passa pela porta cantando escarninhamente, e não deixa que outra vá dormir a sésta no pomarinho de tangerinas, dessas miudas e que elles comem com casca e tudo.

JULIA LOPES DE ALMEIDA



J'ai dit à ma plume...

(de A. BARBIER)

No album de D. Alice Nava Salles

Eu disse um dia á minha penna: — Escreve
um hymno á gloria, e ella em traço leve
uma phrase escreveu; era a palavra *amor!*
Lanço mão de outra penna... a mesma phrasé!
Mais outra ainda e mal tracejei quasi
o nome de Kleber. Não pude oppôr
mais resistencia, pois de amor sómente a lettra
traçava a penna. Alfim cedi vencido.

Oh gloria!

Oh heróes! procuraes outro cantor.
Eu fecho as grandes paginas da historia
e as deixo, que só grava, só soletra
minha penna estas syllabas: Amor.

BELLARMINO CARNEIRO



Rosa de Neve

A Alice Guadalupe

Um dia, minha flor, talvez por sympathia,
Tu me deste uma rosa, extranha, com certeza,
Uma rosa de neve em que toda a belleza
Do sublime ideal perfeitamente eu via!

Ora, o regio presente era a photographia
Do teu rosto gentil, que a propria natureza
Reproduzira assim, na branca singelleza
Dessa esplendida flor que tu me déste um dia.

Como a rosa de neve, a imagem transparente
Do teu candido ser, o riso da creança
E' a imagem tambem da fulgida ventura!

Guarda sempre a alegria ingenua e resplendente,
Como eu guardo commigo a nitida lembrança
Dessa rosa de neve embalsamada e pura!

14-9-1899

AUREA PIRES



Carta do Rio

Com o presente numero encerra a *Mensagem* o seu 2.º anno de existencia.

Dois annos de vida . . . que é isso? Nada, absolutamente nada, o desabrochar de uma rosa, um rapido e fugitivo sonho que se desfaz aos primeiros clarões da aurora.

Mas se olharmos para todas as difficuldades, para a má vontade de uns e para a intolerancia de outros, veremos que a campanha vencida não é das menores.

Se durante estes dois annos de

trabalho a *Mensagem* cumpriu bem ou mal o seu programma é o que eu não posso saber pela suspeição que sinto n'alma ao falar desta revista que tanto estimo, que tanto estremeço.

A bella exposição de pintura que fez Madruga Filho ultimamente e a não menos bella que faz nestes dias B. Parlagreco, são de grande valor artistico, dignas portanto de calorosos elogios. E por falar em pintura . . . Durante muitos annos, neste paiz, ninguem que tenha coração delicado, poderá contemplar um bello quadro, principalmente

se for um quadro de figura, sem se lembrar com saudades, do glorioso pintor paulista, tragicamente assassinado em Piracicaba. É uma homenagem íntima essa reminiscência, e tanto mais eloquente por ser espontânea e sincera.

O anno que findou foi bem diverso de muitos outros que se têm ido para a escala dos seculos, formar o pedestal do Passado.

Bem diverso pelo menos para o Brazil. Vejamos: a invasão da peste bubónica, só por si bastava para lhe dar uma nota extranha e medonha. O annunciado fim do mundo, o terrível 13 de Novembro, que passou finalmente como qualquer dia passa — bom para uns e máo para outros — marcou uma epocha. A primeira audição de uma opera nacional e de real merecimento; a primeira defesa de uma mulher no jury, cujo exito excellento todos nós sabemos, são factos que raras vezes se reproduzem.

Disse algures um chronista elegante que todos os annos se parecem uns com os outros. A principio as festas do anno bom, as mesmas esperanças em todos os corações de um anno fértil e alegre, depois... decepções que não se fazem esperar, as mesmas tristezas, as mesmas dôres.

O anno de 99 teve muitos ac-

cidentes, alguns medonhos como a invasão da peste e outros alegres e deliciosos como o triumpho da mulher brasileira nos arraiaes da sciencia, tão dignamente ganho nesta campanha em que andam empenhados partidos fortes e poderosos.

Outro dia, em um bond de Botafogo, tive occasião de apreciar um facto muito engraçado:

Na rua dos Voluntarios da Patria, em frente a um predio rico, de magnifico jardim, duas velhinhas já arcadas e tropegas fizeram signal para o nosso bond parar. O cocheiro travou o bond immediatamente, e as velhinhas, cuja idade sommada devia orçar pelos 150 annos, despediram-se ternamente.

Uma embarcou, era a menos velha, tinha a apparencia de uns bons 70 annos. A mais enrugadinha ficou encostada á pilastra do jardim e de lá, por entre os dedos mirrados e tremulos enviando um beijo á amiga que partia, disse, sorrindo: — adeus Bebê. Em paga desse beijo carinhoso, a meiga Bebê respondeu com o mais terno sorriso e dizendo: adeus Nenê.

O bond partio e a Nenê lá do portão, com o peso de seus 80 annos provaveis, sacudia, carinhosamente, o seu lenço grande de tabaquista respeitavel.

Riam-se todos da infantil ter-

nura. Eu confesso... achei adorável aquella despedida.

Aos 80 annos de idade, termos alguém que nos lembre a infancia com voz cariciosa e branda; alguém que nos recorde, por um

momento, o nome delicioso de creança, é termos ainda um resto das illusões desse tempo doirado que não volta mais...

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS



Soneto

Verde mar da Esperança, em tuas ondas
leva o roseo batel dos meus amores;
quero que no teu seio as minhas dores
como um amigo piedoso escondas.

O' céo! — docel azul que te arredondas
sobre este abysmo, cheio d'esplendores,
mostra-me o iris de risonhas côres
n'este Infinito que constante sondas!

Ai! si eu podesse, n'estas aguas puras,
perlas que a dôr me dá ir desfiando
do meu collar d'infindas amarguras...

Feliz iria, só de amor cuidando,
por entre flores e gentis verduras,
meu coração sereno navegando!

Santa Catharina, 1-12-99.

DELMINDA SILVEIRA



Tabella para o traçado das curvas de nivel

pelo engenheiro civil

Dr. José Americo dos Santos

A *Mensagem* foi obsequiada com um exemplar da 3.^a edição da tabella para a marcação das curvas de nivel, do snr. Dr. José Americo

dos Santos, conhecido engenheiro brasileiro.

Não temos a competencia tecnica para apreciar convenientemente um trabalho de tal ordem, sobre o qual já emittiram opinião profissionaes illustres; comtudo, não podemos deixar de dizer algumas palavras sobre o seu conteudo, no

intuito de vulgarisal-o entre os interessados que por ventura ainda o não conheçam.

Como todos sabem, os trabalhos preliminares para a construcção de uma estrada de ferro consistem no *reconhecimento do terreno*, procedendo-se em seguida ao traçado e ao nivelamento das linhas de ensaio e das *secções transversaes*; isto feito, pode-se, pela consideração das *curvas de nivel*, formar uma idéa clara dos accidentes da zona explorada.

E' em vista desta planta que o engenheiro pode optar pelo traçado, já escolhendo declividades mais convenientes, já evitando, o mais possivel, as obras d'arte, etc.

E', pois, capital, o papel que, na redacção do projecto, representa o traçado das curvas de nivel.

Verdade é que, em vez das curvas de nivel, tambem se pode *cotar* a planta da zona explorada e dirigir o estudo sobre os *planos cotados*. Este methodo, sendo de vantagem em terrenos pouco accidentados, torna-se, todavia, muitissimo trabalhoso nos terrenos irregulares (P. Freitas-Curso de estradas) e são justamente as zonas desta natureza que exigem maior attenção da parte do engenheiro.

Pelo methodo das *curvas de nivel* imagina-se que o terreno é cor-

tado por planos horizontaes igualmente afastados (equidistancia graphica), e trata-se de formar idéa da zona pelo traçado das curvas que não são mais do que as intersecções desses planos com a superficie do terreno.

O nivelamento transversal, em regra, não dá de prompto as cotas determinadas que se devem achar sobre as curvas de nivel; dahi a necessidade de se calcularem as distancias de suas projecções horizontaes ao *ponto de estaca* da secção correspondente, ou ao ponto da mesma secção que já tenha sido determinada como pertencendo á curva de nivel immediatamente superior ou inferior.

Este trabalho é geralmente feito construindo-se as linhas das secções em separado e com escala conveniente, determinando-se, segundo o methodo dos planos cotados, os pontos de cotas iguaes ás das curvas de nivel a traçar, calculando-se as distancias de suas projecções horizontaes ás dos *pontos de estaca* ou dos pontos de curvas de nivel superior ou inferior e transferindo-se essas distancias para a planta geral. Essas distancias tambem podem ser calculadas pela formula $x = b \operatorname{ctg}. a$ (Mem. pag. 12), depois de se ter obtido o valor de a ou de b conforme se empregou a régua ou o clinometro.

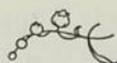
Todas as construcções graphicas

e calculos acima descriptos são evitados com o emprego da tabella do illustre engenheiro Dr. Americo dos Santos, que nos dá com ella uma utilissima simplificação e sobretudo grande economia de tempo nos trabalhos de explorações de estradas.

Quanto ao modo de usar da ta-

bella, nada temos a dizer; pois que se acha claramente exposto na memoria de que vem acompanhada.

Terminando, damos parabens ao illustre auctor por ver o seu trabalho bem acceito, o que demonstra o facto de já ter feito delle a 3.^a edição. B.



Cançoneta

(Ao Lírio)

Tilias em flôr, camelias em botão,
Lirios do valle esparsos pelo chão!

E nem um canto nos gentis palmares,
E nem uma aza recortando os ares!

O bronze augusto já soon trindades;
Langues se esfolham pallidas sandades.

O sol, o viandante ousado e ardente,
Mergulha no oceano lentamente.

Aqui, alli, uns raios tremulantes
Brilham, rebrilham por alguns instantes...

Depois a noite estende o opaco manto,
Some-se o raio derradeiro, emquanto,

Beijando-te os cabellos aloirados,
Espreito nos teus labios nacarados

A casta risadinha gorgeiante,
Que é de tua alma a flôr inebriante!...

Mas... se em teus olhos de subtis quebrantos,
Em vez de risos se desfolham prantos!...

Sempre a sorrir eu te quizera, flôr!
Mas quando choras... como soffro, amôr!...

Lirios do valle esparsos pelo chão,
Tilias em flôr, camelias em botão!...

PERCE-NEIGE

Barcarola

Vamos bem longe, alma adorada,
Em nossa barca toda doirada,
Singrar as ondas em pleno mar.
Quero perder-me na espessa bruma,
E sobre as vagas de branca espuma
Vogar . . . vogar . . .

Todos meus sonhos encantadores,
Meus risos ternos ou minhas dôres,
Só conto ás aguas em pleno mar;
Leva-me, leva-me e bem distante,
Quero, ao balouço da barca errante,
Sonhar . . . sonhar . . .

Quero expandir-te meu pensamento,
Tendo meus olhos no firmamento,
Ouvindo as vagas em pleno mar . . .
Passar as horas n'um devaneio.
E n'esse mago divino enleio
Amar . . . amar . . .

4-12-99

RIDELINA FERREIRA



„Patria”

A *Mensagem* foi, ha dias, honrada com a offerta de um exemplar desse livro do seu illustrado collaborador João Vieira de Almeida. Não calha nos estreitos moldes de uma noticia a aprofundada apreciação da obra, que já tem sido por outros detidamente analysada. Destacariamos ainda aqui, si houvesse espaço, o bonito estudo que o *Diario Popular* inseriu sobre o mesmo assumpto, da lavra do abalisado escriptor João Vampré. Mas, escrevendo á ultima hora, vimos tão sómente agradecer a remessa do volume que

nos coube, e recommendar mais o livro — já triplicemente recommendado pela justa nomeada do seu autor, pelos louvores dos competentes e pela sua adopção official nas escolas publicas do estado de S. Paulo.

Esta revista, dedicada aos interesses da mulher brasileira, não pôde ser indifferente á causa do ensino e da educação, que diriamos constituir o principal e sagrado ministerio do sacerdocio feminino. Eis porque lamentamos a falta quasi absoluta de boas obras nacionaes didacticas e, por isso mesmo, tanto nos alegam todas as tentativas que se fazem no sentido de — como vulgarmente se diz — preencher esta lacuna. E entre os melhores esforços que com semelhánte objectivo se assignalam — figura indubitavelmente a *Patria* de João Vieira de Almeida.

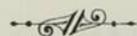
Calcada, por assim nos exprimirmos, na fôrma admiravel do *Cuore* de Edmundo de Amicis, tudo alli nos arroba e extasia — o plano dos dialogos, o bem escolhido dos assumptos e a crystallina simplicidade do estylo. Nem mais se ha de exigir de um livro destinado á puericia. Cada capitulo tem por objecto — ou um facto nobre da nossa historia ou um aspecto interessante do nosso meio, mas uns e outros estudados naturalmente, sem exces-

so de erudição nem torturas de linguagem. Percebe-se, apenas, naquellas paginas o paciente labor do verdadeiro mestre, que tem a sciencia da *dosagem* e sabe prender, magicamente, a difficil attenção dos seus discipulos ainda creanças. A feliz escolha das materias torna este volume uma especie de pequeno manual de civismo; e assim fica justificado o seu titulo. O menino, que começa a leitura delle, já se vac preocupando com os factos do seu paiz, mas ainda se imagina recebendo as lições da boca do seu velho avô. Vê-se, pois, que João Vieira de Almeida apanhou bem, e melhor soube aproveitar, o character da escola, como associação intermediaria entre a familia e a cidade; e as tres se succedem, como Augusto Comte descobriu, na ordem da extensão e da complicação crescentes. Terminada a leitura, sente o menino em si mesmo um enorme accrescimo de noções e de emoções suggeridas, com um aperfeiçoamento real, não só da intelligencia, como tambem do sentimento. Comprehende-se então que, pela arte feiticeira do educador perito, elle tenha aprendido de *cór*, sem o perceber nem cansar-se, e que tudo quanto aprendeu lhe ficou para sempre gravado no *coração*.

Quanto á fórma, soube João Vieira, como distincto mestre, que o é, fazel-a, a um tempo, ele-

gante e correcta, deixando naturalmente para os atrazados o purismo quinhentista, e escrevendo, *comme il faut*, o portuguez do nosso tempo. Pena é só que o trabalho viesse algum tanto afeiado pelos cochilos da revisão, que oxalá se esmere mais quando chegar (e chegue logo) a vez de uma segunda edição.

SILVIO DE ALMEIDA



Margarida

Ao Dr. Silvio de Almeida

E's singela e captivante
Como o infante
Que nos brincos se extasia;

Teus modos meigos, discretos,
São secretos
Como a luz da Poesia.

Em teus olhos palpitantes
Ha brillhantes
Do mais divino fulgor;

Captivam como as estrellas
Claras, bellas,
— Obras primas do Senhor!

Em teus labios purpurinos
Vibram hymnos,
Inspirados pelos ceus;

Ficam n'alma como os sonhos,
Bons, risonhos,
Nascidos dos olhos teus.

Eu quizera possuir-te
P'ra cingir-te
De san coroa de amores;

Fechar contigo, querida
Margarida,
A campa de minhas dores!
S. Paulo, Dezembro, 99.

BENEDICTO RIBEIRO

Contemplação

(A' excelsa poetisa Adelina A. Lopes Vieira)

Eu costumava, quando pequenina,
Levantar-me ao romper da madrugada
Para fitar a deusa matutina,
A luz fulgente e doce da alvorada!

E tinha um culto immenso pela aurora,
Parecia-me até votar-lhe affecto:
E entre os quadros de luz que esta alma adora
Aquelle era o meu quadro predilecto.

Depois vieram sonhos côr de rosa
Prolongar a sorrir meu leve somno . . .
Não mais fitei á luz miraculosa,
Longo tempo deixada em abandono . . .

Mas os sonhos, fataes e enganadores,
Levando pet'las de illusões quebradas,
Fugiram, como doidos beijaflores,
Roubando o mel ás rosas perfumadas!

Acordei uma noite pensativa,
Não tinha sonhos que me detivessem,
Quiz ver a aurora candida e festiva,
E as nuvens todas que o fulgor lhe tecem:

A passarada alegre pipilava,
Festejando o raiar de um bello dia,
Em cada flor um riso eu soletrava,
Um beijo em cada estrella que sumia!

As gottas crystallinas da orvalhada,
Sobre a corolla tremula das rosas,
Fulgiam, como lagrimas choradas
Por commoções alegres, venturosas!

Olhei o orvalho, a flor, a estrella, a aurora,
O mar e tudo o que de bello existe,
Mas vi que para quem succumbe e chora
A belleza maior é sempre triste!

PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA

Exposição Almeida Junior

Como que um recolhimento sagrado se apossou de nossa alma ao penetrar os humbraes do edificio em que se acham reunidas quasi todas as obras do grande e laureado artista... As filas verdes de plantas que de lado a lado ensombravam os corredores, as notas dolentes de bellas peças executadas por excellente orchestra e a lembrança do tragico fim que a tão pouco tempo teve Almeida Junior, nos commoviam e nos predispunham talvez para mais do que nunca admirarmos o grande e mallogrado pintor nacional. E foi assim que mais uma vez nos quedamos de pasmo diante da *Partida da Monção*, esse bellissimo poema historico que nos suggere ao mesmo tempo multiplos sentimentos e commoções diversissimas...

O assoalho nas proximidades deste quadro achava-se atapetado de rosas, margaridas e avencas e defronte á *Partida da Monção* havia artistico bosque de palmeiras e bambusinhos encimado pelo retrato do grande artista.

No lado inferior do bosque via-se a *roda do destino* composta de semprevivas brancas do Cabo, tendo um dos raios despedaçado; via-se ainda uma columna amparando vaso de variadas flores, formosa palheta e o retrato do pintor, quando mocinho, emoldurado de saudades roxas.

E mais adiante o commovente quadro da *Saudade*, que nos fazia comparar aquella mulher enlutada e poeticamente lacrimosa á Patria desolada pela irreparavel perda de Almeida Junior...

Como oasis de paz e de frescura lá estava o bellissimo quadro intitulado *Pic-nic no Rio das Pedras*, pertencen-

te á Exma. Sra. Baroneza de Arary. E' uma paizagem encantadora, de arvoredos frondosos e verdejantes, que nos faz bem e tonifica o espirito...

Ha nesse quadro diversas figuras em natural agrupamento, dando vida e relevo á floresta exuberante e á tranquillidade da matta.

Entre os 130 quadros da grande exposição em que figuram as obras primas do pintor, como os quadros acima citados e os *Caipiras Negaceando* premiado na exposição de Chicago, *Fugida para o Egypto*, *Recado difficil*, pertencentes á Academia Nacional de Bellas Artes; *Picando fumo* e *Amolção interrompida*, pertencentes ao Museu Paulista; *Mendiga*, pertencente ao espolio; ha ainda um quadro pertencente á Exma. Baroneza de Arary que é verdadeiramente deslumbrante e é um dos ultimos trabalhos de Almeida Junior, referimo-nos ao adoravel *Trecho de estrada*, pintado em 1899.

A homenagem que a comissão de amigos presta á memoria de Almeida Junior com a monumental exposição, aberta a 11 do corrente, traz a todos que residem em S. Paulo ensejo de apreciar o *ensemble* grandioso dos trabalhos de um dos maiores artistas da terra americana. E sendo destinado o producto das entradas e venda dos catalogos a um monumento que perpetue a admiração nacional pelo insigne pintor que com tanto cunho de nacionalidade fazia os seus quadros, é de crer que não deixem de ir visitar a exposição todos que ainda tenham n'alma o culto do bello e a religião da patria.

A commissão organisadora da exposição é composta dos Srs. Drs. Clementino de Castro, Sampaio Vianna, Alberto Borba, Clemente Falcão Filho,

José Piza, Eugenio Magalhães, Victor Steidel, Pereira dos Santos, Pereira Guimarães, Veriano Pereira, Vergueiro Steidel e João Escobar.

Agradecemos, penhoradas, o convite dirigido á *Mensageira* para a inauguração da exposição, cuja magestade e excepcional brilho ficarão para sempre na memoria de todos que a ella tiveram a graça de assistir.

PERPETUA DO VALLE



Seleccção

O feminismo é a causa mais intuitivamente logica e mais importante para o aperfeiçoamento e engrandecimento da humanidade, que o seculo XIX leva á solução do seculo XX.

GUIOMAR TORREZÃO

(Noticia do apparecimento da *Mensageira*.)

Como elemento de civilização, como instrumento de progresso, a mulher vale mais do que o homem, porque nenhum homem dispõe da sua tenacidade, da sua extraordinaria acuidade, da sua resistencia ao soffrimento, ás privações e á dôr, e portanto, da sua capacidade para agir sem desfallecimentos, paraprehender sem receios, para realisar sem vacillações.

GARCIA REDONDO

(O *Feminismo*.)



Notas pequenas

A Mensageira. Completando com este numero a serie correspondente a nosso 2.º anno, curvamo-nos agradecidas perante nossos illustres collaboradores, que a esta revista emprestaram generosamente o brilho de seu talento, perante a imprensa brasileira, que nos tem acolhido com a maxima benevolencia, e perante as pessoas que nos têm honrado com suas assignaturas. Estendemos tambem nossa gratidão aos conceituados editores Srs. Carlos Gerke & Comp., cuja delicadeza, honradez e cavalheirismo merecem sinceros encomios.

A todos reiteramos nossos agradecimentos, declarando que a *Mensageira* suspende temporariamente sua publicação.

Eva Canel. — O Rio de Janeiro está ha dias sendo theatro das conferencias da eloquente oradora e jornalista hespanhola Eva Canel, secretaria da *Cruz Vermelha*. Diz um collega de imprensa que «Eva Canel é um temperamento de lucta, alma antiga e nobre, meio atheniense, meio espartana, povoada de ideias generosas quo o seu espirito acaricia e promove não só no jornal, como no livro, como na tribuna.»

As suas conferencias que, além de não ouvirmos, não podémos até agora encontrar para ler, versaram sobre a missão da mulher na so-

cidade, sobre a actual situação da Hespanha e sobre a superioridade da raça latina.

Dizem os jornaes que Eva Canel se manifestou, em parte, contra o feminismo, acrescentando que a oradora no momento em que tanto brilhava na tribuna *era um argumento vivo contra a doutrina que pregava!*

O que deprehendemos, porém, das noticias que temos lido é que Eva Canel colloca o sentimento da familia e o sublime desprendimento da maternidade acima de tudo na mulher. E qual é o feminista que assim tambem não pensa?

Anciamos por ouvir a grande oradora asturiana, á qual talvez tenhamos de dar em breve as boas vindas como se vê pela seguinte carta, que recebemos com o mais grato contentamento:

«Sra. D.^a Presciliana Duarte de Almeida. — San Paulo. — Señora de mi mayor estimacion: He tenido el gusto de recibir su bonita revista literaria *A Mensageira* y despues de felicitarla por el conjunto bello de las producciones que publica y por la direccion inteligentísima que ella demuestra, cumpro con el deber de darle las mas expresivas gracias por el envio que mucho estimo. — La ilustre escritora Julia Lopes de Almeida ya me habia hablado de *A Mensageira* con elogios que no fueron exage-

rados. Quizás dentro de unos dias visite esa poblacion y entonces tendré verdadero placer en saludar á la distinguida escritora que honra su patria con su talento. — Aprovecho hoy con gusto la ocasion que se me presenta para ofrecerme su afect.^a S. S. que le besa la mano. — *Eva Canel.* — Hotel Metropol. — Rio de Janeiro, Enero 15 — 1900.»

Luiza Amelia. — De Parnahyba foi-nos enviada uma polyanthéa com o retrato de Luiza Amelia, a mallograda auctora das *Flores Incultas* e de *Georgina*.

E' uma merecida homenagem prestada á memoria da inspirada poetisa, fallecida a 12 de Novembro de 1898.

Referencia honrosa. — Em interessante chronica literaria, que transcreveriamos por inteiro si não nos escasseasse espaço, assim se exprimiu a *Cidade de Campinas* em referencia a uns versinhos de nossa lavra:

«Uma das primeiras poesias escriptas no Brasil, com versos modernos de nove syllabas, é a que vou offerer aos leitores, certo de que hão de bater palmas á autora.

Escreveu-a em Janeiro de 1892, a exma sra. d. Presciliana Duarte de Almeida, que a enviou á *Cidade* a 1.^o do corrente, de envolta com as suas saudações á mesma pelo Anno Bom.

Eil-a:

Num dia de separação

Canta e caminha, meu pensamento,
Procura a luz!
Vôa nas azas do sentimento ...
Peito que choras de amor sedento,
Tens na saudade calvario e cruz.

Fôra utopia buscar ventura,
Querer sorrir,
Quando noss'alma -- toda amargura,
Traz indelevel a nota escura
Dum soffrimento de atroz pungir!

Clamo debalde que a despedida
Faz muita dor ...
Fôra impossivel passar a vida
Sempre gosando da luz querida,
Sempre em presença do nosso Amor!»

Trabalhos como este se impõem, não só pela delicadeza da essência, mas também pela correcção da forma.

Os nossos poetas já se não podem queixar, dizendo que os enasyllabos só servem para hymnos, ou outras composições de rythmo uniforme...

Não; desprezem elles o systema antigo, porém estimem o moderno, que admitta a maxima variedade.»

Dr. José Americo dos Santos. — A *Rua do Ouvidor*, o bello semanario fluminense em seu n.º 88, de 13 de Janeiro, rende devido preito de admiração e apreço ao nosso notavel compatriota Dr. José Americo dos Santos, publicando seu retrato e biographia. O illustre engenheiro que por seus raros predicados é membro da sociedade de Geographia de Lisboa; effectivo do I. dos Engenheiros Civis de Londres; do Conselho Director do

Club de Engenharia, do qual é socio fundador; etc. etc. etc. dirigiu por 12 annos a *Revista de Engenharia* e foi devotado abolicionista.

Das obras que tem publicado em assumptos technicos uma mereceu ser vertida para o inglez e outra obteve tão grande exito que está agora em 3.^a edicção e foi adoptada na *Escola Polytechnica* do Rio. Não nos sendo possivel dar aqui, na integra, o artigo da *Rua do Ouvidor* relativo ao Dr. Americo dos Santos, limitamo-nos a transcrever este periodo de verdadeira justiça:

«Prestando este preito aos seus altos merecimentos, não fazemos mais do que render homenagem ao seu talento peregrino preparado por uma illustração solida, aos seus altos serviços em prol do bem estar da humanidade, ao seu espirito liberal e ao seu character impoluto.»

Bandolim. — E' este o titulo do formoso livro de versos com que Luiz Pistarini brindou a literatura nacional.

Não nos é dado fazer aqui uma apreciação condigna do *Bandolim*; o que garantimos, porém, é que é livro de *poeta*, cheio de sentimento e de bellezas.

Damos parabens ao auctor pelo brilhantismo da estreia, agradecendo o volume que gentilmente nos offereceu.

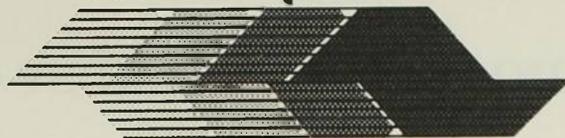
INDICE

	Pag.		Pag.
Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos	1	Dois Oasis, soneto, Adelina Vieira e Maria Clara	44
A Lancha Negra, soneto, Adelina A. Lopes Vieira	3	Dois livros, Adolpho Malevolti	44
Sapho, Silvio de Almeida	3	Depois da batalha, soneto, Julia Cortines	45
De manhã, poesia, Aurea Pires	4	Desolada, poesia, Eduviges de Sá Pereira	46
Seleccção	6	Notas pequenas	46
A Mensageira, soneto, Candida Fortes	10	Mme. Dreyfus (retrato seguido de artigo)	49
Notas Brasileiras, Nelson de Senna	10	Recordação Fatal, soneto, Narcisa Amalia	50
Valsando, poesia, Presciliana Duarte de Almeida	12	O Tio Job, conto, Ridelina Ferreira	51
De luto, Maria Clara da Cunha Santos	13	Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos	58
Beatriz, poesia, Guiomar Torrezão	13	Riso pungente, soneto, Aurea Pires	60
Ensaio critico, B. da Cunha	13	Excelsa gloria, poesia, Silvio de Almeida	61
A bordo, soneto, Georgina Teixeira	17	La Tombe et la Rose, estudo literario, Nelson de Senna	62
Um episodio da roça, Ridelina Ferreira	17	Sobre ruinas, poesia, Carvalho Aranha	64
Carta aberta, soneto, Heraclito Viotti	21	A Moda, Ecila Worms	65
Notas pequenas	21	Ultimo Desejo, poesia, Helena de Viveiros	66
Aurea Pires, retrato	25	Seleccção	66
Flocos de Neve, critica literaria, Arthur Andrade	26	Constante, poesia, Presciliana Duarte de Almeida	68
Parabola oriental, poesia, Silvio de Almeida	30	Isa, poemeto em prosa, Eurico de Goes	69
Abnegação, conto, Maria Clara da Cunha Santos	31	Notas pequenas	69
Impossivel, soneto, Aurea Pires	37	Guiomar Torrezão, Julia Lopes de Almeida	73
Anna Hierta Retzius, Guiomar Torrezão	37	Uma reliquia, soneto, Luiz Pistorini	76
Descrença, soneto, Oscar d'Alva	38	Canção, Arthur Andrade	76
Seleccção	38	Mentira piedosa, conto, Maria Clara da Cunha Santos	77
Sobre um tumulto, poesia, Presciliana Duarte de Almeida	40	A morte de Christo, soneto, Silvio de Almeida	80
Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos	40		
O primeiro sorriso, poesia, Delminda Silveira	42		
Literatos húngaros, notas, Elmano do Val	42		

	Pag.		Pag.
A Alma e a Morte, notas, Elmano do Val	80	Notas pequenas	115
Sempre o amor, soneto, Oscar d'Alva	81	Dr. Candido Espinheira, retrato seguido de artigo	117
A noiva, Adelina A. Lopes Vieira	81	Soneto, Candido de Carvalho . .	119
Flores d'alma, poesia, Maria Jucá	84	Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos	119
Seleccção	84	A Virgem de Murillo, excerpto de drama em verso, Adelina L. Vieira	122
O concilio das maguas, soneto, Perpetua do Valle	86	A escolha de um modelo	124
Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos	86	Junto ao berço de Dalila, poesia, Bellarmino Carneiro	127
Vesper, poesia, Delminda Silveira	88	Seleccção	128
Com ares de chronica, Maria Emilia	88	Le Féminisme au Brésil, Xavier de Carvalho	129
A invenção da renda	89	Escala do Viver, poesia, Presciliania Duarte de Almeida	130
Sombras, poesia, Presciliania Duarte de Almeida	91	Volta aos pagos, soneto, Candida Fortes	131
Notas pequenas	91	Notas pequenas	131
Julia Lopes de Almeida (retrato, seguido de um artigo de Guiomar Torrezão)	97	A Mulher do Futuro, Maria Amalia Vaz de Carvalho	133
Duas epochas, soneto, Silvio de Almeida	102	Martyrio incrível, soneto, Aurea Pires	139
Ruélia formosa, soneto, Zalina Rolim	102	Brazil—Paraguay, critica literaria, Silvio de Almeida	140
Ludibria ventis, poesia, Bellarmino Carneiro	102	Miniatura, poesia, Arthur Andrade	142
Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos	103	Saudade Incuravel, conto, Maria Clara da Cunha Santos	143
Domingo de Ramos, poesia, Aurea Pires	105	Magoa Infinita, soneto, Raul Corrêa	145
Junto de um tumulto de criança, Julia Lopes de Almeida	106	A esmola, Ipoméa	145
Esperança, soneto, Georgina Teixeira	108	A subir . . . a subir . . ., poesia, Presciliania Duarte de Almeida	146
A Baroneza de Hirsch	108	A paisagem, Narcisa Amalia . .	146
Noivado, poesia, Perce-neige . .	109	Notas pequenas	148
Bodas de Prata, conto, Maria Clara da Cunha Santos	110	Apologo, conto, Maria Clara da Cunha Santos	149
Vida, soneto, Peres Junior	113	De sonho em sonho, soneto, Maria Jucá	152
Volta ao passado, soneto, Manoel Arão	113	Urzes, critica literaria, Silvio de Almeida	152
Seleccção	114	Nenia, poesia, Rideline Ferreira	154
Escuta, soneto Rideline Ferreira	114	Seleccção	155

	Pag.		Pag.
Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos	155	Almeida Junior, poesia, Perpetua do Valle	205
Ao crepusculo, phantasia, Francisca Clotilde	158	Passarinhos, poesia, Zalina Rolim	205
Um canto, poesia, Delminda Silveira	159	A Solidariedade Feminina, Poto- nié Pierre	206
Impressões de leitura, Perpetua do Valle	160	Storia breve, poesia, C. Brunetto	208
A poetiza do Vizella, Alberto Pimentel	161	Traducção de uma Ode de Sapho, Silvio de Almeida	209
Notas pequenas	167	A legenda da rosa branca, conto, Pelayo Serrano	210
Diversidade, poesia, Presciliana Duarte de Almeida	168	Almeida Junior, soneto, Trajano Pires	212
Com ares de chronica, Maria Emilia	169	Seleccção	212
Soneto, Arthur Andrade	173	Primeira Esperança, soneto, Aurea Pires	213
Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos	173	A' minha mulher, poesia, Martins Junior	214
A poetiza do Vizella, Georgina Teixeira	175	Notas pequenas	214
O feminismo, Anacleto Pacifico	178	Direitos da Mulher	217
Cantiga, Maria C. C. Santos	179	Pagina intima, poesia, Arthur Andrade	223
As primeiras sandalias, conto, Ipo- méa	179	Hoje, soneto, Silvio de Almeida	224
Sonho? soneto, Aurea Pires	180	Perfil de preta, conto, Julia Lopes de Almeida	224
Seleccção	180	J'ai dit á ma plume, poesia, Bel- larmino Carneiro	229
De Amicis e seu Filho	181	Rosa de Neve, soneto, Aurea Pires	230
Notas pequenas	182	Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos	230
Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos	185	Soneto, Delminda Silveira	232
Ouvindo um passaro, poesia, Narcisa Amalia	188	Barcarola, Ridelina Ferreira	232
Julieta de Mello Monteiro, Damasceno Vieira	189	Tabella para o traçade de curvas nivel, apreciação, B.	232
Da nascente á foz, poesia, Silvio de Almeida	193	Cançoneta, Perce-neige	234
Carta aberta, Ridelina Ferreira	195	Barcarola, Ridelina Ferreira	235
Eleita, soneto, Benedicto Ribeiro	196	Patria, critica literaria, Silvio de Almeida	235
Seleccção	197	Margarida, Silvio de Almeida	236
Incendio, soneto, Julio Prestes	198	Contemplaçáo, poesia, Presciliana Duarte de Almeida	237
No Calvario, Ricardo M. Gonçalves	198	Exposiçáo Almeida Junior, Perpetua do Valle	239
Notas pequenas	199	Seleccção	239
Direitos da mulher	201	Notas pequenas	239

GOVERNO QUÉRCIA



ANTONIO CARLOS MESQUITA
SECRETÁRIO DE ESTADO DO GOVERNO

DEPUTADA BETE MENDES
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

INÊS ETIENE ROMEU : Diretora do Arquivo do Estado



IMPrensa OFICIAL DO ESTADO S.A. IMESP

DIRETORIA

ANTONIO ARNOSTI : Diretor Superintendente
CARLOS PERRONE : Diretor Executivo de Artes Gráficas
JOSÉ ENGELBERTO DE OLIVEIRA : Diretor Executivo Financeiro Administrativo
LUIZ CARLOS DOS SANTOS : Diretor Executivo do Jornal
MAURO DAHER : Diretor Executivo Comercial

Projeto Gráfico, Arte Final

Composição, Fotolito,

Impressão e Acabamento : IMPrensa OFICIAL DO ESTADO

Publicações Culturais da Imprensa Oficial do Estado:

O Homem do Povo
São Paulo Gigante e Intimista
Imagens do Teatro Paulista
Brasil Olímpico
Tuca - 20 Anos
Imagens da Dança em São Paulo

Estas publicações estão a venda nos seguintes endereços:

SEDE E ADMINISTRAÇÃO

Rua da Mooca, 1.921 - CEP 03103 - São Paulo
Telefone 291-3344 (PABX) - Telex (011) 34557

AGÊNCIAS

Capital - Maria Antonia - Rua Maria Antonia, 294 - Fone 256-7232
República - Estação República do Metrô - Loja 516 - Fone 257-5915
São Bento - Estação São Bento do Metrô - Loja 17 - Fone 229-6316
Postos de Venda no Interior - Araçatuba - Rua Almirante Barroso, 239
Fone (0186) 23-6882 - ramal 22
Guaratinguetá - Rua Frei Lucas, 80 - Fone (0125) 22-3024
Marília - Av. Rio Branco, 803 - Fone (0144) 33-5163
Presidente Prudente - Av. Manoel Goulart, 2.109 - Fone (0182) 22-1622
Ribeirão Preto - Av. Nove de Julho, 378 - Fone (016) 625-2345 - ramal 32
São José do Rio Preto - Rua General Glicério, 3.947
Fone (0172) 33-9277 - ramal 146

EDIÇÕES DO CONVÊNIO IMESP/DAESP 1981/1987

1 Fac-símiles

- Almanach Litterario de São Paulo , (1982).
- Almanak da Provincia de São Paulo para 1873, (1985).
- Almanak de S. João do Rio Claro para 1873, (1981).
- Cabrião, (1982).
- Os Primeiros Almanagues de São Paulo, (1983).
- Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Provincia de S. Paulo para o Anno de 1857, (1983).
- Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Provincia de S. Paulo para o Anno de 1858, (1983).
- São Paulo, 1932, (1982).
- Democracia, (1981).
- Indicador de S. Paulo Administrador, Judicial, Industrial, Profissional e Commercial para o Anno de 1878, (1983).
- O Homem do Povo, (1984).
- Brás, Bexiga e Barra Funda, (1982).
- Comentários e notas à edição fac-similar de 1982, de Brás, Bexiga e Barra Funda, de António de Alcântara Machado, (1982).
- Laranja da China, (1982).
- Comentários e notas à edição fac-similar de 1982 de Laranja da China, de António de Alcântara Machado, (1982).
- Pathé-Baby, (1982).
- Comentários e notas à edição fac-similar de 1982 de Pathé-Baby, de António de Alcântara Machado, (1982).
- Futebol, (1982).
- O Polichinello, (1981).

2 Diversos

- Imprensa do interior, (1983).
- Júlio Prestes e a Primeira República, (1982).
- Relatórios dos Presidentes da Província de São Paulo 1836-1889, (1982).
- Ferrovia, o caminho certo, (1982).
- Futebol e cultura, (1982).
- São Paulo em três tempos, (1982).

034060



IMPrensa OFICIAL
DO ESTADO S.A. IMESP
SÃO PAULO – BRASIL
1987

THE HISTORY OF THE UNITED STATES

CHAPTER I

The first part of the history of the United States is the history of the colonies. The colonies were first settled by Englishmen in 1607. They were at first dependent on England for their supplies and protection. But as they grew in number and power, they began to assert their independence.

The second part of the history of the United States is the history of the Revolution. The colonies had long been complaining of the oppressive measures of the British government. In 1776 they declared their independence and fought the Revolutionary War.

The third part of the history of the United States is the history of the Constitution. The Constitution was adopted in 1787. It is the fundamental law of the United States. It defines the powers of the government and the rights of the people.

The fourth part of the history of the United States is the history of the Union. The Union was formed in 1789. It is the union of all the states of the United States. It is the source of our strength and our glory.



IMPRESA OFICIAL
DO ESTADO S.A. IMESP
SÃO PAULO – BRASIL
1987